Universidade Federal do Rio de Janeiro

A SAÍDA DA CASA DOS PAIS E A TRANSIÇÃO PARA A VIDA ADULTA: TRAJETÓRIAS DE JOVENS NO RIO DE JANEIRO

Liciana Aparecida Cabral Caneschi

Rio de Janeiro

2015

Universidade Federal do Rio de Janeiro

A SAÍDA DA CASA DOS PAIS E A TRANSIÇÃO PARA A VIDA ADULTA: TRAJETÓRIAS DE JOVENS NO RIO DE JANEIRO

Liciana Aparecida Cabral Caneschi

Tese de Doutorado apresentada ao programa EICOS de pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Orientadora: Simone Ouvinha Peres

RIO DE JANEIRO

2015

Caneschi, Liciana Aparecida Cabral
A saída da casa dos pais e a transição para a vida adulta: trajetórias de jovens no Rio de Janeiro / Liciana A. Cabral Caneschi. -- 2015.
201 f.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Rio de Janeiro, 2015.

Orientadora: Simone Ouvinha Peres

1. Jovens – Transição para a vida adulta. 2. Saída da casa dos pais. 3.Transição domiciliar. 4. Linha do Tempo I. Peres, Simone Ouvinha. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia.

A saída da casa dos pais e transição para a vida adulta: trajetórias de jovens no Rio de Janeiro

Liciana Aparecida Cabral Caneschi

Tese de Doutorado apresentada ao programa EICOS de pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Banca Examinadora:

Prof. _____

Dra. Simone Ouvinha Peres, Instituto de Psicologia – Programa EICOS/UFRJ

Presidente da banca

Prof. _____

Dra. Lucia Rabello de Castro, Pós-graduação em Psicologia. Instituto de Psicologia da UFRJ

Prof. _____

Dra. Elaine Reis Brandão, Instituto de Estudos em Saúde Coletiva - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. _____

Dra. Luciana Gageiro Coutinho, Faculdade de Educação - Universidade Federal Fluminense

Prof. _____

Dra. Anna Paula Uziel, Instituto de Psicologia - Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RIO DE JANEIRO

2015

Ao Luca, que inicia agora a sua trajetória

AGRADECIMENTOS

Ao Programa EICOS que tornou possível o desenvolvimento deste trabalho;

Ao Morgan Centre da Universidade de Manchester por ter me recebido;

À Capes e ao programa PDSE por tornarem possíveis os trabalhos no Reino Unido;

À minha orientadora, Prof. Dra. Simone Ouvinha Peres, pelo suporte e supervisão durante a realização deste trabalho;

À Prof. Dra. Sue Heath pela inestimável e atenciosa contribuição;

À Dra. Ana Maria Loureiro pelas diversas contribuições e valioso apoio;

À Vanessa Correia, pela amizade e parceria acadêmica em todas as horas;

Ao meu esposo, Daniel S. Lacerda, parte fundamental neste processo;

Especialmente aos colaboradores dessa pesquisa, que fizeram crescer minha admiração pelos jovens que buscam o próprio espaço.

Como é bom a gente ter deixado a pequena terra em que nasceu
E ter fugido para uma cidade maior, para conhecer outras vidas.
Como é bom chegar a este ponto de olhar em torno
E se sentir maior e mais orgulhoso porque já conhece outras vidas…
[...]
Ver que está tão diferente, e que já sabe tantas novidades…
Como é bom ter vindo de tão longe, estar agora caminhando.
Pensando e respirando no meio de pessoas desconhecidas.
Como é bom achar o mundo esquisito por isso, muito esquisito mesmo.
E depois sorrir levemente para ele com seus mistérios…

(Manoel de Barros, "Olhos Parados")

RESUMO

CANESCHI, Liciana Aparecida Cabral. **A saída da casa dos pais e transição para a vida adulta: trajetórias de jovens no Rio de Janeiro.** Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social). Programa Eicos, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Esta tese tem por objetivo compreender o significado do processo de saída da casa dos pais na passagem para a vida adulta de jovens e adultos jovens. Buscou-se investigar de que maneira esses sujeitos significam o processo de saída da casa dos pais, a importância de demais eventos significativos na trajetória passada e dos projetos para o futuro, além de suas percepções sobre o tornar-se adulto. A transição domiciliar compõe o conjunto de eventos tradicionais de transição para a vida adulta e vem sofrendo transformações ao longo das últimas décadas, especialmente em virtude de mudanças no mundo do trabalho. Tais mudanças tem afetado a permanência dos jovens na casa dos pais, prolongando o período de semi-dependência. O evento de saída da casa dos pais possibilita a emancipação do controle dos pais e possui grande relevância na aquisição social do 'status' de adulto. A presente pesquisa insere-se no campo dos estudos de juventude, precisamente na perspectiva dos estudos de transição. Utiliza-se uma metodologia qualitativa, organizada a partir de dois instrumentos de pesquisa: o método gráfico chamado Linha do Tempo e as entrevistas individuais semi-dirigidas. O trabalho de campo foi desenvolvido com 27 jovens e adultos jovens de 22 a 35 anos de ambos os sexos, pertencentes à classe média, moradores do Rio de Janeiro que residiam fora da casa dos pais e que se encontravam em condição não marital. Por meio das trajetórias analisadas foi possível identificar três diferentes processos de transição domiciliar – a saída motivada pelo estudo, pelo trabalho e pela busca da independência – além de várias semelhanças nos processos vivenciados pelo grupo pesquisado, especialmente em relação à importância da família no suporte a essa transição, aos medos enfrentados e às conquistas ligadas à saída de casa. Observou-se ainda que apesar do enfraquecimento dos marcadores tradicionais de transição, o sentir-se adulto está relacionado tanto a marcadores internos como externos. A transição domiciliar ainda se mostra como um marcador importante de entrada na vida adulta, juntamente com outros eventos significativos da trajetória, como a independência financeira e as experiências de mobilidade.

Palavras-chave: Juventude. Transição para a vida adulta. Saída da casa dos pais. Transição domiciliar. Linha do Tempo.

ABSTRACT

CANESCHI, Liciana Aparecida Cabral. A saída da casa dos pais e transição para a vida adulta: trajetórias de jovens no Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social). Programa Eicos, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

This thesis aims to understand the meanings attributed to the housing transition in the transition to adulthood of youth and young adults. It investigates how these individuals make sense of their housing transition, in addition to their perceptions about feeling adult and the importance of other significant events of the past history and plans for the future. The house transition composes a set of traditional events of transition to adulthood and has undergone many changes over the past decades, especially impacted by changes in the conditions of work. These changes affected the permanence of young people with their parents, extending the period of semi-dependence. The event of leaving home enables the emancipation from parental control and has great relevance in the social acquisition of the 'status' of adult. This research is placed in the field of Youth Studies, in particular from the perspective of youth transitions. It adopts a qualitative methodology, carried on with two research instruments: the graphic elicitation method called Timeline and semi-structured individual interviews. The fieldwork was developed with 27 middle class male and female youth and young adults aged 22-35, residents at the city of Rio de Janeiro who lived outside the parents' home and who were in non-marital status. By analyzing the trajectories it was possible to identify three different house transition processes – leaving home motivated by study, work and the pursuit of independence – and several similarities in the processes experienced by the studied group, especially regarding the importance of the family in supporting this transition, the faced fears and the achievements related to leaving home. It was also observed that despite the weakening of traditional markers of transition, feeling adult is related to both internal and external markers. House transition is still an important marker of entering adulthood, along with other significant events, such as financial independence and mobility.

Keywords: Youth. Transition to Adulthood. Leaving home. Housing transition. Life Timelines.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Linha do tempo do passado da entrevistada Amanha.....123
Figura 2 - Representação gráfica de todas as linhas do tempo do passado com os eventos das principais dimensões.....126
Figura 3 - Representação gráfica da concentração etária da ocorrência dos eventos mais significativos.....128
Figura 4 - Linha do futuro da entrevistada Amanda, apresentada em tópicos 133
Figura 5 - Concentração dos projetos para o futuro por dimensão.....135

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Quadro 1 - Distribuição dos entrevistados por sexo e faixa etária 73
Quadro 2 - Distribuição dos entrevistados por sexo e naturalidade 73
Quadro 3 - Lista da profissão/ocupação dos entrevistados 74
Quadro 4 - Distribuição da frequência dos entrevistados por idade e renda 74
Quadro 5 - Distribuição da frequência dos entrevistados por local de residência no momento da entrevista 75
Quadro 6 - Distribuição da frequência dos entrevistados por arranjo domiciliar 75
Quadro 7 - Distribuição da frequência dos entrevistados por tipo de moradia 75
Quadro 8 - Distribuição dos entrevistados por gasto individual com moradia 76
Quadro 9 - Distribuição dos entrevistados por arranjo da família de origem 76
Quadro 10 - Distribuição dos entrevistados por sexo e escolaridade no momento da entrevista 77
Quadro 11 – Caracterização geral dos grupos de entrevistados 1, 2 e 3 100
Quadro 12 - Eventos significativos das dimensões mais mencionadas 124
Quadro 13 - Projetos para o futuro das dimensões mais mencionadas 134

SUMÁRIO

Parte I - A transição domiciliar no âmbito da transição para a vida adulta: questões teóricas

1. Introdução ... 13

2. O processo da transição para a vida adulta ... 18

2.1. A transição para a vida adulta ... 18
2.1.1. Principais definições ... 18
2.1.2. As mudanças em curso no processo de transição: breves considerações ... 20

2.2. Trajetórias juvenis rumo à vida adulta: entre a linearidade e a despadronização ... 22

2.3. A dimensão institucional no processo de transição ... 26

2.4. Afinal, como tornar-se adulto? ... 29
2.4.1. Parâmetros da vida adulta ... 29
2.4.2. O prolongamento e a juventude como valor ... 32
2.4.3. Concepções de jovens sobre o que é ser adulto ... 35

2.5. Dados sobre escolaridade e trabalho: a realidade brasileira ... 38

3. O processo da transição domiciliar ... 43

3.1. A transição domiciliar ... 43
3.1.1. Principais definições ... 43
3.1.2. O contexto histórico da transição domiciliar ... 45

3.2. As motivações da saída de casa da casa paterna ... 48

3.3. A constituição de domicílios não familiares ... 51

3.4. O apoio da família e do Estado na transição domiciliar ... 54

3.5. Dados sobre a constituição de domicílios: a realidade brasileira ... 57

Parte II - Abordando narrativas e trajetórias biográficas na transição domiciliar

4. Aspectos Metodológicos ... 63

4.1. Abordagem metodológica ... 63
4.1.1. Objetivos da pesquisa ... 63
4.1.2. A escolha pela abordagem qualitativa ... 63

4.2. Instrumentos de pesquisa ... 65
4.2.1. A Linha do Tempo ... 65
4.2.2. A estrutura das entrevistas: o desenvolvimento das narrativas ... 70

4.3. Descrição inicial do perfil dos entrevistados ... 71
4.3.1. O perfil do grupo de entrevistados ... 73

4.4. Análise dos dados ... 77

4.5. Notas sobre o trabalho de campo: considerações sobre o processo de pesquisa ... 78

Parte III - Desdobramentos da saída de casa: motivações e vivências do cotidiano

5. A saída da casa dos pais: diferentes processos de transição 80

5.1. Grupo 1 - A saída motivada pelos estudos: *"Saí pra estudar. Não tinha o que eu queria na minha cidade*" 80

5.2. Grupo 2 - A saída motivada pelo trabalho: "*Saí por causa da empresa*" 88

5.3. Grupo 3 - A saída motivada pela independência: "*Eu sempre quis ser independente*" 93

5.4. Síntese das características dos grupos analisados 98

6. A saída de casa: semelhanças entre os grupos no processo de transição 101

6.1. O lugar da família no processo de saída de casa 101

6.1.1. O apoio recebido dos pais: "Ele tá achando o máximo que ele tenha me apoiado" 101

6.1.2. Incômodos do relacionamento familiar: "Tem hora que você não aguenta mais" 107

6.1.3. A saudade de casa e da família: "Isso eu sinto muita falta" 109

6.2. As inseguranças e os medos após a separação 113

6.3. As conquistas obtidas com a saída de casa 117

Parte IV - Para além da saída de casa: o tornar-se adulto em conexão com os demais eventos significativos da trajetória

7. Demais eventos significativos na transição para a vida adulta 122

7.1. Os eventos significativos do passado 122

7.1.1. Linhas do Tempo do Passado: síntese dos desenhos realizadas 124

7.1.2. Educação e mobilidade: dimensões mais mencionadas 129

7.2. Os projetos para o futuro: o que dizem os jovens 133

7.3. Eventos que marcam a entrada na vida adulta 139

7.3.1. Quando se sentiu adulto? 140

7.3.2. O que é ser adulto? 145

8. Considerações finais 151

9. Referências bibliográficas 163

10. Apêndices 171

1. Introdução

"Eu não tenho casa
Eu moro em casa de mãe
Casa de mãe é bom
Mas é casa de mãe
Eu não tenho casa
Eu moro em casa de mãe
E quando querem meu chamego
Não dá, por causa de mãe"
(Casa de Mãe – Criolo)

Este trabalho investiga o processo de saída da casa dos pais na trajetória de jovens e adultos jovens no âmbito da transição para a vida adulta. Seu objetivo central é o de compreender o significado que o processo de saída da casa dos pais tem na passagem para a vida adulta. Além disso, buscou-se compreender a maneira com que os jovens e adultos jovens significam este processo, suas percepções sobre o tornar-se adulto e a importância de outros eventos significativos na trajetória de vida passada e dos projetos para o futuro dos sujeitos de pesquisa.

Os estudos de transição compõe uma das perspectivas mais utilizadas nos estudos sobre juventude (FURLONG; WOODMAN; WYN, 2011). Tais pesquisas se desenvolveram tradicionalmente a partir de três enfoques: a transição escola-trabalho, a transição domiciliar (a saída da casa dos pais para residir em outro domicílio) e a transição doméstica (a mudança da família de origem para a família de destino).

As mudanças na transição escola-trabalho foram responsáveis pelo início dos estudos sobre transição ainda na década de 80. O fim de um modelo de produção industrial nos países ocidentais, e a passagem para um modo de produção predominantemente voltado aos serviços afetaram, de modo especial, a população jovem. Uma das consequências de tais transformações foi o colapso no mercado de trabalho juvenil e o aumento do desemprego entre os jovens. Além disso, esta mudança passou a exigir outro perfil de trabalhador. Para ingressar no mundo do trabalho, passou a ser exigido dos jovens uma qualificação cada vez maior, fazendo com que os mesmos passassem a estender sua formação educacional e buscassem cada vez mais cursos de aperfeiçoamento para se manterem atualizados.

Este cenário de mudanças gerou consequências para além da relação do jovem com o trabalho. O modelo clássico da transição baseado nos três enfoques mencionados está em transformação e sua linearidade tem sido menos observada nas trajetórias juvenis. Dado que a transição para a vida adulta é um *processo,* as mudanças em alguns eventos da trajetória repercutem em outros, adiantando ou atrasando determinados acontecimentos.

A transição domiciliar, por exemplo, é uma das que absorveu os efeitos da extensão da formação educacional e da dificuldade de ingresso no mercado de trabalho. Um dos efeitos mais claros desse fenômeno tem sido o prolongamento do período em que os jovens permanecem dependentes de suas famílias em uma condição de semi-dependência.

O prolongamento da semi-dependência é um aspecto importante a ser analisado, pois ele altera o modo e a duração do processo de passagem para a vida adulta. A emancipação do controle dos pais é uma parte fundamental da transição para a vida adulta nos países ocidentais (JONES, 1995), e justamente uma das formas de se obter a emancipação do controle parental é por meio da transição domiciliar. Esta transição é um dos eventos centrais no processo de passagem para a vida adulta.

Atualmente, alguns números no Brasil apontam para um aumento no número de jovens que fazem parte da chamada "geração canguru", termo utilizado para se referir aos jovens de 25 a 34 anos de idade que ainda vivem na casa de seus pais. O número de jovens que fazem parte deste grupo passou de 20% em 2002 para 24,3% em 2012 (IBGE, 2013). Destes, 14% continua estudando, enquanto a proporção dos que ainda estudam dentre todos os jovens nessa faixa etária é de 9% (IBGE, 2013).

Além disso, Camarano (2006) mostra em sua pesquisa que o arranjo domiciliar preponderante entre os jovens é o de *casal com filhos*. Isso sugere que o movimento de saída da casa dos pais aparenta estar mais relacionado à constituição da família, caracterizando-se, portanto, como uma transição doméstica. Observa-se assim que muitos jovens no Brasil aparentam fazer a transição da família de origem para a família que irão constituir, ou seja, abandonam o seio familiar para a constituição de outro. Neste sentido, o Brasil se assemelha a países do Sul da Europa – como Itália, Espanha e Portugal – onde a forte ideologia familiar que marca tais países faz com que o casamento seja a justificativa mais comumente utilizada para a saída da casa dos pais (JONES, 1995).

É válido ressaltar também que além da extensão do período de semi-dependência dos jovens em relação aos pais e a tendência à saída de casa para a constituição do casamento, a transição domiciliar deve ser analisada a partir de mais um elemento: o papel do Estado e de demais instituições de apoio a esta passagem.

A ausência de suporte do Estado para a realização da transição domiciliar é um dos elementos que faz com que este processo tenha ainda pouca expressividade no Brasil. A família continua sendo o principal ponto de apoio durante a realização dos projetos dos jovens e na passagem à vida adulta, incluindo o suporte à transição domiciliar. Este apoio familiar praticamente exclusivo fomenta ainda mais a desigualdade. Os jovens cujas famílias não podem prover recursos financeiros para permitir a condição de semi-dependência de seus filhos, enfrentam mais dificuldades para conquistarem a independência que planejam.

Apesar das dificuldade de apoio à transição domiciliar, os números relativos à escolaridade dos jovens brasileiros sugerem que esse padrão de saída de casa tende a se modificar nas próximas décadas. De acordo com pesquisadores europeus (FURLONG; CARTMEL, 2007; HEATH, 1999) e norte-americanos (GOLDSCHEIDER; DAVANZO, 1989), a saída dos jovens da casa dos pais com a finalidade de constituição de outro domicílio, ou seja, em condição não marital, possui grande relação com o ingresso dos jovens no ensino superior. De acordo com Heath (1999), no Reino Unido, as mudanças no padrão de formação de domicílios de jovens (domicílios familiares, não familiares e domicílios unipessoais) estão fortemente relacionadas com a expansão do ensino superior.

Desta forma, pode-se inferir que o recente aumento no acesso de jovens de outras classes sociais ao ensino superior pode modificar esse padrão e significar um aumento na variedade de arranjos domiciliares de jovens no Brasil. Sabe-se que os jovens brasileiros vivem atualmente um período de expansão do acesso ao Ensino Superior por meio de políticas como ProUni, o sistema de cotas e as mudanças trazidas pelo Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) e pelo Sisu (Sistema de Seleção Unificada). Tais políticas podem não só modificar os números do próximo Censo relativos à escolaridade, como também possivelmente o de arranjos domiciliares de jovens – incluindo o número de domicílios unipessoais compostos por jovens e adultos jovens.

Por essa razão, pesquisas sobre a transição domiciliar são relevantes no sentido de oferecerem dados a respeito de uma realidade que se observa com frequência entre os jovens brasileiros, porém sobre a qual se conhece pouco. É necessário compreender, por exemplo, como os jovens brasileiros tem acesso a uma vida domiciliar independente, quais são os desafios enfrentados por eles e quais apoios recebem durante esse processo.

Assim, dado que o tema da transição domiciliar ainda é pouco explorado no Brasil, entende-se que é importante promover mais subsídios acerca do processo de saída da casa dos pais. Com isso, considera-se relevante compreender melhor uma parcela de jovens que se diferencia daqueles que permanecem na casa dos pais e daqueles que saem para constituírem

a própria família. Este trabalho pretende avançar na compreensão de como esses jovens fazem a passagem para a vida adulta e se tornam independentes de suas famílias, buscando identificar os condicionantes e os desdobramentos de uma forma de saída da casa dos pais que não tem como finalidade de constituição da própria família.

Além disso, observa-se também uma lacuna em termos de políticas públicas destinadas aos jovens e adultos jovens que pretendem sair da casa de seus pais. Sabe-se que as políticas públicas existentes no Brasil atualmente possuem seu foco quase exclusivo na transição escola-trabalho. Este enfoque é entendido como uma grande limitação, já que a integração social dos jovens não deve ser visto apenas como sinônimo de integração ao mercado de trabalho (DU BOIS-REYMOND & BLASCO, 2004).

Este trabalho foi fundamentado em uma articulação teórica sobre a transição para a vida adulta e a transição domiciliar. Além disso, foi realizada uma investigação empírica organizada a partir de dois instrumentos de pesquisa: o método de elicitação gráfica chamado Linha do Tempo e entrevistas individuais semi-dirigidas.

Outra contribuição que se pretende por meio deste trabalho está em seu aspecto metodológico. Atualmente observa-se uma tendência no desenvolvimento de estudos qualitativos e longitudinais em pesquisas de transição (HENDERSON et al., 2007), inclusive o crescimento da implementação de métodos visuais que buscam acessar longitudinalmente as experiências dos jovens através de suas histórias de vida (CIESLIK, 2003). Tais métodos visam acessar a vida do jovem de maneira mais holística, aspecto fundamental nas pesquisas sobre transição. Por essa razão, optou-se pelo uso do método da Linha do Tempo que permitiu um acesso mais abrangente de cada trajetória analisada, com a compreensão dos eventos mais significativos e dos projetos pensados para o futuro de cada entrevistado.

O grupo de entrevistados que compõe esta investigação é formado por 27 jovens e adultos jovens de 22 a 35 anos, moradores do Rio de Janeiro, que residiam fora da casa dos pais e que se encontravam em uma condição não marital. A maioria desses jovens, de ambos os sexos, pertence ao segmento da classe média e alguns deles ao da classe média alta. Todos eles possuem, pelo menos, o ensino superior completo. Vale ressaltar que apesar de alguns entrevistados atualmente pertencerem à classe média, na maioria dos casos suas famílias eram oriundas da classe média baixa.

Por meio das trajetórias analisadas foi possível identificar três diferentes processos de transição domiciliar – a saída motivada pelo estudo, pelo trabalho e pela busca da

independência. Cada um desses processos apresentou diferentes dificuldades, durações distintas do tempo de dependência financeira em relação aos pais, idade média da saída e de retornos temporários à casa dos pais.

Além das diferenças, várias semelhanças foram identificadas nos processos vivenciados pelo grupo pesquisado. Em especial, os suportes recebidos (e não recebidos) durante a transição domiciliar, os medos enfrentados e as conquistas ligadas à saída de casa se destacaram nas narrativas. Observou-se ainda que apesar do enfraquecimento dos marcadores tradicionais de transição, o sentir-se adulto está relacionado tanto a marcadores internos como externos. Além disso, a transição domiciliar ainda mostra-se como um marcador importante de entrada na vida adulta, juntamente com outros eventos significativos da trajetória, como o a independência financeira e as experiências ligadas à mobilidade.

O presente trabalho foi dividido em quatro partes. A primeira refere-se à base teórica empregada, que inclui a problematização da transição para a vida adulta e da transição domiciliar. A seguir, é apresentado o referencial metodológico utilizado no desenvolvimento da pesquisa de campo. A terceira parte inclui dois capítulos de análise: as diferenças e semelhanças no processo de transição domiciliar. Por fim, a quarta parte discute os demais eventos significativos de jovens e adultos jovens, assim como seus projetos para o futuro.

2. O processo da transição para a vida adulta

"Se meu filho nem nasceu
Eu ainda sou o filho
Se hoje canto essa canção
O que cantarei depois?"
(Dias de luta – Ira!)

Este capítulo tem como objetivo apresentar as questões teóricas acerca da temática da transição para a vida adulta na contemporaneidade. Para isso, este capítulo foi organizado em cinco seções. A primeira irá tratar das conceituações gerais sobre o tema e do contexto socioeconômico que geraram mudanças no processo de transição dos jovens. A segunda terceira seção irá abordar as consequências de tais mudanças na trajetória juvenil, enquanto a terceira seção irá tratar do papel das instituições no processo de transição. A quarta seção discutirá sobre o que é se tornar adulto e, por fim, a quinta seção irá apresentar alguns dados sobre a realidade juvenil no Brasil.

2.1. A transição para a vida adulta

Essa seção irá apresentar as principais definições e o contexto socioeconômico que geraram mudanças no processo de transição.

2.1.1. Principais definições

De acordo com Shanahan (2000), desde 1986 com o trabalho de Hogan & Astone os pesquisadores têm discutido a respeito do processo de transição para a vida adulta e os seus marcadores. O interesse acadêmico por essa temática se iniciou no final dos anos 70 e início dos anos 80, com o colapso do mercado de trabalho juvenil e o aumento do desemprego entre os jovens, o que passou a gerar preocupações em relação à passagem para a vida adulta e o prolongamento do período da juventude (FURLONG; WOODMAN; WYN, 2011; HEATH et al., 2009; DU BOIS-REYMOND, 1998).

Os marcos de entrada na vida adulta incluem, tradicionalmente, cinco eventos: a saída da escola, o início de um trabalho em período integral, a saída da casa de origem, o casamento e o nascimento do primeiro filho. O processo de transição é iniciado com a saída da escola ou

término da formação educacional e se encerra com a constituição da própria família (CAMARANO, 2006b). Casal (1996) organiza esses eventos em três grupos: os processos de formação, a inserção profissional e a emancipação familiar. Para o autor, a transição só se dá plenamente com a articulação completa entre esses três aspectos.

Os eventos tradicionais que compõem o processo de transição para a vida adulta não são vividos da mesma forma por todos os jovens. Aspectos sociais, econômicos e individuais irão atuar como variáveis importantes na maneira com que esta transição irá se desenrolar. A transição para vida adulta é, portanto, um processo "de complexa socialização, por exemplo, das múltiplas influências e transferências (de recursos econômicos, propriedades e cultura) que ajuda a definir o curso da integração no chamado mundo adulto" (PAIS, 2000, p. 219, tradução minha).

Nesta mesma direção, pode-se afirmar que:

> O termo "transição" incorpora, nos o discurso sobre a juventude, os conceitos de processo, transformação, temporalidade e historicidade. Isso se destina a enfatizar, em primeiro lugar, que a situação dos jovens é determinada por processos de transição desigual (...). Em segundo lugar, dentro de um mesmo país existem vários processos de transição; nem todos sofrendo a transição unidirecionalmente. Em terceiro, que o elemento biográfico desempenha um papel essencial (...). Os momentos e as fases de transição e os seus condicionamentos sociais determinam as diversas maneiras de ser jovem" (CASAL; MASJOAN; PLANAS, 1988, p. 98, tradução minha).

Casal (1996) propõe o termo "sistema de transição" para se compreender o aspecto processual da transição para a vida adulta. O autor considera que há três diferentes dimensões que compõe esta passagem.

A primeira dimensão é o contexto sócio-histórico e territorial que contém os eixos de caráter temporal e espacial, permitindo contextualizar a transição em determinado momento histórico e em determinado local. A segunda é a dimensão dos dispositivos institucionais e instituídos de transição, ou seja, a rede completa de instituições sociais que interferem, configuram e regulamentam a transição (sistema educacional, sistema de formação profissional e ocupacional, o mercado de trabalho). A terceira dimensão é o processo biográfico, entendido como a forma com que o sujeito se comporta, como ele toma suas decisões, cria suas estratégias e planos para o futuro diante das estruturas socioeconômicas e dos dispositivos institucionais que o cercam.

Desta forma, entende-se que a transição para a vida adulta deve ser compreendida dentro da perspectiva de processo e considerando os três aspectos mencionados por Casal (1996): o contexto histórico e social no qual se desenrola a transição, as instituições que estão

envolvidas neste caminho e o modo com que cada sujeito que se conduz essa passagem-processo, sempre contemplando a interelação deste sujeito com sua conjuntura histórica e com as instituições que fizeram e fazem parte de sua trajetória.

2.1.2. As mudanças em curso no processo de transição: breves considerações

As principais mudanças relativas ao processo de transição para a vida adulta dos jovens começaram a partir da década de 80, sendo elas o resultado de transformações sociais e econômicas no mundo ocidental. Tais modificações afetaram particularmente o mundo do trabalho e, apesar de afetarem a sociedade como um todo, os jovens trabalhadores foram (e são) os mais vulneráveis à essas variações.

Uma das mudanças socioeconômicas que reverberam no processo de transição foi a transformação de um modelo produção industrial e de uma estrutura fordista de produção para um modo de produção mais voltado aos serviços (CASAL, 1996; FURLONG; CARTMEL, 2007). Outra mudança importante foi o aumento da fragmentação no mercado de trabalho (CASAL, 1996; FURLONG; CARTMEL, 2007) e a entrada em massa das tecnologias da informação e da comunicação (PLUG; ZEIJL; DU BOIS-REYMOND, 2003).

Durante o período de intensa produção industrial era possível se empregar jovens que possuíssem pouca qualificação técnica. No entanto, com a mudança no modo de produção industrial e fordista para um modelo voltado aos serviços modificou-se o perfil do trabalhador e o tipo posto de trabalho que passou a ser oferecido. Por essa razão, o mercado de trabalho passou a exigir jovens cada vez mais qualificados, com especialização, com diferentes habilidades (FURLONG; CARTMEL, 2007) e que se sujeitem à práticas de trabalho flexíveis, móveis e segmentadas (PAIS, 2000).

A fim de cumprir com estas novas exigências, os jovens passaram a estender sua formação educacional com o objetivo de obter uma melhor qualificação e ingressar no mercado de trabalho. Inúmeros cursos e aperfeiçoamentos passaram a ser "credenciais", a condição necessária para que o jovem trabalhador pudesse almejar os novos postos de trabalhos (PLUG; ZEIJL; DU BOIS-REYMOND, 2003).

Com isso, os jovens começaram a se inserir com mais idade no mercado de trabalho, fazendo com que a transição escola-trabalho se modificasse. Até a década 80 esta transição era mais imediata e previsível. Na década de 60, por exemplo, não era possível identificar os que hoje são chamados "jovens nem-nem", pois praticamente todos que saiam da escola percorriam um caminho certo em direção ao emprego (CÔTÉ; BYNNER, 2008).

Por essa razão, alguns autores (CÔTÉ; BYNNER, 2008) defendem que os jovens estendem seu período de formação educacional menos por uma escolha de permanecer mais tempo na universidade e evitar as responsabilidades oriundas de um trabalho fixo e mais por uma expectativa de que tais "credenciais" possam lhe garantir melhores postos de trabalho.

Nessa mesma direção, a pesquisa de Galland (2003) que comparou diferentes gerações e a entrada nos eventos tradicionais de transição mostrou que o atraso na obtenção do primeiro emprego é maior do que o atraso na constituição da própria família. De acordo com o autor: "estes resultados são claramente contrários à noção amplamente aceita de que demora em alcançar a autonomia é devido a uma espécie de complacência dos jovens que os leva a prolongar deliberadamente dependência de pais" (GALLAND, 2003, p. 174, tradução minha).

É importante assinalar que essas mudanças socioeconômicas apontadas não atingiram (e não atingem) de igual maneira os jovens pertencentes a diferentes classes sociais. Galland (2003) constatou que, entre os jovens com menor escolaridade, geralmente as moças, não conseguem ingressar no mercado de trabalho e tendem a sair de casa para constituir sua própria família. Os rapazes com menor escolaridade aguardam até encontrar um emprego estável que lhes permita viver por conta própria, estendendo o período de moradia com os pais. Entre os jovens com maior escolaridade, rapazes a garotas possuem o mesmo padrão de adiamento da entrada na vida adulta e obedecem a mesma sequência: a entrada no mundo do trabalho, a primeira moradia independente, o casamento, e filhos.

As mudanças socioeconômicas que reverberaram especificamente na transição escola-trabalho possuem grande relevância porque o prolongamento da formação educacional e o adiamento na entrada no mundo do trabalho reverbera nos demais eventos de transição. Alguns autores (CAMARANO; MELLO, 2006) afirmam que as dificuldades para encontrar um emprego são uma das principais razões para as mudanças que ocorrem no processo de transição para a vida adulta na atualidade. Desta forma, entende-se que as transformações nos eventos saída da escola e entrada no mercado de trabalho geram uma espécie de "efeito dominó" nos demais eventos tradicionais de transição.

A saída da casa paterna, por exemplo, é um evento tradicional de transição que está sob forte influência da maneira com que se dá a transição escola-trabalho. Isto porque o processo de emancipação da família de origem está diretamente ligado à independência econômica e à inserção no mundo de trabalho (JONES, 1995). Henriques, Féres-Carneiro & Magalhães (2006), ao analisarem a chamada geração canguru, afirmam que uma das alegações da família para o prolongamento da convivência familiar de seus filhos jovens é a

de que a instabilidade e a insegurança econômica faz com ela tenha que se mostrar com um lugar de confiança e estabilidade para seus filhos.

Nesta mesma direção, o trabalho de Guerreiro & Abrantes (2005b) identificou que jovens portugueses consideram a situação econômica e profissional como o principal motivo para desistir da realização de seus projetos familiares. Especialmente nas classes mais altas em Portugal, a paternidade não é esperada antes dos trinta anos. Para os jovens dessa classe, a criança deve ser concebida só depois que o jovem tiver sua casa própria, estabilidade financeira, confiança no trabalho no qual está vinculado e um relacionamento maduro. Paternidade antes destas condições é entendida como irresponsabilidade para essa parcela dos jovens portugueses. Segundo os autores, o casamento precoce e a paternidade são mais comuns em Portugal entre as classes sociais mais baixas e costumam ser vistas mais como uma "estratégia" ou como um acidente. Tal realidade possivelmente encontra correspondência entre os jovens brasileiros oriundos desta mesma classe social.

2.2. Trajetórias juvenis rumo à vida adulta: entre a linearidade e a despadronização

As mudanças socioeconômicas mencionadas na seção anterior refletem profundamente na maneira com que tem se dado a transição para a vida adulta entre os jovens atualmente. Diferentes termos têm sido utilizados pela literatura para se adjetivar o processo de transição que vêm ocorrendo na contemporaneidade: prolongada, extensa, vaga, fluida, imprecisa, descontínua, despadronizada (BRANNEN; NILSEN, 2002), inconstante, reversível, não-linear (FURLONG; CARTMEL, 2007), imprevisível, ioiô (DU BOIS-REYMOND, 1998; PAIS, 2000).

Estas diversas terminologias revelam que a relativa linearidade que até então existia na passagem pelos eventos tradicionais de transição não se mostra mais tão presente. Isto porque em algumas trajetórias os eventos tradicionais de transição não ocorrem necessariamente naquela ordem pré-determinada: saída da escola, entrada no mercado de trabalho, saída da casa dos pais, casamento e filhos. Além de não ocorrerem nesta ordem, os eventos podem se sobrepor ou um desses eventos tradicionais pode não ocorrer na trajetória do sujeito e, ainda assim, a passagem para a vida adulta pode ser realizada. Os eventos de passagem além de não serem tão lineares como antes, tendem a ser sincrônicos e reversíveis (DU BOIS-REYMOND, 1998).

No Brasil, por exemplo, alguns pesquisadores (CAMARANO; MELLO, 2006) falam da dificuldade de se determinar qual evento inicia o processo de transição para alguns jovens.

Isto porque os dois primeiros eventos tradicionais - saída da escola e entrada no mercado do trabalho - acontecem simultaneamente para muitos jovens e a entrada no mercado de trabalho se dá geralmente antes do encerramento da Educação Básica.

A não linearidade da trajetória pode ser observada em diferentes realidades e a dificuldade de se determinar os eventos que iniciam e encerram a passagem para a vida adulta pode ser observado em de diferentes realidades. Um jovem, por exemplo, pode viver em união conjugal e ter seus filhos sem ter ingressado no mercado de trabalho, enquanto outro pode ingressar no mercado de trabalho sem ter concluído seus estudos. Outro jovem pode ainda ingressar no mercado de trabalho e não conseguir manter-se empregado, vendo-se obrigada a retomar seus estudos, enquanto outro pode ter seu filho sem ter saído da casa de seus pais ou sem ter se casado. Todos esses cenários são possíveis dentro do processo do processo de transição para a vida adulta na contemporaneidade "porque o terreno em que as transições têm lugar é de natureza cada vez mais labiríntica" (PAIS, 2006, p.8).

Dentro do cenário da não linearidade, os dualismos casado/solteiro, estudante/não estudante, ativo/não ativo (referente ao trabalho) perdem um pouco da relevância, pois os estados juvenis transitam por ambas as realidades e criam estados intermediários (DU BOIS-REYMOND & BLASCO, 2004). A "escala em cinza", a zona intermediária entre os estados fixos e permanentes como os explicitados acima, é ampla e congrega muitos jovens tanto no Brasil como na Europa.

Todos os cenários mencionados e as adjetivações atuais da transição sugerem que as atuais trajetórias juvenis rumo à vida adulta apresentam um movimento ioiô, ou seja, ora a trajetória do sujeito combina papéis e funções que tradicionalmente são atribuídas aos adultos, ora aos jovens ou ambos os papéis ocorrerem simultaneamente dentro de uma mesma trajetória (PLUG; ZEIJL; DU BOIS-REYMOND, 2003).

Durante este processo, observa-se que alguns jovens são capazes de desempenhar esta gama de possibilidades, "adiantando" a aquisição de um atributo adulto, enquanto "lentifica" a aquisição de outro de acordo com seus recursos pessoais e da assistência disponível a ele (GALLAND, 2003). Sobre as trajetórias ioiô, Pais afirma: "a vida dos jovens parecem saltar para trás e para frente como um ioiô. Estes movimentos oscilatórios e reversíveis sugerem que o que tem acontecido é a ioiôzação da transição para a vida adulta" (PAIS, 2000, p. 220, tradução minha).

A não-linearidade, a despadronização das trajetórias e a reversibilidade dos eventos de transição exige que os jovens façam um esforço maior para manter alguma coerência em sua biografia e uma lógica interna em suas escolhas (DU BOIS-REYMOND; BLASCO, 2004).

Além disso, a despadronização das trajetórias pode permitir aos jovens refletir e escolher sobre quando e porque realizar alguns dos eventos tradicionais de transição.

Desta forma, as mudanças do desenrolar da trajetória rumo à vida adulta nem sempre podem significar atraso ou dificuldades no processo, mas sim uma tentativa de evitar automatismos nas escolhas e nos projetos de vida. Desta forma, entende-se que o adiamento de algumas escolhas nem sempre é simples evitação ou fuga. O adiamento pode ser visto também como uma maneira de melhor elaborar as decisões e tentar oferecê-las sentido e alguma coerência. Nesta direção, Furlong & Cartmel afirmam: "Neste contexto, tem-se argumentado que o adiamento na entrada para a idade adulta é muitas vezes conduzida por escolhas que os jovens fazem tentando atingir um novo equilíbrio entre a vida pessoal e o trabalho, evitando as vidas compartimentadas e previsíveis vividas por seus pais" (FURLONG & CARTMEL, 2007, p. 140, tradução minha).

No entanto, evitar os automatismos ou a vida compartimenta e previsível de seus pais não é tarefa simples. O cenário de riscos e de imprevisibilidade diante do tempo futuro é uma fonte particular de preocupação e ansiedade entre os jovens. Planejar e controlar o futuro tornou-se algo fundamental e revela a capacidade que os indivíduos têm de serem gestores da própria vida. Para Leccardi:

> Não mais sua posição definida, mas sua capacidade de projetar-se individualmente torna-se fonte primária de identidade e o princípio organizador da biografia (...). Do ponto de vista funcional, a projeção do tempo torna-se o equivalente moderno das práticas mágicas das sociedades arcaicas: ele aparece como um antídoto racional contra incerteza gerada pelo futuro (LECCARDI, 2005a, p. 42).

Assim sendo, a projeção do tempo futuro tornou-se uma espécie de antídoto. Planejar-se se tornou um remédio contra a perspectiva catastrófica do futuro. Tal ideia atinge de modo especial a juventude, que é comumente entendida como a fase sobre a qual mais se exige um planejamento e uma capacidade de se projetar. Apesar de todos estarem submetidos esse "antídoto", a juventude e o segmento que está mais vulnerável a essa ideia porque presume-se que cabe ao jovem a tarefa de "se construir". Muitos projetos educativos destinados aos jovens, por exemplo, objetivam prepará-los para construir seus planos para o futuro. Da mesma forma, certas políticas públicas buscam prepará-los para realização de projetos para o futuro e motivá-los a se engajarem neles. O mundo adulto continuamente interpela o jovem a respeito desses planos e, para alguns, este questionamento provoca bastante ansiedade.

A concepção do futuro como algo catastrófico ganhou espaço com o final da II Guerra Mundial. O futuro, que até então era percebido como algo relativamente previsível e no qual

se poderia investir, passou a ser visto como uma época repleta de incertezas, com a presença de crises econômicas globais, colapsos ambientais, terrorismo internacional, etc., tornando-o um espaço cada vez menos determinado, certo e estável (LECCARDI, 2005a) "Se o futuro que a primeira modernidade observava era o futuro aberto, o futuro da modernidade contemporânea é o futuro indeterminado e indeterminável, governado pelo risco" (LECCARDI, 2005a, p. 43). O futuro passou, então, a ser visto como algo ameaçador, gerando uma sensação de impotência diante dele.

Com isso, passa a existir cada vez menos espaço para um futuro determinado, certo e estável e uma maior visibilidade foi dada aos riscos. Para Giddens (1991), a alta modernidade é apocalíptica e introduz riscos que as gerações prévias não tiveram que enfrentar, como por exemplo, o controle de armamentos, a ameaça de destruição, as catástrofes ecológicas, os colapsos econômicos, a ascensão de regimes totalitários, etc. Diante desse novo cenário, é válida a pergunta de Melucci (2007, p. 34): "como podemos preservar passado e preparar nosso futuro em sociedades complexas?".

Para Pais (2001), a expansão das opções e escolhas é proporcional à expansão dos riscos e, com isso, a insegurança em relação ao futuro aumenta. O destino, que antes era dado externamente – Deus, a Natureza – passou a ser "produzido cotidianamente, num campo de oportunidades, reivindicações, utopias" (PAIS, 2001, p. 57). Essas utopias são constituídas em terrenos labirínticos que podem gerar discordâncias e ambivalências, assim como constituir alguns malefícios como o otimismo messiânico ou o pessimismo desencantado (PAIS, 2001). "Nos labirintos da vida alguns jovens acham-se depois de se perderem" (PAIS, 2001, p. 57).

Vale destacar, porém, que não há hoje mais riscos de que havia antes, mas sim que a ideia de risco está fortemente presente no modo como técnicos, especialistas e leigos organizam o mundo (GIDDENS, 1991). O risco contemporâneo é continuamente trazido para o presente por meio da organização reflexiva dos ambientes de conhecimento (GIDDENS, 1991).

O cenário de um futuro ameaçador e de risco gera outra consequência: passa a não fazer mais sentido o adiamento das recompensas no tempo presente para que se possa colher algo melhor no futuro, pois já não há mais garantias em relação a esse futuro (LECCARDI, 2005a). Como o tempo presente não mais prepara o futuro, há uma maior dificuldade em adiar as satisfações pessoais e a ordem é viver o momento, o aqui-agora (LECCARDI, 2005a). Na mesma direção, Pais (2001) entende que, dentro da tensão entre o tempo das experiências e o

tempo da espera, os jovens buscam se enraizar no cotidiano que é o tempo presente, até mesmo como defesa.

A incerteza diante do futuro também pode significar para alguns jovens um horizonte inédito e aberto, que pode ser tanto um tempo de possibilidades, como um tempo fantasma. Melucci afirma: "Um tempo de possibilidades excessivas torna-se possibilidade sem tempo, isto é, simplesmente mero fantasma da duração, chance fantasma. O tempo pode tornar-se invólucro vazio" (MELUCCI, 2007, p. 37).

No entanto, diferentemente da experiência do tempo como um fantasma, é possível que a dimensão do tempo, especialmente do tempo futuro, seja vivenciada por alguns jovens de outra forma:

> *Consciência do limite, o cansaço produzido pelo esforço de ultrapassá-lo, a percepção do que está faltando*[1] – sentido de perda – criam raízes para que se presencie como algo possível a aceitação do presente e o planejamento do futuro: como responsabilidade para consigo mesmo e para com os outros, como reconhecimento daquilo que fomos e do que podemos nos tornar. Para os adolescentes de hoje a experiência de tempo como possibilidade, mas também como limitação, é uma maneira de salvaguardar a continuidade e a duração; uma maneira de evitar que o tempo seja destruído em uma sequência fragmentada de pontos, uma soma de momentos sem tempo (MELUCCI, 2007, p. 37).

Desta forma, a experiência do tempo pode não ser apenas como possibilidade ilimitada, mas também como um limitador, o tempo como uma borda, uma margem que possibilita preservar a experiência e não deixá-la se esvaziar.

2.3. A dimensão institucional no processo de transição

Em relação à dimensão institucional do sistema de transição, pesquisadores portugueses (GUERREIRO; ABRANTES, 2005b; PAPPÁMIKAIL, 2004) identificaram a família como a instituição de suporte para a construção dos projetos pessoais dos jovens. Muitas famílias investem dinheiro nos projetos de seus filhos, especialmente naqueles relacionados à educação, pois eles são vistos como um "projeto de mobilidade social" (GUERREIRO; ABRANTES, 2005b). Para os jovens portugueses os pais são vistos como um porto seguro onde podem pedir ajuda a qualquer momento e suas famílias são percebidas como um espaço estável e seguro (PAPPÁMIKAIL, 2004).

---

[1] Grifo meu

[2] Aos adolescentes entre 12 a 17 anos são previstas penalidades chamadas "medidas socioeducativas".

Pesquisadores norte-americanos (SETTERSTEN; RAY, 2010) afirmam que o papel da família no cuidado dos filhos também tem se intensificado nos últimos anos. O suporte financeiro do Estado se encerra quando o adolescente completa 18 anos, período em que os jovens das classes sociais mais altas começam a receber uma grande ajuda financeira de suas famílias (SETTERSTEN; RAY, 2010). No contexto atual norte-americano, as famílias sustentam financeiramente seus filhos após os seus 20 anos, tornando a extensão do período educacional algo cada vez mais desafiador para as famílias com escassos recursos e para as de classe média. Anteriormente, até meados do século XX, um jovem norte-americano que morasse com os pais ajudava financeiramente sua família assim que conseguia um emprego (o que ainda permanece entre as famílias de imigrantes), realidade não mais vista na maioria das famílias norte-americanas (RUMBAUT & KOMAIE, 2010 apud SETTERSTEN & RAY, 2010).

O apoio familiar tem se tornado, em diferentes países, o suporte crucial dos jovens na passagem para a vida adulta. Essa exclusividade do apoio familiar traz dificuldades para aqueles que não podem contar com esse porto seguro por suas famílias não disporem de recursos para tal. É importante lembrar que a família no lugar de único ponto de suporte reproduz desigualdades e expõe ainda mais os jovens mais vulneráveis.

No contexto europeu, o apoio recebido pelos jovens oriundos de países do sul da Europa é predominantemente familiar, enquanto os jovens dos países do norte da Europa são apoiados fundamentalmente pelo Estado e suas políticas de Bem-Estar Social (DU BOIS-REYMOND; BLASCO, 2004; GALLAND, 2003). No entanto, pesquisas também mostram que mesmo nos países do norte da Europa, a família tem se tornado uma peça cada vez mais importante de apoio aos jovens especialmente durante a situação de desemprego de seus filhos (DU BOIS-REYMOND; BLASCO, 2004) ou quando os jovens decidem comprar sua própria casa (HEATH; CALVERT, 2013).

No entanto, seria a família a única responsável pelos custos e riscos existentes no processo da transição dos jovens? Settersten & Ray (2010) questionam o quanto as instituições que estão normalmente relacionadas a esse grupo etário (escolas e universidades, por exemplo) estão preparadas para apoiar os jovens durante a passagem para a vida adulta. Tendo em vista que os desafios atuais não são apenas da família, mas de todas as instituições que estão de alguma forma envolvidas com os jovens, quem seriam os demais responsáveis pelo bem-estar dos jovens (SETTERSTEN; RAY, 2010)?

No debate entre o papel do Estado e da família no suporte à transição, alguns autores (JONES; WALLACE, 1992; JONES, 1995, 2009) entendem que existe um movimento por

parte do Estado de "terceirizar os jovens" para as suas famílias. Afinal, quem se responsabiliza por apoiar os jovens diante das transformações socioeconômicas que alteram os processos de transição para a vida adulta? Especificamente no Reino Unido, com a crescente retirada de benefícios sociais dos jovens abaixo de 25 anos, este tipo de debate tem se tornado cada vez mais frequente.

Outra crítica quanto ao papel do Estado diz respeito às políticas públicas voltadas à população jovem. Estas políticas geralmente mostram-se presas a um modelo linear de transição que não atende necessariamente a todos os jovens. Apesar das pesquisas atuais discutirem a presença da não-linearidade do processo de transição, as políticas continuam sendo elaboradas a partir de um padrão de linearidade, normatização e uniformidade (DU BOIS-REYMOND; BLASCO, 2004). Ao se referirem às políticas públicas europeias, Du Bois-Reymond & Blasco (2004) defendem que existem programas mais específicos e individualizados aos jovens e que considerem as diversas experiências juvenis, levando em consideração a possibilidade da despadronização nas trajetórias e a reversibilidade dos eventos tradicionais de transição.

Os autores (DU BOIS-REYMOND; BLASCO, 2004) criticam ainda outros aspectos das políticas públicas para juventude. O uso da idade, por exemplo, como um fator essencial para entrada ou saída dos programas é um grande limitador das políticas de Estado, pois a idade não é mais um parâmetro fiel para se definir quem é jovem ou adulto.

Outro equívoco de muitas políticas públicas para juventude é a compreensão que esses projetos têm de que integração social é sinônimo de integração ao mercado de trabalho,' (CASAL, 1996; DU BOIS-REYMOND; BLASCO, 2004). Tal compreensão revela uma visão bastante simplista do processo de transição para a vida adulta. Casal expõe outros elementos importantes na transição e que deveriam ser considerados nas políticas de Estado:

> A transição não é apenas a transição da escola para o trabalho, mas sim um processo social complexo desde a adolescência à vida adulta: um processo que inclui a educação escolar e as suas carreiras dentro da escola, a formação em contextos não formais e informais, as experiências anteriores ao emprego, a entrada plena no mercado de trabalho e os processos de autonomia familiar (CASAL, 1996, p. 298, tradução minha).

Além de ampliar a ideia de transição como algo que extrapola a ideia de integração ao mercado de trabalho, esta citação de Casal reforça a importância de se pensar a transição a partir das dimensões socioeconômica, institucional e biográfica.

2.4. Afinal, o que é tornar-se adulto?

A preocupação com a idade cronológica e com o curso da vida sofreram alterações ao longo da história. De acordo com Debert (2010), no período anterior à modernidade a idade cronológica era menos importante do que o status familiar no que se referia à aquisição ou não da maturidade. Com a entrada da modernidade houve o auge do processo de cronologização da vida, na qual passou a existir claramente uma demarcação entre três segmentos: juventude e vida escolar; mundo adulto e trabalho; velhice e aposentadoria (DEBERT, 2010).

Esse processo que deu origem à cristalização das idades da vida é múltiplo e depende especialmente de dois aspectos. Primeiramente, ele está relacionado às profundas transformações no seio da família, especialmente, da classe burguesa. O segundo aspecto importante é a progressiva exclusão da criança do mundo do trabalho, onde a escolarização surgiu na contramão do trabalho infantil (PERALVA, 2007). A partir do século XIX essas transformações históricas se aceleraram e, por meio da ação do Estado, as diferentes idades da vida foram se institucionalizando e tornaram-se hierarquizadas e interdependentes (PERALVA, 2007).

Na contemporaneidade, as fronteiras entre os estágios do curso da vida deixaram de ser tão marcados e passaram a se sobrepor, impondo-se uma tendência à descronologização do curso da vida e uma tentativa de unificação das diferentes fases (DEBERT, 2010). Essa tendência surgiu de uma compreensão de que papéis sequenciados e divisões por idade não mais captariam a complexidade do mundo contemporâneo (DEBERT, 2010).

A partir dessa nova forma de se compreender os estágios do curso da vida, passou a ser questionado o caráter universal das fases da vida. Isto, portanto, "impõe a revisão das concepções da psicologia do desenvolvimento, em que o curso da vida é periodizado como uma sequencia evolutiva unilinear, em que cada etapa, apesar das particularidades sociais e culturais, tem um caráter universal" (DEBERT, 2010, p. 61).

2.4.1. Parâmetros da vida adulta

A delimitação entre o período da juventude e o da idade adulta está também relacionada com a aquisição de habilidades e direitos associados ao status de adulto em uma determinada sociedade. Assim, a discussão da fronteira entre estas duas fases é também um debate sobre a forma com que determinada sociedade se organiza e institui os elementos

definidores dos sujeitos sociais naquele grupo. O jovem em vias de se tornar adulto deve internalizar as regras culturais do grupo social em que está inserido para que ele possa ser possa ter o *reconhecimento* de adulto por parte de seu grupo social (ARNETT, 1998; DU BOIS-REYMOND; BLASCO, 2004). Não basta que ele se sinta adulto, mas ele deve também ser reconhecido como tal por seu grupo social.

Diferentemente da infância, em que as crianças vivem uma condição de total dependência de seus pais, durante a juventude os indivíduos possuem maiores responsabilidades e gozam de certas permissões e direitos, fazendo com que tal período possa ser chamado de semi-dependência. Para Furlong & Cartmel (2007, p. 55, tradução minha), "a juventude é, portanto, um período social de semi-dependência moldado por normas legislativas e culturais as quais formam a ponte entre a total dependência da infância e a independência da vida adulta".

Entender a juventude como um período de semi-dependência moldado por normas culturais implica compreender que tal fase é formada sob determinadas condições históricas, não sendo, portanto, universal. Além disso, tal período é também mediado por determinações legais que consentem ou não certos comportamentos e práticas em virtude do que aquele grupo social entende como uma prática permitida ao não ao universo juvenil.

A aquisição dos direitos e responsabilidades de um adulto ocorre gradativamente, sendo alguns deles determinados pela idade e outros adquiridos apenas após a passagem um dos eventos transicionais de transição, como por exemplo, a entrada no mercado de trabalho. As normas legais também são uma forma de determinar o que é considerado ou não uma prática de uma pessoa adulta e, como tal, será permitida ou criminalizada.

No Brasil, grande parte dos consentimentos legais coincide com a idade da maioridade civil. O trabalho é ilegal aos menores de idade (pessoas com menos de 18 anos), porém adolescentes de 14 ou 15 anos de idade são autorizados a trabalhar na condição de aprendiz e, entre adolescentes de 16 ou 17 anos o trabalho é permitido desde que não seja prejudicial à sua saúde, segurança e que não firam a moralidade. A maioridade civil é obtida aos 18 anos (chegou a ser 21 anos por muitas décadas) e coincide com a maioridade penal que também é de 18 anos[2] e, atualmente, há propostas para redução da maioridade penal tanto para os 16 como para os 14 anos de idade. O voto é permitido aos 16 anos e obrigatório aos 18 anos, a licença para dirigir é permitida a partir dos 18 anos, a idade para a compra e para o consumo

[2] Aos adolescentes entre 12 a 17 anos são previstas penalidades chamadas "medidas socioeducativas".

de bebida alcoólica também é aos 18 anos. A idade em que é permitido se casar sem o consentimento dos pais é de 18 anos. A idade de consentimento (idade em que a pessoa é incapaz de consentir) é de 14 anos[3] e, portanto, a relação sexual com adolescentes abaixo dessa idade é considerada uma violência sexual, independentemente se tal relação foi consensual ou não, sendo categorizado como crime de estupro de vulnerável com base em lei promulgada em 2009[4]. Por fim, um número que destoa desses apresentados diz respeito à idade dos filhos considerados dependentes dos pais na declaração do imposto de renda: 24 anos, caso eles estejam cursando o ensino superior ou o ensino técnico.

A título de ilustração, no Reino Unido o adolescente pode trabalhar por meio período a partir dos 13 anos e pode trabalhar por período integral a partir dos 16 anos. A partir dos 17 anos ele pode dirigir, votar e casar-se a partir dos18 anos. A idade de consentimento é de 16 anos. Com relação às bebidas, não é permitido beber ou comprar bebida alcoólica com menos de 18 anos, porém se o adolescente tem de 16 a 17 anos ele pode consumir (e não comprar) bebida alcoólica caso esteja acompanhado por um adulto e caso essa bebida esteja acompanhada por uma refeição. Menores de 16 anos podem ir a um pub (dependendo das condições do lugar) se estiverem acompanhadas de um adulto. A maioridade penal é a partir dos 10 anos, porém eles são julgados por uma corte juvenil (diferente dos adultos), lhe serão aplicadas sentenças diferenciadas e eles poderão encaminhados para centros especiais para jovens. Os jovens de 18 a 25 anos são julgados pela mesma corte como adulto, porém são enviados a prisões apenas com pessoas dessa faixa etária.

Tais parâmetros legais ajudam a visualizar o que cada sociedade entende como a idade na qual determinada prática é ou não danosa para uma pessoa em determinado estágio de sua vida. Eles revelam também a idade na qual se entende que uma pessoa já possui condições físicas, cognitivas e psíquicas para a realização de tal prática e pode ser responsabilizado por ela.

Além disso, esses parâmetros ajudam a compreender a ideia de Jones (1995) de que a transição para a vida adulta pode ser entendida como uma passagem de um estado de dependência para a cidadania.

---

[3] O ato sexual com adolescentes entre 14 a 17 anos também pode ser considerado crime e será categorizado com base nas disposições legais existentes, porém dependendo das circunstâncias do ocorrido.

[4] Tal crime é processado diretamente pelo Estado, sem necessitar da iniciativa ou do consentimento dos pais para tal.

Para a autora, quando o jovem reside com seus pais, a família media a relação de seu filho jovem com o Estado e, portanto, a relação do indivíduo jovem com o Estado seria indireta, intermediada pela sua família. Por meio desta compreensão (JONES, 1995; JONES & WALLACE, 1992), os jovens ganham seus direitos como cidadão *por procuração*, ou seja, seus direitos são exercidos indiretamente, por transmissão. Essa discussão é relevante, por exemplo, na discussão que as mesmas autoras levantam sobre quem deve rece*b*er o pagamento dos benefícios sociais, ou seja, se eles devem ser feito diretamente aos jovens ou para os pais em seu nome. Se o dinheiro for para os jovens, assume-se que ele irá direcioná-lo aos seus pais pelo custo de seu sustento? E o contrário, os pais entregarão o pagamento aos seus filhos para que ele possa investir no seu futuro?

Com base na discussão a respeito da relação direta e indireta com o Estado na passagem da juventude para a idade adulta, Jones & Wallace (1992) entendem que a juventude é um período em que ocorre a transição para a cidadania, entendida por elas como a plena participação na sociedade, com acesso a todos os direitos e deveres civis que é transmitido com a idade dentro de um Estado de bem-estar social.

Desta forma, pode-se afirmar que a aquisição da cidadania plena é afetada pela forma como se dá o acesso a quatro aspectos: a renda oriunda do trabalho (independência econômica), ao Estado de Bem-Estar Social, ao suporte familiar e à vida domiciliar independente (JONES, 1995). Se eles não podem ser independentes economicamente, como se tornarão cidadãos? (JONES; WALLACE, 1992)

Jones & Wallace (1992) entendem que o "produto final" da saída da juventude é, mais do que simplesmente a entrada para a vida adulta, é a aquisição da cidadania. A vida adulta é, dentro dessa compreensão, o período durante o qual os direitos e deveres do cidadão são adquiridos de maneira direta e sem mediação.

2.4.2. O prolongamento e a juventude como valor

Estes parâmetros socioculturais, no entanto, não são suficientes para afirmar com exatidão o limite entre ser jovem e ser adulto. Isso ocorre porque as mudanças mencionadas no item 2.1.2 que têm alterado o processo de transição para a vida adulta gera, entre outras consequências, o prolongamento do período da juventude. Este prolongamento "corrói uma parte da vida que até algumas décadas atrás era parte da vida adulta para a maioria da população" (DU BOIS-REYMOND, 1998, p. 64, tradução minha).

Diferentes pesquisas mostram que a fase da juventude tem sofrido um prolongamento (MONTGOMERY & CÔTÉ, 2003; GALLAND, 2003). Galland (2003), por exemplo, identificou que a entrada no mercado de trabalho e a constituição da própria família estavam ocorrendo posteriormente quando comparado com as gerações anteriores em países ocidentais.

Outros autores entendem que o prolongamento da fase da juventude está relacionado com a valorização do *ser jovem* na cultura contemporânea.

Calligaris (2000, p. 60) afirma que a fase da adolescência e juventude tornou-se um ideal social necessário da modernidade: "se a adolescência não existisse, os adultos modernos a inventariam, tanto ela é necessária ao bom desempenho psíquico deles" (CALLIGARIS, 2000, p. 60) Esse argumento é justificado pelo autor a partir da concepção de que a adolescência reúne em si o amparo típico da infância aliado ao fato de que seu corpo está preparado como o de um adulto, montando "uma imagem irresistível: a do adulto de férias" (CALLIGARIS, 2000, p. 69). Esta figura é inviável de ser vivida, porém possível de ser imitada.

> Por que desejar ser adulto quando os adultos querem ser adolescentes? E por que desejar o reconhecimento dos adultos, se na verdade são estes que parecem pedir que os adolescentes os reconheçam como pares? (...) [Os adolescentes] pedem uma palavra para crescer e ganham um olhar que admira justamente o casulo que eles querem deixar (CALLIGARIS, 2000, p. 74).

Em semelhante perspectiva, Côté (2000) afirma que uma das respostas que os adultos dão aos jovens a respeito dos problemas cotidianos é o de tentar preservar sua juventude o tanto quanto possível, tanto na aparência como no comportamento.

Para Pais (2000), não só os filhos jovens têm suas trajetórias submetidas ao movimento ioiô, mas também os seus pais. Isto porque, para o autor, assim como os jovens, os adultos entram e saem da juventude e da idade adulta porque também são socializados por seus filhos. "Os pais também são socializados por seus filhos e filhas, abraçando uma cultura jovem que é cada vez mais um ponto de referência. Consequentemente, há um investimento feito pelas gerações mais velhas na preservação de uma imagem de jovem" (PAIS, 2000, p. 220 tradução minha).

Desta forma, pode-se se dizer que não só a juventude está em transição, mas também a vida adulta (CAMARANO, 2006; DEBERT, 2010). Nesta mesma direção, Debert (2010) afirma que o prolongamento do segmento jovem na população e a transformação dessa etapa

em um valor provocaram um encurtamento do ser adulto, ou seja, a período da vida adulta vêm sofrendo um processo de *dissolução* nas sociedades contemporâneas.

Este prolongamento da fase da juventude fez com que mais nomenclaturas estejam sendo utilizadas para se referir ao período em que se encontra o final da adolescência e o começo da idade adulta. Esta fase costuma ser identificada como adolescência tardia, pós-adolescência (DU BOIS-REYMOND, 1998), vida adulta jovem (HEATH; CLEAVER, 2003), vida adulta emergente (ARNETT, 2004).

Jeffrey Arnett, por exemplo, propõe o termo *vida adulta emergente* para se referir um novo estágio da vida que vai do final da adolescência e até a conclusão do processo de transição para a vida adulta. Ele argumenta que o termo *juventude (youth)* não é o mais adequado porque ele tem uma longa história na língua inglesa e costuma ser aplicado também para se referir às crianças em geral, aos jovens adolescentes e, especialmente, aos jovens em seus vinte anos. Tal amplitude no uso do termo juventude é considerada pelo autor como um limitador e, desta forma, ele propõe o termo *vida adulta emergente (emerging adulthood)*.

> Idade adulta emergente pode ser definida como um período de desenvolvimento que é ponte entre a adolescência e o início da vida adulta, durante o qual os jovens não são mais adolescentes, mas ainda não atingiram totalmente o status de adulto. Durante a idade adulta emergente os jovens estão em processo de desenvolvimento das capacidades, habilidades e qualidades de caráter considerados por sua cultura como necessário para a conclusão da transição para a vida adulta (ARNETT, 1998, p. 312, tradução minha).

Em sua definição, o autor destaca que os adultos emergentes não são adolescentes e vivem um período específico em que o foco é a preparação para o status de adulto. É uma "fase em que o jovem está claramente em transição, tendo saído de um estágio, mas ainda não tendo entrado no próximo" (ARNETT, 1998, p. 313). Para o autor, a duração do período da idade adulta emergente varia de acordo com cada cultura, mas geralmente os adultos emergentes são aqueles que estão entre os 18 e os 25 anos de idade.

O conceito de vida adulta emergente proposto por Arnett (1998, 2004) sofreu críticas e gerou debates a respeito do valor e da validade da proposição de mais uma etapa do desenvolvimento (BYNNER, 2005; CÔTÉ; BYNNER, 2008). O prolongamento da vida juvenil é entendido por alguns autores (CÔTÉ; BYNNER, 2008) mais como o resultado de mudanças socioeconômicas que dificultam especialmente o desenvolvimento da vida laboral e profissional do jovem (transição escola-trabalho) do que em virtude de um processo de livre escolha dos jovens em permanecer ou estender tal período e adiar a entrada na idade adulta. O

termo vida adulta emergente, no entanto, tem sido bastante utilizado em pesquisas a respeito do processo de transição.

2.4.3. Concepções de jovens sobre o que é ser adulto

As concepções dos próprios jovens sobre o que é ser adulto na sociedade atual é relevante para compreender como eles próprios concebem a passagem de uma fase a outra, e quais condições permitem a realização de tal passagem.

Jeffrey Arnett[5] (1998) em sua pesquisa com jovens norte-americanos a respeito das concepções sobre vida adulta identificou três ideias sobre o que é ser adulto: (i) aceitar as responsabilidades por si mesmo; (ii) tomar decisões independentes; (iii) tornar-se independente financeiramente.

Para o autor, as concepções acima dizem respeito à capacidade que o sujeito tem de cuidar de si mesmo sem ajuda externa e de forma independente – especialmente dos pais – e o fato de conseguirem ser autossuficientes. "O sentido de se tornar um adulto não é medido de acordo com a sua preparação ou pela aquisição de papéis adultos, mas pelo desenvolvimento de qualidades de caráter que são marcas de uma pessoa independente, autossuficiente" (ARNETT, 1998, p. 312, tradução minha).

Por meio destes resultados, pode-se afirmar que não é apenas a cultura que determina a entrada no mundo adulto – via casamento, por exemplo – mas a consciência e percepção pessoal do jovem sobre sua própria maturidade (ARNETT, 1998). O marcador de passagem para a vida adulta não é apenas externo, mas também interno. Os cinco eventos tradicionais de transição podem ter se enfraquecido como forma de incluir e de dar boas-vindas à sociedade adulta (CÔTÉ; BYNNER, 2008).

Arnett (1998) afirma que dois dos critérios apontados (aceitar as responsabilidades por si mesmo e tomar decisões independentes) são qualidade essencialmente relativas ao caráter e estão relacionados com a identidade psicológica e moral do indivíduo. Além disso, essas qualidades são difíceis de serem medidas e se desenvolvem ao longo do tempo. A ideia de que a entrada na vida adulta está mais vinculada a um fenômeno psicológico do que às estruturas tradicionais que determinavam essa passagem é também defendida por outros autores (CÔTÉ, 2000).

---

[5] Esses mesmos critérios já haviam aparecido em pesquisas anteriores (GREENE *et. al.*, 1992; SCHEER *et. al*., 1994), inclusive em outra pesquisa realizada pelo mesmo autor (ARNETT, 1994).

O enfraquecimento dos marcadores externos de transição e a importância dos internos pode estar relacionado com o declínio de marcadores sociais nas sociedades ocidentais secularizadas e o crescimento da anomia social[6], gerando o enfraquecimento das estruturas normativas que guiavam as pessoas em direção aos papéis adultos (CÔTÉ; BYNNER, 2008). Para Côté e Bynner, uma sociedade anômica possui estreita relação com as dificuldades em se limitar as fronteiras entre juventude e vida adulta: "Uma sociedade anômica é menos insistente em que todos se tornem adultos; na verdade, por definição, uma sociedade anômica tem pouco a oferecer aos indivíduos em termos de modelos adultos e desencoraja os jovens de exercerem de forma ativa sua própria agência para moldar seu desenvolvimento (CÔTÉ; BYNNER, 2008, p. 262, tradução minha)".

Em um cenário secularizado e em que as práticas estruturais de socialização – apesar de insubstituíveis – se enfraquecem, espera-se que os jovens exerçam sua própria agência como forma de compensação, o que é geralmente administrado na base do "acerto e erro" (CÔTÉ; BYNNER, 2008).

No entanto, outras pesquisas demonstraram que os eventos tradicionais de transição ainda são utilizados pelos jovens para definirem o que é ser adulto. A "Pesquisa Macarthur Sobre Transições para a Vida Adulta" mostrou que entre os norte-americanos de 18 a 30 anos, 95% deles consideram que os marcadores mais importantes da idade adulta são o término dos estudos, o estabelecimento de uma residência e estar empregado em tempo integral. Apenas cerca de 50% deles consideram que é necessário se casar e ter filhos para ser considerado um adulto (SETTERSTEN; RAY, 2010).

Para Settersten & Ray (2010, p. 22, tradução minha), os jovens norte-americanos atualmente veem o casamento e a paternidade "mais como opções de vida do que uma exigência, como etapas que completam o processo de se tornar um adulto, em vez de algo que inicia esse processo" (SETTERSTEN; RAY, 2010, p. 22, tradução minha). Outros pesquisadores (GALLAND, 2003) também afirmam que os jovens ainda vislumbram seus futuros pessoais por meio de representações relativamente clássicas sobre trabalho e família, ou seja, os eventos tradicionais de transição.

A pesquisa de Guerreiro & Abrantes (2005) com jovens portugueses também identificou que a idade adulta é entendida como um período estável em que as pessoas vivem

[6] "Termo moderno usado sobretudo por sociólogos para indicar a ausência ou a deficiência de organização social e, portanto, de regras que assegurem a uniformidade dos acontecimentos sociais"(ABBAGNANO, 2007. p. 62)

em sua própria casa e com sua própria família. Tal período se contrapõe à fase da juventude, entendido como um tempo de liberdade (GUERREIRO; ABRANTES, 2005b).

Estas diferenças nas concepções para a vida adulta que se dividem entre a valorização possuem relação com aspectos de classe e gênero. Uma pesquisa holandesa (PLUG; ZEIJL; DU BOIS-REYMOND, 2003) identificou que homens jovens das classes mais baixas concebiam a vida adulta principalmente por meio da constituição da família e da aquisição de um trabalho. Mulheres jovens das classes sociais baixas associavam vida adulta à vida familiar.

Diferentemente, homens e mulheres jovens de classe média relacionam vida adulta à independência, geralmente em conjunto com vida familiar, aquisição de uma carreira, poder fazer algo no âmbito dos interesses particulares e o ganho de autonomia (PLUG; ZEIJL; DU BOIS-REYMOND, 2003).

Já homens e mulheres jovens das classes mais altas associavam a vida adulta com aspectos do desenvolvimento individual e como uma "tarefa nunca acabada", mostrando que as barreiras entre juventude e vida adulta são turvas. Porém, um segundo grupo de mulheres das classes mais altas concebiam a vida adulta dentro de um grupo maior de características, como desenvolvimento pessoal, formação da família, trabalho e independência, revelando uma área de tensão entre desenvolvimento pessoal/vida familiar e emprego/ maternidade. Alguns dos jovens pesquisados afirmaram não se sentirem adultos apesar de terem alcançado alguns dos objetivos de vida que eles associavam à vida adulta (PLUG; ZEIJL; DU BOIS-REYMOND, 2003).

Por fim, é importante também mencionar a presença de uma conotação negativa sobre o que é ser adulto. Por meio de uma pesquisa com jovens holandeses, Du Bois-Reymond (1998) identificou uma concepção de vida adulta relativa à apatia, monotonia, seriedade e responsabilidade. As concepções de juventude, ao contrário, estavam ligadas à permissão para se comportar de forma inconsistente, ser lúdico, agitado e sem compromissos. O estado de ser jovem e ser adulto foram entendidos como reversíveis, ou seja, dependendo da situação, se é ou não adulto.

Estas concepções foram analisadas criticamente pela autora:

> Uma das questões mais perturbadoras, e ao mesmo tempo intrigantes culturalmente é por que os jovens não gostam da vida adulta. É perturbador porque problematiza a relação entre as gerações, é intrigante porque aponta para novas definições das fases da vida e dos conceitos de vida. Se a vida adulta tende a perder sua atração para os jovens, o que isso significa para nós, adultos, como professores, pais, empregadores, políticos? (DU BOIS-REYMOND, 1998, p. 77, tradução minha)

As concepções para a vida adulta, sejam elas baseadas nos marcadores tradicionais de transição, nos marcadores internos ou em concepções negativas sobre o que é ser adulto, sinalizam questões relevantes a respeito da valorização ou da depreciação na forma com que certas fase do curso da vida são e entendidas em determinado momento histórico.

2.5. Dados sobre escolaridade e trabalho: a realidade brasileira

Nesta seção serão apresentados alguns dados relativos à escolaridade e trabalho dos jovens brasileiros a fim de oferecer um panorama a respeito desses dois aspectos que compõe o cenário da transição para a vida adulta.

Para isto, foram utilizados os dados do Censo de 2010 e da Síntese dos Indicadores Sociais[7], que tem como principal fonte de informação a PNAD 2012[8] (Pesquisa nacional por amostra de domicílios). É preciso ressaltar que tais dados não foram coletados com a finalidade de se investigar precisamente a transição para a vida adulta e, portanto, não é possível obter por meio deles números diretamente relacionados às transições escola-trabalho ou às transições familiares (saída de casa, constituição da própria família), por exemplo. Contudo, esses dados permitem visualizar um quadro geral da realidade atual brasileira, permitindo a compreensão de alguns aspectos importantes que estão envolvidos no objeto de estudo desta tese.

O uso de dados secundários na pesquisa, ou seja, aqueles que já foram obtidos por outros pesquisadores com propósitos acadêmicos, administrativos ou governamentais, possibilita ao pesquisador utilizar informações de alta qualidade em sua pesquisa que, de outra forma, não seria possível coletar (HEATH et al., 2009). As estatísticas oficiais oferecem dados a respeito de grandes populações e, por isso, oferecem caracterizações e possíveis tendências de comportamento dessa população (HEATH *et.al*., 2009). As estatísticas oficiais oferecem dados a respeito de grandes populações e, com isso, oferecem caracterizações e possíveis tendências de comportamento dessa população (HEATH *et.al*., 2009). Seu uso

[7] Esse relatório é tem como fonte principal a PNAD 2012 e a ela se combinam-se outras fontes como os registros administrativos e demais pesquisas realizadas pelo IBGE, como por exemplo, a Pesquisa Nacional de Emprego e a base de dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) – do Ministério da Educação.

[8] A PNAD é uma pesquisa feita anualmente no Brasil, exceto nos anos em que há a realização do Censo. Em 2012 foram entrevistadas 363 mil pessoas em 147 mil domicílios.

permite, portanto, a identificação de rupturas e de continuidades a partir de segmentos como classe, gênero, etnias ou gerações.

Escolaridade

Com relação à escolaridade dos jovens brasileiros, entre os sujeitos de 15 a 17 anos, apenas 47,3% estavam cursando o Ensino Médio, estando a maioria deles está concentrada na região Sul e Sudeste (IBGE, 2010a). Entre os vinte municípios com as maiores taxas de jovens cursando o Ensino Médio, mais da metade está em São Paulo (IBGE, 2010b). Vale ressaltar que não só a taxa de frequência líquida no Ensino Médio é desigual ao longo do território, como também a *oferta* do Ensino Médio não é homogênea e claramente não contempla a demanda existente no país (IBGE, 2010). Os dados relativos ao Ensino Médio são importantes porque esta é uma etapa crucial na trajetória escolar do sujeito e revela as deficiências nas etapas anteriores da escolarização (IBGE, 2010b).

Em relação ao Ensino Superior, entre os jovens entre 25 a 29 anos (idade em que poderiam ter concluído a graduação), apenas 13% possuíam o curso de graduação completo e 39,9% deles concluíram o Ensino Médio (IBGE, 2010b). Os dados da Síntese dos Indicadores Sociais (IBGE, 2013) apontam que no grupo de pessoas de 25 a 29 anos de idade, 11,2% estudavam, sendo que 8,8% cursavam o ensino superior, o mestrado ou o doutorado. O Censo de 2010 apontou também que o nível de instrução das mulheres estava mais elevado do que o dos homens (IBGE, 2010b)

Apesar do baixo número de jovens que concluíram a graduação, sabe-se que os jovens brasileiros vivem atualmente um período de expansão do acesso ao Ensino Superior por meio de políticas como ProUni, o sistema de cotas e as mudanças trazidas pelo Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) e pelo Sisu (Sistema de Seleção Unificada). Espera-se que a implementação de tais programas modifique os números relativos à escolaridade no próximo Censo. Comparando os dados referentes anos de 2002 e 2012, já é possível observar uma considerável mudança. O número de jovens de 18 a 24 anos que cursava o Ensino Superior passou de 9,8% em 2002 para 15,1% em 2012 (IBGE, 2013).

Trabalho

Em relação ao trabalho, os relatórios do IBGE permitem inferir que a condição de estudante é uma variável que interfere na idade de entrada no mercado do trabalho para muitas crianças e adolescentes, especialmente os do sexo masculino. Homens jovens de 14 ou 15 anos que eram *estudantes* e que *possuíam uma ocupação* correspondiam a 14% do total.

Esse valor passa para 30,4% quando se trata de homens jovens *não estudantes* dentro da mesma faixa etária. A condição dos adolescentes de 10 a 17 anos que não estudam, mas trabalham é mais acentuada entre os jovens pertencentes à zona rural.

O relatório da Síntese dos Indicadores Sociais (IBGE, 2013) mostra que 39,6% dos jovens de 15 a 29 anos tinham o rendimento de 1 salário mínimo e apenas 18,2% tinham rendimento superior a 2 salários mínimos.

Segundo relatório da Organização Internacional do Trabalho (2009), a taxa de participação econômica dos jovens de 15 a 24 anos, no Brasil era de 63,9%. Isso significa que cerca de dois em cada três jovens estavam trabalhando ou buscando ativamente uma ocupação. A taxa de participação mostra-se maior entre os homens do que entre as mulheres e maior para os brancos e negros do que para os indígenas e amarelos.

A taxa de desemprego na população jovem é usualmente maior do que a taxa de desemprego entre os adultos. Em 2009, a taxa geral de desemprego era de 8,3%, sendo que para os jovens de 15 a 24 anos essa cifra se elevava a 17,8% e entre as jovens mulheres a taxa alcançava os 23,1% (ABRAMO, 2013).

A título de ilustração, a taxa de desemprego na União Europeia em 2011 era de 9,6%, o que representa um aumento acentuado na taxa de desemprego desde 2008, quando a taxa de desemprego foi de 7% (EUROPEAN COMMISSION, 2013). Entre os Estados-membros, as taxas mais baixas desemprego correspondem a Áustria (4,2%), Holanda (4,4%), Luxemburgo (4,9%) e Alemanha (5,9%), e as taxas mais altas pertencem a Espanha (21,7%) e Grécia (17,7%). Em 2011, o índice de desemprego entre os jovens foi de 9,1%, sendo maior entre os homens (10,0%) do que entre as mulheres (8,2%) (EUROPEAN COMMISSION, 2013).

Estudo e trabalho

Sobre a condição dos jovens como estudantes e trabalhadores, a Síntese dos Indicadores Sociais revelou que a maioria dos jovens de 15 a 29 anos somente trabalha (especialmente os de 25 a 29 anos) e a menor parte trabalha e estuda. Dentro desta faixa etária, 19,5% não estudam e não trabalham, fazendo parte do grupo dos chamados “jovens nem-nem”. Entre os sujeitos de 18 a 29 anos é que se encontra a maior porcentagem desses jovens, sendo que as mulheres se sobressaem neste grupo. O Estado do Rio de Janeiro é o que contém a maior porcentagem de jovens “nem-nem” da Região Sudeste. Em São Paulo a porcentagem foi de 17,5%, em Minas Gerais foi de 17,1%, no Espírito Santo foi de 16,9% e no Rio de Janeiro ela é de 21,5%.

A título de ilustração, na Inglaterra, 13,1% dos jovens de 16 a 24 anos são considerados "jovens nem-nem" (*NEET – Not in Education, Employment or Training*), sendo os mais afetados aqueles que estão entre 19 e 24 anos (DEPARTMENT FOR EDUCATION, 2014).

A porcentagem de jovens que não estudavam e não trabalhavam, mas que possuíam o ensino superior (completo ou incompleto) não é grande quando comparada ao restante do grupo de "jovens nem-nem". Essa diferença aponta para importância do Ensino Superior para a entrada e permanência no mercado de trabalho atual. Os números relativos à escolaridade provenientes do Censo de 2010, no entanto, revelaram uma condição desfavorável de muitos jovens brasileiros especialmente em relação à transição escola-trabalho, dada as lacunas existentes na qualificação desse jovem.

Os números relativos aos "jovens nem-nem" são importantes na medida em que podem ser visto como um caso extremo da extensão do período da juventude em virtude de um processo de exclusão social que os atinge fortemente. O não acesso ao mundo do trabalho aumenta o período de dependência desse jovem e torna difícil seu processo de transição para a vida adulta. No entanto, é importante lembrar que a preocupação relativa aos "jovens nem-nem" não deve significar a *despreocupação* com os jovens que estão empregados, como se os mesmos não precisem mais de assistência (FURLONG; CARTMEL, 2007).

Du Bois-Reymond & Blasco (2004), com base em no trabalho que desenvolveram no EGRIS[9], estabeleceram quatro grandes categorias no processo de transição escola-trabalho: (i) trajetórias desqualificadas: entrada no mercado de trabalho sem haver finalizado a o ensino básico obrigatório; (ii) trajetórias semi-qualificadas: qualificação obtida por meio da educação obrigatória, porém com pouca ligação com as demandas do mercado ou cuja qualidade é baixa; (iii) trajetórias qualificadas (profissionais): qualificação especializada obtida por meio da educação pós-obrigatória que integram setores importantes do mercado de trabalho; (iv) trajetórias acadêmicas: certificados obtidos no ensino superior, através do qual se pode acessar postos de trabalho altamente qualificados.

De acordo com os autores mencionados, as trajetórias que estão se tornando mais comuns o no contexto global são as semi-qualificadas e as acadêmicas. No entanto, com base nos dados do Censo de 2010, é possível inferir que na realidade brasileira, as trajetórias possivelmente mais frequentes são as chamadas "desqualificadas" (entrada no mercado de

[9] European Group for Integrated Social Research

trabalho sem a conclusão da educação obrigatória) representadas por 28,2% dos jovens de 25 a 29 anos com o ensino fundamental incompleto, 18,5% com o ensino médio incompleto, totalizando 46,7% dos jovens dessa faixa etária.

É importante destacar que uma comparação mais precisa da realidade brasileira com a de outros países é delicada, pois as faixas etárias analisadas pelas organizações e institutos oficiais nem sempre coincidem com as nacionais, assim como também não necessariamente coincide a idade esperada de entrada e saída do Ensino Superior.

3. O processo da transição domiciliar

"Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu.
Coragem para a luta".
Raul Pompéia - O Ateneu

Este capítulo tem como objetivo apresentar os aspectos teóricos relativos ao processo da transição domiciliar e, para isso, foi organizado em cinco seções. A primeira seção irá apresentar as principais conceituações a respeito da transição domiciliar e seus principais aspectos históricos. A segunda seção discutirá as motivações mais frequentes para a saída de casa, enquanto a terceira seção irá tratar da constituição de domicílios não familiares, um dos resultados desta transição. A quarta seção irá discutir o papel da família e do Estado na transição domiciliar e, por fim, a quinta seção irá apresentar alguns dados da realidade brasileira a respeito da constituição de domicílio, migração, casamento e filhos.

3.1. A transição domiciliar

Essa seção irá apresentar as principais definições e o contexto histórico da transição domiciliar.

3.1.1. Principais definições

Entende-se como transição domiciliar (*housing transition*) aquela que envolve a mudança da casa dos pais para outro domicilio (FURLONG; CARTMEL, 2007). Já a chamada transição doméstica (*domestic transition*) é aquela que envolve a mudança da família de origem para a família de destino (FURLONG; CARTMEL, 2007). É possível encontrar trabalhos em que as duas transições sejam utilizadas como sinônimas ou que haja apenas referência à transição doméstica, estando ela abarcando a transição domiciliar.

A transição domiciliar é um processo importante na passagem para a vida adulta e é destacada por diferentes autores. Para Jones (1995), a saída da casa dos pais é um estágio bastante relevante na vida do jovem, podendo representar um *rito de passagem para a vida adulta*. Para a autora, a saída de casa é o primeiro passo em direção à independência econômica e familiar. Nesta mesma perspectiva, Furlong & Cartmel (2007) afirmam que a transição domiciliar é *central na aquisição do status de adulto*. Settersten & Ray (2010)

afirmam que a transição domiciliar continua sendo um *evento marcador de entrada na idade adulta*.

É importante ressaltar que a transição domiciliar não é um evento pontual, mas sim um processo. Para alguns jovens, a saída de casa não representa imediatamente um passo em direção à independência econômica e familiar (JONES, 1995) ou um marcador de entrada na vida adulta (SETTERSTEN; RAY, 2010). Por essa razão, alguns autores distinguem a saída de casa da mudança da casa dos pais. Para Buck & Scott (1993) existe o *morar fora de casa* e o *sair de casa.* Outros autores (GOLDSCHEIDER; DAVANZO, 1989; WHITE, 1994) usam o termo *período de semi-autonomia* para se referirem ao tempo em que o jovem mora fora da casa dos pais sem terem de fato feito a transição domiciliar.

O período de semi-autonomia ou o morar fora de casa não significa que o jovem tenha, de fato, saído de casa (BUCK; SCOTT, 1993). Durante este período, o jovem reside em um domicílio diferente da família de origem e fora do controle ou da supervisão de seus pais, porém sob a autoridade e supervisão de outras agências, como outras famílias, pensões, residências universitárias ou quartel militar (GOLDSCHEIDER; DAVANZO, 1989; WHITE, 1994). Além disso, durante o período de semi-autonomia, todos os custos de vida do jovem são suportados por seus pais (GOLDSCHEIDER; DAVANZO, 1989).

Galland (2003) descreve esta realidade ao mencionar a realidade de alguns jovens franceses proveniente de cidades menores na França, precisam ir às cidades maiores para continuar seus estudos. “Esses alunos muitas vezes tinham uma espécie de “vida dupla”. Durante a semana, eles levaram sua “vida de jovem”, viam os amigos, saiam, consumiam a oferta cultural da cidade universitária. Eles, então, retornavam para a casa da família no fim de semana - com a sua roupa suja.” (GALLAND, 2003, p. 178, tradução minha).

A saída de casa propriamente dita está relacionada à independência econômica e à emancipação dos filhos em relação ao controle dos pais. Uma dos importantes implicações da transição domiciliar é justamente permitir que o jovem inicie o processo de emancipação do controle parental. A emancipação do controle parental é um dos fatores mais importantes para o desenvolvimento individual das responsabilidades adultas (JONES, 1995). Esta emancipação é entendida como um processo que envolve a saída da casa dos pais e o estabelecimento de uma residência sobre a qual o jovem possui total *responsabilidade*, *poder* e *controle* (JONES, 1995).

A diferenciação terminológica entre *sair de casa* e *morar fora* é importante para ressaltar a natureza processual e gradativa da transição domiciliar e mostrar que a saída de casa nem sempre ocorrerá de uma só vez. O período de semi-autonomia pode ser longo para

alguns jovens e transição domiciliar propriamente dita poderá ocorrer apenas após anos da saída do jovem da casa paterna.

Por fim, é importante ressaltar que a saída de casa não diz respeito apenas a uma mudança domicílio, mas significa também o abandono de um endereço (JONES, 1995). Desta forma, a saída da casa dos pais implica não apenas na perda dos vínculos familiares, mas também do espaço físico e das relações comunitárias na qual aquele jovem se inseria (JONES, 1995).

3.1.2. O contexto histórico da transição domiciliar

O movimento de saída da casa dos pais para constituição do próprio domicílio possui diferentes características e motivações ao longo da história. No período anterior à Revolução Industrial as crianças deixavam a casa de seus pais por volta dos dez anos de idade e passavam a morar como empregados ou aprendizes em outras casas, permanecendo nelas por quinze anos ou mais e só constituindo seu próprio domicílio após o casamento e com idade superior aos vinte anos (LASLETT apud JONES, 1995). A saída de casa, portanto, não representava ainda a independência, mas sim um estado de dependência econômica e social que durava muitos anos, só sendo interrompido com o casamento e a formação da própria família, aquisições que garantiam o status de adulto naquele momento (JONES, 1995).

No final do século XVIII, com o início da industrialização, a produção que ocorria nas casas passou a acontecer nas fábricas e as crianças tornaram-se rapidamente um componente chave da força de trabalho, existindo inclusive uma predileção pelos trabalhadores jovens (CUNNINGHAM, 1995). A estratégia familiar neste período era inserir os filhos nos trabalhos nas fábricas, pois o salário deles era essencial para a renda familiar (CUNNINGHAM, 1995). Desta forma, quando crianças e jovens começavam a trabalhar, seus rendimentos não eram para primeiramente para si mesmos, mas sim para suas famílias (CUNNINGHAM, 1995).

A partir do século XX, o destino da saída da casa passou a ser em virtude do casamento e da formação familiar, eventos que passaram a ocorrer mais cedo (JONES, 1995). Especialmente entre os jovens da classe trabalhadora, a saída de casa, o casamento e o nascimento dos filhos geralmente ocorriam em um curto espaço de tempo e logo após o término da educação básica (JONES, 1995; SETTERSTEN; RAY, 2010). Nesse período, contava-se com condições relativamente favoráveis de empregabilidade mesmo para os trabalhadores com baixa escolaridade, e os de custos de moradia eram mais baixos (JONES,

1995; SETTERSTEN; RAY, 2010). Nesta época, portanto, a idade de ocorrência da saída de casa foi decaindo em virtude da diminuição da idade do casamento (GOLDSCHEIDER; DAVANZO, 1989). Na Austrália, por exemplo, ser um adulto (homem e de classe média) nos anos 60 significava ter um emprego, estabelecer uma carreira, casar-se e comprar uma casa (WYN; WHITE, 1997).

Em meados do século XX, particularmente a partir da década de 60, esse padrão de saída de casa associada ao casamento começou a se modificar (ARNETT, 1998). Neste período, um grande número de mulheres norte-americanas começou a viver sem suas famílias antes de se casarem, a tal ponto que na década de 70 o número de mulheres em torno dos vinte anos que viviam sem a família de origem era mais do que o dobro do número de homens (SETTERSTEN; RAY, 2010). Outros autores (DU BOIS-REYMOND, 1998) apontam a liberação sexual e a emancipação das mulheres como fatores significantes para que a população dos países ocidentais começasse a experimentar um prolongamento da fase da juventude.

Apesar dessas mudanças no padrão da saída da casa paterna especialmente a partir de 60, alguns autores (FURLONG; CARTMEL, 2007) afirmam que as mudanças mais significativas no processo de transição como um todo começaram na década de 80. Isso porque, nas décadas de 50, 60 e 70 a transição domiciliar e a doméstica ainda ocorriam logo após a saída da escola e entrada no mundo do trabalho, especialmente entre os jovens da classe trabalhadora, pois ainda havia certa previsibilidade entre a transição escola-trabalho, a saída de casa e o casamento (JONES, 1995; FURLONG, CARTMEL, 2007).

A partir da década de 80, no entanto, com a entrada de um modelo de produção voltado aos serviços, com a redução nos postos de trabalho e um crescimento da demanda por trabalhadores mais qualificados, passou a ocorrer um aumento no número de jovens que saíram da casa de seus pais com o objetivo de trabalhar e estudar e não mais apenas para se casar (JONES, 1995).

Estas mudanças no mundo do trabalho passaram a reverberar na transição domiciliar. Isto porque a perda de previsibilidade que até então existia na transição escola-trabalho fez com que a saída de casa passasse a estar ligada mais diretamente ao ingresso no Ensino Superior (FURLONG; CARTMEL, 2007). De acordo com Heath (1999), as mudanças no padrão de formação de domicílios de jovens estão fortemente relacionadas com a expansão do Ensino Superior no Reino Unido. A saída motivada pela extensão da formação educacional ocorre mais cedo e os jovens tem maior probabilidade de saírem de casa em uma condição não marital (IACOVOU, 2001).

Nesta mesma direção, outros autores (DU BOIS-REYMOND, 1998) afirmam que especialmente a educação em massa, ocorrida em vários países europeus a partir da segunda metade do século XX fez com que a população desses países começasse a perceber o prolongamento da fase da juventude em suas sociedades. Na Holanda, no período de 1970 a 1995, a média de idade de quem frequentava o ensino em tempo integral aumentou de 16 para 20 anos, sendo esse aumento maior entre as mulheres (Sociaal en Cultureel Planbureau, 2000 *apud* PLUG, ZEIJL, DU BOIS-REYMOND, 2003).

Desta forma, as mudanças culturais iniciadas na década de 60 aliadas às mudanças socioeconômicas relativas ao mundo do trabalho fizeram com que, a partir da década de 80, a transição domiciliar se modificasse. Desta forma, a saída da casa paterna passou a ter a finalidade da constituição de domicílios independentes antes do casamento e a coabitação com parceiros (JONES, 1995), criando com isso uma maior variedade de arranjos domiciliares (FURLONG; CARTMEL, 2007). Os tradicionais eventos de transição foram, então, se tornando mais espaçados em virtude da extensão do período educacional e do adiamento do casamento.

Realizando uma comparação da realidade atual dos jovens com períodos anteriores, três características marcam as principais diferenças encontradas: a diminuição da proporção de jovens solteiros que permanecem residindo com seus pais, a maior proporção de jovens que dependem financeiramente de seus pais para conseguirem obter sua independência, e a ausência de colaboração financeira dos jovens em relação à família de origem (WHITE, 1994).

Esta última mudança é uma chave importante para se compreender uma mudança na forma como os filhos eram vistos por suas famílias e os papéis que desempenhavam. De acordo com Cunningham (1995), a partir do final do século XIX e começo do século XX passou a existir uma mudança considerável no modo com que os filhos eram percebidos pela própria família. Para o autor, os filhos começaram a deixar o papel de "produtivos" dentro da economia familiar e ganharam o papel de consumidores. A contribuição do filho na economia da família era entendida como uma norma e, com essa mudança de papel, modificou-se o número de filhos – que passou a ser menor – e estes passaram a ser valorados mais individualmente, ganhando um sentido de gratificação emocional para os pais.

Esta mudança diz respeito, portanto, a uma mudança de lugar. Os filhos deixaram um lugar de "produtivos" para habitar um lugar dos "gastos", dos "consumidores" no qual os pais buscam dar a seus filhos uma infância e juventude melhor do que a que eles tiveram

(CUNNINGHAM, 1995). A dependência dos filhos em relação aos pais seria, portanto, o resultado de uma "boa criação" (CUNNINGHAM, 1995).

Também a partir da segunda metade do século XX, a contribuição financeira dos filhos às suas famílias passou a ser mais rara. Seus rendimentos passaram a ser totalmente para si mesmos e suas famílias não contavam mais com a contribuição financeira dos filhos (CUNNINGHAM, 1995). Com esta mudança, os pais capazes de prover aos seus filhos boas condições de vida, melhor do que as que eles mesmos tiveram, eram aqueles que não exigiam que os filhos contribuíssem com as economias familiares, podendo manter a condição de dependência de seus filhos sobre eles.

Como consequência desse novo cenário, o sentido de uma criança no começo do século XX era de alguém impotente e dependente, sendo um bom pai aquele capaz de preservar tal condição e ainda exercer sua autoridade (CUNNINGHAM, 1995). A partir da segunda metade do século XX essa autoridade declina e, além disso, a criança começa ter mais cada vez mais acesso o mundo adulto (CUNNINGHAM, 1995).

Por fim, é válido fazer uma ressalva a respeito de dois aspectos deste breve contexto histórico. Em primeiro lugar, é válido lembrar que em muitas famílias brasileiras da classe trabalhadora, seus filhos colaboram com a renda familiar e esta ajuda é fundamental.

Em segundo lugar, vale destacar que apesar da extensão da formação educacional ter ocorrido de maneira ampla entre os jovens da maior parte dos países europeus, essa extensão é mais nítida entre a população jovem *masculina* pertencente às *classes sociais mais altas* (DU BOIS-REYMOND, 1998). "Historicamente, há uma masculina e não uma fase feminina de pós-adolescência; assim como o conceito de juventude girava em torno das experiências masculinas" (DU BOIS-REYMOND, 1998, p. 65, tradução minha). Os rapazes pertencentes aos estratos sociais mais elevados tinham experiências sexuais antes de ingressarem nos papéis típicos do universo adulto, o que significava ser economicamente independente e estabelecer sua própria família. Por outro lado, os jovens das classes sociais mais baixas sofriam em virtude da entrada prematura na vida adulta (DU BOIS-REYMOND, 1998). Por sua vez, as mulheres jovens pertencentes a estratos sociais mais baixos faziam diretamente a passagem da fase da adolescência para a idade adulta (DU BOIS-REYMOND, 1998).

3.2. As motivações da saída de casa da casa paterna

As razões e justificativas utilizadas para a saída da casa dos pais são pontos que irão influenciar a forma com que se dará esta transição. Jones (1995) diferencia as motivações da

saída de casa em “razões legitimadas socialmente” e “razão não legitimadas socialmente”. A justificativa legitimada socialmente está relacionada aos padrões normativos de cada sociedade e às suas tradições (JONES, 1995).

Quando as justificativas para a saída da casa paterna são *razões legitimadas socialmente*, as chances da transição domiciliar obter êxito é maior. Nestes casos, trata-se de uma saída baseada em motivações vistas como legítimas, tais como a saída por motivo do casamento, estudo ou trabalho (JONES, 1995). Jovens que possuem justificativas legitimadas para a saída de casa tendem a ter maiores chances de conseguir suporte de sua própria família ou do Estado para sua transição domiciliar (JONES, 1995).

O casamento é a razão legitimada mais comum para a saída de casa. Alguns autores (HEATH, 1999) afirmam que tradicionalmente o casamento ainda é a principal razão para a saída de casa na maioria dos países Europeus. Para Jones (1995), o casamento como justificativa legitimada para a saída de casa varia de acordo com o modo com que família e Estado dividem as responsabilidades no cuidado dos jovens. “Países com uma forte ideologia familiar tendem a dar mais suporte para a saída de casa para a finalidade do casamento, enquanto aqueles que possuem um forte Estado de Bem-Estar Social são mais propensos a dar suporte para a saída de casa para uma pessoa solteira com a finalidade de trabalho ou estudo” (JONES, 1995, p. 28 tradução minha).

A motivação baseada na continuação dos estudos, além de legitimada, é a responsável pela diversificação do padrão de formação domiciliar de jovens (HEATH, 1999). Além disso, a saída em virtude dos estudos gerar uma maior probabilidade de constituição de domicílios independentes pré-maritais e a redução das chances de saída dos jovens para o casamento (GOLDSCHEIDER; DAVANZO, 1989).

O aumento da participação dos jovens no Ensino Superior permite que tanto os jovens oriundos da classe trabalhadora como os da classe média tenham algumas similaridades na transição domiciliar, já que sem isso os jovens da classe trabalhadora tendem a sair de casa apenas para estabelecer suas próprias famílias (FURLONG; CARTMEL, 2007). Por outro lado, é importante ressaltar que particularmente essa expansão do Ensino Superior no Reino Unido também resultou, para alguns jovens, no aumento da dependência às suas famílias ou aos subsídios do Estado por meio dos empréstimos estudantis (JONES; WALLACE, 1992). O mesmo poderá ser ou não identificado entre os jovens brasileiros em algumas décadas.

As justificativas da saída com base no trabalho também são socialmente aceitas especialmente em virtude da escassez por postos de trabalho e a exigência por profissionais flexíveis que devem estar disponíveis para se deslocar ou migrar. Casal (1996) afirma que

alguns jovens europeus construíram sua transição baseados justamente na mobilidade geográfica e na migração em direção às oportunidades de trabalho. A pesquisa de Abramovay & Castro (2006) permite inferir que alguns jovens brasileiros também fizeram sua transição baseados na migração e na busca por oportunidades de emprego.

De modo diferente do exposto até aqui, a saída de casa tende a ser mais controversa quando se trata das *razões não legitimadas socialmente*. Estes casos referem-se às saídas que se fundamentam em razões entendidas como não legítimas, como a busca da independência pessoal ou em virtude das dificuldades no relacionamento familiares (JONES, 1995). Jovens que se utilizam destas justificativas tendem a ser vistos como desviantes e dificilmente receberão suporte tanto da família como do Estado para a saída de casa (JONES, 1995).

O motivo da saída de casa, no entanto, nem sempre é único. É comum que mais de uma justificativa se articule para formar o motivo principal da saída, porém geralmente o jovem fará uso apenas do motivo que é visto como legitimado pelo seu grupo social. "Saídas associadas com educação, carreira, ou casamento não descarta que a motivação principal seja o de abraçar a liberdade da vida independente" (BUCK, SCOTT, 1993, p. 364, tradução minha).

A escolha pela saída ou não da casa dos pais, porém, está sob influência de mais fatores além das motivações pessoais. A análise das justificativas do sujeito deve ser articulada como outros aspectos como, a predominância ou não do padrão de casamento e coabitação (dimensão sociocultural), a oferta de empregos (dimensão socioeconômica) e a disponibilidade de algum suporte econômico para sua realização, seja ele do Estado ou da família (FURLONG; CARTMEL, 2007).

A pesquisa de Buck & Scott (1993) sobre a saída de casa entre jovens ingleses organizou os respondentes em grupos de raça, gênero, área rural e área urbana, possibilitando observar a influência das variáveis externas nas motivações da saída. Com relação à raça, não se observou diferença entre brancos e negros quando o motivo da saída é a constituição de uma vida não marital. Por outro lado, em relação à saída para o casamento, os jovens negros ingleses saíam mais tarde de casa dos que os jovens brancos. Os jovens (tanto homens como mulheres) que viviam na cidade tendiam a sair menos de casa em virtude do casamento, que foi explicado pelos autores pelo fato de que a vida social para os solteiros é mais disponível nas cidades. No geral, as mulheres saíram de casa mais cedo do que os homens, tanto para constituírem o casamento como para uma vida independente, porém especialmente em relação ao casamento. Nas áreas rurais, as mulheres tendiam a sair para constituírem o casamento, o que foi relacionado pelos autores às poucas oportunidades de trabalho nessas regiões.

“Portanto, quando os empregos são escassos em todo o país, não surpreendentemente, os jovens têm receio de se lançarem por conta própria” (BUCK; SCOTT, 1993, p. 872, tradução minha).

Nesta mesma linha, Goldscheider & Davanzo (1989) identificaram que a educação dos pais e o tempo de formação educacional do jovem diminuem a probabilidade de que sua saída seja via casamento. Além disso, esses dois fatores aumentam a probabilidade de saída para uma situação de semi-autonomia ou para uma residência independente e pré-marital.

3.3. A constituição de domicílios não familiares

A transição domiciliar, diferentemente da transição doméstica, tem como objetivo a constituição de um domicílio não familiar. Este tipo de domicílio pode ser visto como desviante dado que as concepções de lar mais costumeiras estão associadas à ideia de família e de casamento (JONES, 1995). A presença dessas concepções no imaginário do jovem ou de sua família pode fazer com que a saída do seu lar de origem seja entendida como uma perturbação na relação familiar (JONES, 1995).

Juntamente a essa concepção de lar como sinônimo de família, soma-se à ideia de casa como um santuário, um lugar de harmonia, um espaço onde se está protegido das coisas externas (DAMATTA, 1997). Além disso, existe a ideia de que em casa ou no lar “somos únicos e insubstituíveis” (DAMATTA, 1986, p. 17), ou seja, “em casa, portanto, tenho tudo e sou reconhecido nos meus mais ínfimos desejos e vontades” (DAMATTA, 1986, p. 19). Desta forma, estar fora de casa seria como estar privado de um espaço marcado pelo carinho, amor, hospitalidade e consideração (DAMATTA, 1997).

Estas concepções de casa e lar como um santuário ou um espaço idílico e puro, não contempla as diversas desigualdades existentes nas relações entre pais e filhos, esposos e esposas (JONES, 1995; SARTI, 1992) e exclui as diversas situações de abuso e violência que podem ser vivenciadas neste espaço. De alguma maneira, fazer o movimento de saída de casa exige algum rompimento com essa noção harmônica e com a confortável posição (para alguns) de ser único e insubstituível naquele espaço.

Além desta distorção entre o lar real e o ideal, as concepções apontadas acima faz com que a saída da casa dos pais que não tenha como destino a constituição da própria família seja visto com certa desconfiança, como algo transitório ou como *apenas* uma experimentação. Os domicílios não familiares, sob essa ótica, seriam uma forma inferior de constituição de domicílio (HEATH, 1999). Heath (1999) faz uma crítica a esta concepção:

> Morar sozinho ou com outro com que não se tem parentesco é significativo apenas na medida em que constituem uma "zona amortecedora" entre a família de origem do jovem e sua família de destino. Em outras palavras, o modo de vida independente é visto meramente como fase de transição (geralmente breve), com pouca importância atribuída ao valor e significado da vida não familiar desses jovens. Não apenas isso é de alguma forma uma visão paternalista da definição do estatuto de adulto, mas também assume como universal o apelo (heterossexual) da formação familiar e, portanto, ignora a importância crescente da vida não familiar como uma alternativa à coabitação ou ao casamento (HEATH, 1999, p. 553, tradução minha).

A transição domiciliar que dará origem à constituição de domicílios não familiares abre possibilidades para a quebra dos padrões normativos relativos ao casamento, à parentalidade, podendo abrir espaço para redefinições nesses eventos, conforme afirmado por Heath:

> Há relativamente pouca discussão sobre a possibilidade de que os padrões atuais de formação de domicílios podem, em parte, refletir radicalmente em mudanças de atitudes em relação ao casamento e à paternidade e que podem, por exemplo, representar um afastamento dos papéis tradicionais de gênero e suas expectativas: o que alguns podem considerar como uma crise pode ou não ser vistos como tal pelos jovens envolvidos (HEATH, 1999, p. 556, tradução minha).

Além de possíveis redefinições dos eventos tradicionais de transição para a vida adulta, a constituição de domicílios não familiares coloca em questão a própria noção de vida adulta: "Isso significa que o status adulto foi redefinido. A saída de casa ganhou um significado independente da formação familiar" (JONES, 1995, p. 24 tradução minha). Por meio da transição domiciliar, a vida adulta ganha a possibilidade de ser ressiginificada, não estando obrigatoriamente associada ao casamento ou maternidade/paternidade.

Pesquisas sobre domicílios compartilhados não familiares entre os jovens não são frequentes na literatura brasileira e, de acordo com Heath (2004), este também é um tema negligenciado na literatura inglesa. Apesar disso, a autora afirma que as projeções demográficas no Reino Unido sugerem que os domicílios compartilhados continuarão a ser o foco dos jovens entre os vinte e trinta anos e até mesmo entre pessoas mais velhas.

Há uma ideia comum de que os domicílios compartilhados, por serem geralmente a primeira residência do jovem após a saída da casa paterna, seriam uma consequência mais das dificuldades econômicas do que uma escolha do próprio jovem. Algumas pesquisas (HEATH; CLEAVER, 2003) mostram, no entanto, que muitos jovens esperam e desejam compartilhar a casa com seus pares em um dado momento de suas vidas. Para Heath, a busca pela formação

de domicílios não familiares não é reflexo de uma juventude individualista, mas pode ser o contrário:

> Em vez de representar uma rejeição do compromisso pessoal e responsabilidade em favor de uma vida hedonista e individualista, os arranjos domiciliares dos jovens contemporâneos podem envolver de forma mais precisa uma redefinição desses valores, embora em contextos que favoreçam a expressão da individualidade e independência (HEATH, 1999, p. 557).

Contrariamente à ideia de que há uma perda do sentido de comunidade e coletividade entre os jovens contemporâneos, Heath (2004) defende, com base nos dados obtidos em sua pesquisa chamada *Jovens adultos solteiros e o compartilhamento da vida domiciliar*[10], que a maioria dos domicílios de jovens demonstram um senso de coletividade. O sentido de comunidade, portanto, não está perdido, mas pode estar sendo reinterpretado.

O sentido de comunidade criado por meio dos domicílios de jovens se mostra por meio da presença de aspectos como a proximidade, o compartilhamento do espaço e o ritual. Heath (2004) menciona que esses residentes compartilhavam as refeições com regularidade, assistiam televisão juntos, bebiam juntos, saíam juntos, praticavam esportes juntos, comemoravam aniversários ou outras festas juntos. Todas essas atividades compartilhadas criaram o que a autora chama de "cola emocional" da vida em conjunto.

Poucos jovens dessa pesquisa ficavam sozinhos em seus quartos por muito tempo, e apenas duas casas possuíam trancas nas portas, as quais raramente eram usadas pelos seus moradores. Muitos jovens mencionaram sentirem-se decepcionados quando seus colegas não compartilhavam esses momentos de sociabilidade, o que era visto como uma forma de rompimento com os "rituais". A autora entende que essa rede de sociabilidade formada (*nova tribo*) pode ser a mais importante para alguns jovens ou até mesmo a única rede possível.

> Em uma sociedade caracterizada por arriscadas transições para a vida adulta, muitos dos participantes pareciam estar olhando para os seus pares a fim de buscar um sentido de comunidade, apoio e intimidade que podem até aqui terem sido desenhados com base nos compromissos familiares, compromissos esses que sendo adiados por eles, seja por opção ou por restrição (HEATH, 2004, p. 177, tradução minha).

---

[10] Esse artigo baseia-se nos dados referentes ao projeto chamado *Single Young Adults and Shared Household Living* realizado de 1998 a 2000. Os jovens que participaram da pesquisa tinham entre 18-35 anos e compartilhavam suas residências com seus pares. A maioria deles não era estudante, porém 58% tinham concluído o Ensino Médio. Foram entrevistados 77 jovens, em 25 domicílios da região de Southampton.

Em um contexto que favorece a expressão da individualidade e da independência, somado a uma tendência à reflexividade em diferentes níveis, muitos jovens passaram a redefinir seus conceitos de família. Em meio a essas redefinições, os amigos passam a ganhar uma importância maior, podendo alguns deles serem considerados como "a família por escolha" (HEATH, 1999).

> As amizades feitas e consolidadas no contexto do compartilhamento da vida domiciliar têm o potencial de ter um longo significado na vida de um indivíduo, caracterizada pela participação compartilhada em experiências importantes de transição, como sair de casa e de sustentar sozinho pela primeira vez, negociar as relações com os parceiros sexuais longe do olhar dos pais, e aprender a lidar com as idiossincrasias de pessoas que não são membros da sua família (HEATH, 2004, p. 173, tradução minha).

O sucesso na constituição do próprio domicílio é determinado pela existência tanto de recursos humanos como financeiros, já que o estabelecimento de uma vida independente requer conhecimento de questões relativas ao aluguel ou a compra de um imóvel, assim como das habilidades culinárias e de manutenção da casa (GOLDSCHEIDER; DAVANZO, 1989). No entanto, mais do que isso, o compartilhamento do espaço domiciliar pode ser uma maneira do jovem de lidar com os desafios relativos à saída de casa em uma situação de troca e aprendizado com seus pares, onde esses podem estar experenciando (ou já experenciaram) as mesmas dificuldades e medos.

As formas de compartilhamento, intimidade e suporte vivenciadas em domicílios não familiares podem ser especialmente significativos durante a vivência de eventos como a saída de casa, a entrada na universidade, no mundo do trabalho, assim como a vivência das experiências sexuais e amorosas distante dos pais (HEATH, 1999). Sustentar-se sem ajuda dos pais, organizar sua casa, sua rotina, suas obrigações são desafios que podem ser compartilhados dentro de um contexto domiciliar diferente da habitual vida familiar.

3.4. O apoio da família e do Estado na transição domiciliar

No Brasil, a família demonstra ser a instituição central na qual o jovem se apoia durante os desafios da passagem para a vida adulta. Isto porque as relações de parentesco são de grande valor na sociedade brasileira e é esperado que se receba ajuda por parte da família, dos parentes e dos amigos íntimos quando uma dificuldade é apresentada a algum membro daquela família (DAMATTA, 1988). As relações de parentesco, compadrio, os vínculos familiares e as lealdades das amizades pessoais (DAMATTA, 1988) são aspectos de devem

consideradas para se compreender o peso do apoio familiar no processo de transição para a vida adulta.

O fato dos jovens terem a família como ponto de apoio quase único, faz com que muitos tenham dificuldades em seu processo de passagem para a vida adulta. Aqueles que não podem contar com o suporte familiar e nem possuem assistência pública por parte do Estado ou de outra instituição, encontra um caminho muito mais dificultoso para lidar com as questões relativas à aquisição do próprio domicilio e à constituição de uma vida independente.

No Brasil, as políticas públicas voltadas para a população jovem são, de modo geral, mais relacionadas à transição escola-trabalho, com enfoque no prolongamento dos estudos/treinamento e o ingresso no mercado de trabalho. O Programa Bolsa Família prevê uma ajuda financeira para cada filho que compõe aquela unidade familiar, porém esta ajuda é recebida enquanto aquele jovem for dependente de sua família. Não há políticas habitacionais destinadas à população jovem. Os benefícios habitacionais têm como primeiro critério a constituição de uma família.

No contexto europeu, com relação às instituições de apoio ao processo de transição domiciliar, observa-se que há um contraste entre os países do Sul[11] e do Norte[12]. Os jovens provenientes do Sul da Europa, de maneira similar ao Brasil, têm menos suporte em termos de assistência social, saem mais tarde de casa e sofrem mais com a situação de desemprego. Em comparação a eles, os jovens do Norte da Europa possuem maior assistência social por parte do Estado, saem mais cedo de casa e encontram-se em uma situação mais favorável em relação à empregabilidade (GALLAND, 2003).

Além disso, de acordo com Iacovou (2010), os pais provenientes do Sul da Europa aparentam apreciar mais a co-residência de seus filhos por um período mais longo do que dos os pais provenientes dos países Nórdicos. Nestes países, os pais possuem uma preferência maior pela independência de seus filhos em uma idade mais jovens em comparação com os países do Sul.

Para Galland (2003), a realidade dos jovens franceses situa-se entre os países do Mediterrâneo (Portugal, Grécia, Espanha, Itália), onde os jovens obtém sua independência

[11] Portugal, Espanha, Itália, Grécia.

[12] Dinamarca, Finlândia, Islândia, Noruega, Suécia

muito lentamente, e os Anglo-saxões e do norte da Europa, onde os jovens alcançam sua independência mais rapidamente.

No modelo francês, a intervenção familiar envolve um tipo de ajuda à distância, que torna possível para muitos jovens franceses experimentarem uma versão inicial de autonomia sem quebrar completamente seus laços com a família (GALLAND, 2003). Em termos de assistência pública, Galland (2003) afirma que o modelo francês está mais perto de arranjos do norte da Europa (embora seja "menos generoso") do que as dos países do sul. Este modelo francês analisado por Galland (2003) significa que a ajuda financeira dos pais possibilitou que:

> [...] jovens franceses contornassem as dificuldades de começar a vida profissional, dificuldades que têm sido mais evidentes na França do que em outros países europeus, e experimentar um tipo parcial independência, que ocorre com a ajuda e a assistência financeira dos pais. É tentador ver esse padrão de alcançar a autonomia como uma espécie de um compromisso implícito entre gerações na França. (GALLAND, 2003, p. 179, tradução minha).

Os trabalhos no Reino Unido sobre a transição domiciliar existentes desde a década de 90 apresentam diversas críticas à dificuldade que os jovens britânicos encontram para sair de casa e constituir seu próprio domicílio. Especialmente entre os jovens que estão na "escala em cinza", ou seja, não são ricos o suficiente para comprar ou alugar uma casa/apartamento e não são pobre o suficiente para solicitar os benefícios das casas sociais[13], a dificuldade é ainda maior. Por essa razão, Jones (1995) critica que as ofertas nesse setor são polarizadas e não atendem os jovens que se encontram nessa nos lugares intermediários destas duas condições.

Até a década de 70, nos países do Norte da Europa era possível que, por meio dos benefícios sociais do Estado, os jovens obtivessem alguma independência econômica mesmo sem terem conseguido trabalho após o término dos seus estudos (FURLONG; CARTMEL, 2007). "Havia um reconhecimento da parte do Estado que aqueles que saíram da escola, como adultos jovens, tinham o direito a alguma autonomia financeira naquele estágio de suas vidas" (FURLONG; CARTMEL, 2007, p. 57, tradução minha). Atualmente, alguns países Escandinavos mantém esse suporte, porém já com algumas restrições (FURLONG; CARTMEL, 2007).

---

[13] Residências que são de propriedade do governo que podem ser vendidas ou alugadas para população destinatária desse benefício social. Tais residências têm se tornado cada vez mais estigmatizadas no Reino Unido.

No Reino Unido, benefícios semelhantes existiam, mas eles veem sendo reduzido desde os anos 80 (HEATH, 1999). O Estado, portanto, repassou às famílias à responsabilidade de garantir o sustento de seus filhos até meados dos vinte anos ou até que eles próprios tivessem condições de se manterem sozinhos (FURLONG; CARTMEL, 2007; HEATH, 1999). Os benefícios para jovens entre 18-24 anos diminuíram em comparação com os jovens de 25 anos que estão nas mesmas condições, exceto nos casos de jovens de 18-24 anos que tenham filhos (HEATH, 1999). A concepção do Estado é a de que o jovem deve estar totalmente dedicado e envolvido com sua educação ou com o treinamento para o trabalho, não necessitando reivindicar por benefícios sociais (FURLONG; CARTMEL, 2007). Além disso, dá se preferência aos casais com filhos, enquanto os outros casais ou os solteiros têm menos ajuda para viverem de forma independente (WHITE, 1994).

A tendência de privatização do bem-estar social do cuidado e do controle dos jovens para a família provoca a centralização das responsabilidades na família e a culpabilização da mesma quando esse jovem "falha". Tais políticas mostram-se tão nocivas que tendem a provocar desajustes e desentendimento entre os membros familiares. "Políticas que tem como objetivo ressaltar a responsabilidade dos pais podem resultar em mais rompimentos familiares – não apenas entre os pais, mas também entre os pais e seus filhos" (JONES, 1995, p. 14 tradução minha).

Quando o jovem conta prioritariamente ou quase exclusivamente com o apoio familiar para a concretização dos seus projetos pessoais levanta-se uma questão de difícil resolução quando um dos projetos de seus filhos jovens diz respeito ao estabelecimento de uma vida independente e a consequente emancipação familiar. É possível que as instituições familiares, que são a principal instituição de apoio dos jovens brasileiros, apoiem e fomentem a emancipação familiar de seus próprios filhos? Caso consigam, quantas famílias possuem recursos financeiros suficientes para oferecer uma ajuda à distância para que seus filhos experimentem a autonomia sem ainda estarem plenamente independentes?

3.5. Dados sobre a constituição de domicílios: a realidade brasileira

Para o desenvolvimento desta seção foram utilizados os dados do Censo de 2010 e da Síntese dos Indicadores Sociais (2013), que tem como principal fonte de informação a PNAD 2012 (Pesquisa nacional por amostra de domicílios). Além disso, foi utilizado também o trabalho de Camarano (CAMARANO, 2006c) que compara os dados do Censo de 1980 e 2000, e a pesquisa de Abramovay & Castro (2006) sobre a realidade juvenil brasileira.

O uso dos dados secundários na pesquisa visa a caracterização da temática investigada. Desta forma, sua finalidade não é analisar estatisticamente tais números, mas sim utilizar essa fonte de dados para apresentar informações preliminares sobre a realidade brasileira que tangenciam o tema da transição para a vida adulta.

Desta forma, serão apresentados aqui dados relativos à constituição de domicílios no Brasil, em especial, os domicílios de jovens e as unidades unipessoais, dada a importância de ambos os arranjos para o tema da transição domiciliar. Também serão apresentados brevemente alguns dados relativos ao casamento, tendo em vista que este é o principal motivo de saída da casa dos pais no Brasil, conforme sugere a interpretação dos dados do censo Brasileiro.

A Síntese dos Indicadores Sociais (IBGE, 2013) identificou a presença de 65,9 milhões de arranjos domiciliares no Brasil em 2012, sendo 86,6% deles composto por pessoas com parentesco.

Em 2002, o grupo de pessoas entre 25 e 34 anos que residiam com seus pais representavam 20,5% da população e, em 2012, esse número passou para 24,3%, sendo que 60% deles eram homens e 40% mulheres (IBGE, 2013). O trabalho de Camarano, Mello, Kanso *et al*. (2006), que compara os dados do Censo de 1980 com o Censo de 2000, já sinalizava um redução no número de domicílios *de* jovens em 2000 em relação à 1980 e um aumento no número dos domicílios *com* jovens. Na Região Sudeste encontra-se o índice mais alto do país de jovens residentes na casa paterna, onde o número passou de 23,1% em 2002 para 26,7% em 2012 (IBGE, 2013).

Apesar do decréscimo no número de *casal com filhos* no ano 2000 em relação a 1980 e um pequeno aumento no número de *casal sem filhos* em 2000, a pesquisa de Camarano et. al. (2006) indica que o arranjo domiciliar *casal com filhos* ainda é o preponderante entre os domicílios *de* jovens. De acordo ainda com as autoras (CAMARANO et al., 2006), a constituição de domicílios *de* jovens acontece primeiramente para as mulheres e ocorre via casamento. Para os homens, a saída da casa dos pais está ligada à participação no mundo de trabalho.

Em relação às unidades unipessoais (os que moram sós), observou-se houve um aumento de tal arranjo, que passou de 9,3% em 2002 para 13,2% em 2103 (IBGE, 2013). Os dados do Censo de 2010 revelaram que morar sozinho é uma opção de arranjo domiciliar comumente encontrada entre as pessoas mais velhas (IBGE, 2010c). Das 13,2% unidades unipessoais existentes, 0,9 dos seus moradores possuem até 19 anos, 10,4% possuem de 20 a 29 anos, 12,7% possuem de 30 a 39 anos, 15% de 40 a 49 anos, 18,7% de 50 a 59 anos e

42,3% de 60 anos ou mais (IBGE, 2013). A queda da fecundidade e o envelhecimento da população são apontados como as principais causas para esse o aumento das unidades unipessoais entre idosos (IBGE, 2013).

A Região Sudeste e Centro-Oeste são as regiões com as maiores porcentagens de unidades unipessoais, correspondendo a 14,3% de seu total de domicílios. Com relação à população jovem, a Região Norte, seguida pela Região Centro-Oeste são as regiões com o maior percentual de pessoas de 20 a 39 anos morando sozinhas (IBGE, 2013).

O Rio de Janeiro é o Estado da Região Sudeste que mais possui tais unidades, com um percentual de 16,1% (São Paulo possui 13,9%, Minas Gerais, 13,9% e Espírito Santo, 12%) (IBGE, 2013). No Rio de Janeiro, 0,7% dos moradores possuem até 19 anos, 6,7% possuem de 20 a 29 anos, 11,4% possuem de 30 a 39 anos, 13,7% possuem de 40 a 49 anos, 19,4% possuem de 50 a 59 anos e 48,1% possuem 60 anos ou mais.

O perfil de moradores das unidades unipessoais se diferencia não só em relação à idade, mas também em relação ao gênero. Entre as mulheres, tal arranjo é mais frequente em pessoas acima dos 60 anos e, entre os homens, os percentuais mais elevados estão entre as pessoas de 25 a 59 anos (IBGE, 2013). Entre as pessoas que vivem sozinhas, a maioria das mulheres é composta por viúvas e a maioria dos homens é solteira (IBGE, 2010c).

O decréscimo no número de domicílios *de* jovens indica um adiamento na constituição do próprio domicilio entre a população jovem. Os jovens da chamada "geração canguru"[14], termo designado para se referir aos jovens de 25 a 34 anos de idade que ainda vivem na casa de seus pais, também tiveram um aumento. A escolaridade média dos jovens desse grupo também é maior do que a dos demais jovens da mesma faixa etária e, além disso, 14% deles continuavam estudando, enquanto que para os demais da mesma faixa etária a proporção foi de 9% (IBGE, 2013).

Esses números sugerem uma relação entre a permanência na casa dos pais e o prolongamento dos estudos. Outra característica deste grupo é que grande parte desses jovens pertence às famílias com renda mais elevada. Outras pesquisas sobre os jovens deste grupo identificaram que o prolongamento da convivência familiar é uma realidade predominantemente das classes médias e média/alta (HENRIQUES; FÉRES-CARNEIRO; MAGALHÃES, 2006).

---

[14] Alguns autores (SILVEIRA; WAGNER, 2006) refere-se ao termo ninho cheio para se referirem ao processo de permanência dos adultos jovens em suas famílias de origem.

A pesquisa de Abramovay & Castro (2006) investigou, entre outros temas, a migração de jovens no Brasil. De acordo com a pesquisa, 72,3% dos jovens entrevistados responderam não à pergunta: "atualmente, você gostaria ou não de mudar de cidade?", sendo a maioria deles homens. Entre o que responderam sim, os principais motivos que os levariam a tal mudança foram: trabalhar (50,1%), estudar (12,4%) e porque não gostam das pessoas e do lugar em que vivem (11,3%). Entre os jovens que desejam sair da cidade, tal mudança não foi efetuada por duas razões principais: querer se manter próximo da família e dos amigos (44,3%) e não possuir condições econômicas para tal empreendimento (30%).

Os números do Brasil relativos à saída de casa mostrados na pesquisa de Abramovay & Castro (2006) evidenciam que as razões vinculadas à sobrevivência mostraram-se mais importantes do que a vontade de sair da casa dos pais. Por meio dos dados desta pesquisa foi possível observar que a idade em que se encontra a maior parte das pessoas que saiu de casa pela primeira vez é baixa, concentrando-se especialmente na adolescência.

Além disso, os números apresentados apontam que os que saíram de casa na infância ou na adolescência possuem menos chance de concluir o Ensino Superior do que aqueles que nunca haviam saído da casa dos pais. A concentração de pessoas das classes D/E que saíram de casa pela primeira vez quando eram crianças e adolescentes também é outro indicativo importante (ABRAMOVAY; CASTRO, 2006).

A pesquisa (ABRAMOVAY; CASTRO, 2006) revelou também que a taxa de retorno dos que saem de casa é alta. Isto pode indicar que a saída de casa pode ser problemática quando ocorre muito precocemente ou sem o devido apoio necessário. A pesquisa (ABRAMOVAY; CASTRO, 2006) não aborda a razão de tal saída, mas a predominância do evento entre adolescentes das camadas mais pobres sugere uma saída ocorrida mais em virtude da necessidade do que da escolha tem menor chance de sucesso. Além disso, a baixa qualificação educacional desses adolescentes e jovens quando saíram de casa pela primeira vez somada a pouca experiência profissional abre poucas chances de se obter o próprio sustento por meio de empregos obtidos nestas difíceis condições.

Vale destacar também que o aumento da variedade de arranjos domiciliares em decorrência das mudanças culturais e socioeconômicas não é uma realidade em todos os países ocidentais. Enquanto no Reino Unido e nos países do Norte da Europa existe uma pequena relação entre a saída de casa e a constituição da própria família, tal relação se mostra mais forte entre os países do Sul da Europa (JONES, 1995).

Como visto anteriormente, no Brasil a maior parte dos domicílios *de* jovens estão dentro da modalidade "casal com filhos" ou "casal sem filhos". Além disso, o número das

unidades unipessoais formadas por jovens ou adultos jovens ainda é pequeno, o que indica que a saída de casa para a constituição da própria família é o caminho mais comum entre os jovens brasileiros.

Tendo em vista que a constituição da própria família é possivelmente o principal motivo da saída de casa entre os jovens no Brasil, os números referentes à fecundidade e nupcialidade podem oferecer um panorama desta realidade.

No Brasil, a idade média de união conjugal entre os homens é de 25,9 anos e entre as mulheres é de 23 anos (IBGE, 2010c). Em 1980, a idade média ao casar era 24,1 anos e em 2010 é de 24,4 anos (IBGE, 2010). Isto mostra que idade média do casamento sofreu baixas alterações ao longo das últimas três décadas no Brasil (IBGE, 2010).

A Região Sudeste a idade média ao casar é de 25,2 anos (26,7 anos para os homens e 23,8 anos para as mulheres), sendo a região com a idade média mais alta do país (IBGE, 2010). Mesmo assim, a média total na Região Sudeste também variou pouco em dez anos, porém esta é a região onde houve a maior alteração da idade média do casamento em dez anos (IBGE, 2010). A Região Norte possui a idade média mais baixa do país (23, 4 anos, sendo 24,9 anos para os homens e 21,9 anos para as mulheres) (IBGE, 2010).

A título de ilustração, nos Estados Unidos, em 1980 a média de idade para o casamento era de 23 anos, passando para 25 anos em 2000 e chegando aos 27 anos para os homens e 26 para as mulheres em 2010. (CHERLIN, 2005; FURSTENBERG, 2010 apud SETTERSTEN & RAY, 2010). No Reino Unido a idade média de união conjugal é de 30,8 para os homens e 28,9 para as mulheres (OFFICE FOR NATIONAL STATISTICS, 2011).

Já as taxas de natalidade sofreram importantes alterações no Brasil nas últimas décadas. A taxa de fecundidade nos anos 50 e 60 era de 6,2 filhos por mulher, caindo para 5,8 em 1970, 4,6 em 1980, 2,8 em 1991 e 2,3 em 2000 (NASCIMENTO, 2006b). Em 2010 esse número é de 1,9 filho por mulher (IBGE, 2010c).

É importante destacar também que esse decréscimo na taxa de fecundidade no Brasil é diferenciado entre os grupos de mulheres. Entre as mulheres menos escolarizadas a taxa de fecundidade chega a 3,09 filhos por mulher, sendo 1,14 para as mulheres mais instruídas (IBGE, 2010c). Já as mulheres com Ensino Superior têm seus filhos 5,5 anos depois das mulheres sem instrução e com ensino fundamental incompleto (IBGE, 2010c). Observa-se também que quanto maior o rendimento, menor a taxa de fecundidade. Mulheres que residem em domicílio com renda *per capita* de até ¼ do salário mínimo apresentam uma taxa de fecundidade de 3,90 filhos por mulher (IBGE, 2010c). Mulheres que residem em domicílios

com renda *per capita* de mais de 5 salários mínimos apresentam uma fecundidade de menos de 1 filho por mulher (IBGE, 2010c).

Entre as mulheres negras, pardas e indígenas, o período médio de idade do nascimento dos filhos está entre 20 a 24 anos. Entre as mulheres brancas, o período de fecundidade está concentrado entre 25 a 29 anos, sendo 27, 5 anos a média de idade para o nascimento do primeiro filho entre essas mulheres (IBGE, 2010).

Atualmente, entre os países da União Europeia, a taxa de fecundidade é de 1,57 filho por mulher (EUROPEAN COMMISSION, 2013). Nesses países, a idade média da mulher no nascimento do primeiro filho é de 30 anos (EUROPEAN COMMISSION, 2013). No Reino Unido a idade é 29,7 anos (EUROPEAN COMMISSION, 2013). As idades mais altas estão entre as mulheres na Espanha e na Irlanda (31,5 anos), e na Itália (31,4 anos), enquanto as mais baixas são da Bulgária e da Romênia (27,1 anos) (EUROPEAN COMMISSION, 2013).

Os números referentes à nupcialidade à ao casamento permitem algumas inferências. O baixo aumento da idade média para o casamento (24,1 anos em 1980 e 24,4 em 2010) em contraste com a diminuição da taxa de fecundidade pode expressão de um importante indicativo da legitimação do casamento como um evento importante na passagem para a vida adulta e podendo ser também a principal razão da saída da casa paterna.

4. Aspectos Metodológicos

Este capítulo tem como objetivo apresentar as escolhas metodológicas utilizadas nesta pesquisa, assim como descrever os participantes entrevistados. Para isso, ele foi organizado em cinco seções. A primeira seção irá apresentar a justificativa da abordagem metodológica utilizada e a segunda irá explicar quais foram os instrumentos de pesquisa empregados. A terceira seção irá expor os critérios de seleção dos entrevistados e apresentar uma descrição inicial do perfil dos jovens e adultos jovens que colaboraram com esta pesquisa. A quarta seção irá mostrar como foi feita a análise dos dados coletados e, por fim, a quinta seção trará algumas notas etnográficas sobre o campo.

4.1. Abordagem metodológica

4.1.1. Objetivos da pesquisa

Este trabalho tem como objetivo central compreender os significados que o processo de saída da casa dos pais tem na passagem para a vida adulta de jovens e adultos jovens. Em função desse objetivo principal, foram estabelecidos mais três objetivos específicos: i) compreender a maneira com que jovens e adultos jovens vivem e significam o processo de saída da casa dos pais; ii) analisar suas percepções em relação ao tornar-se adulto; iii) identificar demais eventos significativos na trajetória de vida passada e dos projetos para o futuro que estejam ligados ao evento de saída da casa dos pais.

4.1.2. A escolha pela abordagem qualitativa

A escolha pelo desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa para este estudo foi baseada em alguns pressupostos. Primeiramente, esta escolha se deu pelo posicionamento ontológico e epistemológico da pesquisadora, que assume que as visões, os entendimentos, as compreensões e as experiências do indivíduo são elementos fundamentais da realidade que se pretende investigar, conforme afirmado por Mason (2002). Além disso, dado que o foco deste trabalho são os processos, as concepções e as percepções subjetivas dos colaboradores, entende-se que a pesquisa qualitativa mostra-se mais adequada a este tipo de investigação (MINAYO; SANCHES, 1993).

A segunda razão da escolha por este tipo de pesquisa refere-se à temática deste estudo. Tendo em vista a característica de despadronização das trajetórias juvenis rumo à vida adulta,

conforme apontado pela literatura exposta anteriormente, optou-se por uma metodologia que permitisse examinar analiticamente tal constatação. Com isso, entende-se que a pesquisa qualitativa aqui estruturada possibilita compreender, em detalhes e com profundidade, a maneira com que se desenvolvem as trajetórias de vida, visando identificar ou não a presença da linearidade, os movimentos de idas e vindas e as descontinuidades entre os eventos tradicionais de transição. Com isto, consegue-se compreender a trajetória juvenil de maneira holística e não apenas a transição domiciliar como um evento isolado do restante. Desta forma, o evento transicional passa a ser investigado em sua integralidade dentro de uma trajetória de vida, como um acontecimento que contém as experiências mais remotas da vida juvenil e que exercerá influencia nas escolhas relativas ao futuro (SHANAHAN, 2000). Como explica Mason, deve-se considerar esses pressupostos na escolha do método porque:

> As estratégias de pesquisa devem ser conduzidas pelas questões de pesquisa que buscamos responder e parte disso deve envolver a escolha de métodos que são apropriados às questões que estão sendo abordadas (MASON, 2006, p. 13, tradução minha).

Além disso, dado que transição domiciliar, foco deste trabalho, ainda é um tema pouco pesquisado no Brasil, a pesquisa qualitativa mostra-se como uma opção adequada por permitir uma exploração em profundidade de como se dá tal processo entre os jovens. É importante ressaltar, porém, a relevância para o desenho desta pesquisa de trabalhos realizados na área da sócio-demografia sobre transição (CAMARANO, 2006a; CARVALHO, 2009; LEIVA, 2012; NASCIMENTO, 2006a), trabalhos quantitativos sobre migração de jovens (ABRAMOVAY; CASTRO, 2006), assim como trabalhos qualitativos sobre a transição para vida adulta e as representações de ser jovem e adulto (PIMENTA, 2001, 2007), sobre a geração canguru (HENRIQUES; JABLONSKI; FÉRES-CARNEIRO, 2004; HENRIQUES, 2004, 2009) e trajetórias juvenis de trabalho (CARROCHANO, 2008) e a vida dos jovens nas repúblicas universitárias (BLANC, 2009).

Por fim, a terceira razão para escolha do método qualitativo está relacionada com os sujeitos de pesquisa. De acordo com Abramo (2007), a maior parte das pesquisas sobre juventude diz respeito às instituições que fazem parte da vida dos jovens (escola, família, sistemas jurídicos, por exemplo) e as estruturas sociais que geram situações problemáticas para os jovens. No entanto, de acordo com a autora, recentemente tem se notado o crescimento de trabalhos em outra perspectiva, ou seja, sobre como os próprios jovens vivem as situações e os problemas de seu dia a dia (percepções, formas de sociabilidade, atuação). A escolha pela pesquisa qualitativa neste trabalho visa justamente realizar uma pesquisa que

abarque ambas as perspectivas, investigando tanto a influência de instituições como a família, quanto o significado e a maneira com que os entrevistados lidam com as dificuldades e as possibilidades relativas à saída de casa.

Aliado à ideia de se investigar o "como" dos processos vividos pelos jovens, alguns autores (HEATH et al., 2009) apontam que o uso das entrevistas qualitativas apresenta outras vantagens no desenvolvimento de pesquisas sobre juventude. Para eles, o uso das entrevistas permite que os jovens se expressem a respeito de suas vidas e de sua visão de mundo em sua própria linguagem. Com isso, abre-se um espaço que garante tanto a visibilidade de suas experiências, como também permite uma análise de aspectos da realidade juvenil que não esteja apenas baseada na compreensão dos adultos.

4.2. Instrumentos de pesquisa

Esta pesquisa foi composta por dois instrumentos de pesquisa que serão explicados a seguir: a Linha do Tempo e a entrevista semi-dirigida. Neste trabalho, entende-se que os instrumentos de pesquisa possuem a finalidade *gerarem dados*, ou seja, os dados não são objetivos, mas se constituem a partir do método escolhido (MAY, 2007). Desta forma, assume-se que os dados de pesquisa são sensíveis ao contexto social e à forma com que são produzidos. Esta compreensão é distinta da ideia de uma estrutura rigidamente planejada ou que isole ou retire os dados de seu contexto "natural" (MASON, 2002a). Portanto, os instrumentos de uma pesquisa qualitativa visam permitir uma compreensão mais holística do que se pretende investigar, buscando abarcar a complexidade dos dados em seus diferentes detalhes e contextos (MASON, 2002a).

É importante ressaltar que esta pesquisa recebeu a autorização do Comitê de Ética da Universidade Federal do Rio de Janeiro/Centro de Filosofia e Ciências Humanas. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido entregue a cada entrevistado encontra-se no APÊNDICE A desta tese.

4.2.1. A Linha do Tempo

Entre os métodos visuais mais comumente utilizados (o uso de fotografias, vídeos, desenhos e técnicas projetivas) foi escolhido para este trabalho um método de elicitação

gráfica[15] chamado Linha do Tempo[16]. Uma das funções da Linha do Tempo neste trabalho foi a de fomentar e oferecer suporte às narrativas suscitadas tanto pelo desenho quanto pelo roteiro de entrevista. Além disso, uma importante função desta estratégia metodológica é possibilitar a obtenção de uma imagem ou um diagrama que mostre a relação entre biografia, trajetória e os eventos significativos na vida do jovem.

Para o desenvolvimento deste método teve-se como base o trabalho de Bagnoli (2009) que utilizou este instrumento para investigar jovens ingleses e italianos a respeito do tema da identidade.

Para a execução do método da Linha do Tempo foi utilizado o seguinte procedimento. No começo de cada entrevista foram realizadas as perguntas de identificação do entrevistado. Em seguida, foi entregue ao entrevistado duas folhas de papel em branco e uma caneta com o seguinte direcionamento: "*Eu gostaria que você desenhasse aqui, duas linhas do tempo. Uma começando do seu nascimento até hoje, onde você irá marcar os momentos mais significativos da sua trajetória até aqui. Na segunda linha, gostaria que você marcasse os seus projetos para o futuro*".

O uso de desenhos dentro da Psicologia, especialmente no enquadre clínico, é bastante recorrente e pode ser aplicado a pessoas de diferentes faixas etárias, prestando-se a variados propósitos. Além disso, o uso dos métodos visuais tem sido explorado em diversas pesquisas de cunho qualitativo. Uma de suas importantes funções, explorando sua dimensão qualitativa, é a de permitir que o pesquisador vá além das "entrevistas-padrão" e amplie o olhar a respeito dos temas que estão sob investigação (BAGNOLI, 2009). Com isso, torna-se possível que se agreguem novas questões à entrevista que não haviam sido considerados de antemão pelo pesquisador. Ao mesmo tempo, os métodos visuais ampliam o repertório das entrevistas e permitem que sejam suscitadas respostas menos padronizadas por parte dos entrevistados devido à característica autoral e criativa da atividade solicitada. De acordo com Bagnoli (2009):

> Uma tarefa criativa pode incentivar a pensar em formas não padronizadas, evitando os clichês e as "respostas-prontas". Desta forma, um método baseado em arte ou a ferramenta da elicitação gráfica pode incentivar uma narração holística do *self* e também ajudar a superar os silêncios, incluindo os aspectos da vida que possam ser,

[15] *Graphic elicitation*

[16] Quando o termo estiver em maiúsculo, trata-se do método da Linha do Tempo e não do desenho da linha em si.

> por algum motivo, sensíveis ou difíceis de serem expressos em palavras (BAGNOLI, 2009, p. 566, tradução minha).

Por essa razão, entende-se que uma das importantes contribuições do método visual é permitir ao entrevistado expressar-se por meio de outras formas de narrativa, o que pode ser um facilitador tanto para o participante da pesquisa como para o pesquisador. Isso porque o método visual oferece ao pesquisador uma imagem mais holística a respeito de seu entrevistado, pois permite o acesso e a representação de diferentes níveis da experiência e possibilita outras formas de expressão das mesmas (BAGNOLI, 2009). Para Mason (2006), os métodos visuais e expressivos permitem que o entrevistado se apresente de uma maneira gráfica e visual, e não se exprima apenas por meio da fala.

A Linha do Tempo apresenta também ganhos importantes na investigação da transição para a vida adulta. Isso porque por meio da Linha do Tempo torna-se possível obter um engajamento reflexivo dos entrevistados a respeito de seu passado, presente e futuro (BAGNOLI, 2009). O processo gerado pela Linha consiste na elaboração de um desenho ou um diagrama que contenha uma organização temporal dos eventos da trajetória de vida daquele jovem, contendo a sequência dos mesmos, sua duração e suas sobreposições.

Desta forma, este método permite extrair, de forma gráfica, uma imagem a respeito do modo com que o jovem organiza sua trajetória. Entende-se por trajetória "uma sequência de experiências vividas, as datas em que estas têm lugar e suas circunstâncias, os intervalos e seus desdobramentos" (HEILBORN, 1998, p. 2). As trajetórias são, portanto, histórias de vida individuais que também refletem processos e estruturas sociais (PAIS, 2000).

A imagem da trajetória permite que, tanto o entrevistado quanto o pesquisador, obtenham uma visão global de toda a trajetória, ou seja, a sequência articulada das experiências de vida, e não apenas um recorte isolado de um evento. Com isso, torna-se possível compreender a transição domiciliar integrada a outras transições, como por exemplo, a transição escola-trabalho[17]. Dado que um dos objetivos deste trabalho era compreender o papel deste evento no processo de passagem para vida adulta como um todo, tal estratégia metodológica se fez necessária.

[17] As referências à transição escola-trabalho dizem respeito não apenas ao término da Educação Básica mas também à conclusão do Ensino Superior e posterior entrada no mercado de trabalho.

Ao mesmo tempo, por meio da narrativa dos eventos significativos é possível obter o contexto em que ocorre a saída de casa, o desenrolar dos eventos anteriores e posteriores a ele e suas conexões. Conforme apresentado por Heilborn:

> O desenrolar dos eventos são entendidos como roteiros possíveis delineados sobre um pano de fundo onde se combinam as diferentes marcas sociais que delimitam o campo de possibilidades dos indivíduos: origem e classe social, história familiar, etapa do ciclo de vida em que se encontram as relações de gênero estatuídas no universo em que habitam (HEILBORN, 1998, p. 2).

Dessa forma, o entendimento do contexto em que se desenrolam os eventos na trajetória evita uma análise isolada do indivíduo e possibilita uma compreensão das relações e seu contexto social em que ele está inserido.

Os eventos significativos não dizem respeito apenas ao passado, mas revelam aquilo que é significativo *hoje* para o entrevistado, quando olhado retrospectivamente (HENDERSON et al., 2007). Assim, pode-se dizer que e escolha dos eventos significativos do passado não é aleatória, mas serve para justificar escolhas atuais e apresentar uma narrativa coerente sobre si mesmo (MASON, 2004). Mesmo que os episódios da vida do sujeito pareçam desconectados, eles serão colocados de maneira integrada para formar um enredo coerente, produzindo uma organização criativa de eventos díspares (LAWLER, 2008).

Além disso, a solicitação de que o próprio entrevistado marque em sua Linha do Tempo os eventos significativos de sua trajetória permite uma análise tanto do papel dos eventos tradicionais de transição como dos demais eventos que podem não terem sido considerados de antemão pelo pesquisador. Uma vez que os marcadores das fases do curso da vida podem ser de natureza diversa – ligados ao tempo, ao espaço ou às relações interpessoais – os momentos de tensão surgidos daí possuem a função de um ponto de viragem nas trajetórias, e podendo torná-los marcadores ou eventos significativos (OLIVEIRA; REGO; AQUINO, 2006).

O desenho da linha do tempo permite também visualizar graficamente a linearidade ou não de algumas trajetórias, a reversibilidade dos eventos de transição e os movimentos io-io dos eventos (PAIS, 2000; PLUG; ZEIJL; DU BOIS-REYMOND, 2003). Com isso, obtém-se uma representação do *movimento* de cada trajetória: seus períodos de instabilidade, avanços, rupturas, continuidades e perdas.

Esta representação holística da trajetória e do seu movimento ajuda na identificação da influência de determinados eventos significativos do passado nas motivações e escolhas do tempo presente e dos projetos para o futuro, possibilitando a compreensão de investimentos

ou desinvestimentos feitos em certas áreas da vida. Assim sendo, entende-se que a técnica da Linha do Tempo possui o potencial de revelar a riqueza e o cenário particular de uma trajetória a partir de uma sucessão de eventos significativos integrados em um desenho, ligados ao aparato social que envolve o sujeito.

No que se refere à aplicação da Linha do Tempo neste grupo de jovens e adultos jovens, a atividade foi bem recebida por todos os entrevistados. Uma das entrevistadas afirmou: "*Isso é bom porque a gente pensa: como é que a gente nunca parou pra pensar nessas coisas, né?"*

Em todos as situações de entrevista, a primeira linha a ser desenhada foi a linha do passado, tendo sido também a mais detalhada. A linha do futuro, por sua vez, foi desenhada de forma mais rápida e simples. Um dos entrevistados comentou após a instrução do desenho: "*Projetos pro futuro? (risos) Difícil esse. Pode ser mais aberto, mais generalista? Vou começar com a do passado que é mais fácil (risos)"*.

A maioria dos entrevistados mostrou-se segura em relação aos anos dos acontecimentos ou às idades que possuíam na ocasião dos eventos, reforçando o caráter marcante dos episódios indicados. Apenas alguns entrevistados disseram não se lembrar exatamente quando determinados eventos ocorreram e, nesses casos, lhes foi explicado que poderiam colocar as datas aproximadas dos eventos e que não se preocupassem demasiadamente com essa informação. Geralmente nesses casos, os períodos e os anos exatos surgiram posteriormente do decorrer na entrevista.

Os desenhos de representação da linha do tempo tiveram características distintas entre os entrevistados. Apesar de ter sido feita uma indicação para o desenho de uma linha do tempo, nem todos os entrevistados organizaram graficamente seus eventos significativos em forma de uma linha reta. Alguns optaram por desenhar uma curva livre ou escrevê-los em tópicos. Outros inclusive explicaram determinados eventos por extenso, inserindo os sentimentos ligados a ele.

A variedade na representação da linha do tempo é fruto da liberdade necessária para que a/o jovem se expresse da maneira que lhe for mais conveniente e crie um desenho ou um diagrama em um formato que faça sentido a ela/ele. Um dos benefícios importantes dos métodos visuais é justamente a flexibilidade criativa, permitindo que se considere as diferentes necessidades e estilos expressivos durante a realização das atividades (BAGNOLI, 2009). É válido destacar que seja em forma de linha, curva ou em tópicos, todos os desenhos continham os eventos significativos dispostos em uma sequência temporal, sendo esse o elemento essencial para a análise geral do material gerado pelo método.

É importante registrar ainda que em três casos não foram desenhadas linhas, pois o próprio entrevistado começou sua narrativa a partir das primeiras perguntas de caracterização, não tendo sido possível e nem tendo sido considerado conveniente interrompê-los para que o desenho fosse realizado.

A sistematização e a organização temporal dos eventos significativos da trajetória permitem, tanto para o pesquisador como para o entrevistado, visualizar a trajetória percorrida por meio de uma representação holística deste caminho, despertando interesse pela por essa produção autoral. Ao final da entrevista, uma entrevistada perguntou: "*Deixa eu tirar uma foto da Linha? Nunca tinha feito*", enquanto outra comentou: "*Nossa, eu vou querer uma cópia disso. É importante isso, eu nunca tinha pensado nisso*."

4.2.2. A estrutura das entrevistas: o desenvolvimento das narrativas

Para o desenvolvimento desta pesquisa foram realizadas 27 entrevistas individuais a partir de roteiro semi-estruturado. Por ser mais flexível, este tipo de roteiro permite ao pesquisador acrescentar temas que não foram previamente considerados em seu planejamento de pesquisa, mas que podem surgir durante a situação da entrevista (GASKELL, 2010; MASON, 2002a), assim como retirar questões já foram exploradas em outros momentos da entrevista. No entanto, é válido ressaltar que o "tópico-guia" (o roteiro que responde os objetivos da pesquisa) de cada seção foi mantido em todas as entrevistas como recomendado por (GASKELL, 2010).

A entrevista é o método mais utilizado em pesquisas qualitativas dado que permite aprofundar as experiências da vida dos entrevistados, assim como seus entendimentos e concepções. "A compreensão dos mundos da vida dos entrevistados e de grupos sociais especificados é a condição *sine qua non* da entrevista qualitativa" (GASKELL, 2010, p. 65). Isso é facilitando pelo estilo "conversacional" (MASON, 2002b) da entrevista que permite ao entrevistador e entrevistado se engajarem nas questões e nos temas importantes que estão sendo levantadas durante a entrevista (MASON, 2002b).

O uso das entrevistas está em consonância com a posição epistemológica assumida nesta pesquisa de que as falas do entrevistado são centrais para que o pesquisador conheça e compreenda o mundo social que se propôs investigar (MASON, 2002b). Por essa razão, "a metodologia da entrevista parte de uma suposição de que é possível investigar os elementos sociais por meio da fala das pessoas, recolhendo ou construindo conhecimento por meio da

escuta e da interpretação do que elas dizem e como elas dizem" (MASON, 2002b, p. 225, tradução minha).

As entrevistas desta pesquisa tiveram duração aproximada de 90 a 100 minutos. Tendo como base os objetivos desta pesquisa, elas foram estruturadas em oito seções: (i) identificação do entrevistado; (ii); o desenho das Linhas do Tempo; (iii) narrativas dos desenhos realizados; (iv) identificação do(s) evento(s) que representa(m) ou representará(ao) uma mudança em direção à vida adulta; (v) a saída da casa dos pais: medos e dificuldades enfrentadas; (vi) a vida no domicílio atual; (vii) o relacionamento familiar; (viii) a saída da casa dos pais: conquistas, saudades e perdas. O roteiro completo da entrevista encontra-se no Apêndice B.

A Linha do Tempo atuou como disparador e suporte das narrativas subsequentes a ela. Contar sobre os eventos apontados no desenho foi fundamental porque eles não ganham coesão por si só. A elaboração de uma narrativa permite que os eventos biográficos ganhem coerência e coesão por meio da cadeia de inter-relações construída pelo indivíduo no momento em que ele produz a narrativa (MONTAGNER, 2007).

Assumindo que uma das maneiras mais comuns de contar uma história de vida é organizando-a por meio de eventos ordenados em uma estrutura temporal (BAGNOLI, 2012), o método da Linha do Tempo funcionou positivamente neste trabalho porque ofereceram uma estrutura para que o entrevistado pudesse contar sobre si mesmo e aliou-se muito bem a uma roteiro semi-estruturado de entrevista. Por meio das narrativas, as experiências são colocadas em sequência, são explicadas e tornam "familiares" os acontecimentos e os sentimentos que fazem parte da vida cotidiana do entrevistado (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2004).

4.3. Descrição inicial do perfil dos entrevistados

Para a seleção dos entrevistados desta pesquisa foram utilizados cinco critérios: (i) que estivessem na faixa etária de 20 a 35 anos; (ii) que fossem moradores do Rio de Janeiro ou região metropolitana; (iv) que não residissem com os pais; (v) que não fossem casados.

Esta faixa etária foi escolhida tendo em vista as mudanças ocorridas nos processos de transição para a vida adulta e a consequente extensão do período da juventude (vide capítulo 2). Por isso, faz-se necessário abarcar também os indivíduos na faixa dos 30 anos para entender como ocorre a passagem pelos eventos tradicionais de transição que acontecem mais tardiamente. O trabalho de Heath & Cleaver (2003) sobre a formação de domicílios não

familiares entre jovens, por exemplo, é composto por sujeitos de pesquisa que estão entre meados dos vinte anos e o começo dos trinta.

Diferentes trabalhos no Reino Unido utilizam o termo *adulto jovem* para se referirem àqueles indivíduos que estão no final dos vinte anos e começo dos trinta (HEATH; CLEAVER, 2003; JONES; O'SULLIVAN; ROUSE, 2006; WHITE, 1994). Trabalhos no Brasil (LOBATO, 2004; SILVEIRA; WAGNER, 2006; ZORDAN; FALCKE; WAGNER, 2009) também se referem ao grupo de pessoas desta faixa etária como adultos jovens[18]. Erikson (1980) utiliza o termo adulto jovem para se referir ao sexto estágio do ciclo vital proposto por ele, estando este estágio entre a adolescência (quinto estágio) e a vida adulta (sétimo estágio). Neste trabalho, optou-se por se referir ao grupo de entrevistados desta pesquisa como jovens e adultos jovens dado o espectro da faixa etária selecionada.

Esta amostra foi organizada a partir do método bola de neve (*snowball*) que conta com a indicação de informantes das próprias redes de relações sociais dos jovens e onde cada entrevistado pode ser uma base para se acessar outras pessoas daquele universo de pesquisa. Vale destacar que os informantes desta pesquisa eram provenientes de cinco diferentes redes e, como isso, obteve-se uma maior variedade no perfil dos entrevistados. Os locais das entrevistas foram determinados pelos entrevistados. Por essa razão, foram realizadas entrevistas em lugares públicos (shopping centers, lanchonetes, cafés), nas universidades que estudavam, em seus locais de trabalho ou em suas residências.

Todas as 27 entrevistas foram realizadas com poucos atrasos ou desistência, e todos os entrevistados foram solícitos e cordiais durante suas entrevistas. Vários deles se mostraram interessados sobre o tema da passagem para a vida adulta, dizendo também pensavam sobre esse assunto e gostavam de conversar com os amigos sobre isso. Enquanto desenhava a linha do tempo, uma das entrevistadas disse: "*Essas são coisas que inclusive eu venho pensando muito, assim*".

É importante ressaltar que as identidades dos entrevistados foram omitidas neste trabalho e, da mesma forma, foram substituídos os nomes e quaisquer outros dados que pudessem permitir a identificação dos mesmos. Esse procedimento visa respeitar as normas éticas que regulam esta pesquisa e o compromisso firmado com cada participante antes da entrevista. Além disso, o uso do método bola de neve exige que o pesquisador tenha um

[18] É comum também no Brasil encontrar o termo *jovem adulto* para mencionar o grupo de pessoas desta mesma faixa etária. Nesta pesquisa, porém, optou-se por manter o termo *adulto jovem* para garantir a correspondência com o termo em inglês *young adult*.

cuidado ainda maior em relação à identidade das pessoas envolvidas já que a amostra foi composta por pessoas da mesma rede, tornando mais fácil a identificação entre eles. As entrevistas realizadas contêm informações muitas vezes delicadas a respeito da trajetória de vida de cada um e exigem discrição do pesquisador ao apresentá-las nos resultados da tese.

Tendo em vista os critérios acima mencionados e o cuidado com as identidades dos entrevistados, serão expostas abaixo as características gerais dos 27 entrevistados que colaboraram com esta pesquisa. Os nomes usados para identificação ao longo de todo o trabalho são fictícios visando proteger anonimato dos entrevistados.

4.3.1. O perfil do grupo de entrevistados

O Quadro 1 mostra a distribuição dos entrevistados por sexo e faixa etária, apontado que a faixa etária de concentração dos entrevistados é de 26 a 30 anos.

Quadro 1 - Distribuição dos entrevistados por sexo e faixa etária

Faixa de Idade	Feminino	Masculino	Total
22-25	1	2	3
26-30	11	4	15
31-35	6	3	9
Total	**18**	**9**	**27**

Fonte: Elaboração própria, 2015. Contagem de frequência.

O Quadro 2 mostra a distribuição dos entrevistados por sexo e naturalidade. Observa-se que o grupo está dividido entre os nascidos na cidade do Rio de Janeiro, em outras cidades do Estado do Rio de Janeiro e os que são naturais de outros estados. Neste quadro observa-se que no universo entrevistado a maioria é de jovens que não nasceram no Rio de Janeiro (N=16), equivalendo a 59% dos jovens.

Quadro 2 - Distribuição dos entrevistados por sexo e naturalidade

Natural de	Feminino	Masculino	Total	%
Rio de Janeiro (RJ)	10	1	11	41%
Estado do RJ	3	1	4	15%
Outros Estados	5	7	12	44%
Total	**18**	**9**	**27**	**100%**

Fonte: Elaboração própria, 2015. Contagem de frequência.

O Quadro 3 mostra a lista da ocupações dos entrevistados, que revela um perfil plural de profissões.

Quadro 3 - Lista da profissão/ocupação dos entrevistados

Profissão	Total
Analista (área ambiental)	3
Artista (teatro e artes plásticas)	2
Consultor (área social)	1
Empresário(a)	2
Engenheiro(a)	1
Estudante	4
Jornalista	1
Médico(a)	1
Pedagogo(a)	2
Professor(a)	4
Psicólogo(a)	2
Publicitário(a)	1
Servidor Público	3
Total	**27**

Fonte: Elaboração própria, 2015. Contagem de frequência sobre dados categorizados.

O Quadro 4 mostra a distribuição de renda por faixa etária. É possível observar que a renda mais alta está localizada entre os mais velhos.

Quadro 4 - Distribuição da frequência dos entrevistados por idade e renda

Faixa de Renda	22-25	26-30	31-35	Total
Até 3 salários mínimos[19]	0	4	0	4
De 3 a 6 salários	2	4	2	8
Acima de 6 salários	1	7	7	15
Total	**3**	**15**	**9**	**27**

Fonte: Elaboração própria, 2015. Contagem de frequência sobre dados categorizados.

O Quadro 5 mostra a região em que os entrevistados residiam no momento da entrevista[20]. Mais da metade dos entrevistados mora na Zona Sul do Rio (N=18), especialmente em função da proximidade do trabalho e dos estudos, uma vez que essa é a região mais bem conectada da cidade.

[19] Valor do salário mínimo vigente em 2014: R$ 724,00.

[20] Os bairros incluídos da Zona Sul são: Botafogo, Copacabana, Flamengo, Laranjeiras e Leme. Gávea e Leblon foram categorizados a parte em função do perfil diferente dos entrevistados que residiam nesses bairros.

Quadro 5 - Distribuição da frequência dos entrevistados por local de residência no momento da entrevista

Região onde mora	Total	%
Centro	2	7%
Tijuca	2	7%
Zona Sul	14	52%
Gávea-Leblon	4	15%
Jacarepaguá	3	11%
Região Metropolitana	2	7%
Total	**27**	**100%**

Fonte: Elaboração própria, 2015. Contagem de frequência sobre dados categorizados.

O Quadro 6 contém os dados sobre os arranjos domiciliares encontrados entre os entrevistados, revelando que o arranjo mais frequente é o domicílio unipessoal[21].

Quadro 6 - Distribuição da frequência dos entrevistados por arranjo domiciliar

Com quem mora	Total	%
Amigos	6	22%
Só	14	52%
Colegas	2	7%
Primos/Irmãos	2	7%
Namorado(a)	3	11%
Total	**27**	**100%**

Fonte: Elaboração própria, 2015. Contagem de frequência sobre dados categorizados.

O Quadro 7 mostra o tipo de moradia encontrada. A residência de dois quartos é mais comum entre os sujeitos, pois o valor do aluguel não se diferencia muito da quitinete ou do apartamento de um quarto.

Quadro 7 - Distribuição da frequência dos entrevistados por tipo de moradia

Estrutura da moradia	Feminino	Masculino	Total
Quitinete	2	0	2
1 quarto	4	2	6
2 quartos	8	6	14
3 quartos	3	1	4
3 quartos + 1 de empregada	1	0	1
Total	**18**	**9**	**27**

Fonte: Elaboração própria, 2015. Contagem de frequência sobre dados categorizados.

[21] Domicílios de pessoas que residem sozinhas.

O Quadro 8 mostra a distribuição dos gastos que cada entrevistado tem com sua moradia, que inclui: aluguel, condomínio, conta de luz, gás, internet. Dois entrevistados compraram seus apartamentos recentemente e o valor do aluguel foi substituído pelo valor da prestação do apartamento. Aqueles que possuem diarista incluíram esse custo em seus gastos com moradia.

Quadro 8 - Distribuição dos entrevistados por gasto individual com moradia

Custo individual com moradia	Total	%
Até R$1.000	8	30%
De R$1.050 a R$2.000	12	44%
Mais de R$2.000	7	26%
Total	**27**	**100%**

Fonte: Elaboração própria, 2015. Contagem de frequência sobre dados categorizados.

O Quadro 9 mostra os arranjos das famílias de origem dos entrevistados. A maior parte dos entrevistados provém de uma família nuclear biparental com irmãos.

Quadro 9 - Distribuição dos entrevistados por arranjo da família de origem

Arranjo familiar de origem	Sem irmão(s)	Com irmão(s)	Total
Família monoparental	3	6	9
Família nuclear biparental	0	14	14
Família recomposta (padrasto e/ou madrasta)	2	2	4
Total	**5**	**22**	**27**

Fonte: Elaboração própria, 2015. Contagem de frequência sobre dados categorizados.

O Quadro 10 mostra a frequência dos entrevistados por nível de escolaridade, incluindo os cursos em andamento. Os dados mostram que todos os entrevistados concluíram ao menos um curso superior. Dos 27 jovens, 10 possuem ainda o título de mestre (37%) e quatro estão cursando o doutorado. A alta escolarização do grupo de entrevistados, recrutados através da técnica bola de neve como explicado anteriormente, sugerem que a educação tem grande relevância para o universo pesquisado, seja pela motivação para saída ou pela facilidade que a maior escolarização permite nesse processo. Esse aspecto será abordado com maior profundidade durante a análise.

Quadro 10 - Distribuição dos entrevistados por sexo e escolaridade no momento da entrevista

Escolaridade	Feminino	Masculino	Total
Graduado	9	1	10
Cursando segunda graduação	1	1	2
Graduado em dois cursos	1	0	1
Mestrando	2	2	4
Mestre	3	3	6
Doutorando	2	2	4
Total	**18**	**9**	**27**

Fonte: Elaboração própria, 2015. Contagem de frequência sobre dados categorizados.

Os demais dados a respeito dos entrevistados serão expostos nos próximos capítulos de análise.

4.4. Análise dos dados qualitativos

Todo material obtido por meio desta pesquisa empírica – entrevistas e desenhos da Linha do Tempo – gerou um extenso material que passou por variadas fases de sistematização da análise.

Primeiramente, os áudios das 27 entrevistas foram transcritos. Em seguida, esses arquivos foram inseridos no programa *Atlas.ti* e constituíram uma unidade hermenêutica. Com base nela, iniciou-se o processo de codificação dos dados que foram definidos por meio de duas fontes. A primeira é anterior à pesquisa empírica e está baseada nas discussões teóricas a respeito da transição para a vida adulta que foram exploradas na parte teórica deste trabalho, tais como a despadronização das trajetórias, os apoios (ou a falta deles) institucionais no processo da transição, os significados da vida adulta, as concepções de lar, os motivos da saída de casa, a reação da família. Um outro grupo de códigos surgiu de temas que emergiram dos próprios dados e dizem respeito, por exemplo, à importância dos eventos relativos à mobilidade, as conquistas e as dificuldades do processo da transição domiciliar, os incômodos do relacionamento familiar, etc.

No total, foram codificados 1.235 trechos, que de alguma forma diziam respeito aos temas elencados acima. A partir daí, foram observadas as coocorrências entre os códigos (em um mesmo trecho) e realizada uma análise da frequência dos códigos em todas as entrevistas (os mais citados). Em função dessa estruturação dos códigos, os dados foram interpretados e resultaram em padrões que permitiram visualizar com mais exatidão a realidade vivida pelo grupo de jovens e adultos jovens entrevistados.

Também foram tabelados os dados de cada entrevista com variáveis que permitiam agrupar e comparar as trajetórias de forma sintética, como por exemplo, o número de anos desde a saída de casa, em quantos domicílios eles haviam morado, o arranjo domiciliar, entre outros. Esses dados permitiram a correlação de variáveis e distribuição dos entrevistados.

O material oriundo das linhas do tempo foi também transcrito para uma planilha de Excel, o que permitiu a criação de uma base de dados contendo 473 eventos relativos ao passado e os projetos para o futuro dos entrevistados. Esses eventos e projetos foram devidamente ligados a cada entrevistado e também categorizados nas áreas às quais diziam respeito, como Educação, Mobilidade e Trabalho. Essa base de dados gerou indicadores quantitativos com relação à frequência e a idade média com que esses eventos aconteciam. Uma representação desta síntese pode ser vista na Figura 2 que se encontra no capítulo 7. Esses dados oriundos das linhas do tempo deram suporte à análise qualitativa realizada por meio do *Atlas.ti* e permitiram uma visão geral de todos os entrevistados, o que foi importante para a organização das *diferenças* (vide capítulo 5) e das semelhanças (vida capítulo 6) no processo de saída de casa.

4.5. Notas sobre o trabalho de campo: considerações sobre o processo de pesquisa

Tive sempre grande preocupação em não me atrasar para as entrevistas e, por isso, sempre chegava antes e esperava pelo entrevistado. Em uma dessas vezes, a entrevistada havia marcado em sua casa e se atrasou. Chegou correndo e queixou-se do trânsito e das horas extras no trabalho. Parecia cansada. Durante a entrevista, ela estava inquieta e buscou algo para comer na cozinha. Gritando da cozinha, ela me perguntou: "*você quer sorvete*?" Eu respondi: "*não, obrigada*". E ela respondeu: "*desculpa, eu não tenho nada adulto pra te oferecer. Só tenho sorvete, doce de leite. Isso não é de adulto*" (*risos).* Ainda como fome, ela improvisou algumas torradas e me disse: "*bom, acho que isso é bom pra sua tese. Você pode dizer: eu realmente comprovei que quem mora sozinho passa fome*!" (*risos*).

As perguntas sobre o momento em que eles sentiram que se tornaram (ou se tornarão) adultos gerava sempre uma longa pausa. Alguns deles diziam que já haviam pensado recentemente sobre isso ou que costumavam conversar com os amigos sobre isso. Um deles brincou: "*hum, eu já antevia essa pergunta e estava com medo dela (risos)*".

Isso me fez entender meu tema de pesquisa por uma perspectiva fora das caixas teóricas. Pensar sobre a passagem para a vida mobiliza e coloca a todos nós questões a respeito de nossa forma de vida, de nossa trajetória e das mudanças que foram alterando quem

somos, emocionalmente e fisicamente. Sentir-se ou não como um adulto está relacionado com nossa maneira de nos enxergar e de perceber como os movimentos da vida vem nos alterando ao longo do tempo.

Fazer um breve relato sobre esses movimentos da vida para um estranho não é uma tarefa simples. Meu pedido como pesquisadora foi exigente, ousado. No entanto, não posso me queixar do que tive a sorte de ouvir.

Ouvi história de gratidão. Gratidão pela família que ofereceu suporte durante tanto tempo, gratidão por amigos, colegas e professores. Gratidão por algumas contingências da vida que permitiu que fossem dados importantes passos, só reconhecidos assim no tempo presente. Alguns deles tentam retribuir seus pais, ajudando-os financeiramente. Outros tentam ajudar alguns parentes mais jovens, primos ou irmãos. Outros ainda precisam da ajuda de seus pais e sentem-se envergonhados por isso.

Ouvi histórias contadas com um tom de orgulho. Orgulho pela trajetória realizada e pelas superações possíveis. Ouvi também histórias de perdas, mortes, separações, encontros, namoros feitos e desfeitos, festas, viagens, celebrações, nascimento do irmão/a, partidas. Ao final das entrevistas, redigindo relatórios, percebi que senti uma grande admiração por aquelas pessoas e pelos movimentos da vida que compõem as passagens que fazemos.

5. A saída da casa dos pais: diferentes processos de transição

Este capítulo tem como objetivo apresentar a análise dos dados referentes ao processo de saída da casa dos pais entre jovens e adultos jovens. De modo particular, este capítulo pretende analisar as *diferenças* encontradas nos processos vivenciados pelos 27 entrevistados. A título de organização e sistematização da análise, essas diferenças foram organizadas a partir dos três motivos principais que conduziram a saída desses jovens de casa: o estudo, o trabalho e a busca pela independência. Tendo isto em vista, este capítulo foi organizado em três seções: a primeira seção irá analisar o *Grupo 1* – os jovens e adultos jovens que saíram para estudar, a segunda analisará o *Grupo 2* – os jovens e adultos jovens que saíram por causa do trabalho e a terceira seção irá analisar o *Grupo 3* – os jovens que saíram porque queriam sua independência.

Conforme visto no capítulo 3, toda saída de casa exige justificativa e legitimação (JONES, 1995). Os dados desta pesquisa mostram que esta justificativa utilizada na saída gera diferenças na forma com que se desenrola cada processo de saída. Essas diferenças são marcadas especialmente pelas estratégias adotadas por cada grupo e foram exploradas na análise através da discussão das seguintes características: a idade média de saída de casa, o número de anos fora de casa, os arranjos domiciliares experimentados desde a saída, as dificuldades enfrentadas, a duração do período de dependência dos pais e o retorno ou não para a casa dos pais após a saída.

5.1. Grupo 1 - A saída motivada pelos estudos: *"Saí pra estudar. Não tinha o que eu queria na minha cidade"*

Alex, 27 anos, saiu da casa de seus pais porque tinha o sonho de fazer um curso de graduação que não era oferecido em sua cidade. Contou que naquela época, aos 24 anos, não tinha vontade de sair de sua cidade, mas não viu outra saída. Seu pai não o apoiou inicialmente porque não aceitava que o filho saísse da cidade para se formar em uma carreira que não fossem as tradicionais como medicina, direito ou engenharia. No entanto, Alex conta que persistiu na sua decisão:

> *Quando eu falei que eu ia sair da minha cidade pra isso, meu pai ficou dois meses sem falar comigo. Nossa, foi... Aquele período foi muito duro, viu, foi muito difícil pra mim. É... Mas assim, acho que eu não*

> *desistir, mostrou pra ele que ele ia ter que se abrir, né. [...] Mas eu vi que ele começou a me respeitar por eu tá fazendo o que eu queria.*

Alex trabalha desde os 18 anos e já havia feito uma graduação – como tecnólogo – e chegou a tentar trabalhar na área, mas não se identificou com o tipo de função e continuou trabalhando fora de sua área de formação. Alex, no entanto, sonhava com outra carreira e tentou o vestibular no Rio de Janeiro. Após ter sido aprovado, mudou-se sozinho, sem ter nenhuma pessoa próxima para ajudá-lo na cidade e sem a ajuda financeira dos pais, contando apenas com suas próprias economias. Por trabalhar desde os 18 anos, Alex já era independente financeiramente de sua família antes de sair de casa e não precisava da ajuda dos pais para cobrir seus próprios gastos. Ocasionalmente, ajudava com as contas da casa dos pais. Já no Rio de Janeiro, ele conseguiu um trabalho, mas a carga horária exigida pela universidade só lhe permitia trabalhar por meio período durante o primeiro semestre do curso. Essa obrigatoriedade lhe foi desfavorável porque o salário como funcionário por meio período não era suficiente para o seu sustento. Após o primeiro semestre, ele pôde definir sua carga horária letiva, aumentar o número de horas no trabalho e, consequentemente, obteve um aumento de salário. Sobre seu primeiro semestre no Rio de Janeiro, Alex conta:

> *Então, o primeiro semestre assim meu foi, nossa, o aperto do aperto. Eu não conseguia nem comprar móveis básicos pra minha casa, assim... É, é, nada. Eu não tinha nada em casa. As minhas coisas todas que eu trouxe, que não eram muitas coisas, ficavam em algumas caixas de papelão. Eu lembro que eu comprei nas lojas Americanas um colchão inflável e a minha vida era isso: caixas de papelão e um colchão inflável. Eu não tinha geladeira, não tinha fogão, não tinha nada. E daí depois, com um tempo, uma amiga de um amigo tava doando um colchão de casal, e aí eu consegui esse, esse colchão. Pegamos [ele e colegas do trabalho] uma Kombi e fomos buscar esse colchão lá em Copacabana. Daí, melhorou um pouco porque foram meses de dor nas costas e... Depois, mais um tempo depois, uma outra colega minha conseguiu de outra pessoa, um fogão, uma geladeira e um sofá. Todos velhos. E mais um colchão de casal. Todos velhos, mas num estado usável. Eu lembro que eu corri atrás de um*

> *frete super barato e essa minha colega ainda me deu um dinheiro pra ajudar pagar o frete. Daí juntei meus amigos do trabalho um dia e levei pra casa (risos). E foi uma mudança de vida, principalmente ter geladeira, foi uma mudança de vida assim pra mim, extraordinária. [...] Eu comprava no supermercado assim pão, queijo e presunto, pra ficar em casa pra eu comer à noite quando eu sentia fome e, pra não estragar o queijo e o presunto, eu embalava ele em saco plástico e colocava dentro do copo com água, mas o que não adiantava muito porque 2 ou 3 dias depois aquele queijo e presunto já tava estragado, né. Foi o modelo gambiarra. [...] E foi aquele semestre que foi importante pra mim porque eu vi assim, que realmente era o que eu queria. Eu vi que eu precisava viver aquele desafio ali. (Alex, 27 anos)*

Este trecho da história de Alex ilustra alguns aspectos que também foram encontrados nos relatos de outros entrevistados deste grupo, como a saída da cidade natal, o desejo por um curso não oferecido em sua própria cidade, as dificuldades enfrentadas e a exigência de se sustentar sozinho.

Este grupo é composto por dezessete pessoas que saíram de casa em virtude dos estudos. De acordo com Jones (1995), a continuação dos estudos é o tipo de justificativa "socialmente legitimada" que faz com que aumentem as chances de sucesso e de suporte à transição domiciliar. A saída de casa em razão dos estudos diz respeito a jovens que saíram para cursar a graduação (11), o mestrado (3), o doutorado (1) ou de jovens que ainda estavam em idade escolar (2).

A mudança de cidade para continuação dos estudos é justificada pelos entrevistados por pelo menos um desses fatores: a ausência de determinado curso na cidade natal e o objetivo de estudar em uma universidade pública ou em outra universidade que tivesse boa reputação. Alguns destacam tais preferências:

> *Porque lá [em sua cidade de origem], ou eu fazia uma universidade particular ou nada. Hoje até tem outros cursos de universidade pública, mas o que eu queria fazer só tinha particular. Eu sempre quis muito fazer uma universidade pública, federal e eles [os pais] incentivavam, e lá é muito comum esse êxodo. (Alice, 30 anos)*

> *Tipo assim, eu não tinha o sonho de sair de casa e morar sem meus pais, mas eu queria fazer uma universidade pública. Não tô desmerecendo as universidades particulares, mas era o que eu queria fazer. (Luana, 27 anos)*

> *Sempre gostei de estudar e sempre prezei pelas instituições. (Elisa, 30 anos)*

Este grupo como um todo, assim como suas respectivas famílias, revelou uma alta expectativa dirigida à formação educacional e à mobilidade social obtida por meio dos estudos. Além disso, a saída de casa para continuação dos estudos foi relatada como algo esperado em muitas famílias dado à ausência de oportunidades de qualidade suas cidades de origem.

Em média, os entrevistados deste grupo saíram de casa aos 19,8 anos. Em comparação aos demais grupos, eles possuem a idade média mais baixa de saída de casa. Por serem os que saíram mais cedo, eles são também os que estão há mais tempo fora da casa de seus pais, em média 9,8 anos.

Este longo tempo fora da casa dos pais fez com que os membros desse grupo tenham passado por mais moradias em comparação aos membros dos demais grupos. Em média, esses jovens e adultos jovens passaram por 5,9 residências após a saída da casa dos pais, o que significa 1,7 anos em cada residência. Neste período, diversos arranjos domiciliares foram experimentados por eles: domicílio dividido com amigos/colegas (dividindo ou não um quarto), domicílio dividido com pessoas desconhecidas ou com o proprietário, pensionatos, domicílio dividido com irmão/a ou primo, domicílio dividido com namorado e domicílio unipessoal (morando só). Atualmente, dividir com os amigos ou morar sozinho são os arranjos domiciliares encontrados na maioria dos casos.

Autores como Buck & Scott (1993) fazem uma distinção entre o morar fora de casa (*living away*) e o sair de casa (*leaving home*). No primeiro caso ainda há uma dependência econômica, apesar dos filhos não morarem mais com os pais, enquanto no segundo a transição domiciliar de fato aconteceu e o filho se tornou independente financeiramente.

Esta distinção é pertinente para a análise deste grupo porque o tempo de dependência econômica em relação aos pais após a saída é o mais extenso dentre os três grupos, tendo eles

as trajetórias mais longas rumo à independência. Em média, esses jovens e adultos jovens se mantiveram dependente financeiramente dos pais por 4,9 anos[22] após a saída. A saída de casa propriamente dita ocorreu para a maioria após a conclusão do curso de graduação e aquisição de um emprego em período integral. A título de observação, ainda há três jovens neste grupo que dependem de uma ajuda mensal fixa de seus pais.

Esta dependência financeira, no entanto, não foi total durante os quase cinco anos. Todos os entrevistados que passaram pelo estágio de "morar fora" reforçaram que após aproximadamente um ano e meio de total dependência financeira dos pais[23], eles conseguiram alguma forma de renda lhes permitiu pagar suas contas pessoais[24]. Muitos falavam com orgulho: "*eu trabalho desde que entrei na faculdade*" e contam que essa entrada de dinheiro lhes trouxe alívio.

As formas de renda mencionadas durante este período foram: bolsa de iniciação científica e extensão universitária, estágios, bolsa de mestrado/doutorado, monitorias, aulas particulares, trabalho na empresa júnior da universidade, transcrição de áudio, correção ortográfica de monografias/dissertações, trabalho como animadora de festas, venda de doces na faculdade, professora de dança e babá.

Os que saíram de casa para cursar o doutorado ficaram independentes financeiramente mais rapidamente, cerca de um ano após a saída. Em todos os casos, o valor da bolsa de estudos foi associado a uma renda oriunda de algum projeto acadêmico ou do trabalho como docente.

A partir da realidade descrita, assume-se que o "morar fora de casa" é um *estágio* do processo de saída da casa dos pais, ou seja, a independência econômica do jovem após a saída de casa é obtida em níveis e nem sempre ocorre de forma linear (JONES, 2009). As fontes de renda mencionadas por eles, por exemplo, eram sazonais e em certos momentos eles precisavam novamente recorrer ao dinheiro dos pais para cobrirem seus gastos pessoais.

Com relação ao retorno para casa, dos dezessete jovens e adultos jovens deste grupo, apenas três deles retornaram temporariamente para a casa. Este retorno aconteceu apenas uma

---

[22] Foi considerado aqui o período em que o jovem saiu da casa de seus pais até o momento em que deixou de precisar do dinheiro deles para o seu sustento.

[23] Foi considerado por eles como total dependência o período em que os pais pagavam todas as suas contas, tais como: alimentação, moradia, transporte, os materiais de estudos e os gastos pessoais.

[24] Foram considerados gastos pessoais os custos com festas, roupas, passeios e viagens.

vez e durou cerca de seis meses a um ano. As justificativas para volta foram a aprovação em um concurso público na cidade de origem e os problemas de saúde do próprio jovem.

Com relação às dificuldades, por ser o grupo com trajetória mais longa, esses entrevistados foram os que mais comentaram sobre seus contratempos. As dificuldades mencionadas neste grupo foram: a ausência de sua rede apoio (amigos, família, parentes), a saudade de casa, a perda dos amigos, ter que estabelecer sozinho o próprio domicílio (encontrar o lugar, decidir onde morar e com quem morar), saber lidar com as burocracias do mercado imobiliário (encontrar fiador) e suas adversidades (domicílios precários, altos preços dos aluguéis), a falta de dinheiro, a adaptação a uma nova cidade, a adaptação a uma vida domiciliar um não familiar ("conviver com quem não é da sua própria família"), a dificuldade "intelectual" (pressão e as exigências dos estudos) e, por fim, a solidão.

Em termos de frequência, pode-se afirmar que a dificuldade mais mencionada foi a ausência da rede de amigos, da família e das relações de parentesco (relações inter-famílias)[25]. Isso corrobora com a perspectiva de Jones (1995) de que a saída da casa dos pais significa, simultaneamente, deixar de participar da rotina daquele núcleo familiar e também o abandono de um endereço. Com isso, entende-se que a saída da casa dos pais não implica apenas na perda dos vínculos relativos à família nuclear, mas também na perda daquele espaço físico e das relações comunitárias que foram produzidas naquele espaço em que o jovem estava inserido.

A perda dessas relações aparenta ter um significado particular no contexto brasileiro. De acordo como Gonçalves (2005, p. 209) "no Brasil, a família – e a cadeia de relações que se estrutura em torno dela – ainda é uma forte referência da subjetividade, sobretudo entre as camadas mais pobres da população". As experiências abaixo ilustram a dificuldade em lidar com essa perda e a importância desta rede:

> *Dificuldade de perder amizade, assim, de construir outros laços. E tem muito mito de que na cidade as pessoas te devoram, que tem muita competitividade, que as pessoas são egoístas, individualistas. Ate certo ponto, acho que todo mundo é, mas eu acho que essa coisa que tinha na minha cidade, a fulana que é filha de tal, vou lá tomar um*

[25] Sistema que deve ser entendido como simbólico e não restrito aos laços biológicos ou como uma definição a priori (ABREU FILHO, 1980).

> *café sem avisar, esse aconchego não tem aqui. Isso pra mim é uma dificuldade. [...] Foi muita luta, foi muita batalha. (Naomi, 33 anos)*

Além da dificuldade relativa à perda dos vínculos afetivos, a ausência desta rede geralmente é a causa de algumas de outras dificuldades mencionadas, como a de estabelecer sozinho seu próprio domicílio e o de ter que lidar com as adversidades do mercado imobiliário sem a ajuda de alguma pessoa de confiança. Os que não apontaram essa dificuldade foram os que se estabeleceram no Rio de Janeiro graças à rede amigos e parentes provenientes da própria cidade de origem ("*o cunhado do meu tio tinha um apartamento aqui*", "*meu pai tinha uma cliente que tinha uma filha que tava morando aqui*", "*minha mãe tinha um primo distante que morava aqui*"). Quem não pôde contar com essa rede estabeleceu-se por meio dos anúncios na universidade, na internet ou "*por sorte*".

Eduardo e Caio contaram sobre suas principais dificuldades da seguinte forma:

> *Tive desafios assim, procurar um apartamento sozinho, desenvolver uma documentação, coisa assim que eu não poderia. Tipo assim, preciso de um fiador que tenha um imóvel e, porra, minha mãe não tem imóvel e eu também não tenho. Então, assim, eu mesmo ter que procurar e ver onde eu vou morar, esse tipo de coisa. Tudo sozinho, desde o primeiro apartamento que eu morei. A escolha com quem que eu vou morar, às vezes é uma pessoa que eu não conheço. Então, assim, esse tipo de coisa. (Caio, 29 anos)*

> *A dificuldade tem a ver com os pais. O fato de você tá longe da família tem a dificuldade de você cortar suas raízes. [...] No início eu tinha a ingenuidade de achar que isso não importava, sabe. [...] Mas eu acho, eu vejo isso hoje também, que o fato de você ter amigos de infância, ter essa rede, ter seus pais, tios, conhecidos, isso influi. Às vezes a gente se sente um pouco indefeso, assim, não conhecer um... Porque às vezes tem "eu tenho uma tia que é advogada e conhece" e mesmo pra eles é difícil, imagina pra gente. Mas a gente vai construindo isso,*

> *né. A falta de amigos de verdade, amigos confiáveis é uma dificuldade. (Eduardo, 35 anos).*

Ao apontarem como uma das principais dificuldades da saída de casa a perda das relações familiares, de parentesco e de amizade, os entrevistados também se referem ao sentimento de perda de um lugar em que se é legitimado e reconhecido enquanto pessoa e um lugar em que se é especial porque se é parte de uma determinada rede de amigos e de família.

Ao saírem de casa para uma outra cidade em que esta rede não existe ou não funciona como antes, o jovem ingressa no "espaço da rua" (DAMATTA, 1986) e passa do status de "alguém" para "ninguém" (DAMATTA, 1986, p. 21). Isso porque é dentro das redes de parentesco, compadrio e amizade é que se torna possível ser alguém, pois são essas relações nos legitimam enquanto pessoa. "Moro nesta casa porque sou filho de 'X' e tenho o direito de usar os recursos sociais ali alocados porque sou membro da família 'Y'. Não sou eu como indivíduo que formo família, mas é a família e as relações que se fazem por meio dela que me legitima como membro daquele espaço social" (DAMATTA, 1997, p. 91).

A segunda dificuldade mais comumente mencionada pelos membros deste grupo foi a limitação financeira. O fato da grande maioria ter saído de casa totalmente dependente financeiramente de seus pais gerou restrições para muitos e também vergonha. Foi comum ouvir que eles não tinham "*cara de pau de pedir dinheiro*" para seus pais. Alice e Isabela contam do constrangimento em ter pedir dinheiro para seus pais:

> *Quando eu vim pra cá eu tinha bolsa, depois o estágio, mas era muito pouco. No fundo, meu pai – assim, ele nunca negou nada - mas eu nunca pedi nada. Então assim, eu não tive uma vida universitária de viagens, de curtir com os amigos, viagens sozinha. Eu não fazia essas coisas sozinha porque eu nunca tinha e eu não queria ficar pedindo. E às vezes isso incomodava um pouco porque eu já queria ter essa independência. (Alice, 30 anos)*

> *Eu ficava com vergonha de ter que pedir dinheiro pro meu pai, eu tinha vergonha do meu pai ter que me dar dinheiro. (Isabela, 34 anos)*

A fala de ambas ilustra um sentimento comum a vários deles. Pedir uma ajuda financeira dos pais foi visto pelos entrevistados como uma situação vergonhosa. Mesmo a constante pergunta de alguns pais, "você está precisando de alguma coisa?" é vista como algo embaraçoso por alguns deles. A justificativa para o sentimento de vergonha vinha do fato de que os pais já estavam pagando suas despesas fixas e pedir mais alguma ajuda financeira, mesmo que precisassem, foi visto como um constrangimento. Jones (2009) também identificou em sua pesquisa o sentimento de vergonha relacionada à situação de dependência paterna. De acordo a autora, os jovens são ambivalentes com relação a solicitar o suporte parental e podem ser resistentes no pedido de ajuda aos seus pais, mesmo quando precisam.

Cabe destacar, porém, que o sentimento de vergonha pela situação de dependência não era sentido durante o tempo em que viviam com seus pais. Desta forma, pode-se inferir que a permanência na casa dos pais esconde a situação dependência e favorece a naturalização uma desta situação. Nesta relação de dependência, os pais têm o *dever* de prover para os seus filhos enquanto eles ali residem. Os filhos dentro do espaço familiar possuíram, então, o papel de "consumidores" e não de "produtivos" (CUNNINGHAM, 1995). Com a saída da casa dos pais, a situação de dependência parece se tornar evidente para os filhos, causando-lhes certo constrangimento.

5.2. Grupo 2 - A saída motivada pelo trabalho: "*Saí por causa da empresa*"

Nicole, 31 anos, saiu da casa de seus pais pela primeira vez porque foi aprovada em um programa de *trainee* em uma empresa fora do Rio de Janeiro. Na época, ela tinha 24 anos e estava formada. Inicialmente, dividiu apartamento com uma colega de trabalho e depois foi morar com a irmã que também se mudou para a mesma cidade em razão do trabalho. Nicole morava com os pais, já trabalhava e pagava suas contas pessoais, mas não colaborava com as contas da casa. Apesar de seus pais possuírem condições econômicas para sustentá-la, Nicole conta com orgulho que trabalha desde os dezessete anos porque nunca gostou de depender de seus pais.

> *Porque meus pais me davam - me davam um x de dinheiro - mas eu queria mais dinheiro. Eu queria comprar outras coisas, enfim. E quando eu me formei no colégio eu comecei a trabalhar porque eu queria ter uma vida que, na verdade, a mesada dos meus pais não comportava. Então, assim, eu entendi a limitação deles, não era uma*

> *crítica. Como eu queria diferente, eu tinha que fazer por onde pra ser diferente e foi isso, assim.*

A busca pela independência em relação aos pais é constante na entrevista de Nicole e a obtenção de um emprego fora da cidade foi ao encontro disso. Sobre sua primeira saída da casa dos pais, ela conta:

> *Foi ótima, eu amava. Tinha uma vida incrível, assim super... independente porque meus pais aqui, cara, controlavam muito, queriam saber que horas eu chego. Tinha que falar pro meu pai que horas eu ia chegar, acordar meu pai. "Pô, pai, não tem a menor condição, assim. Eu pago as minhas contas, eu não te peço mesada desde os 18 anos, sabe, então". Mas eu entendo a preocupação deles, eu super entendo, mas é aquilo pra mim me incomodava demais. [...] Eu amei. Foi incrível. Claro que às vezes eu ficava com saudade, óbvio, dos meus pais e dos meus amigos também, né, e da cidade, mas eu vinha muito. Eu tinha passagem da empresa pra vir. E era ótimo, cara, foi muito bom. (Nicole, 31 anos)*

Depois desta experiência, Nicole voltou a residir no Rio de Janeiro e atualmente mora sozinha há quatro anos. A história de Nicole ilustra alguns aspectos que também foram encontrados nos relatos de outros membros deste grupo, como o grande contentamento com a vida estabelecida após a saída de casa e a independência financeira adquirida antes da saída, apesar de ainda residirem com os pais e não colaborarem com as contas da casa.

Dentre os 27 entrevistados, este segundo grupo correspondeu a apenas três pessoas, que saíram de casa por terem tido uma oportunidade de trabalho em outra cidade. Nenhum deles saiu de casa *em busca* de trabalho, mas sim com a vaga de emprego já garantida em sua própria área de formação. Novamente, trata-se de uma justificativa "socialmente legitimada" (JONES, 1995) que faz com que aumentem as chances de sucesso e de suporte à transição domiciliar. O pequeno número de sujeitos desse grupo sugere que os jovens e adultos jovens de classe média que saem para trabalhar o fazem a partir de oportunidades de trabalho que permitam manter ou melhorar a condição financeira que têm. Desta forma, não se trata aqui de uma saída motivada pela necessidade ou busca de trabalho.

Em relação ao número de moradias desde a saída de casa, pode-se afirmar que esse grupo é o de maior estabilidade. Em média, esses jovens e adultos jovens passaram por 2.3 residências após a saída da casa dos pais, o que corresponde a 2.1 anos em cada residência. Os arranjos domiciliares experimentados por esses entrevistados foram: domicílio dividido com colega de trabalho, domicílio dividido com irmão/a e domicílio unipessoal. Atualmente, todos moram sozinhos.

O tempo de dependência econômica em relação aos pais após a saída é a mais breve dentre os três grupos. Eles são os que possuem as trajetórias mais curtas rumo à independência. Neste grupo, apenas uma entrevistada recebe ajuda financeira dos pais após sua saída que se deu há um ano. As outras duas pessoas fizeram de fato o processo de "sair de casa" de forma direta e não passaram pelo estágio de "morar fora".

Este breve tempo de dependência dos pais pode ser entendido pelo fato da saída em virtude do trabalho ter trazido aos membros deste grupo algumas garantias e seguranças que os demais não tiveram. Esta estabilidade se deve à aquisição de um trabalho que lhes garantiu rendimento suficiente para que fossem independentes de seus pais logo após a saída e não dependessem tanto da rede de amigos e família para estabelecerem seus domicílios, já que a situação financeira em que se encontravam lhes oferecia maiores possibilidades de escolha.

Com relação ao retorno para casa, apenas um membro deste grupo voltou para a casa dos pais uma vez após a primeira saída, permanecendo com eles por cerca de um ano e saindo novamente. Esta volta se deu com o objetivo de fazer uma economia financeira para poder abrir o próprio negócio.

Com relação às dificuldades, pode-se afirmar que este é o grupo que apresentou menos ocorrências e histórias a respeito dos contratempos ligados ao processo de saída de casa. Além disso, esses entrevistados demoraram a responder à pergunta sobre as dificuldades enfrentadas, geralmente afirmando que não tiveram muitas. Apesar disso, foram apontadas algumas dificuldades, tais como: realizar escolhas, organizar a própria vida sem a mediação dos pais e manter a casa.

Ao ser questionado sobre suas principais dificuldades após a saída da casa dos pais, Leandro contou:

> *Hum... Vamos lá... (pausa). Assim é, eu, eu sou e era ainda um pouco mais, indeciso, então, assim, a dificuldade de escolher né, o apartamento. E no início, pra alugar, também foi uma dificuldade,*

> *assim, um pouco chato assim pra achar. [...] Foi mais a questão da escolha. É... acho que se eu puder dizer que eu tive alguma dificuldade, que não acho que eu posso dizer isso que eu tive, tenha sido mais esse primeiro momento pra poder escolher o lugar que eu ia morar tal e depois pra escolher o lugar desse meu apartamento de agora. (Leandro, 29 anos)*

É interessante notar que a dificuldade escolhida por Leandro foi a dificuldade de escolher. Diferentemente dos membros do grupo anterior, Leandro conta sobre um contratempo que não é concreto, como a falta de dinheiro, de móveis para a casa ou de um fiador. Ele fala da preocupação em fazer uma escolha que seja adequada. Pode-se inferir que a dificuldade não esteja propriamente ligada à escolha em si, mas sim, à preocupação em realizar uma escolha que seja "correta", uma escolha que impeça o sentimento de fracasso ou de insucesso.

Esse tipo de dificuldade de Leandro revela características da chamada "biografia por escolha" (*choice biography*) (DU BOIS-REYMOND, 1998). Diferentemente da chamada "biografia normal" que possui um enquadramento e uma linearidade nos eventos de transição, as "biografias por escolha" exigem que o indivíduo reflita constantemente sobre suas escolhas, o que não significa que haja total liberdade nessas escolhas (DU BOIS-REYMOND, 1998). Nessas biografias, os indivíduos tendem a se sentirem frustrados por perceberem que há muitas opções disponíveis e não sentem segurança de que realizarão uma boa escola. "É a *tensão entre opção/liberdade* e *legitimação/coerção* que marca as 'biografias por escolha'" (DU BOIS-REYMOND, 1998, p. 65, tradução minha, grifo do autor).

Cabe lembrar que Leandro não revela situações de dúvidas ou de dificuldade de escolha quando conta sobre suas escolhas no campo educacional e profissional. Esse caminho foi linear e previsível. No entanto, ao falar sobre o processo de estabelecimento do próprio domicílio, ele conta da dificuldade que teve em escolher o lugar para morar devido às suas exigências, aos preços do mercado imobiliário e ao fato de ser uma pessoa indecisa (o que só apareceu neste aspecto de sua vida).

Isto mostra que a linha que separa as "biografias normais" das "biografias por escolha" não são claras e ambas as características podem coexistir em uma mesma biografia. Portanto, pode-se dizer que nem todas as trajetórias são lineares ou despadronizadas durante todo o seu curso. Os dados desta pesquisa mostram que alguns eventos tradicionais de

transição se mostram reversíveis e não-lineares, porém isso não se aplica a todos os eventos de uma mesma trajetória.

Clara conta da dificuldade em manter o estilo de vida de saudável que tinha quando morava com seus pais. A alimentação mais saudável e a prática de exercícios físicos existiam quando morava com eles, não foram absorvidas em sua rotina desde que saiu de casa.

> *E aí chego e tô cansada e eu falo: "eu quero ir pra casa, porque eu já tô morrendo de fome", então eu quero comer e dormir. E eu tenho certeza que, se eu morasse na casa dos meus pais eu ia chegar, comer alguma coisa e meu pai ia falar assim "não vai pra academia hoje não?" "não vai fazer isso não?" E eu ia. Eu ia porque era uma motivação. Às vezes era uma aporrinhação, mas que me fazia bem e hoje eu não tenho isso. [...] Então, assim, acho que a maior dificuldade hoje é fazer isso porque, não que eu não goste, eu gosto, eu gostaria muito de tá fazendo, mas é complicado assim, você sozinha e não tem nada que te motive a ir, não tem... Eles me davam esse suporte. [...] Em casa tinha uma cobrança que agora eu não tenho e que me fazia bem. Assim, por mais que eu não gosto de aceitar isso, é verdade que fazia bem. (Clara, 27 anos)*

Clara se queixa da dificuldade do estabelecimento de um estilo de vida "saudável" sem ter o monitoramento de seus pais. Como organizar a própria rotina sozinha? Como cumprir tarefas importantes sem que alguém externo a cobre por isso? Como cuidar de si mesma sozinha? A saída de casa lhe trouxe essas dificuldades ao tornar evidente que seus pais cumpriam um papel de organizadores de seu cotidiano, de reguladores do cumprimento das partes "chatas" de uma rotina, fazendo com que ela não precisasse se auto-regular. Aquilo que antes era entendido como algo certo na rotina (alimentação saudável, exercícios físicos, leitura de livros – ponto mencionado posteriormente na entrevista) passa a ser entendido, depois da saída de casa, como algo que deve ser conquistado caso ela realmente queira estabelecer este estilo de vida. Essa conquista é sua maior dificuldade.

Outra dificuldade apontada pelos membros desse grupo diz respeito à organização da vida domiciliar e o fato de terem que assumir as tarefas domésticas que antes eram de responsabilidade de seus pais. Sobre isso, Nicole conta:

> *Cara, eu acho que assim, tem as dificuldades pequenas do dia a dia tipo... "porra, tem que pintar a casa". Eu tenho que resolver tudo: contratar o pintor, chamar, abrir a porta. Minha empregada faltou, hoje ela não foi, tem que lavar a roupa. Eu tenho que levar o carro pra consertar. Se eu morasse com meu pai, ele levaria meu carro pra consertar. [...] Então essas são as dificuldades do dia a dia. Tem coisas que às vezes... Você chega em casa e fala "caralho, não fiz supermercado, não tem comida, a empregada não veio, a casa não sei o quê, o gato nem..." (risos). Tem isso, mas... acho que só isso, assim. (Nicole, 31 anos)*

As queixas sobre a organização da vida domiciliar indicam que as atividades domésticas no tempo em que moravam com seus pais não eram antes compartilhadas e nenhuma delas ficava sob responsabilidade dos filhos. O incômodo causado pela inserção dessas obrigações na nova vida domiciliar revela que essas responsabilidades só foram inseridas na rotina dos filhos após a saída de casa, sugerindo que outras pessoas da família (os pais ou a empregada) as realizavam sem a colaboração de seus filhos jovens.

5.3. Grupo 3 - A saída motivada pela independência: "*Eu sempre quis ser independente*"

Tiago, 32 anos, disse que há muito tempo pensava em morar sem seus pais. Em suas palavras: *"Isso já era claro pra mim quando eu tinha dez anos (risos)[...] Eu queria ter privacidade, já queria isso há muito tempo".* Aos dezoito anos, os pais de Tiago saíram de casa para morar em outra cidade, tendo ficado ele e os irmãos ficaram morando sozinhos por um ano. Aos 21 anos ele saiu de casa para trabalhar em uma cidade próxima ao Rio de Janeiro, mas permanecia metade da semana lá e a outra metade ainda na casa de seus pais. Essas experiências anteriores fizeram com a desejosa saída fosse experimentada em "pequenas doses" e, desta forma, não foi uma completa novidade para Tiago morar sem seus pais aos 26 anos para dividir o apartamento com um amigo. Após dois anos dessa saída, ele retornou para a casa de seus pais com o intuito de juntar dinheiro, tendo permanecido por um

ano. Há cinco anos Tiago mora sem seus pais e, nesse período, teve a experiência de dividir apartamento e morar sozinho, situação em que se encontra atualmente. Tiago conta que esse desejo de ter seu próprio espaço, separado da família, é antigo e que sentia que era fundamental para ele se libertar do controle e da vigilância que experimentava em casa.

> *É, eu sempre tive que dividir as coisas, sempre dividi quarto com meu irmão e as coisas eram muito iguais assim, por causa de ciúmes. Se eu ganhava uma coisa, ele ganhava igual: eu da cor verde e ele da cor azul. Meus pais eram muito controladores. Era tudo muito controlado, tudo muito abafado... E eu muito introspectivo, muito, muito pra dentro, mas com uma vontade imensa de expandir, de ir pra fora, de me libertar disso. E esse espaço era muito opressor, muito vigiado. (Tiago, 32 anos)*

Este trecho da história de Tiago ilustra alguns aspectos que também foram encontrados nos relatos de outros membros deste grupo, como desejo de longa data pela independência pessoal e a queixa feita de forma aberta ao controle e à vigilância dos pais.

Este terceiro grupo é composto por sete jovens e adultos jovens que afirmaram terem saído de casa porque desejavam ser independentes. A palavra 'alívio' e frases como *"eu precisava disso"* são comumente encontradas nas narrativas desses entrevistados. Uma característica peculiar dos membros deste grupo é o fato de serem os únicos a terem se utilizado de uma justificativa não "legitimada socialmente" (JONES, 1995) para sua saída. Entende-se que uma das consequências desta justificativa é o fato desses entrevistados exporem seus problemas familiares de forma espontânea e sem que lhes tivesse sido perguntado. Isso sugere um rompimento com uma ideia romântica da vida familiar e do reconhecimento da existência de aspectos incômodos provenientes deste relacionamento, a ponto de ser possível falar sobre isto de forma mais aberta e com menos constrangimento.

A fala de Rafaela explica sobre a motivação para a saída:

> *Eram duas adultas, duas mulheres. [...] O apartamento era grande, eu tinha o meu quarto – sempre tive, nunca dividi quarto com meu irmão – mas eu precisava do meu espaço, não queria ter ficar todo dia*

> *falando, todo dia contando, precisava respirar, ficar em silêncio. (Rafaela, 27 anos)*

De acordo com Jones (1995), a saída da casa motivada pela busca da independência pessoal tende a ter menores chances de sucesso e de suporte. Os dados relativos a esse grupo mostraram que as famílias deste grupo, apesar de resistirem mais do que as dos demais grupos, apoiaram seus filhos quando perceberam que eles não voltariam atrás. Esse apoio, no entanto, mostra-se um pouco ambíguo. Alguns contam que os pais ainda possuem dificuldade em entender bem a decisão que tomaram e, frequentemente, o convidam para voltar para casa e o sugerem que parem de "*gastar dinheiro com isso*". Renata conta sobre a dificuldade de sua mãe compreender seus motivos para a saída de casa:

> *Sou filha única. São várias implicações pra Freud explicar (risos). [...] Ainda tem o agravante de viver numa sociedade machista e patriarcal que diz que você só pode sair de casa quando você casar. Que faz todo sentido, tal, mas tem pessoas e pessoas no mundo. Minha mãe reproduz o machismo, né? Tipo "mas o que você vai fazer sozinha? Eu lavo a sua roupa." Quando eu morava com a minha mãe, eu não tinha que me preocupar com coisas de casa, eu tinha que me preocupar com conta. Ela não entendia porque eu tava saindo de casa. [...] "Você não vai casar, não vai nada, você mora perto da universidade." Demorou muito. Hoje ela tá mais confortável com a ideia de que eu moro sozinha. Ela lida um pouco melhor, mas até hoje não desce. Porque as amigas dele também não têm esse tipo de cenário. As amigas têm filhas que casaram ou que estão dentro de casa. Eu ajudo ela financeiramente, então pra ela é "cara, porque você tá fazendo isso? Você tá jogando dinheiro pela janela em nome dessa liberdade e dessa independência". "Sim, estou, mas em compensação não faço terapia, não precisa" (risos). (Renata, 34 anos)*

Renata faz o esforço de se colocar na posição da mãe – que não tem amigas cujas filhas realizaram a saída de casa em uma condição não marital – e percebe que a sociedade

machista e patriarcal se repete em sua casa por meio de sua mãe. A forma que ela escolheu para sair de casa é incompreensível para a mãe, porém fundamental para que Renata possa se sentir feliz e continue a manter uma relação satisfatória com ela.

Em média, os entrevistados deste grupo saíram de casa aos 25 anos e estão fora da casa de seus pais há cinco anos. A faixa etária média da saída de casa é a maior dos grupos, mostrando que a ruptura provocada com saída da casa dos pais por motivos não legitimados é adiada o tanto quanto possível.

Em relação ao número de moradias desde a saída de casa, esses jovens e adultos jovens passaram por 3.9 residências após a saída da casa dos pais, o que corresponde a 1.3 anos em cada residência. Os arranjos domiciliares experimentados por eles foram apenas dois: domicílio dividido com amigo/a e domicílio unipessoal. Atualmente, o arranjo domiciliar mais comum entre as pessoas deste grupo é o unipessoal, existindo apenas uma entrevistada que mora com o namorado. O desejo de morar sozinho foi colocado por eles como uma exigência quando planejavam sair de casa, porém este projeto não foi obtido pela maioria desde a saída, tendo ocorrido posteriormente.

O tempo de dependência econômica em relação aos pais após a saída foi também breve. Isso pode ser entendido pelo fato de que, apesar de almejarem esta saída há anos, os membros deste grupo optaram só tomaram a decisão de saírem de casa quando perceberam que conseguiriam se sustentar sozinhos. Não houve, para quase todos eles, o estágio de "morar fora". Neste grupo, apenas uma entrevistadas recebeu ajuda financeira dos pais após a saída de casa, tendo este evento ocorrido há apenas dois meses.

Este grupo, porém, é o que possui a maior porcentagem de pessoas que retornaram para a casa dos pais por um período. Entre os sete membros deste grupo três deles voltaram para a casa dos pais. Este dado sugere que a saída para a independência está mais suscetível à reversão. Estes três entrevistados retornaram apenas uma vez após a primeira saída e esta passagem durou de seis meses a um ano. As justificativas para essa volta foram a falta de perspectiva profissional e problemas de saúde na família. A maior frequência deste retorno também pode estar relacionada com o fato de que seus pais residem na mesma cidade, fazendo da volta pra casa uma alternativa mais fácil do que para os membros do *Grupo 1*.

Em relação às dificuldades enfrentadas no processo de saída de casa, novamente foram mencionados aspectos como a manutenção da casa e as dificuldades financeiras, porém a solidão foi uma dificuldade apontada com frequência. Laura e Rafaela contam sobre o incômodo de ficar sozinha:

> *Porque morar sozinha é ficar sozinha muito tempo e pra mim não é fácil ficar sozinha. Tem gente que acha maravilhoso, tranquilaço. Ficar sozinha, eu adoro ficar sozinha, mas ficar muito tempo sozinha é um... às vezes bate carência demais e... mas acho que eu to me dando bem. Eu sinto solidão, a solidão é presente. Às vezes mais, às vezes menos. Uma TPM pô, manda a ver (risos). (Laura, 30 anos)*

> *A dificuldade é a carência, a solidão, ficar sozinha. Ligo pra um, ligo pra outra, saio, vou ao cinema, mas essa é uma das dificuldades, assim. Às vezes eu falo "nossa, onde eu larguei as pessoas?" "Eu tinha tantos amigos, onde eles foram parar?" Mas é isso, você vai se preocupando com tanta coisa que tem que resolver. (Rafaela, 27 anos)*

Morar sozinha/o é o arranjo domiciliar da maioria dos entrevistados e o projeto para o futuro dos que não vivem nesta condição. No entanto, após algum tempo morando sozinha, as duas entrevistadas contam das dificuldades enfrentadas nesta forma de vida que, geralmente, é muito idealizada. Como dito por Laura, "morar sozinha e ficar *muito tempo* sozinha" e exige que o próprio indivíduo faça o movimento de buscar contato e de buscar encontros. Em uma vida em um domicílio compartilhado, familiar ou não, tem-se como dado a presença de outro na sua rotina e a busca pelo encontro ocorre sem esforço, sem intencionalidade.

Por fim, vale ressaltar que o motivador da saída de casa não costuma ser único. Alguns membros dos *Grupos 1* e *2* também mencionaram o desejo pela independência como uma das razões da saída, porém afirmaram que o estudo e o trabalho foram as saídas possíveis naquele momento. Isso corrobora com o que Buck & Scott afirmam: "saídas associadas com educação, carreira, ou casamento não descartam que a motivação principal possa ser o de abraçar a liberdade da vida independente" (BUCK, SCOTT, 1993, p. 364, tradução minha).

Com exemplo, seguem as falas de Naomi e Nicolas, que pertencem ao *Grupo 1*:

> *Eu queria na verdade sair de casa, mas isso não possível isso no interior. Como assim você sai de casa? Ou é pra casar ou você não sai de casa. Não tem muito essa possibilidade de sair, alugar e morar com as amigas, não tem isso. Eu entendi que não dava pra eu permanecer*

> *na cultura da minha casa, alguma coisa já tinha avançado, precisava do meu espaço. [...] Eu ia sair de qualquer jeito. (Naomi, 33 anos)*

> *Eu também não queria ir pra uma cidade muito perto da minha. Eu me conhecia, eu sabia que eu ia querer sempre tá indo em casa. E... Não sei, eu queria me tornar independente, sabe. Lá eu tinha tudo muito à mão. Minha mãe sempre cuidou de tudo em casa e eu queria ter essa experiência de morar sozinho, esse choque, esse desligamento total de casa, eu queria fazer essa ruptura, eu precisava, eu queria fazer aquilo. (Nicolas, 35 anos)*

A razão da saída com base na continuação dos estudos é impulsionada pela necessidade que Nicolas tinha de viver uma experiência de desligamento e de ruptura com a família. A afirmação "*minha mãe sempre cuidou de tudo*" indica uma forma "teste" que ele colocou a si mesmo: serei capaz de cuidar de mim mesmo sozinho? Uma das motivações para a saída de casa pode ser a de tentar encontrar a resposta desta pergunta. Naomi conta que não era possível sair de casa naquele momento por meio de justificativas que não fossem as legitimadas pela sua família e pela cultura em que aquele grupo familiar estava imerso. Sair de casa para estudar era a razão possível para sua mudança em uma condição não conjugal, permitindo que a saída do seio familiar ocorresse com poucas rupturas afetivas e garantindo a continuidade do suporte afetivo e financeiro dos pais.

5.4. Síntese das características dos grupos analisados

Por meio da análise apresentada, é possível notar que os jovens e adultos jovens do *Grupo 1* (Estudo) são os que saíram mais cedo da casa dos pais, os que estão há mais anos fora de casa e os que tiveram um maior número de moradias. São eles também os únicos que passaram pelo estágio de "morar fora" de casa, tendo vivido um longo período dependente de seus pais.

Os jovens e adultos jovens do *Grupo 2* (Trabalho) e *Grupo 3* (Busca pela independência) apresentam algumas semelhanças. Eles possuem o mesmo tempo médio de saída de casa e a grande maioria deles não passou pelo estágio de morar fora, pois já saíram de casa financeiramente independentes dos pais. O Grupo 2 (apesar da potencialmente baixa

representatividade do pequeno grupo), por outro lado, é mais estável, tendo tido menos residências e permanecendo nelas por mais tempo. O Grupo 3 possui os que saíram de casa mais velhos e os que permaneceram pouco tempo em cada residência, sendo o grupo mais instável nesse aspecto.

Com base no quadro abaixo e nas respostas fornecidas durante as entrevistas em relação às dificuldades vivenciadas por cada dos três grupos, pode-se observar que a saída em virtude do trabalho é a que apresenta mais segurança e menos contratempos. A obtenção de um emprego que lhes garantiu a independência financeira dos pais desde a saída de casa possibilitou-lhes vivenciar menos dificuldades de ordem mais prática (como falta de dinheiro ou falta de fiador para aluguel) e mais dificuldades de ordem emocional (escolher, implementar uma rotina sem a mediação dos pais) ou outras mais secundárias (arrumar a casa). Para Galland (2003), a permanência na casa dos pais mesmo depois de concluído os estudos faz com que os jovens saiam da casa paterna assim que encontram um emprego que lhes permita viver de modo independente, buscando ansiosamente esta experiência.

A saída motivada pelos estudos em geral recebe um grande suporte da família da origem que investiu financeiramente por vários anos neste projeto de seus filhos, que também é deles. Mesmo com o suporte dos pais, trata-se de uma saída com um longo período de dependência dos pais que traz vários incômodos para os filhos. Estes, apesar de gratos, sentem-se desconfortáveis com o fato de precisarem pedir dinheiro para os pais. Por esta razão tentam diferentes tipos de trabalho para conseguirem, ao menos, pagar suas contas pessoais. Esta saída é a que conta mais dificuldades, tanto de ordem prática quanto emocional. No entanto, apesar dos contratempos enfrentados, observa-se também que esta saída aparenta ser a mais definitiva, dada a proporção muito pequena de jovens que retorna temporariamente para a casa dos pais.

É importante reconhecer a singularidade do contexto brasileiro nesse sentido para entender porque esses dados mostram-se diferentes de pesquisas no Reino Unido (JONES, 1995), onde a maior taxa de retorno para a casa dos pais, por exemplo, está entre aqueles que saíram para estudar. No caso brasileiro, de acordo com Madeira (2006), a taxa de retorno do tempo gasto em educação é alta, o que significa que ainda há um aumento de salário significativo em virtude do número a mais de anos de estudo, o que pode ajudar a compreender porque a saída para os estudos tende a ser definitiva entre os jovens brasileiros.

A saída motivada pela busca de independência é a única não “legitimada socialmente” (JONES, 1995). Esta saída foi feita por jovens e adultos jovens – especialmente mulheres – mais velhos, já independentes e que diziam que este era um projeto pessoal de longa data.

Trata-se, portanto, de uma saída devidamente planejada, possivelmente para que não houvesse erros ou fracassos. As dificuldades são um misto do que foi identificado nos dois grupos anteriores, com elementos mais secundários, de ordem prática e também emocional (organização da casa, falta de dinheiro e solidão). Esta saída é, no entanto, a que possui a maior proporção de retornos temporários para a casa dos pais, corroborando com o que Jones (1995) aponta a respeito do fato das saídas não legitimadas terem menores chances de sucesso do que as demais.

O Quadro 11 sintetiza alguns dos aspectos objetivos mencionados acima em relação ao processo de transição domiciliar, conforme vivenciado pelos três grupos analisados.

Quadro 11 – Caracterização geral dos grupos de entrevistados 1, 2 e 3

Características	**Grupo 1 - Estudo**	**Grupo 2 - Trabalho**	**Grupo 3 - Independência**	**Geral**
Número de entrevistados	17	3	7	27
Idade média da saída de casa	19,8	24,0	25,0	21,6
Há quanto tempo em média saiu de casa (anos)	9,8	5,0	5,0	8,0
Número médio de moradias	5,9	2,3	3,9	5,0
Tempo médio em cada moradia (anos)	1,7	2,1	1,3	1,6
Tempo médio de dependência financeira após a saída (anos)	4,9	0,3	0,0	3,1
Número de pessoas que retornaram para casa dos pais temporariamente	3	1	3	7

Fonte: Elaboração própria, 2015. Consolidação das médias para cada grupo.

6. A saída de casa: semelhanças entre os grupos no processo de transição

Dando continuação à análise dos dados referentes ao processo de saída da casa dos pais entre jovens e adultos jovens, este capítulo irá analisar as *semelhanças* encontradas no processo vivenciado pelos 27 entrevistados, tendo em vista que os dados sugerem que alguns elementos ligados à saída de casa são comuns a todos os entrevistados. Desta forma, foram exploradas nesta análise as seguintes características da transição domiciliar: o lugar da família, os medos ligados à saída de casa e as conquistas obtidas com esta transição.

6.1. O lugar da família no processo de saída de casa

Esta seção irá abordar os aspectos familiares apontados nas entrevistas. Para isto, ela foi dividida em três subseções: o apoio dado pelos pais à saída de casa de seus filhos, os incômodos do relacionamento familiar e o que os jovens e adultos jovens mais sentem falta da época em que moravam com suas famílias.

6.1.1. O apoio recebido dos pais: "Ele tá achando o máximo que ele tenha me apoiado"

A família foi o ponto de apoio mencionado por mais da metade dos entrevistados em caso de dificuldade financeira. Pai ou mãe foram os primeiros a serem citados como pessoas a quem eles recorreriam (ou já recorreram) caso precisassem de dinheiro. Os irmãos mais velhos também foram apontados como pontos de apoio por possuírem uma condição financeira melhor do que a dos pais no momento atual. Tios e avós também foram mencionados, porém, em menor frequência.

Neste sentido, esses dados corroboram com o que já foi indicado em outros trabalhos (GUERREIRO; ABRANTES, 2005b; PAPPÁMIKAIL, 2004) sobre o fato de a família ser o principal porto seguro dos jovens durante o processo de transição para a vida adulta. Vale destacar que entre os entrevistados desta pesquisa, a família não só *foi* o principal ponto de apoio como ainda o *é*.

A outra metade dos entrevistados, no entanto, afirmou não ter ninguém a quem recorrer em caso de uma necessidade financeira. Por essa razão, esses entrevistados afirmaram que caso precisassem hoje de dinheiro, eles teriam que recorrer à própria poupança ou a um empréstimo bancário.

A reação de Caio a essa pergunta foi semelhante a de vários entrevistados que estavam na mesma situação:

> *E: Se você precisasse de alguma ajuda financeira hoje, a quem você recorreria?*
>
> *C: (pausa) Fudeu. Talvez um empréstimo ao banco, uma coisa bem trágica assim. Não tenho a quem recorrer. [...] Sempre assumi certas responsabilidades, ser muito lúcido em determinadas escolhas. Porque é exatamente isso: se eu mando mal no meu trabalho e sou demitido, acabou. Vou ligar pra minha mãe e ela vai falar "volta aqui, mora aqui" e aí é outra tragédia. [...] Eu não posso me dar o luxo de errar nesse sentido. Não posso me dar o luxo de mandar mal porque eu mesmo que vou arcar com isso. (Caio, 29 anos)*

As trajetórias juvenis e o processo de transição para a vida adulta estão tão fortemente dependentes do alicerce oferecido pela família que quando ele não existe, não há outro com que contar. A maioria dos entrevistados recebeu ajuda financeira de seus pais (por mais ou menos tempo) no processo de saída de casa, porém no momento atual alguns desses pais tiveram seus rendimentos reduzidos devido às situações de aposentadoria ou de desemprego.

Além do apoio financeiro, a família também é lembrada como ponto de apoio para orientação em relação à carreira ou ao estabelecimento do domicílio. Isso porque, quando se dá transição domiciliar, o jovem passa a ter contato com uma série de políticas de Estado e do mercado das quais ele não possui nenhum conhecimento. Laura e Luana contam sobre sua insegurança nesse sentido:

> *Acho que na verdade, nesse tempo todo aí, o que mais senti falta foi de ter uma orientação, entendeu? Um pai mesmo, uma mãe que eu possa perguntar: "mãe, tenho dinheiro, tô guardando. E aí, vou comprar? Não vou comprar? É agora, não é? Onde, como? Junto? O que eu faço? O que não faço? Mudo? Não mudo? Pra onde vou? Pra onde deixo de ir?" (Laura, 30 anos)*
>
> *É o que o meus pais falam: hoje, eles não conseguem mais me orientar. Eles deixam que eu defina e torcem pra que dê certo,*

> *entendeu? Então, eu não tive desde o início nenhuma uma orientação do tipo: "vai fazer mestrado", "vai fazer doutorado". Eu fui vendo as possibilidades e fui me encaixando, entendeu? (Luana, 27 anos)*

A exclusividade do apoio familiar no processo de transição domiciliar apresenta dois problemas. Um é o de fomentar a desigualdade já acentuada entre os jovens brasileiros. O segundo é o de cair sobre esta instituição a responsabilidade do sucesso ou do fracasso deste filho jovem ou, como no caso de Caio, tornar a responsabilidade totalmente individual, gerando uma grande pressão para que o sujeito não falhe ("*não posso me dar o luxo de mandar mal*").

Este aspecto retoma as discussões teóricas feitas nos capítulos anteriores sobre quem seriam os responsáveis pelo bem-estar dos jovens (JONES, 1995; SETTERSTEN; RAY, 2010). Seriam os pais, então, os únicos responsáveis pela ajuda e pela orientação no que se refere aos desafios da saída de casa? Quem ou quais outras instituições poderiam apoiá-los? Segundo Jones (1995), a transição para a vida adulta pode ser entendida como uma passagem de um estado de dependência para a cidadania, ou seja, a relação do indivíduo jovem com o Estado deixa de ser indireta e intermediada pela sua família e passa a ser direta. No entanto, dentro de uma estrutura social e política em que a família foi e continua sendo o único suporte possível, como se dará essa passagem para a cidadania?

Vale destacar, porém, que quando se trata do suporte emocional, as pessoas a quem os jovens e adultos jovens mais recorrem quando estão tristes ou chateados são, em primeiro lugar, os amigos. Além deles, foram mencionados de forma secundária, o/a namorado/a, a/o psicóloga/o e a mãe. A família, nesses casos, não aparece como principal referência em termos afetivos, cabendo primeiramente aos pares o lugar de confidentes.

Outro aspecto importante do apoio oferecido pelos pais no processo da transição domiciliar diz respeito à motivação que os mesmos proporcionaram aos seus filhos durante a saída. Isso porque os filhos não se recordam apenas do suporte financeiro dado pelos pais, mas também das falas de incentivo dadas especialmente no começo deste processo.

A maioria dos entrevistados se referiu à reação de seus pais diante de sua saída como "*tranquila*". Três razões foram apontadas por eles para justificar essa atitude: (i) porque um de seus pais (quando não os dois) já havia feito o mesmo quando jovem e considerava esta vivência agregadora; (ii) porque um dos pais, mesmo não tendo feito esta experiência, tinham

o desejo de tê-la feito durante a juventude (iii) porque os pais já haviam vivido esta experiência antes com a saída do filho mais velho.

A primeira razão relatada para o apoio coincide com o que Buck & Scoot (1993) constataram sobre a influência que a experiência da transição domiciliar dos próprios pais tem sobre as preferências e as oportunidades que eles irão oferecer aos seus filhos neste processo. Nesta mesma perspectiva, Iacovou (2010) afirma que, apesar de existir uma tendência maior à saída de casa entre os jovens que possuem maior rendimento, isso só se transformará em ação caso *ambos os lados* atribuam um alto valor à independência pessoal e estejam dispostos a investir dinheiro para alcançá-la.

A segunda razão apontada pelos entrevistados mostra que, não só as experiências *vividas* pelos pais influenciam o grau de incentivo dado à transição domiciliar dos filhos, mas também o *desejo* de ter vivido uma vida independente antes do casamento.

Os dois trechos abaixo mostram a importância do incentivo e do apoio dos pais à saída de casa de seus filhos. Carolina conta, de forma alegre, a reação de seu pai à ideia de sua saída (motivada pela independência). Amanda conta de sua necessidade em receber a autorização de seu pai para que ela se sentisse segura para a mudança (motivada pelo estudo).

> *Foi muito elaborada a ideia. Meu pai tá se achando o pai mais "pra frentex" do mundo, ele tá se achando o máximo porque ele conta pra todo mundo. [...] Ele tá achando o máximo que ele tenha me apoiado (risos). (Carolina, 23 anos)*

> *Acho que eu precisava de... De falar, ver qual a reação do meu namorado, dos meus pais. Aí meu pai: "nossa, que legal. Você já fez a inscrição, né?". Aí eu falei: "não, não fiz, não sei se eu quero, não sei se eu quero mudar" (risos). "Não você vai, você vai fazer o doutorado lá no RJ". E meu pai sempre foi independente desde cedo. Saiu de casa cedo, então, ele achava que se eu ficasse em casa eu ia ficar em casa até casar (risos). (Amanda, 30 anos)*

Da mesma maneira que o incentivo dos pais foi lembrado durante as entrevistas, a falta de apoio dos mesmos também foi mencionada por alguns entrevistados.

Nicolas contou que anos antes de sua saída, ele havia tido uma oportunidade de cursar a graduação fora de sua cidade, mas sua mãe "*colocou tanta areia*" que ele acabou desistindo. Anos depois, ele optou por fazer sua pós-graduação fora da cidade e decidiu que a opinião da mãe não alteraria mais a sua decisão. De forma semelhante, Maria contou sobre a reação de sua mãe à sua saída de casa para estudar.

> *Minha mãe sofreu muito, olhava pra minha cama, não acreditava. Ela me ligava todo dia. Ainda liga, né? (Maria, 26 anos)*

> *Ela se ressente até hoje de eu ter saído de lá. Se eu ligar pra ela e falar: "Mãe, faz tempo que você não me liga". Ela diz: "Você que foi embora de casa, não foi eu" (risos). [...] Minha mãe sente minha falta e acho que é uma coisa que ela nunca vai resolver. Ela ameaçou colocar obstáculo dessa vez, mas dessa vez eu já tava bem decidido. Não tinha alternativa. Eu vinha independente do que ela achasse. (Nicolas, 35 anos)*

Cabe destacar, porém, que tais reações dos pais à saída de casa dos filhos não foram frequentes e sua presença não varia de acordo com os grupos mencionados no capítulo anterior. Desta forma, pode-se inferir que a presença ou ausência do incentivo para saída parece estar mais relacionada às experiências ou ideais dos pais sobre esse evento do que propriamente ao motivo que levou o filho a sair de casa.

A terceira razão utilizada pelos entrevistados para explicar o apoio e a "tranquilidade" dos pais diz respeito à experiência de saída de casa dos irmãos mais velhos. Esse dado sugere a presença de um aprendizado dentro da família que garante aos pais uma maior segurança ao vivenciarem a saída de casa do segundo filho. Da mesma maneira há um aprendizado dos filhos mais novos a partir do que foi vivido por seus irmãos mais velhos, fazendo-os se sentir mais livres para planejar e realizar esta saída.

Por fim, cabe um adendo a outro dado surgido nas entrevistas: o apoio que os filhos atualmente *dão aos pais*. Dos 27 entrevistados, sete deles oferecem uma ajuda financeira mensal a seus pais. Esta ajuda tem o objetivo de cobrir custos de convênio médico, condomínio ou uma parte do aluguel de seus pais ou só da mãe (em caso de pais divorciados). Essa ajuda se tornou necessária para algumas famílias dada a situação de aposentadoria dos

pais, as dívidas acumuladas e os custos aumentados com o cuidado dos avós. Essa ajuda é justificada como uma retribuição ao que os pais lhe ofereceram até então.

Além do custo financeiro com os pais, os dados indicam também que a preocupação com bem-estar deles e a percepção de que eles estão envelhecendo é algo que aparece com certa tristeza nas entrevistas desses jovens e adultos jovens. Maria e Nicolas contam desses receios:

> *Eu vou tomar conta deles. Isso mexe muito comigo no sentido assim, eu não tenho muito as coisas definidas. Eu tenho medo de tomar certas decisões. Minha vida ainda fica um pouco presa neles. Se minha mãe morrer e meu pai ficar sozinho? Ninguém vai querer tomar conta dele e eu vou ter que tomar. Vou ter que arrumar uma casa, tal. Não penso só em mim. Tudo o que eu faço eu penso neles. [...] (Maria, 26 anos)*

> *Então, essa distância, não estar próximo deles e acompanhar o envelhecimento deles uma vez por ano. Meu pai tá com 71 e ainda trabalha, então, isso me deixa... Triste. Há 2 anos atrás ele foi atropelado, quase morreu. Então, assim, receber uma ligação que meu pai foi atropelado foi um choque absurdo, sabe? (Nicolas, 35 anos)*

Sair de casa não significa a perda dos vínculos com a família. Após alguns anos da saída de casa e com independência financeira adquirida, alguns jovens e adultos jovens iniciam o "movimento inverso" e passam a cuidar de seus pais e se preocupar com bem-estar deles. Essa preocupação gera também tristeza. Para alguns, a tristeza surge ao se darem conta que envelhecimento dos pais lhes trará mais obrigações e responsabilidades. Para outros, a tristeza vem do "choque absurdo" da realidade que revela que os pais não são para sempre. A consciência da perda dos pais pode ser vista como um preço a ser pago pela separação e pela emancipação em relação a eles. Conforme afirmado por Silveira & Wagner (2006), a separação e a individuação se iniciam logo no início da vida da criança, mas é durante a juventude que tanta a família quanto os adultos jovens renegociam perdas e ganhos desta separação.

6.1.2. Incômodos do relacionamento familiar: "Tem hora que você não aguenta mais"

Os incômodos mais frequentemente mencionados pelos entrevistados foram em relação ao controle, à subordinação e à vigilância de seus pais sobre suas vidas. Alguns dos relatos abaixo exemplificam esses incômodos.

> *Ter muita gente o tempo todo, barulho o tempo todo. Sempre tive meu quarto, mas a mania de ter a televisão ligada. [...] Essa mania de deixar a TV ligada na Globo o dia inteiro, isso é uma coisa assim, que me faz mal. [...] Me incomodava esse barulho, essa obrigação de dar satisfação, eles não são invasivos, mas sempre tinha "foi jantar com quem?" Eu não me importo de falar, mas isso todo dia é cansativo. Chega uma hora que isso cansa muito. O problema não é falar é a forma das coisas, todo dia ali, é cansativo. (Carolina, 23 anos)*

> *Ah, eu sou um ser insuportavelmente independente, então não gosto dessas perguntas: "aonde você vai, o que você vai fazer?" Eu entendo a violência, mas acho que chega um nível que extrapola. O meu desejo de independência foi sempre grande. Até os 19 ela [mãe] me prendeu de todos os jeitos que você possa imaginar. Eu não botava a cara na rua. Era tudo muito regrado. Cara, tem hora que dá uma sufocada. Tudo pra que não "desse ruim" (risos). Sou agradecida, mas tem hora que você não aguenta mais, cara. (Renata, 34 anos)*

> *Mesmo quando eu comecei a trabalhar e criar uma autonomia financeira, ainda sim eu não tinha 100% de autonomia com eles. Então, por mais que, assim, eu sempre fui assim muito responsável e meu pai e minha mãe nunca me podaram de ir pra algum lugar, só que eu sempre pedia pra eles e sempre que eu chegava num lugar eu ligava ou mandava uma mensagem avisando "cheguei, tá tudo bem". Tinha certas coisas que eu tinha que pedir, né... tinha coisas que eu*

> *não podia fazer, que eu não podia falar, então, assim, eu não tinha 100% de autonomia. [...] Era mais dar uma satisfação, mas isso me incomodava, ter que dar essa satisfação. Por mais que eu soubesse que, mesmo que eu não precisasse dar, eu ia falar, entendeu? (Alex, 27 anos)*

Esses incômodos ainda permanecem em algumas relações mesmo com a saída de casa. Renata conta:

> *Ela tenta ligar todos os dias pra dizer aquelas coisas que ela diz todos os dias. Cara, você é mãe de uma mulher de 34, então não faz sentido você me perguntar se eu comi (risos). Não são assuntos de duas pessoas adultas. É assunto de uma mãe pra uma filha de 15. Todo dia ela liga e pergunta se eu já comi. E são todas as mães, não é a minha mãe (risos). Eu sinto falta de ter uma mãe que devido a todas as minhas lutas diárias, responsabilidades que ela tá vendo, que a gente converse coisa de gente adulta, mas ao mesmo tempo eu tô sendo sacana porque a minha mãe não tem essa bagagem pra fazer esse tipo de conversa, então eu tenho que ter mais paciência do que ela. (Renata, 34 anos)*

O incômodo em relação à dependência e ao controle dos pais foi constante em todas as entrevistas. Por essa razão entende-se que as questões relativas à dependência não podem ser separadas do poder (LISTER, 1990). Quando Alex afirma que dava satisfação aos seus pais, mesmo estando independente e mesmo que soubesse que não precisava dar, ele está também afirmando que as regras e a desigualdade nas relações familiares já estavam assimiladas e que a permanência em casa exigiria sempre o cumprimento desta "etiqueta". O fato dos momentos de dificuldade terem sido superados pela maioria sem que houvesse retorno para a casa dos pais também é revelador de que este grupo entende que voltar a casa dos pais significa cumprir as regras familiares e não tanto negociá-las.

A fala de Renata mostra que compreender a limitação de sua mãe, e não o contrário, é uma forma de elaborar as desavenças familiares. Outros entrevistados também contam que houve uma melhora na relação conflituosa familiar a partir do momento em que mudaram sua

percepção sobre os pais. Tal percepção foi modificada em decorrência de uma relação de cuidado dos filhos em relação aos seus pais, ou, como afirmado por alguns, devido ao fato de passarem a vê-los mais como *irmãos* do que como pais. Enxergar a relação com seus pais como mais igualitária, buscando compreender os limites de seus pais é uma tentativa de resolver conflitos deste relacionamento familiar.

Estes incômodos mencionados pelos entrevistados são inerentes à relação familiar. "A parentalidade é necessariamente enredada em arranjos práticos, financeiros e domésticos que tipicamente dão aos pais poderes sobre seus filhos que são somados ao poder do conhecimento, da habilidade social ou da sabedoria que podem ter com resultado de seus anos de experiência" (JAMIESON, 1998, p. 162, tradução minha). Portanto, especialmente quando pais e filhos residem no mesmo domicílio, essa relação de poder dos pais sobre seus filhos será exercida. Por essa razão, entende-se que é um resultado importante da transição domiciliar é a emancipação do controle parental, sendo este um elemento importante no processo de transição para a vida adulta. Esta emancipação do controle pode significar que "pais e filhos têm menos a dizer um para o outro, respeitando o direito de cada um de seguir com suas próprias vidas" (JAMIESON, 1998, p. 163, tradução minha).

Além disso, observa-se também que a constante tentativa dos pais de proteger seus filhos, também revela a desigualdade desta relação (JAMIESON, 1998). Nas entrevistas de alguns entrevistados é possível perceber esse mesmo movimento, agora, ao contrário: por meio do cuidado, da ajuda financeira e do esforço em aceitar os incômodos desta relação, eles colocam os pais como os mais vulneráreis da relação e eles como os mais sábios e os que garantem a funcionalidade de aspectos financeiros e práticos na vida de seus pais.

6.1.3. A saudade de casa e da família: "Isso eu sinto muita falta"

Uma das perguntas da entrevista buscou saber o que os entrevistados mais sentiam falta em relação ao tempo que moravam com seus pais. Dois aspectos foram os mais mencionados: a saudade da comodidade que tinham e a saudade do convívio com a família.

A comodidade existente na casa dos pais foi a primeira resposta dada por todos eles. Os "mimos" e a "comida sempre pronta" foram os aspectos mais comentados e, geralmente, de forma bem humorada. As falas abaixo ilustram este aspecto:

> *Eu sinto falta de não ter que organizar nada na casa (risos), de tá tudo pronto, isso eu sinto muita falta. [...] É... mas claro, sinto falta às vezes*

> *de chegar, deitar no sofá e minha mãe vir trazer um negócio pra mim, meu pai vim falar. (Nicole, 31 anos)*
>
> *Porra, de ter comida pronta, de tá a casa limpa, coisas que nem, sinceramente, fazem falta pra mim, mas que era bom. Mas naquele contexto de eu ser jovem, de chegar do treino e ter comida no micro-ondas e eu apertava um botão e saia comida, era sensacional pra mim. Porra, agora eu tenho que chegar e eu fazer minha comida, se eu não comprar não tem nada. Isso foi interessantíssimo também: pô, tem suco na geladeira? Você comprou? Se você não comprou, não tem. (Caio, 29 anos)*
>
> *(pausa). Ai, ai, acho que... Acho que ter comida todo dia (risos). (Tiago, 32 anos)*
>
> *É, não sei se é porque essa semana tá um caos – o meu trabalho, e queimou o chuveiro (risos) - eu tenho muitas coisas pra resolver do o próprio apartamento, sabe? [...] Aí me dá uma certa "ah, quando eu morava com meus pais eu não precisava pensar em nada disso" (risos). (Alice, 30 anos)*

A realização das atividades domésticas na casa dos pais não era uma prática para a maioria dos entrevistados e, atualmente, também não o é. Dos 27 entrevistados, dezoito possuem uma diarista para realizar as tarefas domésticas. Alguns demonstraram certo constrangimento ao afirmar que pagavam uma diarista semanalmente ou duas vezes por semana. Todos afirmaram realizar tarefas como cozinhar, limpar a casa, lavar a roupa, mas disseram também que o fazem "*quando precisam*", "*de vez em quando*" ou "*quando estou inspirada/o*". Aqueles que não têm uma diarista justificam não precisar do serviço porque a casa é pequena, porque não podem pagar por ele ou não querem dispender esse dinheiro e, um deles, afirmou que é "*contra*" porque acredita que "*a gente tem que limpar a nossa casa*".

A saudade da comodidade que tinham em casa indica que não lhes era exigido que colaborassem com tais atividades, fazendo com que tivessem pouco envolvimento e

comprometimento com as tarefas domésticas e com o funcionamento da casa (consertos na casa, compras de supermercado). Entende-se, assim, que a maioria dos entrevistados vivia em uma espécie de moratória e só passaram a ter contato com os as tarefas domésticas, com as contas e com as responsabilidades de um domicílio quando saíram da casa de seus pais. Um dos entrevistados afirmou: "*Quando eu fui morar fora eu sabia fazer nescau e misto quente*". Outra jovem explicou sobre sua falta de experiência nas tarefas do lar: "*Eu acho que eu perdi muita coisa porque tem coisa básica que eu aprendo hoje aos 30 anos. Outro dia eu perguntei pra diarista: 'o que é um alvejante?' (risos). Ela falou '- o vanish', '- ah, tá, o vanish é alvejante, então tá bom' (risos)*".

Vale ressaltar que, segundo os próprios entrevistados, a maioria dessas famílias também contava com uma diarista ou empregada em casa. O trabalho de Brites (2007), cuja amostra foi composta por famílias de classe média, mostrou que é esperado que a empregada doméstica realize as tarefas da casa, o cuidado com as crianças, com os mais velhos e com os animais, sempre "de forma discreta e afetiva" (BRITES, 2007, p. 96). Com isso, os membros adultos podem se dedicar às atividades laborais, aos cuidados com a decoração, com a saúde da família, com as compras do supermercado e outras atividades pontuais. Não se destina nenhum trabalho doméstico às crianças e jovens, especialmente para aqueles do sexo masculino (BRITES, 2007).

Vários entrevistados contaram também que nos primeiros anos após a saída de casa, eles costumavam voltar para a casa dos pais semanalmente ou quinzenalmente com as roupas sujas para serem lavadas. Depois do final de semana com os pais, eles retornavam para as próprias casas com as roupas limpas e geralmente com comidas congeladas feitas pela mãe ou empregada. Só após a total independência financeira dos pais esses "favores" se extinguiram e, segundo os entrevistados, isso ocorreu por iniciativa deles mesmos.

Damatta (1986), em sua distinção sobre o espaço da rua e da casa, afirma que não deve haver trabalho em casa, "e erroneamente, não tomamos o trabalho doméstico como tal, mas como serviço ou até mesmo prazer ou favor" (DAMATTA, 1986, p. 21). Assim, as empregadas e diaristas têm por tarefa realizar o que nós nos poupamos de realizar dentro de casa, deixando para o espaço da rua o esforço, o desgaste e o trabalho. No caso deste grupo de entrevistados, o espaço do próprio domicílio se tornou o de estudo e de lazer, enquanto o espaço da casa dos pais é o das obrigações domésticas. Essas obrigações, por sua vez, não são vistas como trabalho, mas como favor ou serviço prestado pelos pais a seus filhos.

O segundo aspecto mais mencionado entre os entrevistados é a saudade do convívio familiar em si. Alguns entrevistados relatam:

> *Eu sinto falta de chegar em casa e, assim, ter minha mãe pra conversar, meu pai. Principalmente a minha mãe. Todo momento que ela podia estar comigo, ela estava. Eu sinto muita falta disso. [...] Sinto falta da companhia mesmo. (Tatiana, 30 anos)*

> *O que eu gostava muito da minha mãe é que minha mãe me conhecia, né. Se eu tava de TPM, se eu tava meio de ovo virado minha mãe sabia exatamente o que fazer. Tipo não fazer, entendeu, deixar quieto. Isso eu gostava. Talvez disso eu sinta falta, assim, desse conhecimento que ela tinha, assim. Como lidar comigo. (Laura, 30 anos)*

> *É bom não ter ninguém no seu ouvido, mas às vezes você sente falta. Ter uma pessoa que te dá boa noite, que te dá bom dia, que se preocupa com você. Claro que excesso ninguém gosta, mas é bom quando minha mãe me liga e às vezes eu preciso dela. (Rafaela, 27 anos)*

> *Quem eu mais sinto falta hoje morando sozinha é meu irmão. Até porque, pai e mãe, eu pego o telefone e ligo, a gente sempre teve esse hábito. Meu irmão a gente nunca teve esse hábito. [...] Do convívio com meu irmão. Isso nunca mais vai voltar. Isso dói, mas faz parte, né? (Carolina, 23 anos)*

As lembranças afetivas do tempo em que moravam com os pais demonstram a ideia de que em casa "somos únicos e insubstituíveis" (DAMATTA, 1986, p. 17) "Em casa, portanto, tenho tudo e sou reconhecido nos meus mais ínfimos desejos e vontades" (DAMATTA, 1986, p. 19). Este reconhecimento obtido dentro de casa pode ser entendido como um das razões desta saudade.

No entanto, ao se recordarem do tempo em que moravam com os pais, os entrevistados revelaram que também sentem falta da presença dos próprios pais, do afeto e da troca que existia naquele espaço familiar. Entende-se, assim, que o papel da família na trajetória desses

jovens e adultos jovens não se restringe apenas ao apoio dado a eles em seus projetos, mas também às trocas afetivas ocorridas no espaço familiar, tão bem recordadas pelos filhos.

No entanto, vale destacar que os incômodos relatados anteriormente foram relatados também pelos mesmos entrevistados. Além disso, ao contarem a respeito do que sentem falta, muitos deles afirmaram que apesar de sentirem saudades destes aspectos da vida familiar, não trocariam a vida que tem hoje para terem a comodidade que tinham ou a convivência que tinham em casa. Estes discursos sobre a família se sobrepõem e até mesmo se contradizem. A família aparece ora como um lugar de queixas, de controle, de submissão, ora como um lugar de carinho e cuidado, aspecto também observado em outros trabalhos que analisaram os conflitos que muitos jovens experenciam entre a família que idealizam e a família real (GONÇALVES, COUTINHO, 2008).

Além de estar no lugar das queixas e da saudade, a família ainda cumpre a função de única instituição de suporte aos jovens no processo da transição domiciliar, fazendo com que a mesma seja ainda mais idealizada. De acordo com Gonçalves & Coutinho, a família está:

> Desamparada diante da tarefa de educar e sustentar os filhos, mas idealizada como pólo exclusivo de investimento, a própria família talvez tenda a reforçar a idealização que o jovem faz dela, restringindo as relações de alteridade e o reconhecimento das diferenças, bases para a solidariedade e para relações igualitárias e (neste sentido) mais democráticas. Assim, como num círculo vicioso, a família idealizada idealiza a si mesma, mascarando os seus conflitos internos e o seu próprio desamparo, o que a leva, muitas vezes, a depositar no jovem os problemas que insiste em eludir (GONÇALVES, COUTINHO, 2008, p. 609)

Tal compreensão está em consonância com a compreensão de Jones (1995) exposta nos capítulos teóricos de que a terceirização que o Estado promove do cuidado dos jovens para suas famílias traz mais malefícios do que benefícios, tanto aos jovens quanto as suas próprias famílias.

6.2. As inseguranças e os medos após a separação

Os medos que os jovens e adultos jovens desta pesquisa enfrentaram e ainda enfrentam após a saída da casa dos pais são comuns aos três grupos organizados no capítulo anterior. Não se trata aqui das dificuldades enfrentadas, mas sim dos medos e das preocupações com que eles se confrontaram (e ainda se confrontam) desde que fizeram essa separação de seus pais e estabeleceram seus domicílios.

Os dados mostram que o medo mais frequente nas trajetórias desses jovens e adultos jovens é o medo do fracasso. Esse medo de fracassar inclui duas situações: não conseguir se sustentar sozinho e ter que voltar a depender financeiramente dos pais. Posto isso, constata-se que o medo do fracasso trazido pelos entrevistados está fortemente relacionado com o medo de voltar a um estado de dependência que implicaria em ter que voltar a residir com os pais e ser novamente dependente economicamente deles. Na seção 5.1 foi abordado o sentimento de vergonha que alguns entrevistados mencionaram devido à situação de dependência financeira em que se encontravam.

Outras falas ilustram mais esses medos:

> *No começo eu tinha muito medo de desistir... Assim, tinha dias que, que eu ficava louco assim, eu falava "meu Deus, será que eu vou desistir, eu não posso desistir". (Alex, 27 anos)*

> *Medo... Com certeza. Em vários momentos diferentes. Ainda mais na época que eu ganhava bolsa. Medo de não ter como me sustentar, assim. Acho que esse medo talvez tenha sido o que mais posso te trazer agora. (Laura, 30 anos)*

> *Assim, talvez, meu medo maior, desde que eu consegui esse emprego que eu tô [...] é a questão de não dar conta financeiramente. Eu já tive que voltar uma vez, então assim, no limite, se eu tivesse sem fazer nada, eu ia ter que voltar. Eu nunca tive medo disso porque eu sempre achei que eu ia tá fazendo alguma coisa, mas eu sempre tive medo de não me sustentar sozinha, de... Isso ficou muito forte quando eu tive que voltar porque depois do Mestrado eu comecei a querer trabalhar em qualquer coisa, sabe? (Alice, 30 anos)*

> *Era o medo absurdo de me sustentar. [...] É de você deitar e falar: "cara, eu não vou dar conta disso". Mas aí depois as coisas vão começando a rolar. [...] Meu medo agora é esse, o valor do aluguel*

> *que vai subir. É tipo assim: "cara, você não aguenta, pode sair" [...] Até que ponto eu vou ficar bancando isso aqui? (Renata, 34 anos)*

> *Eu achava que isso era muito natural, você ia virar adulto, você ia conseguir arcar com as suas contas naturalmente e você ia ter uma estabilidade. Pra mim, a estabilidade era o natural, sendo que o mundo não é isso (risos), muito pelo contrário. [...] Isso me angustia um pouco. [...] Eu tenho medo de fracassar. [...] Eu tenho medo de, em algum momento, comer uma mosca monstruosa sem me dar conta e mais adiante perder a minha casa, por exemplo. Isso pra mim seria um fracasso. (Elisa, 30 anos)*

Retornar à situação de dependência é entendido como um fracasso e é o maior motivo de preocupação da maioria dos entrevistados. Expressões como "*ter que dar conta disso*" "*não posso desistir*" "*tenho medo de comer uma mosca monstruosa*" revelam que a saída de casa possui um alto custo emocional sob a forma de ansiedade e apreensão. Além disso, tais expressões sugerem que a maioria deles entende que o fracasso é resultado de uma falha individual.

Dentre os 27 entrevistados, sete jovens e adultos jovens retornaram temporariamente para a casa de seus pais. Seus relatos sobre como foi esse retorno indicam o motivo do receio de voltar a depender dos pais.

Caio conta sobre sua experiência de retorno para a casa dos pais após quatro anos de sua saída:

> *Foi péssimo, foi péssimo, foi horrível, foi horroroso, foi um desastre. Porque assim, você não sabe onde tá nada, onde tá o prato, você tem horários completamente diferentes, hábitos completamente diferentes. Eu trabalhava até a noite, então eu chegava tarde, comia tarde, dormia tarde, acordava tarde, tinha uma rotina muito diferente. Minha mãe é outra temporalidade. (Caio, 29 anos)*

O estranhamento sentido por Caio está relacionado com a constatação de que aquela casa não é mais sua ("você não sabe onde tá nada"). A casa que ele deixou há quatro anos não

é mais a mesma. O retorno para casa criou um choque entre a casa idealizada e casa real. Além disso, os seus hábitos e os de sua mãe não mais se sincronizam. Portanto, evidencia-se com a volta para a casa que as duas pessoas possuem vida separadas, com necessidades e hábitos distintos. Vale destacar também que a decepção com o retorno à casa dos pais, tanto de Caio como de outros entrevistados, não está relacionado apenas à vivência cotidiana com os pais, mas à frustração em relação à dificuldade de ingresso no mercado de trabalho e a precariedade das oportunidades de trabalho obtidas logo após estarem formados.

Nicole conta sobre sua dificuldade em se adaptar novamente à vida familiar:

> *Eu já tinha morado fora sozinha, eu já tinha viajado. A minha vida sempre foi muito independente e aí quando você volta pra casa dos seus pais, eles acham que você tá igual quando você saiu e você não tá. [...] A minha rotina incomodava muitos os meus pais porque eu quase nunca ficava em casa. Então, assim, eu lembro da minha mãe falar: "Você acha que isso aqui é uma pensão? Você vem aqui só pra comer e lavar roupa." Tipo assim, eu falava "porra, mãe, sabe, não é isso, entendeu?"E ela não conseguia entender. E eu acho também que eles esperam que você dê satisfação, porque como você tá ali, você tem que se comportar da maneira como eles. Eu sou uma pessoa que bagunço, aí todo dia: "porque você deixou o tênis na sala", tipo assim, é tipo de coisa que não, não fazia sentido, sabe, tem coisas muito maiores pra você se preocupar se o tênis tá na sala, se fechou a porta, se o ar condicionado, entendeu? E aí, cara, não deu. (Nicole, 31 anos)*

A percepção de Nicole sobre seu retorno ilustra a dificuldade dos pais em perceber a mudança de seus filhos e reconhecer sua independência ("*eles acham que você tá igual e você não tá*"). Ao mesmo tempo, os filhos também têm dificuldade de compreender que a casa para qual voltaram não é apenas sua e que o cumprimento de certas regras será necessário nesse novo espaço. O resultado desta delicada combinação foi sintetizado na constatação final de Nicole: "*e aí, cara, não deu*".

Foi perguntado também na entrevista se eles pretendiam retornar para a casa dos pais. Todos os 27 entrevistados responderam que não.

> *(risos). Não, pelo amor de Deus (risos). Não, não me queira tanto mal, eu não te fiz nada (risos). Nem pensar, nem pensar. (Laura, 30 anos)*

> *Não, não, de forma nenhuma, nenhuma. De forma nenhuma. A não ser assim, eu casado e aí meus pais doentes, pra cuidar e tal, aí sim porque acho que é o nosso dever, mas não por opção assim. (Leandro, 29 anos)*

> *(risos). Não. Minha mãe e meu pai falam "volta pra casa" (risos). Meu irmão voltou porque ele se separou e voltou. Eles azucrinam meu irmão todo o dia e ainda reclamam pra mim: "seu irmão mora aqui, a gente não entende, ele tá velho, morando aqui com a gente, a gente já tá de saco cheio", mas na mesma frase eles falam "vem você, vem pra cá"(risos). (Tiago, 32 anos)*

> *Eu não me sinto vivendo de novo com eles. Não aguentaria voltar a viver, morar junto. Não sei, eu já tenho minhas manias, já me sinto no meu cantinho. Acho que se hoje eu voltasse pra minha cidade, eu voltaria, mas não pra morar na casa deles. Eu não sei, eu acho que minha mãe entenderia isso também, sabe? Porque meu irmão já passou por isso. Meu irmão já foi casado, voltou pra casa, não se adaptou e minha mãe mesmo disse pra ele: "Olha, o ritmo aqui é esse. Se você não se adapta, então, tchau" (risos). (Luana, 27 anos)*

A resposta a essa pergunta teve reações bem humoradas e ilustram a recusa e o medo de retornar à vida familiar. A experiência de retorno dos irmãos – novamente aqui presente – foi utilizada como exemplo da impossibilidade deste retorno para a casa dos pais.

6.3. As conquistas obtidas com a saída de casa

Foram também analisados os aspectos apontados pelos entrevistados como ganhos e vantagens da saída da casa dos pais. As duas conquistas do processo de transição domiciliar

mais mencionadas pelos jovens e adultos jovens desta pesquisa foram a independência e o autoconhecimento.

A independência, como o ganho mais frequentemente citado nas entrevistas, reforça a importância do tema da dependência dos pais que surgiu em análises anteriores. O medo e a vergonha da condição de dependência fazem com que a aquisição da independência pessoal seja a conquista mais celebrada.

Entende-se neste trabalho que a independência financeira foi um elemento fundamental para o sentimento de aquisição da independência pessoal. Os dados mostram que após a aquisição do emprego que garantiu aos entrevistados a independência financeira dos pais, as visitas à casa paterna se tornaram mais espaçadas e encerraram-se outras dependências, como os "favores domésticos" dos pais (roupa lavada, comida congelada). Todas essas mudanças, no entanto, foram justificadas pela "vida corrida" após a aquisição deste emprego e o fato de terem estabelecido uma rede maior de amigos e de relacionamentos afetivos na cidade do Rio de Janeiro ou no próprio bairro, fazendo com que as visitas se tornassem mais esparsas.

Vale destacar, porém que o espaçamento das visitas não significa que a relação familiar tenha se tornado mais distante. Os telefonemas entre pais e filhos, por exemplo, ocorrem diariamente ou em dias alternados para a maioria dos entrevistados. Um deles, durante a entrevista, checou seu celular algumas vezes afirmando que achava estranho o fato da mãe ainda não ter lhe telefonado em seu horário de seu almoço.

Assim, nota-se que a conquista da independência para esse grupo não está relacionada a um distanciamento afetivo da família de origem, mas sim com elementos apontados por eles como sinônimos desta independência: a apropriação da própria vida, a aquisição da privacidade e a liberdade em relação ao controle dos pais.

O segundo aspecto mais mencionado como uma das maiores s conquistas provenientes na saída da casa dos pais é o autoconhecimento. Muitos entrevistados afirmaram que o processo de saída possibilitou que eles se conhecessem melhor, conhecessem seus gostos e seus limites. Alguns mencionaram que só foram descobrir aquilo que realmente gostavam de comer ou das músicas que gostavam de ouvir quando deixaram a casa dos pais.

Algumas falas exemplificam essas descobertas:

> *Você tem domínio sobre a sua vida. Você começa a ouvir as músicas que você gosta, você consegue assistir os filmes que você gosta.*

Parece meio egoísta, mas é ao mesmo tempo você parece que passa a se conhecer melhor. Você decora do jeito que você quer. [...] Você faz a sua comida na hora que você quer. [...] É muito legal ter esse seu canto. [...] Quando você mora com outras pessoas, você vai na onda. (Ingrid, 34 anos)

Minha descoberta enquanto mulher, enquanto pessoa, cidadã. Meu irmão tinha liberdade para levar namoradas para dormir em casa, eu não tinha isso. [...] Eles pegavam no pé, que eu era muito namoradeira, tal. [...] Aí quando eu chego aqui no RJ, eu descobri que eu era muito mais reprimida do que eu pensava. Eu achava que eu tava arrasando, só que não, você é reprimida (risos). [...] Eu vim cheia de machismos. [...] Quando eu chego aqui, me deparo que eu sou quadrada, careta (risos). [...] É uma angustia essa transformação também, né. (Naomi, 33 anos)

Eu achava que eles [os pais] eram responsáveis pela minha felicidade e, cara, eles não são. [...] Eu sou responsável por me fazer feliz. E acho que isso tranquilizou a minha relação com eles também. [...] É a minha busca, eu tô mais ciente dos meus limites, os meus alcances. Eu tenho sempre essa conversa com uma amiga. Sabe, quando adolescente que você achava que ia ser alguém especial na área? Nunca almejei a fama, mas eu achava eu ia ter alguma parada especial, alguma genialidade (risos). Tipo "não", "só que não". Eu sei que eu sou especial, mas num nível muito menor do que eu esperava que pudesse ser um dia. Isso não me causa frustração alguma e ao mesmo tempo isso me fez entender a limitação dos meus pais. [...] (Elisa, 30 anos)

Ainda dentro da dimensão do autoconhecimento foi mencionado também como uma das conquistas o fato de terem conseguido se diferenciar de seus pais. Nas palavras dos entrevistados:

Hoje eu vejo que eu tava repetindo os mesmos, as mesmas coisas assim deles, assim. [...] Quando eu vim pro RJ agora, agora eu tô me conhecendo assim, agora eu sou a Amanda. E eu não quero ser igual a minha mãe e eu tava repetindo inconscientemente, assim (risos). [...] Ainda tem muita coisa deles, assim, que permanece em mim, mas aqui parece que eu tô mais livre assim. Aqui eu posso ser eu, assim. (Amanda, 30 anos)

Ter meu espaço e me desligar da relação com os meus pais. Eu passei a encará-los, "olha, é a vida deles, eles são meus pais e ele como pai e mãe são legais, mas eles têm os problemas deles e é coisa deles.". (Tatiana, 30 anos)

[a saída de casa] Me possibilitou experimentar, a vivenciar a mim através dessas novas experiências sem estar vinculada àquele núcleo familiar. [...] Tem muitas coisas que a gente naturaliza e elas não são naturais e a experiência de conviver com outras pessoas que vêm de outros núcleos familiares te ensina. E é bizarro como a família influencia. (Elisa, 30 anos)

Sei lá, eu conheci muitas pessoas, eu vivi muita coisa. Foi bom morar com tanta gente diferente. É outra criação, outros gostos. Você aprende muita coisa com as pessoas também. Em relação à culinária mesmo, sei lá, de se vestir, gosto musical, foi muito, muito interessante. Aprendi muito. (Luana, 27 anos)

Ter a oportunidade de enxergar, viver em locais novos, com pessoas novas e culturas completamente diferentes. [...] E eu sentia que os lugares iam me mudando. [...] E isso me provocou porque eram pessoas de culturas diferentes tal e me mudou. Isso acho que é a

> *melhor coisa que aconteceu de eu ter saído de casa. Ter esse feedback do lugar me mudar. (Carlos, 30 anos)*

A experiência da saída de casa mostra-se como mais uma possibilidade de conhecer a si mesmo, seus gostos, limites, preferências e talentos. Separar-se fisicamente dos pais pode ser a chance que alguns buscavam para se confrontar com a pessoa que foi sendo construída até aquele momento e dar-se a chance de descobrir outras facetas de si mesmo. O distanciamento físico permitiu o desligamento necessário das questões que só diziam respeito aos pais e não aos filhos, mas que esteva misturada naquela vida familiar. A saída permitiu também que se aprendesse com outras culturas familiares e que se relativizasse a própria. Descobertas que, para alguns, só foi possível a partir da transição domiciliar. Como afirma Sarti: "crescer significa precisamente poder relativizar as referências familiares, desnaturalizando-as" (SARTI, 2004, p. 122).

Identificar seus próprios gostos e preferências, descobrir-se como mulher, assumir a si mesmo como responsável pela própria felicidade e reconhecer o tamanho da própria "genialidade" foram descobertas apontadas como ganhos da saída de casa. A frequência deste tipo de resposta revela que transição domiciliar é especialmente lembrada por conquistas subjetivas. Conquistas tais que provocaram também um sentimento de orgulho nos entrevistados ao revisitarem os ganhos deste processo.

7. Demais eventos significativos na transição para a vida adulta

Este capítulo tem como objetivo apresentar a análise dos dados referentes aos eventos significativos das trajetórias os projetos para o futuro dos jovens e adultos jovens desta pesquisa. Além disso, irá apresentar os eventos que significaram (ou significarão) a entrada na vida adulta e as concepções que os entrevistados têm desta fase do curso da vida. A primeira seção apresentará os principais eventos significativos do passado e a segunda irá apresentar os projetos para o futuro dos entrevistados. A terceira seção irá discutir sobre os eventos apontados por eles como sinalizadores significativos da entrada na vida adulta, assim como as concepções.

A análise que será apresentada neste capítulo está fundamentalmente baseada nos dados obtidos por meio dos desenhos da linha do tempo[26] que foram realizadas durante as entrevistas. Como explicado no capítulo 4, os eventos significativos foram transcritos dos desenhos para uma planilha, de onde foram extraídos os indicadores utilizados a seguir.

7.1. Os eventos significativos do passado

Como visto no capítulo de metodologia, o evento da saída da casa dos pais não deve ser analisado isoladamente e de forma destacada na trajetória do sujeito. Para uma compreensão mais ampla da transição domiciliar é preciso que se identifique quais outros eventos circundam esta transição e tentar estabelecer possíveis relações entre eles.

Os desenhos de todas as linhas do tempo do passado encontram-se no Apêndice C deste trabalho. A fim de se preservar a identidade dos entrevistados e garantir seu anonimato, optou-se por realizar uma representação gráfica das linhas do tempo com a omissão de nomes de instituições e pessoas que poderiam facilmente levar à identificação dos sujeitos que colaboraram com esta pesquisa.

[26] Todos os dados desta seção se referem ao total de 24 entrevistas que tiveram as linhas do tempo desenhadas. Como explicado no capítulo 4, três dos 27 entrevistados não realizaram os desenhos.

Figura 1 - Linha do tempo do passado da entrevistada Amanha

Como pode ser observado na figura Figura 1, a Linha do Tempo da Amanda é detalhada e traz uma amplitude de eventos que vai desde os marcos educacionais, profissionais, até os relacionamentos afetivos, a mudança para Rio (saída de casa) e começo da terapia. No entanto, apesar da diversidade é possível notar que se trata de uma trajetória fortemente acadêmica marcada por eventos relacionados à formação educacional, que representam quase metade dos eventos considerados marcantes por Amanda. As primeiras experiências de trabalho são relacionadas à vida acadêmica (monitoria, estágio) e suas experiências profissionais posteriores, que lhe garantiram a emancipação econômica da família, foram como docente. Durante a entrevista, Amanda explica seu gosto pela vida docente dizendo que foi ela quem alfabetizou sua irmã mais nova e que, como monitora na universidade, descobriu que era uma boa professora. Observa-se aqui que os eventos do passado são trazidos para o presente a fim de explicar as escolhas atuais. A motivação para a saída de casa também foi em decorrência dos estudos, mas em virtude de uma exigência por maior qualificação para seguir a carreira como professora universitária.

A fim de se obter um panorama das trajetórias de vida de todos os entrevistados, os 363 eventos significativos do passado apontados nas linhas do tempo foram classificados em diferentes dimensões. As dimensões que foram mencionadas por, pelo menos, metade dos entrevistados[27] foram: Educação (96%), Mobilidade (92%), Trabalho (71%), Relacionamentos Afetivos (71%) e Relacionamento Familiar (54%).

[27] Por percentual de entrevistados

O Quadro 12 apresenta os eventos que foram agrupados nestas dimensões mencionadas:

Quadro 12 - Eventos significativos das dimensões mais mencionadas

Dimensão	Eventos significativos
Educação	Mudança de escola, encontros no colégio, participação no grêmio estudantil, dificuldades acadêmicas na escola, início do curso técnico, saída da escola, início do cursinho pré-vestibular, aprovação no vestibular, início e conclusão da graduação, trancamento da graduação, formatura, início da especialização, início do mestrado, início do doutorado, exame de qualificação do doutorado.
Mobilidade	Saída de casa, mudança de residência *antes* e *depois* da saída de casa, mudança de cidade *antes* e *depois* da saída de casa (migrações), ter permissão para andar sozinha/o na cidade, viagens, intercâmbio, obtenção da carteira de motorista.
Trabalho	Estágio, trabalho na empresa júnior, monitoria, começo da iniciação científica, primeiro emprego, demissão, mudança de emprego, mudança de cargo, entrada no emprego "mais importante".
Relacionamento afetivo	Primeiro namorado, primeiro beijo, início e término de namoros, primeiro namoro "sério"
Relacionamento familiar	"Momentos alegres" em família, separação dos pais, segundo casamento da mãe/pai, nascimento do irmão/irmã, adoecimento de um dos pais, saída de casa do irmão mais velho, nascimento do primeiro sobrinho.

Fonte: Elaboração própria, 2015. Consolidação dos dados de tabela dinâmica.

Os demais eventos menos mencionados corresponderam a outras cinco áreas: Morte (falecimentos na família: avós, irmão/irmã, pai/mãe); Religião (primeira comunhão, entrada na igreja, batismo, eventos na igreja); Lazer (prática de esportes, prática de instrumentos musicais, ballet, desfile em escola de samba); Celebrações (aniversário e festas); e Experiências Associativas (organizações de eventos e jogos).

7.1.1. Linhas do Tempo do Passado: síntese dos desenhos realizadas

Com objetivo oferecer uma síntese das linhas do tempo realizadas em uma única imagem, foi elaborada uma figura sumarizando a ocorrência dos eventos mais comumente encontrados nas linhas.

A Figura 2 apresenta o nome de todos os entrevistados que realizaram os desenhos em ordem de idade, iniciando com os mais novos. Os símbolos representam as cinco *dimensões* mais apontadas nas linhas do tempo, cada qual com uma cor diferente: Educação (em azul), Mobilidade (em vermelho), Trabalho (em verde), Relacionamento Familiar (em laranja), Relacionamento Afetivo (em amarelo). Dado o foco desta pesquisa, foi inserida na figura a presença de um *evento* específico: a Saída de Casa (em preto). Aqueles que foram indicados com asterisco, não indicaram na linha o evento da saída de casa, mas falaram sobre ele em suas entrevistas.

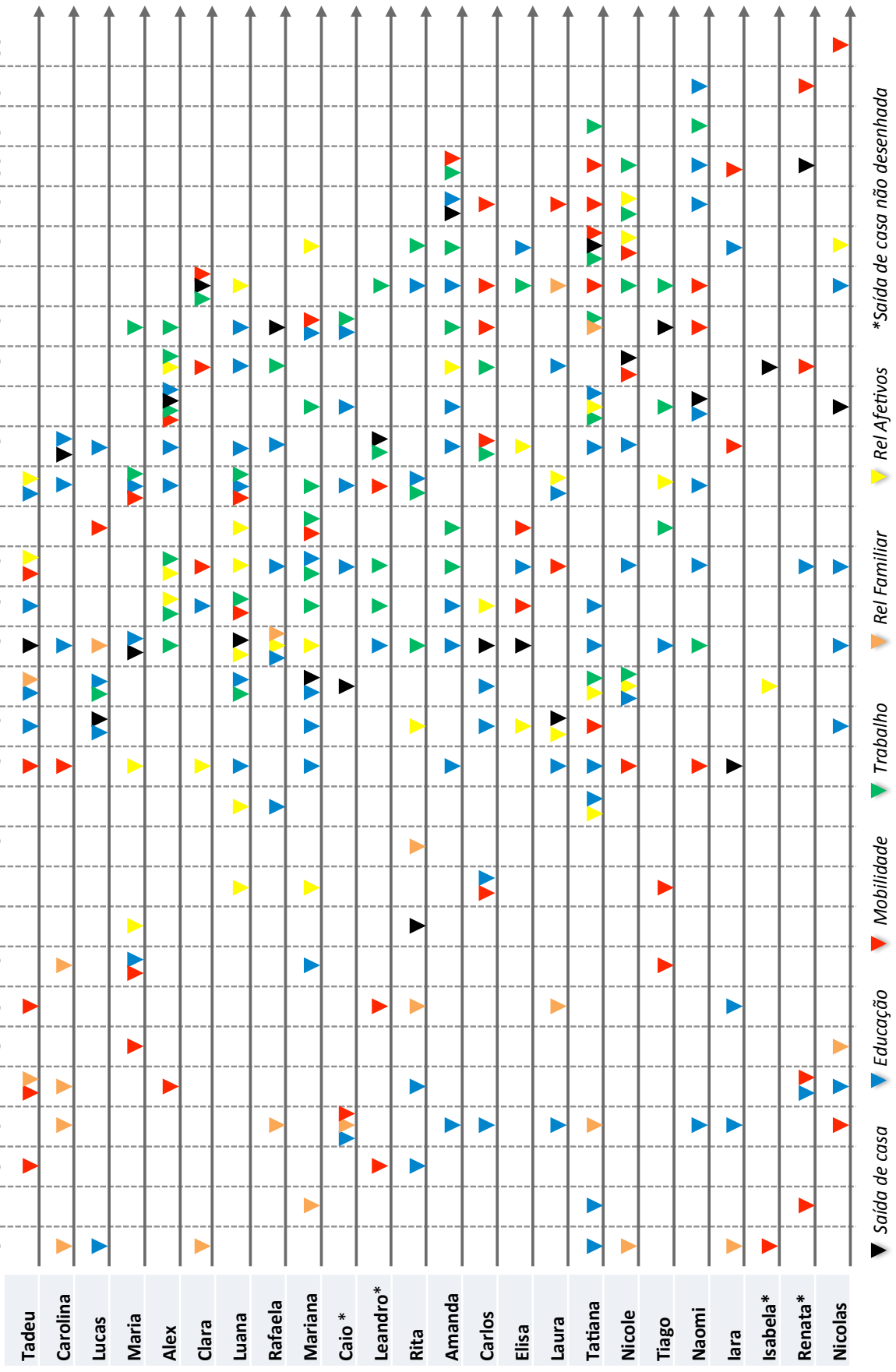
Por meio da Figura 2, observa-se que os entrevistados que saíram de casa mais cedo (até os 23 anos) não apontaram eventos relativos ao trabalho antecedendo a saída. A saída de casa para esses (fundamentalmente os que pertencem ao *Grupo 1*), se deu antes da conclusão da graduação e antes do ingresso no mercado de trabalho. São eles que o passaram pela fase de "morar fora" antes de, de fato, saírem de casa. A transição escola-trabalho se deu, para os que saíram mais jovens de casa, depois da transição domiciliar.

De forma diferente, os que saíram após os 23 anos de idade já contavam com experiências profissionais apontadas em suas linhas e a maioria deles estava concluindo a graduação. A transição escola-trabalho para esses se deu antes ou muito próximo à transição domiciliar (fundamentalmente os que pertencem aos *Grupos 2* e *3*, que já saíram de casa independentes) Os eventos de educação, no entanto, mantém ao longo da trajetória, pois a maioria deles prossegue seus estudos na pós-graduação.

Os relacionamentos afetivos e os eventos relacionados à mobilidade estão espalhados por todas as trajetórias, existindo antes e depois da saída de casa. Em alguns casos, os eventos de mobilidade aumentam após a transição domiciliar ter ocorrido. Em outras trajetórias, esses eventos já estavam presentes antes da transição ocorrer.

Os eventos relacionados à vida familiar vão diminuindo de frequência conforme o entrevistado vai entrando na juventude. Eles possivelmente não deixaram de existir, mas sua ocorrência não tem o mesmo impacto ou o mesmo significado do que quando ocorreram durante as fases da infância e adolescência.

Figura 2 - Representação gráfica de todas as linhas do tempo do passado com os eventos das principais dimensões



Com o objetivo de observar a concentração dos eventos na faixa etária dos entrevistados, foi elaborada outra figura que representa a distribuição estatística desses eventos pelas idades. A Figura 3 apresenta a idade média de ocorrência dos principais eventos mencionados pelos entrevistados, associada ao seu desvio padrão (nível de concentração da ocorrência dos eventos) e a idade mínima e máxima em que tal evento ocorreu (amplitude).

Essa figura permite observar algumas características dos jovens e adultos jovens desta pesquisa. A saída de casa dos jovens entrevistados concentra-se na faixa de 16-27 anos de idade, tendo o mais jovem saído aos 11 anos e o mais velho aos 30 anos.

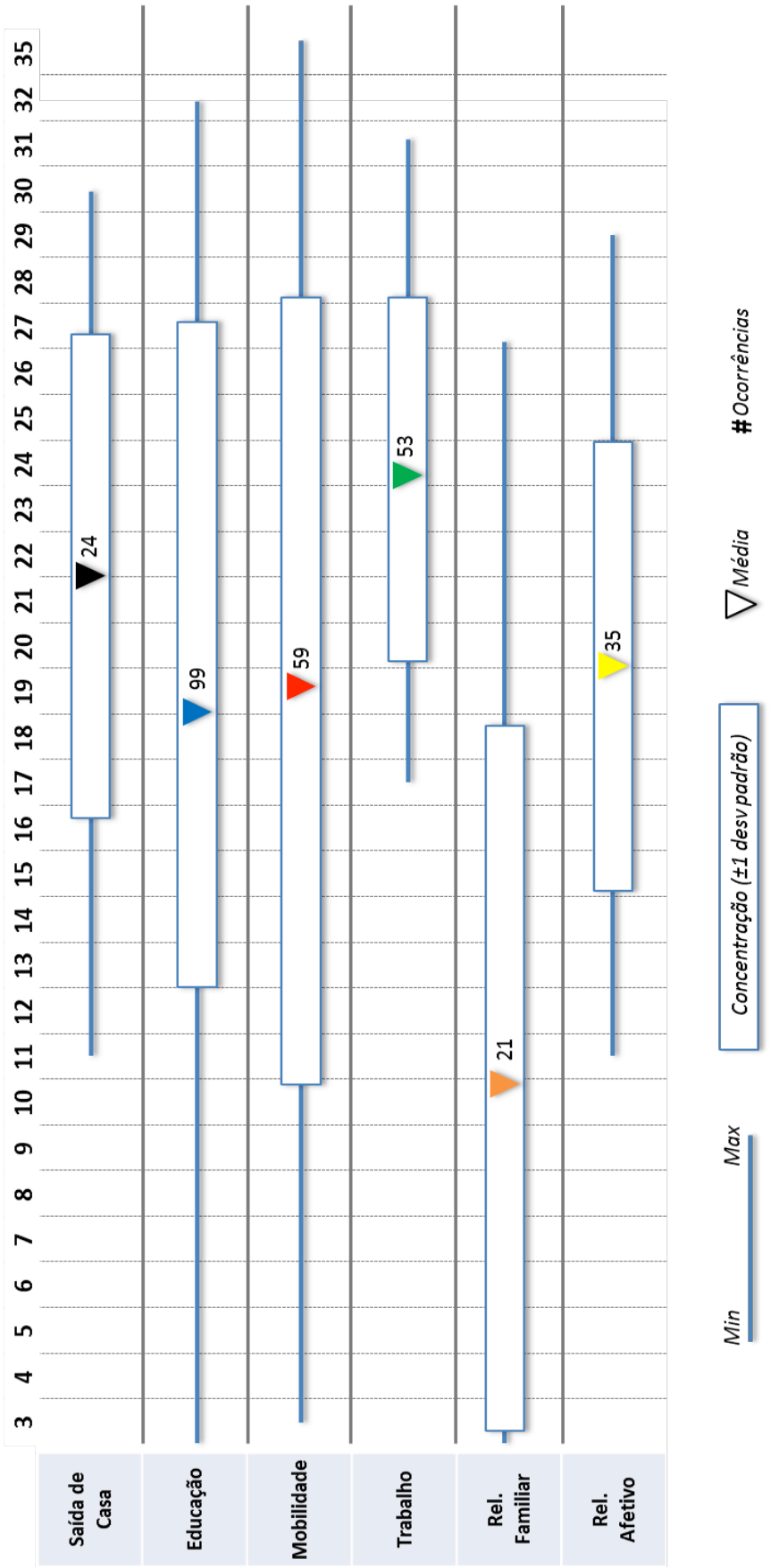
Os eventos pertencentes à dimensão da educação cobrem praticamente toda a trajetória dos entrevistados, mas concentram-se na faixa 13-27 anos. Os eventos relativos à mobilidade possuem a mesma extensão ao longo da trajetória dos entrevistados, porém concentram-se dos 11 aos 27 anos. Tanto os eventos de educação quanto de mobilidade, além de significativos, mostram-se bastante expressivos e possuem uma faixa etária de concentração bastante ampla, cobrindo quase toda a trajetória dos sujeitos de pesquisa.

Por sua vez, os eventos relativos ao trabalho só começam a ser mencionados a partir dos 17 anos e concentram-se em uma faixa etária menor, dos 20-28 anos. O último evento relativo ao trabalho foi mencionado aos 31 anos. Possivelmente, um estudo longitudinal poderia demonstrar se a frequência dos eventos relativos ao trabalho tende a aumentar conforme o sujeito entra na idade adulta.

Os eventos significativos ligados à vida afetiva estão concentrados na adolescência (iniciando aproximadamente aos 15 anos) até meados da juventude (25 anos). Por meio das entrevistas, sabe-se que este tipo de evento continua existindo na trajetória dos entrevistados, mas a sua ocorrência na adolescência e início da juventude aparenta ter um papel mais marcante e, por isso, foram explicitados na linha.

Os eventos relativos ao relacionamento familiar estão predominantemente concentrados na infância e adolescência (até os 18 anos). Muitos dos eventos familiares marcantes são relativos à separação dos pais e morte dos avós, o que tende a ocorrer quando os entrevistados são mais jovens.

Figura 3 - Representação gráfica da concentração etária da ocorrência dos eventos mais significativos



7.1.2. Educação e mobilidade: dimensões mais mencionadas

De todas as linhas do tempo desenhadas, 96% delas continham eventos relativos à Educação (em média 4,3 eventos por linha do tempo) e 92% delas continham eventos relativos à Mobilidade (em média 2,7 eventos por linha do tempo).

Com relação à área da educação, primeiramente é importante lembrar que o grau de escolaridade do grupo como um todo é alto. Conforme visto no Quadro 10, todos os 27 entrevistados possuem o Ensino Superior completo, seis são mestres e dez estão cursando a pós-graduação (mestrado ou doutorado). O número de anos de estudo após a conclusão da Educação Básica também é elevado. Em média, o grupo estudou 6,3 anos após a conclusão do Ensino Médio. A título de ilustração, de acordo com o Censo de 2000, o tempo médio de escolarização do brasileiro com mais de 15 anos é de 4,9 anos, sendo esse número abaixo da média na América Latina, que é de 6,1 anos (MADEIRA, 2006).

Conforme exposto na seção 2.1, a formação educacional possui grande influência na forma de como tem se dado o processo de transição para a vida adulta. A exigência por jovens trabalhadores cada vez mais qualificados tem gerado o adiamento do ingresso no mercado de trabalho e o prolongamento da entrada na vida adulta.

A motivação para a continuidade dos estudos após a conclusão da graduação foi justificada tanto pela a exigência de qualificação profissional para o ingresso no mercado de trabalho, como pela falta de opções no mercado de trabalho, restando como alternativa o ingresso na pós-graduação. Desta forma, assim como demonstrado em pesquisas holandesas (DU BOIS-REYMOND, 1998), os jovens são forçados a escolher um curso universitário e utilizam o sistema educacional para estender seu status de jovem. Entende-se, porém, que esta extensão não é intencional, mas ocorre devido a falta de opções no mundo do trabalho que permita a independência do jovem.

As duas falas abaixo ilustram esses motivos:

> *Aí, surgiu a possibilidade do mestrado. Que eu já tinha pensado em terminar a graduação lá e fazer o mestrado lá que era muito bom e aí falei "caramba, preciso me qualificar mais pra entrar em escolas melhores, concursos melhores". E aí exatamente por ter me desiludido tanto com isso, eu usei meu primeiro salário do Estado e comprei todos os livros da bibliografia do mestrado e passei a estudar, ler aqueles livros e passei no primeiro ano que eu tentei. Isso foi*

> *ótimo. [...] Estudava no ônibus e me empenhei muito pra passar até porque tinham 5 bolsas e a bolsa era de R$ 1.200,000 e eu ganhava R$600,000 no Estado. Então, assim, eu vou ganhar o dobro pra estudar: "o que eu to fazendo aqui?". Então me empenhei bastante e consegui a bolsa. Aí fui pedir exoneração do cargo feliz da vida. (Caio, 29 anos)*

> *Nesse término, começou o pessoal a ir trabalhando e aí eu sempre ficava pra trás, assim... Todas as coisas e eu sempre que meio não acompanhava, não tinha o ritmo do pessoal. Aí já ficava vendo o pessoal entrando em grandes empresas, na área, tal, não sei o quê... E eu terminei a faculdade sem nada assim, não tinha nada, nada, nada em vista. Aí que meu colega falou: "Abriu vaga pra mestrado na sua área" e aí eu falei: "Ah, então, tá, já que eu não arrumei emprego, vou tentar, né?". (Amanda, 30 anos)*

As entradas ou saídas da escola/colégio técnico/universidade e o começo ou encerramento da graduação/mestrado/doutorado se mostram como marcadores importantes nas trajetórias analisadas. São eventos vistos como conquistas e como pontos que geraram mudanças em suas vidas em termos de percepção de mundo, sociabilidade, novos desafios e mesmo em relação à motivação para a saída de casa.

Ainda sobre a formação educacional, foi possível identificar uma diferença existente entre o grau de escolaridade dos entrevistados e a de seus pais. Observou-se também por meio das falas dos jovens e adultos jovens que houve, por parte de seus pais, um investimento na formação educacional de seus filhos. Alguns deles relataram a opção dos pais por colocá-los em uma escola "melhor" mesmo com as dificuldades financeiras que tinham. A maior parte dos entrevistados contou também que havia um estímulo muito grande da parte de seus pais para que eles cursassem uma universidade pública.

Segundo Guerreiro & Abrantes (2005b), muitas famílias investem dinheiro nos projetos de seus filhos, especialmente naqueles relacionados à educação. Este investimento dos pais é visto pelos autores como um projeto de mobilidade social de muitas famílias portuguesas (GUERREIRO; ABRANTES, 2005a, 2005b).

Os eventos relativos à dimensão da Mobilidade também foram bastante mencionados nas linhas do tempo. O trabalho de Henderson et. al. (2007) a respeito da transição para a vida adulta entre jovens britânicos também identificou em sua pesquisa a importância atribuída aos evento relacionados à mobilidade.

Para Henderson (2007), a passagem da dependência física para a independência é um dos elementos fundamentais para se compreender a transição para a vida adulta. "Aprender a engatinhar e então a andar, atravessar a rua, ir para a escola com os amigos, aprender a dirigir e viajar sozinho são amplamente vistos como estágios em uma história de desenvolvimento social" (HENDERSON et al., 2007, p. 101, tradução minha).

Entende-se, assim, que a autonomia motora, que começa a ser adquirida desde o começo da vida, permite a criança começar a descobrir o mundo por ela mesma e ganhar consciência de uma existência separada das dos pais (MAHLER, 1974). Pode-se dizer que se trata dos primeiros passos em direção à emancipação do controle dos pais.

Um dos eventos de mobilidade frequentemente mencionado foram a mudanças de casa e de cidade. Alguns entrevistados, devido à motivos financeiros ou do trabalho dos pais, tiveram diferentes domicílios quando crianças e estas experiências foram narradas de forma mais positiva do que negativa.

A permissão para sair sozinho e a carteira de habilitação também foram mencionadas na linha e são entendidas como os primeiros indícios da aquisição de independência em relação aos pais. A importância deste tipo de evento também aparenta estar relacionado com o fato de que para os jovens moradores da cidade do Rio de Janeiro, esta circulação faz com que o sujeito tenha que lidar com a diversidade na cidade que pode ser sinônimo de insegurança e risco (PÉREZ, CASTRO, 2011). Alguns mencionaram que ser capaz de lidar com os desafios da cidade, saber circular, lhes trouxe um sentimento empoderamento. "Os jovens se apropriam simbolicamente da cidade a partir de sua participação naquele espaço, de histórias e lembranças de situações vividas ali" (PÉREZ, CASTRO, 2011, p. 108).

Outro evento de mobilidade bastante mencionado são as viagens ocorridas na adolescência e na juventude. A experiência de viajar sozinho, especialmente para o exterior, foi apontada por alguns como a primeira experiência de uma vida independente. Trata-se das primeiras vezes em que suas rotinas passaram a ser administrada apenas por eles e onde não contavam com a mediação dos pais. Foi mencionado também que esta experiência preparou tanto a eles quanto aos seus pais para a saída de casa que ocorreu posteriormente.

Leandro e Clara contaram sobre suas experiências:

> *E eu sempre falo essa frase pra todo mundo que assim, eu achava que esse negócio de aprender a viver quando se vai pra fora eu achava uma bobagem, achava pra isso era pra quem não sabe viver e tal. E de fato o maior aprendizado quando você vive fora é exatamente esse aprender a viver. No sentido de, você aprende a estar sozinho. Eu morava com meus pais, né, então você aprende a se virar sozinho, a enfrentar dificuldades sozinho, você não tem lá aquele apoio, aquele aparato todo que você tinha quando morava com eles [...]. Acho que nessa ideia que você tá tentando buscar assim de transição, acho que é, foi algo muito marcante pra mim. Porque foi, era como se fosse a primeira vez que eu tava morando sozinho, que eu tava realmente tendo que me virar completamente sozinho, né? (Leandro, 29 anos)*

> *Então, acho que no início eu passei muito sufoco por saudade demais da minha mãe, do meu pai, dos meus avós. E aí, tipo, domingo era o dia que eu mais sofria porque domingo era dia de vir pra casa da minha avó, encontrar todos os meus primos, então assim, acho que foi um dos momentos mais difíceis. [...] Eu pensei mil vezes em desistir, em pensei mil vezes em voltar porque eu falava "eu não vou ficar aqui". [...] Eu aprendi muita coisa lá fora, acho que foi, eu falo muito disso porque foi muito importante pra mim. Pra eu me conhecer, pra eu ver até que ponto eu consigo ir psicologicamente e, sabe, fisicamente também, porque lá tu tá sozinha, tu não precisa dar satisfação pra ninguém, então, se tu não quiser fazer nada, não faz, se tu falou que ia pra faculdade, se tu não quiser, tu não vai. [...] Mas é, foi muito importante pra mim, e eu dou força pra qualquer um fazer porque acho que é... Eu fui uma pessoa e voltei outra completamente diferente. Acho que é muito válido. (Clara, 27 anos)*

As viagens mais longas como vivenciadas por Clara, Leandro e outros foram narradas por alguns como um estágio para a saída de casa. As viagens mais curtas foram contadas como a conquista de um sonho realizado, mas mesmo essas continham expressões do tipo

"*tive que aprender a me virar*". Por esta razão, entende-se que a distância física dos pais, o fato dos mesmos não estarem "à mão" para a resolução de todo e qualquer problema e de não precisarem "*dar satisfação para ninguém*" permitiu que fosse feita uma primeira experiência de vida independente (ainda que financeiramente muitos estivessem ainda dependentes de seus pais) cujos relatos revelam sua acentuada importância nas trajetórias investigadas.

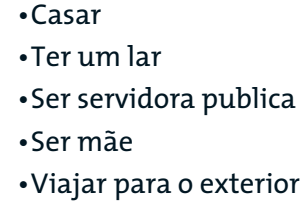
7.2. Os projetos para o futuro: o que dizem os jovens

A análise do material produzido por meio das Linhas do Tempo do futuro permitiu compreender como se articulam os eventos significativos do passado e os projetos para o futuro em cada trajetória juvenil. Para Velho (1999) as noções de projeto e memória se articulam a fim de oferecer sentido às ações do indivíduo e à sua própria vida. "São visões retrospectivas e prospectivas que situam o indivíduo, suas motivações e o significado de suas ações, dentro de uma conjuntura de vida, na sucessão das etapas de sua trajetória". (VELHO, 1999, p. 101).

As linhas de futuro desenhadas pelos entrevistados contavam com cerca de quatro projetos em média. Poucos deles foram colocados em forma de linha e datados, sendo mais comum a escrita dos projetos em forma de tópicos. Independente da forma com que se deu o desenho desta linha, sabe-se que a importância de se escrever sobre o futuro reside no fato de que "o projeto adquire algum sentido enquanto forma de construção, interlocução e representação de desejos de realização dos sujeitos num processo que os leva a examinarem suas possibilidades e limitações e sua própria posição diante da vida" (DIB, CASTRO, 2010, p. 13).

A organização mais tênue, menos estruturada e mais flexível que foi observado nos desenhos do futuro pode ser atribuída ao cenário de incertezas no qual os jovens e adultos jovens estão imersos. De acordo com Leccardi (2005), a incerteza diante do futuro faz com que ele seja mais temido do que desejado.

Figura 4 - Linha do futuro da entrevistada Amanda, apresentada em tópicos



Como visto na Figura 4, a Linha de futuro de Amanda foi feita em forma de tópicos, assim como a de boa parte dos entrevistados. Esses projetos não foram datados, mas Amanda afirmou que esta seria sua sequência de prioridades nos projetos. O casamento e constituição de domicílio são os eventos primeiros de sua lista, seguido pela aquisição de um emprego como que lhe possibilite estabilidade. Durante a entrevista, Amanda contou mais a respeito de seu projeto como servidora pública, dos lugares em que pretende trabalhar e da preparação que já está fazendo para tal. Apesar do segundo lugar, a busca pelo emprego estável parece ser o principal projeto para o futuro de Amanda. A maternidade e planos ligados ao lazer são marcados, mas não são as prioridades no momento e não foram explorados por ela em sua entrevista.

Os desenhos de todas as linhas do tempo do futuro encontram-se no Apêndice C deste trabalho, respeitando o anonimato dos sujeitos que colaboraram com a pesquisa.

A fim de compreender as trajetórias de vida do grupo de entrevistados, os 110 projetos para o futuro apontados nas linhas do tempo foram classificados em diferentes dimensões. As dimensões mais mencionadas foram[28]: Trabalho (78%), Relacionamento Afetivo (70%), Educação (57%), Mobilidade (57%) e Maternidade/Paternidade (48%).

O Quadro 13 apresenta os eventos que foram agrupados nestas dimensões mencionadas:

Quadro 13 - Projetos para o futuro das dimensões mais mencionadas

Dimensão	Projetos para o futuro
Trabalho	Ser servidor/a público/a, atuar na área acadêmica, tornar-se especialista na área, ter um cargo que permita ter mais influência e ser referência, mudar de emprego, iniciar um novo empreendimento.
Relacionamento Afetivo	Casamento, ter um relacionamento "mais sério".
Educação	Conclusão da graduação/mestrado/doutorado, iniciar o pós-doc, fazer uma pós-graduação (mestrado/doutorado)
Mobilidade	Mudar de cidade, sair do Rio de Janeiro, voltar para a cidade natal, sair do Brasil, viajar, morar sozinha.
Maternidade/Paternidade	Ser mãe/ pai

Fonte: Elaboração própria, 2015. Consolidação dos dados de tabela dinâmica.

[28] Por percentual de entrevistados

Além destes quatro grupos, também foram mencionados como projeto "ter estabilidade" e "ter a própria casa".

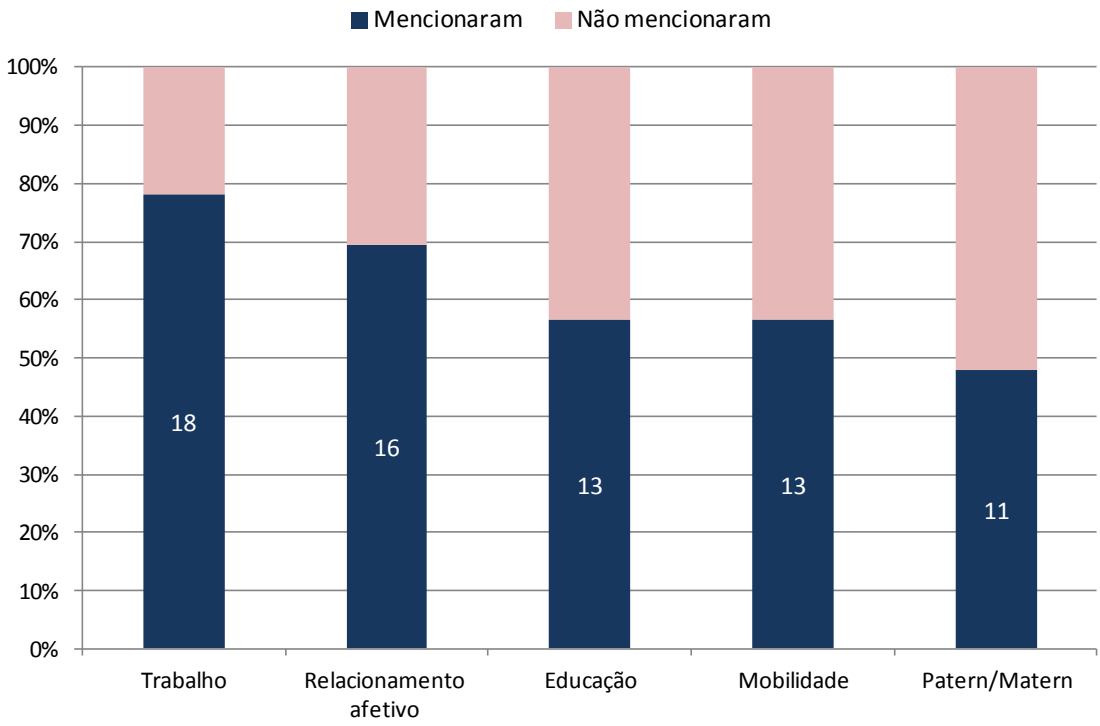
A Figura 5 ilustra a concentração dos projetos para o futuro por áreas. Por meio dessa figura, é possível observar que, de todas as linhas do tempo do futuro desenhadas, 78% delas continham eventos relativos ao Trabalho e 70% delas continham eventos relativos ao Relacionamento Afetivo. Poucas linhas para o futuro não continham projetos relativos aos trabalhos.

Estes dados corroboram com o que Galland (2003) afirma sobre o fato de que os jovens ainda vislumbram seus futuros pessoais por meio de representações relativamente clássicas sobre trabalho e família. Tais representações possuem correspondência com os tradicionais eventos de transição, como a saída da escola e entrada no mundo do trabalho e a constituição da família de destino.

Os projetos relacionados à educação e mobilidade são bastante presentes, tendo sido mencionados em mais da metade das linhas.

O projeto de maternidade/paternidade é que possui menos ocorrências nas linhas do futuro. Mais da metade das linhas não possuem tal projeto.

Figura 5 - Concentração dos projetos para o futuro por dimensão



Em relação ao trabalho, apesar da maioria dos entrevistados ser independente financeiramente, a maioria deles não está plenamente satisfeita com a condição profissional atual. A busca pela estabilidade na carreira, almejada por meio do ingresso no funcionalismo público, está entre os projetos mais frequentes das linhas. A longa trajetória de formação educacional e as várias experiências "intermediárias" no mundo de trabalho – menos por escolha e mais por necessidade de renda – como monitoria, estágio, iniciação científica, trabalho como *freelancer*, aulas particulares, bolsas de estudos de pós-graduação – lhe trouxeram uma instabilidade que tenta ser evitada. O emprego que lhes garantiu estabilidade financeira foi marcado pela maioria como um evento significativo, porém ele ainda não é visto como um trabalho que valoriza todo investimento e esforço que tem sido feito. Caio conta de sua preferência pela carreira pública:

> *Eu queria um emprego federal porque é o único que remunera de verdade a pós-graduação. [...] Então, assim, na rede particular, ela não te paga nada a mais, mas tenho certeza que se eu não tivesse o mestrado, não me contratariam. O que é uma situação muito curiosa. Ela exige, mas não te remunera. Ela acha muito legal, mas não te dá nada mais por isso.* (Caio, 29 anos)

A busca pela estabilidade na carreira não é justificada por uma tentativa de se estabelecer ou se acomodar na posição alcançada, mas refere-se a uma ideia de que o funcionalismo público pode ser uma forma de recompensa pelo longo investimento feito em na formação profissional. Como dito por Caio, algumas áreas do funcionalismo público são muitas vezes as únicas que irão permitir uma remuneração diferenciada em decorrência da titulação acadêmica do profissional.

É importante lembrar que o investimento da formação educacional ocupou grande parte dos eventos marcantes da trajetória de vida dos entrevistados. Almejar pela estabilidade na carreira pode ser visto como uma possibilidade de abrir espaço para que outras áreas da vida possam ser mais exploradas e um desejo de que o mundo do trabalho demande menos.

Juntamente com o desejo de adquirir uma estabilidade na carreira, há também projetos como "ser referência na área", "mudar de emprego", "começar um novo empreendimento". Na reflexão sobre os projetos para o futuro, alguns entrevistados apresentaram seus questionamentos sobre seu modo de vida atual. Alice e Carlos contam sobre suas inquietações neste sentido.

> *Eu sempre fico com medo de estar eternamente insatisfeita. "Gente será que vai ser sempre assim? Eu nunca vou tá num lugar?"[...] Assim, esse estilo de vida me incomoda um pouco, sabe, ir pro trabalho todo dia, passar 8 horas do meu dia lá, numa empresa... E o estilo de vida das pessoas lá é isso, é isso sabe, viagens... "eu trabalho para nas minhas férias viajar". Sabe, isso me incomoda um pouco, essa coisa. (Alice, 30 anos)*

> *Uma coisa é ganhar dinheiro com isso, outra coisa é pra quem eu tô trabalhando, com que eu tô trabalhando. Essa questão que eu sempre fiquei pensando desde antes de começar a faculdade: "como é que eu vou gastar meu tempo?", "o que é que eu vou fazer?" "como é que eu vou aproveitar a vida?" (Carlos, 30 anos)*

Para alguns entrevistados, o projeto maior de futuro engloba atingir uma coerência entre a vida pessoal, profissional e seus valores. Questionamentos sobre essas questões os acompanham há algum tempo, porém possivelmente a relativa estabilidade profissional que alcançaram tenha lhes garantido um ambiente propício para que agora eles se coloquem mais seriamente esse tipo de indagação. A partir de um lugar onde já se adquiriu alguma estabilidade é possível permitir questionamentos sobre seu estilo de vida e, quem sabe, fazer algumas escolhas diferentes.

Outro projeto bastante repetido nas linhas do futuro é o casamento ou o desejo ter um relacionamento estável.

> *Nunca tive muita pressa pra nada. Nada do que tá feito aí foi feito com pressa. Agora que o relacionamento estável tá começando a estar nos meus projetos. Eu coloquei como uma coisa importante, mas não é ainda prioridade. Mas eu quero, eu me vejo em um relacionamento estável, longo. (Carlos, 30 anos)*

> *O casamento em si... Na verdade eu quero encontrar alguém e, sabe, um companheiro pra me acompanhar pro resto da vida. (Laura, 30 anos)*

Pesquisas brasileiras também apontam que a maioria dos jovens ainda deseja se casar (JABLONSKI, 2005). "Não obstante as notícias que apresentam o casamento como em estado terminal, a magnitude dos números por nós encontrados parece descartar a possibilidade de uma imediata rejeição do casamento e a consequente busca de formas alternativas" (JABLONSKI, 2005, p. 96). Outros trabalhos (ZORDAN; FALCKE; WAGNER, 2009) também mostram que o desejo de casar permanece, porém ele não está entre os principais projetos de vida dos jovens e adultos jovens. Além disso, estes trabalhos (ZORDAN; FALCKE; WAGNER, 2009) relatam que o casamento é visto como algo que ocorre espontaneamente, aspecto também encontrado na fala dos entrevistados desta pesquisa.

Trabalhos norte-americanos apontam na mesma direção. Pesquisadores (ARNETT, 1998; SETTERSTEN; RAY, 2010) afirmam que apesar do casamento ser visto pelos jovens mais como uma escolha do que como uma exigência para se tornar um adulto, isso não significa que eles não estejam mais se casando. Entre os jovens norte-americanos de 34 anos, sete em cada dez viviam com seus parceiros (RUMBAUT & KOMAIE, 2007 *apud* SETTERSTEN & RAY, 2010).

Algumas entrevistadas, apesar de mencionaram o casamento entre seus projetos para o futuro, contam que sofrem uma pressão externa da família para que tal evento ocorra. Os trechos abaixo ilustram a presença de uma cobrança da família para que suas filhas mulheres se casem:

> *É um inferno, cara, todo mundo te pressiona, a casa, o filho. Gente, vai tomar conta de vida de vocês (risos). (Renata, 34 anos)*

> *Minha família, minha geração ninguém casou, todo mundo juntou. E tem uma pressão muito grande pra casar. Você começa a namorar e tem "cadê o fulano, ele não vem?". Nossa, você já pensa, "ai meu Deus, tão querendo me casar". (Alice, 30 anos)*

> *E é engraçado porque hoje eu penso que assim, tava até falando com a minha mãe, eu falei assim, "poxa, eu sei que tô na época de casar, eu sei que tô na época de falar: vou construir família, e tudo mais, mas parece tão errado pra mim fazer tudo isso". I: Errado por quê? E:*

> *Errado que eu digo assim, não... Eu digo errado porque não é o que eu quero pra agora, entendeu? É o que a sociedade meio que te impõe, é o que todo mundo espera que você faça com essa idade, mas não é o que eu quero exatamente agora. [...] Meu pai me criou com a ideia de que você tem que crescer, ter seu emprego, se sustentar pra você ter alguém. Você primeiro tem que conseguir a sua independência. Você não pode depender de homem nenhum, sempre me criou com esse pensamento e eu sempre tive isso pra mim e eu sempre pensei assim, eu nunca vou ter um filho se eu não posso sustentar ele. Uma coisa que ele sempre falou pra mim, "teu filho tem que ter orgulho de você e saber que você sustenta ele, ninguém mais". E eu sempre tive isso. E é engraçado que agora eu tô conseguindo isso e você nunca pára de buscar, né. [...] E aí acho que chega uma hora que meu pai fala assim "Pô, mas e aí, não vai casar?". Mas não me ensinou a ser, eu não deveria ter minha carreira? Mas é uma coisa que você nunca vai, acho que você nunca vai conseguir conciliar até... Acontecer! "Ah, então tá, vou casar." Mas no momento eu não vou. (Clara, 27 anos)*

Os relatos sobre as expectativas da família para o casamento surgiram apenas nas entrevistas das mulheres. Elas afirmaram que não se preocupam com isso, mas ao mesmo tempo queixam-se deste tipo de pressão feita por suas famílias. Clara conta que aprendeu com seus pais a buscar sua independência em primeiro lugar e que não havia sido educada para sonhar com o matrimônio como um projeto de vida, porém agora que ela se encontra independente, ela começa a ser cobrada pelo casamento.

7.3. Eventos que marcam a entrada na vida adulta

Esta seção irá tratar de dois aspectos investigados na entrevista: o momento em que os entrevistados se sentiram adultos e suas concepções sobre o que é ser adulto. As respostas de ambas perguntas apresentam semelhanças. Os eventos que permitem ao jovem sentir-se adulto são semelhantes aos conceitos que ele/ela usa para definir o que é ser adulto na sociedade hoje.

Foram apontados pelos entrevistados quatro eventos que marcariam a entrada na vida adulta: a saída de casa, a aquisição do trabalho que lhes garantiu a independência financeira, o casamento e a maternidade/paternidade. As justificativas desta escolha serão expostas abaixo.

7.3.1. Quando se sentiu adulto?

Após a realização das Linhas do Tempo foi perguntado a cada entrevistado se eles se sentiam adultos. Nos casos positivos, foi lhes pedido que tentassem identificar na linha do tempo do passado que fizeram, qual (ou quais) evento (s) lhes permitiu esta percepção. Nos casos negativos, foi-lhes pedido que tentassem identificar, a partir da linha do futuro, qual (ou quais) evento (s) eles acreditam que mudariam seu status de jovem para adulto.

Dos 27 entrevistados, dezesseis deles disseram que se sentiam adultos, seis disseram se sentir jovens e não adultos, enquanto cinco disseram que às vezes se sentem adultos e às vezes jovens.

Entre os que se sentem adultos, dois eventos foram identificados como responsáveis por essa percepção: a saída de casa e a independência financeira. Sobre isso, suas justificativas foram:

> *Eu me considero adulto desde que eu saí de casa assim porque foi nesse momento que eu – eu tive apoio – mas todas as decisões, tudo o que eu tinha que fazer dependia de mim, certo ou errado ou que tinha que me virar, tudo aquilo baseado na minha educação. [...] Eu acho que eu tô no processo de ser adulto desde que eu saí de casa. [...] A partir do momento que me desliguei dos meus provedores e tive que me prover, me auto-prover, eu me senti ali responsável por mim, por minhas decisões, o que fazer, o que não fazer, pra onde ir, se continuar. (Nicolas, 35 anos)*

> *A independência financeira. Não só a independência financeira, claro, a questão de eu não voltar mais pra minha cidade, então eu não tinha mais um vínculo mais direto com os meus pais, então isso se quebrou em algumas semanas... [...] Eu vi "olha, eu já tô vivendo aqui, tô aqui, tô na boa, independente, com uma vida afetiva, estável, com meus*

> *amigos, em uma outra cidade, então eu já sou adulto. (Carlos, 30 anos)*

Tornar-se seu próprio provedor, estabelecer sua vida sem precisar da ajuda e da mediação dos pais, "se virar" sozinho e ter uma vida em que as coisas para acontecerem foram aspectos apontados também por outros entrevistados como os sinais de que haviam ingressado na vida adulta.

Entre aqueles que não se sentem adultos, os eventos do futuro que foram identificados como possíveis responsáveis pela futura passagem para a vida adulta foram o casamento e a maternidade/paternidade. As falas abaixo revelam o momento em que eles afirmam que poderiam fazê-los se sentirem adultos:

> *Talvez com o casamento, talvez seja uma coisa que pudesse... Que aí você tem responsabilidade com uma outra pessoa e de formar um patrimônio. (Leandro, 29 anos)*

> *Acho que a questão do filho é importante pra isso. Pode ser porque eu ainda não cheguei nessa fase, né (risos), mas eu acho que o fato de você ter responsabilidade de educar uma outra pessoa, né, acho que começa um outro ciclo. [...] Agora, o fato de ter outra vida sobre a sua responsabilidade, você vai tá lá educando aquela pessoa, cuidando, não passar pra ele suas dificuldades, suas ansiedades, seus traumas, tal, aí eu já acho que é uma responsabilidade diferente. (Tatiana, 30 anos)*

Para eles, o sentimento de ser adulto está relacionado com a constituição de uma família (a responsabilidade por um filho/possuir um cônjuge), o que lhes traria mais exigências tanto financeiras como emocionais. Pelo fato de ainda não terem passado por esse evento, consideram-se ainda jovens. Tatiana em sua fala apresenta também outro sentimento que apareceu na fala de outros entrevistados: a vida adulta parece estar sempre na próxima fase, aquela em que você não está.

Outro aspecto relevante sobre o sentimento de ser adulto foi identificado em outros momentos da entrevista. Alguns entrevistados afirmaram que passaram a se sentir adultos

quando seus pais passaram a vê-los como tal. O olhar de seus pais sobre eles fez com que começassem a perceber a mudança que estava a ocorrer neles mesmos. As falas abaixo explicam esse aspecto:

> *Eu comecei a me sentir menos é, criança ou adolescente quando fui já saindo desse vínculo emocional, assim, de meus pais me tratarem mais como amiga mesmo, de pedir opinião sobre meu irmão, não ter tanto controle. (Alice, 30 anos)*

> *Você corta uma relação para construir outra. É uma relação de um adulto com outro adulto. Meus pais me respeitam, respeitam minhas decisões, não ficam em cima. (Carolina, 23 anos)*

> *Alguma coisa também que eu evito pensar, mas às vezes me ocorre, é o falecimento finalmente dos pais. Se eu não me dei conta até agora que eu sou adulta, (risos), esta é a última chance. Acho que eu já me dei conta! Tem uma coisa que é muito subjetiva, mas que definitivamente me deu essa noção também de ser adulta: meus pais – principalmente a minha mãe – começaram a me pedir conselho. Hoje eu tô mais acostumada, mas nas primeiras vezes me desconcertou, entendeu? "Cara, por que minha mãe tá pedindo minha opinião, meu conselho nisso?" Eu fiquei meio chocada, mas agora eu me acostumei. (Elisa, 30 anos)*

Como afirmado por Sarti (2004), o crescimento não é só vertical, mas também horizontal, como uma mudança de lugar. Nestes casos, os entrevistados contam de um crescimento ocorrido graças a uma mudança de lugar na relação, que passou a ser entre dois adultos. Vale ressaltar que este movimento de mudança de lugar foi percebido como algo iniciado pelos próprios pais, ou seja, foram eles as peças fundamentais que contribuíram para a percepção de seus filhos de que haviam crescido.

Clara conta um episódio significativo sobre essa mudança de lugar: que ela só foi percebida quando seu irmão a questionou:

> *Foi engraçado porque o dia que eu falei... eu sempre tive vontade de fazer [uma tatuagem], nunca tive coragem, meu pai foi sempre super contra e ele detesta. Ele fala mal de pessoa que tem, ele acha horrível e não sei o que, tal. E daí eu falei pro irmão, um dia conversando com ele, eu falei "eu vou fazer uma tatuagem porque eu quero fazer e tal, não sei o que". Só que eu falei brincando, esperando a reação dele "tu tá maluca, vai fazer nada!" E ele olhou pra mim e falou "ué, faz". Aí eu falei "faz, como assim?" Ele falou "ué, faz." Eu falei "pô, se eu fizer, meu pai vai ficar louco". Ele falou "tu já é adulta, tu não precisa de aprovação do teu pai pra isso, não". E daí que eu parei pra pensar "cara...". Porque por mais que eu tivesse saído de casa, estar pagando minhas contas e tá morando sozinha, não tinha caído a ficha que eu realmente sou adulta. E eu falei "ah, é, eu quero fazer, vou fazer, né" (risos). Engraçado, né, porque eu precisei de uma coisa desse tipo... de fora. Eu acho que a gente busca sempre a aprovação de todo mundo, né, é uma coisa do ser humano tá sempre buscando isso, mas eu nunca tinha, por mais que eu tava longe, eu não tinha me visto "eu sou independente". Isso é engraçado porque acontece de vez em quando. Eu páro e percebo e falo "cara, não, agora eu não preciso mais fazer isso". (Clara, 27 anos)*

Caio conta outro episódio que ilustra o momento em que sua família passou a se dar conta de que ele havia crescido. Nesse caso, diferentemente dos anteriores, a forma diferente de perceber a si mesmo se deu por iniciativa dele e não da família.

> *E, teve uma coisa que foi significativa pra essa relação ter alcançado isso foi quando meu avô teve câncer anos atrás e ele só poderia se tratar num hospital aqui no Rio de Janeiro. Eu tive que receber meu avô e minha avó na minha casa. Morava eu e dois amigos jovens tal, e aí fui receber dois idosos na minha casa. Contei com a compreensão dos meus amigos, deu super certo e foi mais do que eu esperava porque meus avós achavam que eu morava em condições*

> *completamente insalubres assim. [...] Aí, assim, quando minha avó chegou lá na minha casa foi bizarro. Tipo, ela tirou da mochila uma panela, um coador de café, uma garrafa de café. Eu falei, "pô, vó, qual foi?" "Ah, sua tia falou que não ia ter nada disso aqui" Eu falei "quê isso, vó?" E eu tinha tudo lá, ela ficou assim "caramba, tem tudo, tem prato...". Eu falei "porra, vó, eu moro tem 10 anos sozinho, você achou que eu não ia ter prato". Ela ficou mais que deslumbrada, ela se encantou com o que ela viu, como eu era organizado, como eu levava a sério minha vida profissional, como eu conseguia conciliar essas coisas. Eu tinha uns 26 anos na época foi na etapa final do mestrado. [...] Adoraram meu apartamento, adoraram aqui, adoraram o cara que mora comigo – sempre perguntam dele. Eu virei um exemplo, tal. Por isso, quando eu volto lá é sempre "poxa, que bom que você veio, tá tudo bem lá? Tá tudo bem com os meninos lá?". (Caio, 29 anos)*

Por fim, Caio conta de um aspecto bastante concreto da vida domiciliar que foi algo emblemático da entrada na vida adulta (*lavar a própria roupa*). Outros entrevistados também apontaram mudanças pragmáticas simples de rotina como marcadores da mudança de status:

> *No início eu levava minhas roupas pra casa da minha mãe porque não tinha máquina na minha casa. Isso foi uma independência que eu poderia colocar aí na folhinha com certeza: o dia que eu comprei uma máquina de lavar, com certeza minha mãe chorou. Porque assim, antes eu era obrigado a voltar. Quando a roupa ficava muito suja, por mais que eu não quisesse voltar, "caraca, tenho que voltar pra casa da minha mãe pra lavar roupa". Quando eu comprei, com certeza eu reduzi muito as minhas idas. Quando eu passei a ir, ela falava "poxa, meu filho, não trouxe roupa?". "Não, já lavei lá, já passei lá". [...] A máquina de lavar com certeza estaria aqui [aponta pra Linha] como um processo bem significativo de independência e da vida adulta também. (Caio, 29 anos)*

O sentimento de que se é adulto não surge destacado da realidade. O sentimento de entrada na vida adulta vai sendo construindo de acordo com as mudanças na vida cotidiana, na forma de se relacionar com os amigos, com os parceiros e com a família. Perceber que não é preciso mais pedir autorização para realizar uma tatuagem, ser capaz de acolher os avôs na própria casa e até mesmo comprar uma máquina de lavar são simbólicas e bastante representativas de uma mudança de status em direção à vida adulta.

7.3.2. O que é ser adulto?

Foi perguntado aos entrevistados também sobre o que eles achavam que significa ser um adulto em nossa sociedade hoje. As respostas desta questão estão em sintonia com o que eles apontaram como o momento em que se sentiram (ou se sentirão) adultos.

Nestas concepções observa-se a retomada da importância da independência (financeira e emocional), a responsabilidade sobre a vida de outro (referindo-se ao casamento e à maternidade/paternidade) e o fato de que um adulto é aquele que assume as responsabilidades sobre a própria vida.

Um ponto relevante dessa discussão foi a associação entre ser adulto e ser responsável pela sua vida, o que significa assumir a própria vida com consciência de que o faz. A consciência das ações realizadas, a intencionalidade e o propósito delas são características da vida adulta, e o que marca a diferença entre ser adulto e jovem. Três entrevistadas ilustram este argumento:

> *Acho que o que define um adulto hoje é a visão sobre a vida dele, assim. Que é... uma visão de você ter responsabilidade sobre seu trabalho, sobre as suas decisões, sobre a sua vida. [...] Acho que o adulto, ele faz as mesmas coisas que um jovem faz, só que com uma consciência diferente. Então, eu acho que a consciência e a visão em relação à vida é o que mudam de um adulto pra um jovem. (Nicole, 31 anos)*

> *Quando você consegue botar mais os pingos dos "is", você sabe pontuar os seus gostos, as suas visões de mundo. Consegue abrir um pouco a mente, o horizonte e consegue entender um pouco mais os códigos, sabe, da vida, talvez pela própria experiência empírica do que*

> *viveu, enfim. A contradição é menor do pensamento assim. [...] Então acho que você adultece quando você consegue saber mais o que você quer e o que você entende de mundo. (Ingrid, 34 anos)*

> *Acho que uma postura diante da vida de você se responsabilizar em relação às coisas, das suas decisões, na definição dos seus objetivos. [...] Antes, a nossa mãe é meio responsável por isso, né, visitar fulano, faz integração da família, ou leva o presente no aniversário e, de repente, agora não é mais a minha mãe responsável, eles esperam que eu faça isso. Não é mais a sua mãe que vai te representar nisso, é você, é você, cara, que tem que ir lá e tá presente. [..] Porque antes, a gente tudo "socorro" pros pais, né, (risos) "resolve isso pra mim". (Elisa, 30 anos)*

A segunda concepção da vida adulta associa ser adulto com independência, que significa não depender financeiramente e nem emocionalmente de seus pais e ser capaz de resolver seus problemas sem a mediação dos pais. As falas abaixo ilustram essa concepção:

> *Acho que principalmente esse momento assim que você se desvincula, essa questão da autonomia mesmo, sabe, bem emocional. Eu particularmente acho que isso está ligado a uma questão financeira forte porque é difícil ter autonomia se você depende financeiramente, mínima que seja. (Alice, 30 anos)*

> *Acho que independência também emocional, além de financeira. Um adulto é um cara que tem maturidade emocional de fazer isso de correr atrás de um outro emprego se ele perdeu, de chorar quando o pai morrer, mas saber que é o fluxo do sentido da vida, de estar em outro lugar e se virar sozinho, ter independência prática também, pagar conta, lembrar de fazer as coisas. (Carlos, 30 anos)*

> *Eu não sei se posso dizer isso, né, mas o que me vem é a independência. Eu não sei – porque não somos independentes – a*

> *gente é dependente, mas assim, ter a independência, a livre escolha, a liberdade de escolher, né, acho que isso define, pode definir, né. [...] Assumir suas escolhas, assim, perante a sociedade sem ter muito... Eu acho que às vezes até assumir a escolha de não escolher, entendeu? [...] Talvez seja uma imagem bonita que eu queira e tal, mas, assim, de ter mais consciência de si. (Laura, 30 anos)*

> *Às vezes eu acho que só a ideia de ter um projeto de, que metade dos meus amigos não tem, de "eu tenho que me sustentar", "eu tenho que ser independente nesse sentido". Então, mesmo que eu não tenha chegado, eu acho que tem um pouco a ver com isso, assim. Eu não tô brincando de casinha. (Carolina, 23 anos)*

> *Pagar as contas é muito, pode parecer mesquinho, não sei, mas acho que é muito significativo assim. É muito mais do que a questão financeira simplesmente, é uma questão de você começar a pensar quais são suas prioridades, definir onde você quer viver. (Elisa, 30 anos)*

A ideia da independência financeira está sempre associada à independência emocional nas falas dos entrevistados, sendo a primeira condição necessária para que a segunda ocorra. Para este grupo de entrevistados, ser adulto significa principalmente "pagar as contas", ser autossuficiente financeiramente, ser capaz de se sustentar, mesmo que isso ainda seja apenas um projeto. Nesta mesma direção, o trabalho de Arnett (1998) mostrou que responsabilidade e independência estavam entre os principais critérios apontados por jovens norte-americanos para que se seja considerado um adulto.

A terceira concepção associa ser adulto com a responsabilidade sobre outra pessoa, seja ela sua esposa/marido, filho/s ou seus próprios pais. Alguns entrevistados explicaram essa ideia da seguinte forma:

> *Vou falar na questão, vai esbarrar na finança porque acho que essa questão emocional ninguém dá conta com 40 ou 50, né, a gente tá sempre tentando saber o que nós somos. Mas eu acho que ser adulta*

> *é você se responsabilizar por si mesmo sem pensar numa estrutura por trás, mas para além disso, no meu contexto, é ter uma outra responsabilidade, que são duas na verdade: uma com você mesma, sobre a sua subsistência – morar, pagar conta – e tem uma outra responsabilidade com a minha mãe. Então isso me qualifica como uma pessoa adulta porque eu não posso fazer nenhuma escolha da minha vida se eu não penso nessas duas esferas. [...] Eu não posso falar o dane-se. Eu tenho que planejar cada passo da minha vida financeira, entendeu, se não eu volto atrás de tudo. (Renata, 34 anos)*

> *É... (pausa). Eu diria talvez que... (pausa) acho que pensando um pouco melhor, acho que talvez até o filho seria mais representativo. [...] Mas assim, acho que tem (pausa). Talvez os filhos tenham mais, talvez você tenha essa responsabilidade né, usando esse critério né da carga de responsabilidade, talvez seja mais com os filhos sim, mais com os filhos do que o casamento em si. (Leandro, 29 anos)*

Casamento e maternidade/paternidade são eventos considerados como fundamentais para a compreensão do que é ser um adulto. Trabalhos como o de Settersten & Ray (2010) mostrou que cerca de 50% dos jovens norte-americanos consideram que é necessário se casar e ter filhos para ser considerado um adulto. Na mesma direção, dados da pesquisa de Guerreiro & Abrantes (2005) também mostram a importância desses dois aspectos para caracterizar a vida adulta entre os jovens portugueses. Não por acaso, recrutar sujeitos de pesquisa foi uma empreitada difícil nesse trabalho porque a grande maioria dos jovens contatados havia saído de casa para casar.

De maneira semelhante aos dados encontrados na pesquisa de Du Bois-Reymond (1998) – que identificou uma caracterização da vida adulta como algo apático, rotineiro e sério – alguns entrevistados desta pesquisa também apresentaram uma concepção negativa sobre o que é ser adulto. Curiosamente, estas concepções partiram dos homens jovens.

Menos frequente, porém relevante, algumas respostas associaram ser adulto com aspectos ligados à rotina, à seriedade e às restrições na vida social.

Acho que o adulto também tem muito essa coisa assim da personalidade, né, a personalidade adulta. Não que você mude o seu jeito de ser, mas que você começa a tomar uma postura um pouco mais séria, mais ponderada pra algumas coisas. [...] Acho que umas das coisas que mais adultece é isso, é a rotina. A rotina. [...] Eu acho que o marcador principal é a rotina, é você não colocar alguma dinâmica pra vida. Porque acho que se você se prender na vida rotineira, você não ter algo assim dinâmico, que mexa a vida assim, eu acho que isso adultece. Entendeu? Aquela coisa de assim você começar a parar e pensar assim "ah, agora que eu já tenho minha formação, agora é trabalhar pra ganhar o dinheiro e tocar a vida e sustentar a família". Isso pra mim, acho que esse pensamento, é aquele pensamento que te transforma em adulto, entendeu? (Alex, 27 anos)

É... acho você tem casais por exemplo que tem, eu vejo um pouco assim, tem uma vida social mais agitada, de sair a noite ainda, de viagens, programas assim e talvez aquele casal que já, já não sai mais, tá ali mais, eu sinto mais que seja mais adulto, talvez (pausa). Então tem isso talvez, responsabilidade e... acho que rotina social, eu diria. Tipo de rotina social, cara que tipo saí, viaja, vai pra festas e, com galera, talvez seja menos adulto do que o cara que já não faz esse tipo de coisa. Que são programas, talvez, são programas tipicamente de jovens, adolescentes e jovens, talvez eles seriam mais um pouco adultos, poderia classificar dessa forma, um pouco mais adulto. (Leandro, 29 anos)

Preocupações, estresse com trabalho, com dinheiro, essas coisas assim. Uma vida muito mediatizada pelo dinheiro, o adulto de forma geral tem essa ideia de que tem que trabalhar pra ganhar dinheiro, se não ganhar dinheiro não tem lazer, tal. Não que seja culpa do adulto,

> *do indivíduo, mas acho que o que mais caracteriza, meio que infelizmente é isso. (Tadeu, 22 anos)*

Uma vida adulta concebida como responsabilidade (com sua própria vida e com a de outros), como independência (principalmente financeira) pode significar para alguns algo positivo e estar ligado à liberdade. Para outros, pode ser sinônimo de rotina, repetição, seriedade e estresse, devido à alta expectativa (de si próprio e dos outros) diante da ideia de ser adulto.

8. Considerações finais

Não ter ideia de voltar para casa. Lembrar que a gente, afinal de contas,
está vivendo muito bem e é uma criatura até feliz. Ficar admirado.
Descobrir que não nos falta nada. Dar um suspiro bom de alívio,
olhar com ternura a criação e ver-se pago de tudo.
(Manoel de Barros – Olhos parados)

Este trabalho buscou compreender o processo de saída da casa dos pais entre jovens e adultos jovens e seus desdobramentos na passagem para a vida adulta. Desta forma, foi realizada uma análise de como se deu a transição domiciliar de um grupo de jovens e adultos jovens a partir de alguns enfoques: os motivos da saída, a condição de semi-dependência dos pais, as dificuldades enfrentadas, a presença ou ausência de apoios no processo de saída, os medos e as conquistas do processo. Além disso, foram identificados outros eventos significativos nas trajetórias analisadas, os projetos para o futuro e a percepção dos sujeitos sobre a entrada ou não na vida adulta. Por meio da pesquisa empírica foi possível compreender aspectos tanto da saída de casa como da transição para a vida adulta como um todo.

Em relação às trajetórias dos entrevistados, observou-se uma tendência ao prolongamento do período dedicado à formação educacional, com tal formação tendo se dado de forma linear e tendo sido seguida pela entrada no mercado de trabalho. Muitos entrevistados tiveram algum tipo de experiência profissional em paralelo aos estudos, mas essas atividades não lhe garantiram a independência financeira. O evento da saída de casa foi reversível para apenas sete entrevistados que tiveram que voltar para a casa dos pais após a saída, porém tal reversão foi temporária e relativamente curta.

Apesar de ter sido identificado a reversibilidade e o prolongamento de certos eventos na trajetória dos sujeitos, não é possível afirmar que a trajetória dos jovens e adultos jovens desta pesquisa é despadronizada durante *todo* o seu curso. Os eventos tradicionais de transição estão presentes em todas as trajetórias e seguem um percurso relativamente linear: término da formação educacional, entrada no mercado de trabalho e saída de casa. Considerando que a saída de casa propriamente dita só aconteceu para algumas pessoas após a aquisição de um emprego que lhes garantiu a independência financeira, pode-se afirmar que a saída em razão dos estudos não representa uma ausência na linearidade da trajetória.

Sobre os eventos significativos, os desenhos das linhas do tempo revelaram que educação e mobilidade são as áreas mais exploradas e relevantes da trajetória dos entrevistados. Além disso, identificou-se que os eventos ligados a essas áreas são os que geralmente antecedem a saída de casa e que costumam estar inter-relacionados.

A continuidade da formação educacional foi o motivo mais frequentemente utilizado como motivo para a transição domiciliar. Os dados mostram que o investimento na formação educacional não foi feito apenas pelos jovens, mas também por suas famílias. Esta conjunção de projetos fez com que o comprometimento dos sujeitos com a própria formação fosse alto, o que pode ser constatado pelo longo período que os entrevistados dedicaram aos seus estudos. Este investimento especifico nos estudos visou responder à exigência do mercado de trabalho por uma maior qualificação dos jovens profissionais que, como visto nos capítulos teóricos, tem gerado mudanças no processo de transição como um todo. Para outros jovens, a continuação da formação educacional foi a resposta possível a um mercado de trabalho de difícil ingresso, fazendo com que o sujeito optasse pela realização de seus estudos de pós-graduação para conseguir manter-se ocupado e com alguma fonte de renda.

Os eventos ligados à mobilidade também foram bastante assinalados nas linhas. A maioria dos entrevistados mencionou eventos como mudança de casa e de cidade ocorridos tanto na infância como na adolescência como significativos em sua trajetória. Isto indica que a mudança de domicílio não era algo incomum para esses entrevistados e pode ter exercido alguma influência no modo de lidar com as mudanças domiciliares ocorridas a partir da saída da casa dos pais, dado o sentido de impermanência do lar para determinadas famílias.

Além disso, um importante evento mencionado nesta área foram as viagens. A primeira viagem foi apontada como uma espécie de "estágio" para a saída de casa que ocorreu posteriormente. As viagens podem ser entendidas como uma forma de experimentar um sentimento de independência pessoal e de colocar em teste a própria capacidade de se locomover, de se comunicar, de administrar seus custos financeiros e resolver pequenos problemas. O fato de terem conseguido ou não testar essas capacidades, assim como o grau de interferência dos pais durante esta experiência, permitiu que muitos tivessem uma primeira fotografia da capacidade de cuidar de si mesmos.

A passagem da dependência física para a independência é um dos elementos fundamentais para se compreender a transição para a vida adulta (HENDERSON et al., 2007). A autonomia motora e de locomoção começam ainda quando se é bebê e isso permite que ele comece a descobrir o mundo por ele mesmo (MAHLER, 1974). De maneira análoga, a locomoção e mobilidade realizada durante a juventude permitem a descoberta de um mundo

ainda mais amplo e propiciam uma separação cada vez maior dos pais, a emancipação do controle em relação aos mesmos e, consequentemente, os primeiros passos em direção à vida adulta.

Especificamente em relação à transição domiciliar, os dados sugerem que o processo de saída da casa dos pais apresenta algumas particularidades de acordo com o motivo que deflagra tal saída, conforme visto no capítulo 5. Entre os entrevistados foram identificados três motivos para saída da casa dos pais: estudo, trabalho e busca pela independência. Sabe-se, porém, que os dois primeiros motivos não descartam que o desejo pela própria independência esteja também presente (BUCK; SCOTT, 1993).

Os motivos apontados estruturaram a análise em três diferentes grupos e permitiram compreender algumas formas distintas de transição domiciliar e, portanto, de entrada na vida adulta. A saída da casa dos pais é um evento bastante significativo dentro da transição para a vida adulta, pois é a partir dela que tem início um processo de emancipação do controle parental, aspecto fundamental na aquisição da independência dos jovens.

Os jovens e adultos jovens do *Grupo 1* (saída motivada pela continuação dos estudos) o fizeram em idade mais nova do que os demais e, desta forma, são os que estão há mais anos fora de casa e os que tiveram o maior número de moradias. São eles também os únicos que passaram pelo estágio de "morar fora" de casa, ou seja, viveram um período dependente de seus pais mesmo já tendo saído de casa (4,9 anos em média, conforme visto na seção 5.1). Isso significa que, ao saírem de casa, a maior parte dos jovens deste grupo não se mudou para um domicílio sobre o qual tinham total "controle, poder e responsabilidade" (JONES, 1995), já que seus pais geralmente eram os responsáveis pela manutenção de tal moradia. No entanto, existia por parte destes jovens algum nível de controle e responsabilidade sobre a própria residência.

Em geral, a saída motivada pelos estudos recebeu grande suporte da família que investiu fortemente neste projeto dos filhos. Essa dependência financeira dos pais, no entanto, não significa tranquilidade na transição domiciliar. Diferentemente da ideia comum de que a dependência dos pais gera acomodação nos filhos jovens, a grande maioria revelou que este longo período de dependência lhes trouxe incômodos e também constrangimento. Apesar de gratos, estes filhos sentiam-se desconfortáveis com o fato de precisarem pedir dinheiro aos pais. Esse tipo de queixa reforça o fato de que a dependência econômica não deve ser entendida separadamente das relações de poder (LISTER, 1990). Este incômodo com a

situação de dependência fez com que esses jovens tentassem diferentes tipos de trabalho para conseguirem, ao menos, pagar suas contas pessoais.

Além disso, esta saída é a que conta mais dificuldades dentre os três grupos, tanto de ordem prática quanto emocional. No entanto, apesar dos contratempos enfrentados, observa-se também que esta saída aparenta ser a mais definitiva, dada a proporção muito pequena de jovens deste grupo que retornou temporariamente para a casa dos pais.

O sentimento de vergonha e o desconforto associado à relação de dependência financeira dos pais foi também identificado em outras pesquisas (HEATH, 1999; JONES, 1995, 2009). Vale lembrar que a vergonha e o desconforto com a situação de dependência em relação aos pais só foi mencionada após a saída de casa. Antes disso, a dependência financeira dos pais não era vista como um problema, mas sim como algo dado, sobre o qual não se questionava e que não gerava incômodo à maioria dos filhos. Apenas com a saída de casa, a relação de dependência se evidenciou e tornou-se uma questão para esses jovens e adulto jovens.

Os jovens e adultos jovens do *Grupo 2* (saída motivado pelo trabalho) e do *Grupo 3* (saída motiva pela busca por independência) apresentam algumas semelhanças. Como visto na seção 5.4, eles possuem o mesmo tempo médio de saída de casa e a grande maioria deles saiu de casa já independente. A maioria destes jovens fez a transição domiciliar de forma mais direta e sem o estágio de "morar fora", ou seja, saíram de seus domicílios de origem para constituírem um domicílio sob o qual tinham responsabilidade, poder e controle (JONES, 1995) devido condição de independência financeira adquirida *anteriormente* à saída.

O *Grupo 2* (não obstante serem um pequeno grupo) é o mais estável, os que tiveram menos residências, tendo permanecido nelas por mais tempo, e os que relataram menos dificuldades enfrentadas na transição domiciliar. A saída de casa motivada pelo trabalho – e não pela *busca* dele – garantiu maior segurança a esse grupo graças à condição financeira favorável que o emprego lhes possibilitou.

O jovens e adultos jovens *do Grupo 3* saíram porque buscavam sua independência, sendo esta a única justificativa não "legitimada socialmente" (JONES, 1995) encontrada na pesquisa. Esta motivação mostrou ser a que exigiu a maior preparação por parte dos sujeitos, possivelmente por não contarem tanto com o apoio familiar para tal. Este grupo indica que sair de casa para ser independente exige que você já o seja, pois esta saída dificilmente contará com o suporte financeiro da família de origem. Além disso, neste grupo encontra-se um grande número de jovens mulheres (6 de 7 entrevistados), sugerindo que esta possa ser uma justificativa mais utilizada pelas mulheres do que pelos homens.

Continuar os estudos é um projeto tanto do jovem como de sua família e, as que podem, apoiaram financeiramente seus filhos. Buscar a independência não é um projeto dos pais e assemelha-se a um rompimento, ou seja, uma forma desviante de transição para a vida adulta. Os relatos deste grupo mostraram que foi a insistência dos filhos neste projeto que convenceu os pais a acolher e apoiar esta mudança.

Além disso, a saída dos jovens do *Grupo 3* é a que possui a maior proporção de retornos temporários para a casa dos pais, corroborando com o que Jones (1995) aponta a respeito das saídas não legitimadas terem menores chances de sucesso que as demais. A frequência deste retorno pode ser entendida também por outras duas razões: o fato dos jovens e suas famílias de origem morarem na mesma cidade, tornando o retorno uma alternativa acessível, e o fato da família de origem não ter interesse que o filho resida separadamente. Ademais, é importante destacar que, para algumas famílias desde grupo, acolher o filho neste retorno é o único apoio que os pais podem oferecer naquele momento.

É válido salientar que, assim como a saída de casa, o retorno também exige justificativa e legitimação (JONES, 1995). Apesar de todos os que retornaram temporariamente para a casa terem relatado o quão difícil foi voltar a morar com os pais, todos os retornos para a casa foram possíveis e permitidos pelos pais. Isso indica que todas as famílias de origem dos jovens e adultos jovens desta pesquisa possuíam certa condição financeira e emocional para que este filho regressasse. Assumir o risco de sair de casa está também ligado à confiança que o jovem tem de que a família irá acolhê-lo caso algo não dê certo (JONES, 1995). Além disso, esse dado indica que a família continua presente e acompanha de perto seus filhos até que a independência seja totalmente atingida por eles (GALLAND, 2003).

Estas diferentes características de cada processo sugerem caminhos diferentes distintos na transição domiciliar, conforme visto na seção 5.4. A transição dos que saem para estudar é a mais longa, porém a mais permanente, e a que apresentou um maior número de arranjos domiciliares. A transição dos que saíram para trabalhar é a mais direta e segura dado à condição de independência econômica que estes jovens conquistaram antes ou logo depois da saída. A transição dos que saíram para se tornar independentes é a mais planejada, a que possui menor variedade de experiências em termos de arranjos domiciliares e a que aparenta ser a menos definitiva das três.

Além das *diferenças* na forma com que se deu a saída de casa, foram analisadas também as *semelhanças* encontradas nos processos vivenciados pelos entrevistados.

A primeira delas diz respeito ao fato da família ser a única instituição que ofereceu apoio aos jovens durante a transição domiciliar. Neste sentido, esses dados corroboram com pesquisas portuguesas (GUERREIRO; ABRANTES, 2005b; PAPPÁMIKAIL, 2004) que constataram que a família é o principal porto seguro dos jovens durante seu processo de transição para a vida adulta. Aqueles que não podem contar com tal apoio devido as dificuldades financeiras da família, não apresentaram nenhuma outra instituição ou pessoa que os tenha ajudado ou a quem recorreriam atualmente caso precisassem. Este aspecto retoma as discussões feitas nos capítulos teóricos sobre quem seriam os responsáveis pelo bem-estar dos jovens, a terceirização do cuidado do jovem às famílias e as danosas consequências da exclusividade do apoio familiar nas trajetórias juvenis (JONES, 1995; SETTERSTEN; RAY, 2010).

Vale ressaltar que o apoio da família para a realização da transição domiciliar não se dá apenas no aspecto financeiro, mas também em termos de orientação e aconselhamento, pois não foram mencionadas outras instituições que ofereçam esse tipo de suporte aos entrevistados durante o processo de saída de casa do jovem. Desta forma, observou-se que, na falta da família, o sujeito aprende sozinho a resolver os problemas e contratempos surgidos com esta transição. Isso ocorreu especialmente entre aqueles cuja rede de apoio (família, parentes e amigos) não era proveniente da cidade do Rio de Janeiro ou não se estendia até tal município.

As famílias que possuem condição financeira apoiam seus filhos e isto é motivo de orgulho já que bons pais são aqueles capazes de oferecer aos filhos melhores condições de vida do que eles próprios tiveram (CUNNINGHAM, 1995). A respeito disso, cabem alguns questionamentos: é possível que as instituições familiares, que são a principal instituição de apoio aos jovens brasileiros, apoiem e fomentem a emancipação familiar de seus próprios filhos? Caso consigam, quantas famílias possuem recursos financeiros suficientes para possibilitar que seus filhos realizam a saída de casa sem que eles ainda estejam plenamente independentes? E como irão constituir a independência e a emancipação do controle parental os jovens que não podem contar com esse apoio familiar?

A ausência de outras instituições de apoio à transição domiciliar à parte da família choca-se com outra ideia do senso comum de que a permanência na casa dos pais é consequência do comodismo ou da falta de iniciativa por parte dos filhos jovens. Pesquisas mostraram que alguns jovens utilizam-se deste tipo de explicação. Silveira & Wagner (2006) identificaram que os próprios jovens atribuíam às suas características pessoais a responsabilidade pela sua permanência na casa dos pais: “A falta de iniciativa e o comodismo

foram citados por eles como fatores dificultadores do processo de emancipação" (SILVEIRA; WAGNER, 2006, p. 451).

Entende-se neste trabalho que as escolhas, as estratégias e os significados desta transição são tecidos em um cenário de oportunidades e limitações que é distinto para cada pessoa. As dificuldades encontradas para a saída de casa e a possibilidade de receber ou não um suporte varia de acordo com cada jovem e este elemento externo (e não só o comodismo) deve ser considerado na compreensão desta transição.

Como visto nos capítulos teóricos, a escolha pela saída da casa dos pais está sob influência de mais fatores além das motivações pessoais. Entende-se que a análise das justificativas do sujeito deve estar articulada a outros aspectos: a predominância ou não do padrão de casamento e coabitação (dimensão sociocultural), a oferta de empregos (dimensão socioeconômica) e a disponibilidade de algum suporte econômico, seja do Estado ou da família (FURLONG; CARTMEL, 2007). Galland (2003) entende ainda que a aquisição da independência dos jovens não diz respeito apenas pelo fato de que em certos países se obtém um emprego estável mais rapidamente, mas sim porque em certos países os jovens têm um acesso mais rápido aos recursos financeiros provenientes de algum tipo de benefício social.

Desta forma, pode-se dizer que a escolha pela saída de casa não é plenamente individual, assim como também o eventual fracasso não o é. Conforme afirmado por Jones: "como sociedade, nós aparentamos ter pouco conhecimento dos problemas que os jovens enfrentam para se tornarem independentes e um cidadão completo (...). O foco tende a ser mais nos problemas que os jovens que parecem representar para a sociedade, do que os problemas que a sociedade cria para os jovens" (JONES, 1995, p. 5, tradução minha).

Além do apoio financeiro, os entrevistados recordaram-se da motivação dada pelos pais para a realização da saída. Para a grande maioria dos entrevistados houve suporte de pelo menos um dos pais para a saída e, para alguns, o suporte emocional foi maior do que o financeiro por causa das limitações econômicas da família. Tanto a experiência pessoal de saída de casa pessoal dos próprios pais, como o desejo que tinham de terem vivido fora do domicílio familiar antes do matrimônio foram utilizados para explicar porque a maioria deles reagiu bem à saída de casa dos filhos.

Esta tranquilidade diante da saída de casa dos filhos relatada pela maioria dos entrevistados é um indicativo de que a saída dos filhos nem sempre é vivenciada pelos pais como um sofrimento ou angústia. Esta pesquisa contou apenas com o relato dos filhos sobre a saída de casa e seria necessária outra investigação que incluísse também os pais para compreender melhor as condições familiares em que se deu a transição domiciliar de seus

filhos jovens. No entanto, Sartori & Zilberman (2009) ao realizarem uma revisão da literatura (em português e em inglês) a respeito da síndrome do ninho vazio constataram que vários estudos demonstram que com a saída dos filhos de casa muitos pais se reencontraram e melhoraram sua qualidade de vida, não havendo mudanças tão significativas na vida dos casais após o "esvaziamento do ninho".

Com relação à saudade que sentem do tempo que moravam com os pais, a maioria dos entrevistados afirmou sentir falta da comodidade que tinham em casa. O fato da comodidade ter sido o aspecto de que eles mais sentem falta sugere a existência do pouco comprometimento dos filhos jovens com as responsabilidade e as tarefas domésticas da casa enquanto residiam com os pais. Pode-se dizer que esses viviam em uma espécie de moratória, só passando a ter contato com as tarefas domésticas e as responsabilidades de um domicílio após realizarem a transição domiciliar e, com isso, serem responsáveis pela sua própria casa. Desta forma, observa-se que a falta de responsabilidade na condução da casa é algo que pertence à família de origem e não mais à vida atual estabelecida sem os pais.

Outro aspecto dos quais disseram sentir saudade é do próprio convívio familiar em si e, ao mesmo tempo, queixam-se do controle e da vigilância de seus pais sobre suas vidas. O embate entre a família real e a ideal (GONÇALVES; COUTINHO, 2008) aparece com frequência entre os entrevistados. Apesar de afetuosa, a relação familiar implica em uma desigualdade de poder e, portanto, uma relação igualitária só irá existir quando pais e filhos passarem a respeitar o direito de cada um seguir sua vida a seu próprio modo (JAMIESON, 1998).

Desta forma, pode-se dizer que a emancipação do controle parental significa, além da independência financeira, a possibilidade do jovem seguir com a própria vida. Esta foi uma das conquistas mais apontadas pelos entrevistados.

Outro aspecto apontado como conquista foi o autoconhecimento. A separação física possibilitada pela saída de casa permitiu a este filho jovem descobrir outras facetas sobre si mesmo e se diferenciar de seus pais. Com a saída da casa dos pais, as vidas não estão mais interconectadas ou sobrepostas tal como quando dividiam o mesmo espaço e compartilhavam elementos comuns da rotina domiciliar. Assim, pode-se dizer que, se na casa dos pais tem-se a percepção de que se é "único e insubstituível" (DAMATTA, 1986, p. 17), na sua própria casa você pode ser você mesmo.

O autoconhecimento também foi obtido por meio da desnaturalização da própria educação familiar, que só foi possível com a partir da transição domiciliar. A relativização dos valores, práticas e crenças adquirida na família mostra-se fundamental para o crescimento

pessoal do sujeito e para sua passagem para a vida adulta. Conforme afirmando por Sarti, "crescer significa precisamente poder relativizar as referências familiares, desnaturalizando-as" (SARTI, 2004, p. 122).

Todas essas conquistas apontadas pelos entrevistados estão ameaçadas pelo medo mais frequente encontrado nas entrevistas: o medo do fracasso. Fracassar para esses jovens e adultos jovens significa não conseguir se sustentar sozinho e ter que voltar a depender dos pais. O tema da dependência, além de ter gerado vergonha e constrangimento do começo do processo da saída de casa, retorna como uma ameaça àquilo que foi lembrado como principal conquista da saída: a independência. Vale lembrar que, apesar da independência emocional também ter sido mencionada entre as conquistas, muitos deles afirmaram que sem a independência financeira teria sido impossível obter a independência emocional de seus pais.

O desenho das linhas do futuro mostrou os aspectos que irão fundamentar o porvir desses jovens e adultos jovens: trabalho e relacionamento afetivo foram os projetos mais comumente mencionados. Possivelmente o tempo gasto na formação educacional provocou um desejo maior pela estabilidade e por um momento de vida em que não seja mais preciso investir, mas sim colher os frutos do investimento feito. O casamento, apesar das críticas feitas por algumas jovens, continua figurando entre os projetos para o futuro dos jovens, conforme também identificado em outros trabalhos (GALLAND, 2003; JABLONSKI, 2005).

Entre essas quatro áreas mais mencionadas nas linhas de passado e futuro (educação, mobilidade, trabalho e relacionamento afetivo), apenas a educação *não* foi utilizada para explicar o sentimento de ser adulto ou a própria concepção de vida adulta.

A *saída de casa* e a *independência financeira* foram os eventos considerados como marcadores de entrada na vida adulta para aqueles que afirmaram já se sentirem adultos. A conjunção desses dois eventos confirma o que Jones & Wallace (1992) afirmam sobre o fato de que enquanto o adulto jovem não entra em um mercado de trabalho formal, no mercado imobiliário, no sistema de benefícios sociais e no mercado consumidor, a entrada na vida adulta não é confirmada. Este resultado também converge com outras pesquisas da que mostraram a associação da entrada para vida adulta com a ideia de responsabilidade e autossustento (ARNETT, 1998), corroborado com o valor dado à independência financeira.

Para aqueles que disseram ainda não se sentirem adultos, a responsabilidade com outra pessoa – via casamento ou maternidade/paternidade – é o que caracterizaria a vida adulta. Isso revela que, mesmo que esses entrevistados possuam um domicílio sob qual têm responsabilidade e controle, mesmo que estejam trabalhando e ocupando cargos de liderança,

ainda não se sentem adultos porque um ciclo não foi fechado. A parentalidade e o casamento, para estes, é o marcador de entrada futura na vida adulta. Portanto, apesar da literatura apontar o enfraquecimento dos marcadores tradicionais que guiavam as pessoas em direção aos papéis adultos nas sociedades ocidentais (CÔTÉ; BYNNER, 2008), os eventos tradicionais de transição ainda são eventos considerados importantes na trajetória desses jovens e adultos jovens.

Além disso, foram mencionadas situações na relação pai-filho que sinalizaram aos sujeitos que houve uma mudança da condição de jovem para a de adulto. Para alguns, esses sinais foram apontados pelos pais ou pelo irmão e, para outros, foi interno, porém ainda que necessitando do reconhecimento externo da família. Tais situações referem-se a uma mudança de lugar, uma forma de "crescimento horizontal" (SARTI, 2004) que foi confirmado por uma mudança na maneira com que os pais ou a família passou a enxergar aquele filho. Foi este olhar externo que sinalizou a existência de que estava sendo feita uma passagem da condição de jovem para adulto.

O estabelecimento de uma relação entre dois adultos, os conselhos dados aos pais, o fato de não precisarem mais pedir permissão a eles, e a ajuda financeira oferecida aos pais foram sinais que apontaram aos sujeitos que houve uma transição, uma passagem.

Em alguns casos, especialmente entre aqueles que dizem se sentir adultos há muitos anos, a relação entre pais e filhos se mostra assimétrica de maneira contrária: eles adultos e os pais como aqueles que precisam ser cuidados. Perceber os pais de outra forma e entender suas limitações também foi um sinalizador de que a transição aconteceu.

Todos esses elementos que definiram a condição e o sentimento de ser ou não adulto reforçam a importância da abordagem psicossocial no estudo sobre a transição para a vida adulta. Os marcos da passagem para a vida adulta não estão relacionados apenas aos eventos tradicionais de transição, mas estão relacionados também às aspectos subjetivos e a demais aspectos que se surgem das relações do sujeito jovem com seu ambiente.

Esses resultados sustentam a tese aqui defendida de que os eventos tradicionais de transição, especialmente a saída de casa e a independência financeira, ainda se mostram relevantes na trajetória dos jovens. Da mesma forma, os marcos subjetivos e ligados especialmente à relação com a família também possuem um importante papel sinalizador de passagem para a vida adulta.

É importante ressaltar que, apesar de em menor frequência que as demais concepções relatadas, as visões de vida adulta como algo ligado à rotina, ao estresse e à perda da vida social também foram mencionadas, nestes casos, exclusivamente pelos homens jovens.

Outros trabalhos europeus (DU BOIS-REYMOND, 1998) também identificaram esta visão negativa de vida adulta entre os jovens.

Por fim, vale ressaltar alguns limites identificados no decorrer deste trabalho. Apesar de se tratar de uma tarefa autoral, o desenho das Linhas pode ser produzida de modo padronizado, não criativo e com enfoque apenas em uma dimensão da vida pessoal, o que torna a narrativa consideravelmente restrita e impede a visão holística da trajetória do entrevistado (BAGNOLI, 2009). Outro limitador é a possibilidade do entrevistado, durante sua narrativa, ficar preso à cronologia dos acontecimentos e a uma falsa linearidade da trajetória, prejudicando com isso a espontaneidade da narrativa.

Outro aspecto a ser destacado é que, em três casos, não houve a realização das linhas, pois a narrativa foi disparada já no início das entrevistas por iniciativa dos entrevistados. A análise de tais entrevistas, no entanto, careceu dos anos exatos de ocorrência dos eventos, a duração e o intervalo entre eles, já que tais dados não foram tão precisos quanto nas entrevistas que contaram com a realização das Linhas do Tempo.

Além disso, considera-se importante que pesquisas futuras possam incluir uma análise longitudinal dos dados a partir de um acompanhamento a longo prazo das trajetórias dos entrevistados, permitindo uma análise mais minuciosa do andamento dos projetos de vida dos sujeitos e a passagem por outros eventos de transição, como o casamento e a maternidade/paternidade.

Contar, narrar e desenhar de forma esquemática as próprias histórias de vida gerou na maioria dos entrevistados um sentimento de orgulho de sua trajetória. Tendo em vista que todos eles haviam conseguido adquirir algum grau de independência a partir da saída da casa dos pais, muitos se viam como vitoriosos. Em um contexto em que essa independência familiar costuma se dar por meio do matrimônio e da constituição de nova unidade familiar, obter a independência sem precisar estabelecer uma família foi entendido como uma conquista.

O estudo das trajetórias de jovens e adultos jovens permitiu compreender um pouco da complexidade das histórias de vida investigadas e, em especial, o modo com que se dá a passagem entre a juventude e a vida adulta. Esta passagem, mais do que significar o cumprimento de certos eventos socialmente legitimados como pertencentes ao mundo adulto, também significa uma passagem na forma de olhar o mundo. Tal passagem se dá a partir de uma mudança na forma de olhar para si mesmo, para sua família, para a possibilidade de um

futuro parceiro ou um futuro filho. Esta passagem é discreta e não se exibe. O trabalho de pesquisadora, no entanto, deu-me o privilegio de captar alguns detalhes que compõe este delicado movimento.

9. Referências bibliográficas

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: FÁVERO, O. et al. (Eds.). . **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, 2007.

ABRAMO, L. Trabalho decente e juventude no Brasil: a construção de uma Agenda. **IPEA - Mercado de trabalho**, v. 55, 2013.

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G. **Juventude, juventudes: o que une e o que separa**. Brasília: UNESCO, 2006.

ABREU FILHO, O. Parentesco e identidade social. **Anuário antropológico**, v. 139, p. 95–118, 1980.

ARNETT, J. Learning to stand alone: The contemporary American transition to adulthood in cultural and historical context. **Human Development**, v. 41, p. 295–315, 1998.

ARNETT, J. J. **Emerging adulthood: the winding road from the late teens through the twenties**. Oxford: Oxford University Press, 2004.

BAGNOLI, A. Beyond the standard interview: the use of graphic elicitation and arts-based methods. **Qualitative Research**, v. 9, n. 5, p. 547–570, 20 nov. 2009.

BAGNOLI, A. Making sense of mixed method narratives: young people's identities, life-plans, and time orientations. In: HEATH, S.; WALKER, C. (Eds.). . **Inovations in Youth Research**. [s.l.] PALGRAVE MACMILLAN, 2012. p. 77–100.

BLANC, M. V. **O desafio de vir a ser: jovens universitários, moradias coletivas e identidades**. [s.l.] UERJ, 2009.

BRANDÃO, E. R. **Individualização e vínculo familiar em camadas médias: um olhar através da gravidez na adolescência**. [s.l.] Instituto de Medicina Social - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2003.

BRANNEN, J.; NILSEN, A. Young People's Time Perspectives: From Youth to Adulthood. v. 36, p. 513–537, 2002.

BRITES, J. Afeto e desigualdade: gênero, geração e classe entre empregadas domésticas e seus empregadores. **Cadernos Pagu**, v. 29, n. julho-dezembro, p. 91–109, 2007.

BUCK, N.; SCOTT, J. She`s leaving home: but why? An analysis of young people leaving the parental home. **Journal of Marriage and the Family**, v. 55, n. 4, p. 863–874, 1993.

BYNNER, J. Rethinking the Youth Phase of the Life-course: The Case for Emerging Adulthood? **Journal of Youth Studies**, v. 8, n. 4, p. 367–384, dez. 2005.

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CAMARANO, A. A. **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?**. Rio de Janeiro: Ipea, 2006a.

CAMARANO, A. A. Do nascimento à morte: principais transições. In: CAMARANO, A. A. (Ed.). . **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?**. Rio de Janeiro: Ipea, 2006b. p. 31–60.

CAMARANO, A. A. Considerações finais: Transição para a Vida Adulta ou Vida Adulta em Transição? In: CAMARANO, A. A. (Ed.). . **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?**. Rio de Janeiro: Ipea, 2006c. p. 319–330.

CAMARANO, A. A. et al. O processo de constituição de família entre os jovens: novos e velhos arranjos. In: CAMARANO, A. A. (Ed.). . **Transição para vida adulta ou vida adulta em transição**. Rio de Janeiro: Ipea, 2006. p. 199–224.

CAMARANO, A. A.; MELLO, J. L. E. Introdução. In: CAMARANO, A. A. (Ed.). . **Transição para vida adulta ou vida adulta em transição**. Rio de Janeiro: Ipea, 2006.

CARROCHANO, M. C. **O trabalho e a sua ausência: narrativas de jovens do Programa Bolsa Trabalho no município de São Paulo**. [s.l.] Universidade de São Paulo, 2008.

CARVALHO, R. L. DE. **Casa, comida e roupa lavada: fatores associados à saída do jovem brasileiro do domicílio de origem**. [s.l.] UFMG, 2009.

CASAL, J. Modos emergentes de transición a la vida adulta en el umbral del siglo XXI: aproximación sucessiva, precariedad y desestructuración. **Centro de Investigaciones Sociológicas**, v. 75, n. jul-sep, p. 295–316, 1996.

CASAL, J.; MASJOAN, J. M.; PLANAS, J. Elementos para un análisis sociológico de la transición a la vida adulta. **Política y sociedad**, v. 88, n. 1, p. 97–104, 1988.

CASTRO, L. R. DE; CORREA, J. **Juventude contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais**. Rio de Janeiro: NAU/FAPERJ, 2005. v. Coleção inp. 320

CIESLIK, M. Contemporary Youth research: Issues, Controversies and Dilemmas. In: BENNET, A.; CIESLIK, M.; MILES, S. (Eds.). . **Researching youth**. New York ed. [s.l.] Palgrave Macmillan, 2003.

CÔTÉ, J. E. **Arrested adulthood**. New York: New York University Press, 2000.

CÔTÉ, J. E.; BYNNER, J. M. Changes in the transition to adulthood in the UK and Canada: the role of structure and agency in emerging adulthood. **Journal of Youth Studies**, v. 11, n. 3, p. 251–268, jun. 2008.

CUNNINGHAM, H. **Children & Childhood in western society since 1500**. New York: Longman Group Limited, 1995.

DAMATTA, R. **O que faz o Brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DAMATTA, R. Brasil : Uma nação em mudança e uma sociedade imutável? Considerações sobre a natureza do dilema brasileiro. **Estudos Históricos**, v. 1, n. 2, p. 204–219, 1988.

DAMATTA, R. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5ª ed. ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997.

DEBERT, G. G. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. **Horizontes Antropológicos**, v. 16, n. 34, p. 49–70, dez. 2010.

DEPARTMENT FOR EDUCATION. **Statistical Firt Release: NEET Quarterly Brief - January to March 2014**. England: [s.n.].

DIB, S. K.; CASTRO, L. R. DE. O trabalho é projeto de vida para os jovens? **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 13, n. 2007, p. 1–15, 2010.

DU BOIS-REYMOND, M. "I Don"t Want to Commit Myself Yet': Young People's Life Concepts. **Journal of Youth Studies**, v. 1, n. 1, p. 63–79, fev. 1998.

DU BOIS-REYMOND, M.; BLASCO, A. L. Transiciones tipo yo-yo y trayectorias fallidas: hacia las políticas integradas de transición para los jóvenes europeos. **Revista de Estudios de Juventud**, v. 65, n. 04, p. 11–29, 2004.

ERIKSON, E. H. **Identity and the life cycle**. New York: W.W. Norton & Company, 1980.

EUROPEAN COMMISSION. **European social statistics 2013**. Luxembourg: [s.n.].

FURLONG, A. **Youth and Young Adulthood: new perspectives and agendas**. London: Routledge, 2009.

FURLONG, A.; CARTMEL, F. **Young people and social change**. 2ed. ed. London: Open University Press, 2007.

FURLONG, A.; WOODMAN, D.; WYN, J. Changing times, changing perspectives: Reconciling "transition" and "cultural" perspectives on youth and young adulthood. **Journal of Sociology**, v. 47, n. 4, p. 355–370, 29 nov. 2011.

GALLAND, O. Adolescence, post-adolescence, youth: revised interpretations. **Revue française de sociologie**, v. 44, p. 163–188, 2003.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Eds.). . **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 8.ed. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

GIDDENS, A. **Modernity and self-identity: self and society in the Late Modern Age**. Cambridge: Polity Press, 1991.

GOLDSCHEIDER, F. K.; DAVANZO, J. Pathways to independent living in early adulthood: marriage, semiautonomy, and premarital residential independence. **Demography**, v. 26, n. 4, p. 597–614, nov. 1989.

GONÇALVES, H. S. Juventude brasileira, entre a tradição ea modernidade. **Tempo Social**, v. 17, n. 2, p. 207–219, 2005.

GONÇALVES, H. S.; COUTINHO, L. G. Juventude e família: expectativas, ideais e suas repercussões sociais. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, n. 3, p. 597–611, 2008.

GUERREIRO, D.; ABRANTES, P. COMO TORNAR-SE ADULTO : processos de transição na modernidade avançada Maria das Dores Guerreiro e Pedro Abrantes. v. 20, 2005a.

GUERREIRO, M. DAS D.; ABRANTES, P. Como tornar-se adulto: processos de transição na modernidade avançada. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 20, n. 58, p. 157–212, 2005b.

HEATH, S. Young adults and household formation in the 1990s. **British Journal of Sociology of Education**, v. 20, n. 4, p. 545–561, 1999.

HEATH, S. Peer-Shared Households, Quasi-Communes and Neo-Tribes. **Current Sociology**, v. 52, n. 2, p. 161–179, 1 mar. 2004.

HEATH, S. et al. **Researching young people´s lives**. London: Sage, 2009.

HEATH, S.; CALVERT, E. Gifts, loans and intergenerational support for young adults. **Sociology**, v. 47, n. 6, 25 fev. 2013.

HEATH, S.; CLEAVER, E. **Young, free and single? Twenty-somethings and household change**. New York: Palgrave Macmillan, 2003.

HEILBORN, M. L. A primeira vez nunca se esquece: trajetórias sexuais masculinas. **Revista Estudos Feministas**, v. 6, n. 2, p. 394–405, 1998.

HENDERSON, S. et al. **Inventing adulthoods: a biographical approach to youth transitions**. London: Sage, 2007.

HENRIQUES, C. R. **"Geração Canguru": o prolongamento da convivência familiar**. [s.l.] Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2004.

HENRIQUES, C. R. **Entre o aconchego e os detalhes do cotidiano : a relação pais e filhos adultos**. [s.l.] Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2009.

HENRIQUES, C. R.; FÉRES-CARNEIRO, T.; MAGALHÃES, A. S. Trabalho e família: o prolongamento da convivência familiar em questão. **Paidéia**, v. 16, n. 35, p. 327–336, 2006.

HENRIQUES, C. R.; JABLONSKI, B.; FÉRES-CARNEIRO, T. A geração canguru: algumas questões sobre o prolongamento da convivência familiar. **Psico**, v. 35, n. 2, p. 195–205, 2004.

IACOVOU, M. **Leaving home in the European Union**. Essex: [s.n.].

IACOVOU, M. Leaving home: Independence, togetherness and income. **Advances in Life Course Research**, v. 15, n. 4, p. 147–160, dez. 2010.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: [s.n.]. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/>.

IBGE. **Censo Demográfico 2010: Características gerais da população religião e pessoa com deficiência**. Rio de Janeiro: [s.n.]. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_religiao_deficiencia/default_caracteristicas_religiao_deficiencia.shtm>.

IBGE. **Censo Demográfico 2010: Famílias e domicílios**. Rio de Janeiro: [s.n.]. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=797>.

IBGE. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2013Estudos & Pesquisas: Informação demográfica e socioeconômica**. Rio de Janeiro: [s.n.]. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000015471711102013171529343967.pdf>.

JABLONSKI, B. Atitudes de jovens solteiros frente à família e ao casamento: novas tendências? In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Ed.). . **Família e Casal: efeitos da contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2005.

JAMIESON, L. **Intimacy: personal relationships in Modern Societies**. Cambridge: Polity Press, 1998.

JONES, G. **Leaving home**. Bristol: Open University Press, 1995.

JONES, G. **Youth**. Cambridge: Polity Press, 2009.

JONES, G.; O'SULLIVAN, A.; ROUSE, J. Young Adults, Partners and Parents: Individual Agency and the Problems of Support. **Journal of Youth Studies**, v. 9, n. 4, p. 375–392, set. 2006.

JONES, G.; WALLACE, C. **Youth, family and citizenship**. Buckingham: Open University Press, 1992.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. Entrevista narrativa. In: BAUER, M.; GASKELL, G. (Eds.). . **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 8.ed. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004. p. 90–113.

LAWLER, S. **Identity - Sociological perspectives**. Cambridge: Polity Press, 2008.

LECCARDI, C. Por um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, v. 17, n. 2, p. 35–57, 2005a.

LECCARDI, C. Para um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. **Tempo Social**, v. 17, n. 2, nov. 2005b.

LEIVA, G. DE C. **Composição, formação e localização de domicílios: um estudo dos domicílios com jovem adulto**. [s.l.] UFMG, 2012.

LISTER, R. Women, economic dependency and citizenship. **Journal of Social Policy**, v. 19, n. 4, p. 445–467, 20 jan. 1990.

LOBATO, C. R. P. S. O significado do trabalho para o adulto jovem no mundo do provisório. **Revista de Psicologia da UnC**, v. 1, n. 2, p. 44–53, 2004.

MADEIRA, F. R. Educação e desigualdade no tempo de juventude. In: CAMARANO, A. A. (Ed.). . **Transição para vida adulta ou vida adulta em transição**. Rio de Janeiro: Ipea, 2006. p. 139–170.

MAHLER, M. S. Symbiosis and individuation: The psychological birth of the human infant. **Psychoanalytic Study of the Child**, v. 29, p. 89–106, 1974.

MASON, J. **Qualitative researching**. 2ed. ed. London: Sage, 2002a.

MASON, J. Qualitative interviewing. In: TIM MAY (Ed.). . **Qualitative Research in action**. London: Sage, 2002b.

MASON, J. Personal narratives, relational selves: residential histories in the living and telling. **The Sociological Review**, v. 52, n. 2, p. 162–179, 11 jun. 2004.

MASON, J. Mixing methods in a qualitatively driven way. **Qualitative Research**, v. 6, n. 1, p. 9–25, 1 fev. 2006.

MAY, V. Use of Mixed Methods in a Study of Residence and Contact Disputes between Divorced and Separated Parents. **International Journal of Social Research Methodology**, v. 10, n. 4, p. 295–306, out. 2007.

MELUCCI, A. Juventude, tempo e movimentos sociais. In: OSMAR FÁVERO (Ed.). . **Juventude e Contemporaneidade**. Brasilia: UNESCO, 2007.

MINAYO, M. C. DE S.; SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cadernos de Saúde Pública**, v. 9, n. 3, p. 239–262, 1993.

MONTAGNER, M. Â. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. **Sociologias**, v. 9, n. 17, p. 240–264, jun. 2007.

NASCIMENTO, A. M. DO. **Transição para a vida adulta: situação dos filhos adultos brasileiros no período 1970-2000**. [s.l.] Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2006a.

NASCIMENTO, A. M. DO. População e família brasileira: ontem e hoje. **XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais- ABEP**, p. 1–24, 2006b.

OIT. **Trabalho decente e juventude**. Brasilia: Organização Internacional do Trabalho, 2009. p. 220

OLIVEIRA, M. K. DE; REGO, T. C.; AQUINO, J. G. Desenvolvimento psicológico e constituição de subjetividades: ciclos de vida , narrativas autobiográficas e tensões da contemporaneidade. **Pro-Posições**, v. 17, n. 2 (50), p. 119–138, 2006.

PAIS, J. M. Transitions and Youth Cultures: forms and performances. **International Social Science Journal**, v. 52, n. 164, p. 219–232, jun. 2000.

PAIS, J. M. **Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro**. Porto: Amabar, 2001.

PAIS, J. M. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, M. I. M. DE; EUGENIO, F. (Eds.). . **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

PAPPÁMIKAIL, L. Relações intergeracionais, apoio familiar e transições juvenis para a vida adulta em Portugal. **Sociologia, problemas e práticas**, v. 46, p. 91–116, 2004.

PÉREZ, B. C.; CASTRO, L. R. DE. Jovens no Rio de Janeiro: percursos, inseguranças e riscos. **Revista Educação**, v. 36, n. 1, p. 107–120, 2011.

PIMENTA, M. DE M. **Jovens em Transição Um estudo sobre a transição para avida adulta entre estudantes universitarios em São Paulo**. [s.l.] Universidade de São Paulo, 2001.

PIMENTA, M. DE M. **Ser jovem e ser adulto: identidades, representações e trajetórias**. [s.l.] Universidade de São Paulo, 2007.

PLUG, W.; ZEIJL, E.; DU BOIS-REYMOND, M. Young People's Perceptions on Youth and Adulthood. A Longitudinal Study from The Netherlands. **Journal of Youth Studies**, v. 6, n. 2, p. 127–144, jun. 2003.

SARTI, C. A. Família patriarcal entre os pobres urbanos. **Cadernos de Pesquisa**, v. 82, n. ago, p. 37–41, 1992.

SARTI, C. A. O jovem na família: o outro necessário. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Eds.). . **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SARTORI, A. C. R.; ZILBERMAN, M. L. Revisitando o conceito de síndrome do ninho vazio. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 36, n. 3, p. 112–121, 2009.

SETTERSTEN, R. A; RAY, B. What's going on with young people today? The long and twisting path to adulthood. **The Future of children / Center for the Future of Children, the David and Lucile Packard Foundation**, v. 20, n. 1, p. 19–41, jan. 2010.

SHANAHAN, M. J. Pathways to adulthood in changing societies: Variability and mechanisms in life course perspective. **Annual review of sociology**, v. 26, n. 2000, p. 667–692, 2000.

SILVEIRA, P. G.; WAGNER, A. Ninho cheio: a permanência do adulto jovem em sua família de origem. **Estudos de Psicologia**, v. 23, n. 4, p. 441–453, 2006.

VELHO, G. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. 2.ed. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

WHITE, L. Coresidence and leaving home: Young adults and their parents. **Annual review of sociology**, v. 20, n. 1994, p. 81–102, 1994.

WYN, J.; WHITE, R. **Rethinking youth**. London: Sage, 1997.

ZORDAN, E. P.; FALCKE, D.; WAGNER, A. Casar ou não casar? Motivos e expectativas com relação ao casamento. **Psicologia em Revista**, v. 15, n. 2, p. 56–76, 2009.

10. Apêndices

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
MINISTÉRIO DA SAÚDE
CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE
RESOLUÇÃO N. 466, 12 DE DEZEMBRO DE 2012

Título do Projeto
Construindo a vida adulta: os jovens e a saída da casa dos pais

Pesquisadora Responsável
Liciana Aparecida Cabral Caneschi – Universidade Federal do Rio de Janeiro/Instituto de Psicologia

Eu, Liciana Aparecida Cabral Caneschi, doutoranda da UFRJ, venho através desse termo esclarecer a respeito dos objetivos e da natureza desta pesquisa que estou desenvolvendo para a obtenção do grau de doutor. Por meio desse documento firmo a minha intenção de realizar uma entrevista com você.

O objetivo desse termo de consentimento é apresentar-lhe todas as informações importantes e necessárias para balizar a sua participação na pesquisa.

Você _____foi convidado a participar como voluntário da pesquisa *Construindo a vida adulta: as jovens e a saída da casa dos pais*. Essa pesquisa tem como objetivo analisar o processo de transição para a vida adulta, em especial, o processo de saída da casa dos pais e/ou responsáveis.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, iremos entrevistar jovens de ambos os sexos, de 20 a 35 anos, moradores da cidade do Rio de Janeiro. Tais entrevistas terão a duração aproximada de 90 minutos e seguem um roteiro com algumas perguntas previamente estabelecidas pela pesquisadora, mas que poderão ser modificadas no decorrer da entrevista, caso isso seja necessário.

Em conjunto com a entrevista será solicitado que você elabore duas Linhas do Tempo, que consistem no desenho de duas linhas distintas, sendo uma referente ao passado, na qual você irá marcar os eventos mais significantes de sua história de vida, e outra que referente ao seu futuro, na qual você irá marcar seus projetos e expectativas com relação a ele.

Para realizar o desenho das duas Linhas do Tempo, a pesquisadora lhe oferecerá duas folhas distintas de papel em branco. Ao final do desenho em cada uma das folhas, você deverá subscrever seu nome completo. Todos os dados registrados em ambas as folhas serão também utilizados na pesquisa.

As entrevistas serão gravadas em áudio para que se possa captar tudo o que for dito para que assim não se perca nenhuma informação relevante para a pesquisa. A pesquisadora também poderá fazer anotações durante a entrevista. O uso do gravador deve ser autorizado por você, porém ele poderá ser desligado a qualquer momento, caso isso seja solicitado por você.

O seu nome será substituído por nomes fictícios e aleatórios, assim como os nomes das demais pessoas mencionadas na entrevista e nas Linhas do Tempo, para evitar a identificação das pessoas envolvidas na pesquisa.

O material de áudio e sua transcrição serão arquivados e estarão protegidos por senha. As folhas usadas na entrevista também serão devidamente guardadas em segurança. Todo esse material será arquivado em um banco de dados na UFRJ por cinco anos sob a minha responsabilidade e da Professora Simone Ouvinha Peres.

Ao final da tese, a pesquisadora se compromete em lhe entregar uma cópia em formato digital da pesquisa, se assim você o desejar. Para isto, você deverá escrever seu telefone e/ou e-mail ao final desse termo, para que seja possível tal envio.

Além disso, você pode ter acesso aos resultados desta pesquisa que serão divulgados em meio científico por meio da tese, por meio de produção acadêmica em periódicos e revistas científicas, em eventos e em livros científicos após a conclusão dessa pesquisa.

A(s) pessoa(s) que você indicar para colaborar com essa pesquisa serão contatadas pela pesquisadora responsável a partir dos dados fornecidos por você, como telefones celulares/residenciais e/ou e-mail.

Será preciso que você entre em contato com as pessoas que indicou para avisá-las sobre o nosso futuro contato. É necessário que seu nome seja mencionado como a pessoa que o(s) indicou para participar da pesquisa.

Cabe destacar que não há despesas pessoais em razão da sua participação e de outros nesse estudo, bem como não há nenhuma compensação financeira relacionada à sua contribuição ou à indicação de possíveis colaboradores da pesquisa.

Entrevistas que têm como foco as trajetórias biográficas e projetos para o futuro podem causar algum desconforto ao entrevistado, porém ressalta-se que esse risco é mínimo ou nulo, pois a entrevista requer apenas uma breve e pontual reflexão do entrevistado a respeito desses temas. No entanto, a fim de minimizar esse possível risco, ressaltamos que você poderá se abster de responder qualquer pergunta que lhe cause algum tipo de incômodo sem que haja prejuízo a você, às pessoas mencionadas na pesquisa ou aos proponentes da mesma.

Caso ocorra algum desconforto moral ou psicológico decorrente da entrevista, e com nexo causal comprovado, você terá direito às indenizações legalmente estabelecidas na Resolução no. 466, de 12 de dezembro de 2012. Neste caso será oferecido avaliação e o acompanhamento psicológico necessários, desde que o dano tenha sido provocado durante a entrevista e possa ser devidamente comprovado por profissional da área credenciado da UFRJ.

Essa pesquisa possui a vantagem de tratar do tema das trajetórias juvenis e os projetos para o futuro e poderá lhe proporcionar como benefício a oportunidade

de discorrer e refletir sobre o momento que você está vivendo e a respeito de seus projetos para o futuro.

Por meio de sua participação nessa essa pesquisa, você poderá contribuir para ampliar o conhecimento científico a respeito dos atuais processos de transição dos jovens no Brasil e para a formulação de políticas públicas concernentes a essa área.

Por fim, ressalta-se que você, entrevistado, possui o direito de receber resposta a qualquer pergunta e demais esclarecimentos relacionados a essa pesquisa.

Sua participação é voluntária e, portanto, você possui total liberdade de interrompê-la a qualquer momento, sem riscos, punição ou qualquer tipo de prejuízo a você, à sua relação com os proponentes da pesquisa e às pessoas mencionadas nela.

Você tem assegurado seu direito a sua privacidade com relação aos dados envolvidos na pesquisa, portanto, você não será identificado e será mantido o caráter confidencial das suas informações.

Em caso de dúvidas relativas à pesquisa ou a notificação de acontecimentos não previstos, você poderá procurar o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro pelo telefone (21) 3873-5167 ou pelo e-mail cep.cfch@gmail.com. Você também poderá entrar em contato com a pesquisadora pelo telefone (21) 8545-8765, pelo e-mail licaneschi@yahoo.com.br ou por meio do Instituto de Psicologia da UFRJ no endereço Avenida Pasteur, 250, Fundos, Praia Vermelha, Rio de Janeiro (RJ), telefone (21) 3873-5342.

Colocamo-nos a sua disposição em caso de qualquer dúvida referente à pesquisa.

Desde já agradecemos a sua participação na pesquisa e a indicação de possíveis colaboradores.

- Declaro estar participando voluntariamente dessa pesquisa e estar ciente do termo de consentimento.
  Este documento será assinado em duas vias:

  Local e Data: _____

  Nome: _____

  Assinatura: _____

- Caso haja interesse em receber a tese em formato digital preencha seus dados abaixo:
  Email: _____

Telefone: _____

Celular: _____

- Caso você esteja de acordo que a pesquisadora entre em contato com algum amigo (a) ou colega que esteja dentro do perfil buscado por essa pesquisa, por favor preencha os dados abaixo:
  Nome: _____

  E-mail e/ou telefone para contato _____

  Nome:_____

  E-mail e/ou telefone para contato_____

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

1ª parte: Identificação

1. Onde você nasceu?
2. Qual é a sua idade?
3. Qual é a profissão e a escolaridade de seus pais?
4. Qual é bairro em que você mora?
5. Há quanto tempo você mora sem os seus pais?
6. Você mora com quem?
7. Há quanto tempo você mora no Rio de Janeiro?
8. Qual a sua formação e qual a sua profissão?
9. Quando você concluiu o Ensino Superior?
10. Há quantos anos você trabalha?

2ª parte: Linha do tempo

1. Eu gostaria que você desenhasse aqui, duas linhas do tempo. Uma começando do seu nascimento até hoje, onde você irá marcar os momentos mais significativos da sua trajetória até aqui. Na segunda linha, gostaria que você marcasse os seus projetos para o futuro".
2. Você poderia me falar a respeito dessas duas linhas do tempo?
3. Olhando essas duas linhas, a do passado e a do futuro, em que momento você considera que você acredita que se tornou ou que você se tornará uma pessoa adulta? Por quê?
4. Na sua opinião, o que define um adulto hoje? O que você acha que é ser um adulto?

3ª parte: Saída da casa dos pais

1. Gostaria que você me contasse o motivo da sua saída e como foi quando você decidiu sair da casa dos seus pais.
2. Você poderia me contar sobre as suas moradias desde que você saiu da casa de seus pela primeira vez?
3. Como você estabeleceu/formou sua casa atual? Como se deu a decisão pelo lugar de moradia e pelas pessoas com quem ia morar?
4. Quais foram/quais são seus principais medos e principais dificuldades que você enfrentou quando decidiu saia da casa de seus pais?

5. Como você lidou com essas dificuldades?

4ª parte: A vida na casa atual

1. Como é a sua relação com as pessoas que moram com você hoje?
2. Vocês estabeleceram algumas regras quando decidiram morar juntos? Como foi e quais são?
3. Como se dá a negociação dos espaços da casa (cozinha, banheiro, sala)? Como vocês separam o que pertence a quem? Vocês tem alguma regra com relação a trazer amigos ou namorados em casa?
4. Como se dá a divisão de trabalho em casa? E a organização financeira?
5. Você possuem momentos de confraternização e/ou convivência entre vocês?
6. Qual é o seu custo mensal (aluguel e despesas)? Isso representa quanto de sua renda total?
7. Como você se mantém financeiramente? É suficiente para manter-se morando sem a ajuda financeira dos seus pais?
8. Quando você precisa de algum tipo de ajuda financeira a quem você recorre?
9. Quando você precisa de algum tipo de ajuda emocional a quem você recorre?

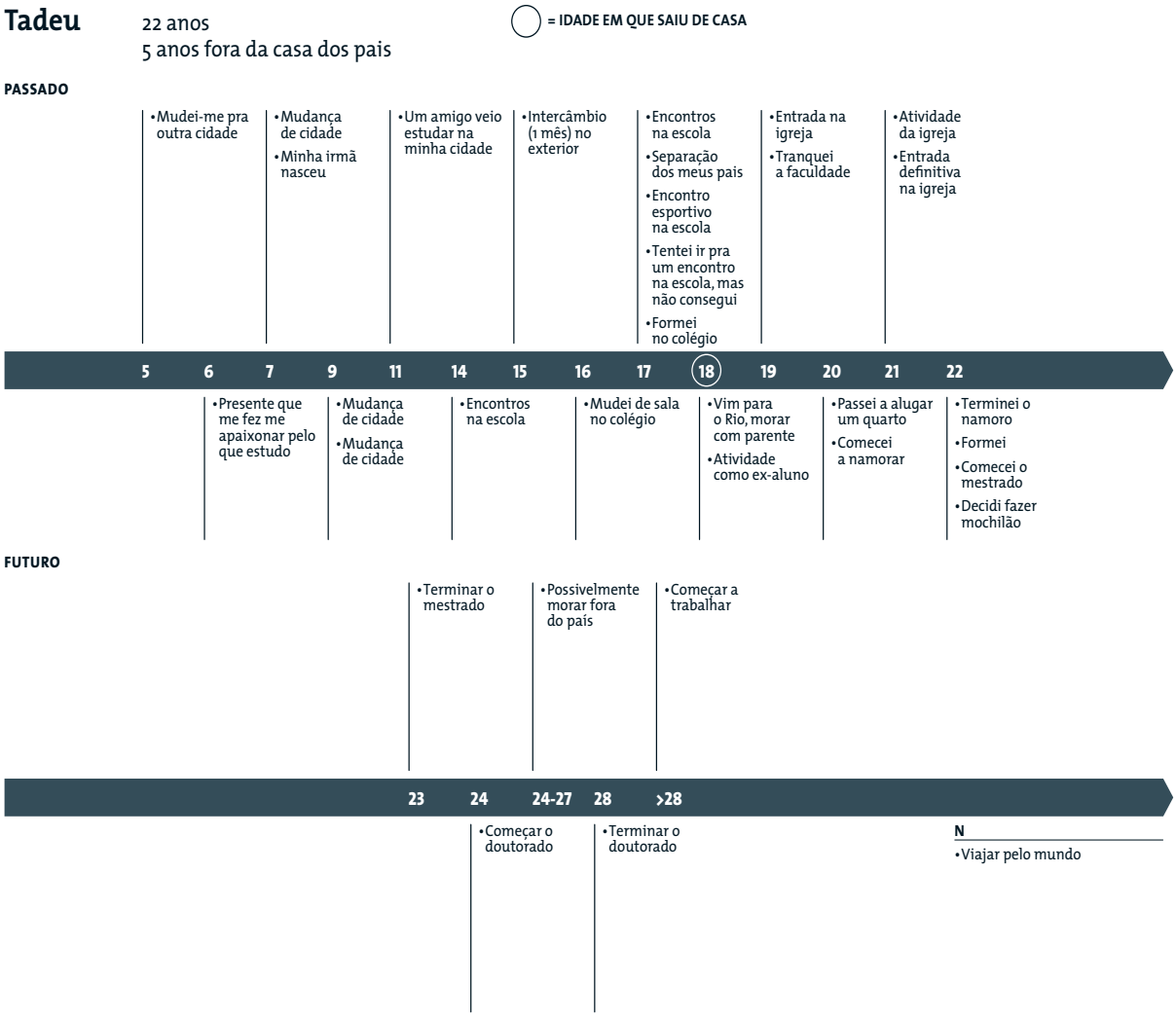
5ª parte: Relacionamento com a família de origem

1. Como é a relação com seus pais atualmente? Como era antes da sua saída?
2. Seus pais veem visitá-lo (a)? Como são e com qual frequência são essas visitas?
3. Do que você mais sente falta da época em que você morava com seus pais?
4. O que mais lhe incomodava no tempo em que você morava com seus pais?
5. Quais são as vantagens e os ganhos de morar sem seus pais?
6. O que você acha que é ter um lar? Você acha que sua casa hoje pode ser considerada um lar? E a casa que você residia com seus pais?
7. Você planeja voltar para a casa dos seus pais futuramente? Por quê?
8. A sua experiência de saída de casa é semelhante a dos seus amigos? Por quê?

APÊNDICE C – LINHAS DO TEMPO DOS ENTREVISTADOS

Seguem abaixo os desenhos das linhas do tempo de cada um dos entrevistados, seguidos de um breve relato com a finalidade de apresentar as histórias que serão analisadas nos próximos capítulos. Três entrevistados não desenharam linha do tempo (Ingrid, Alice e Eduardo).

Representação gráfica das linhas do tempo: Tadeu



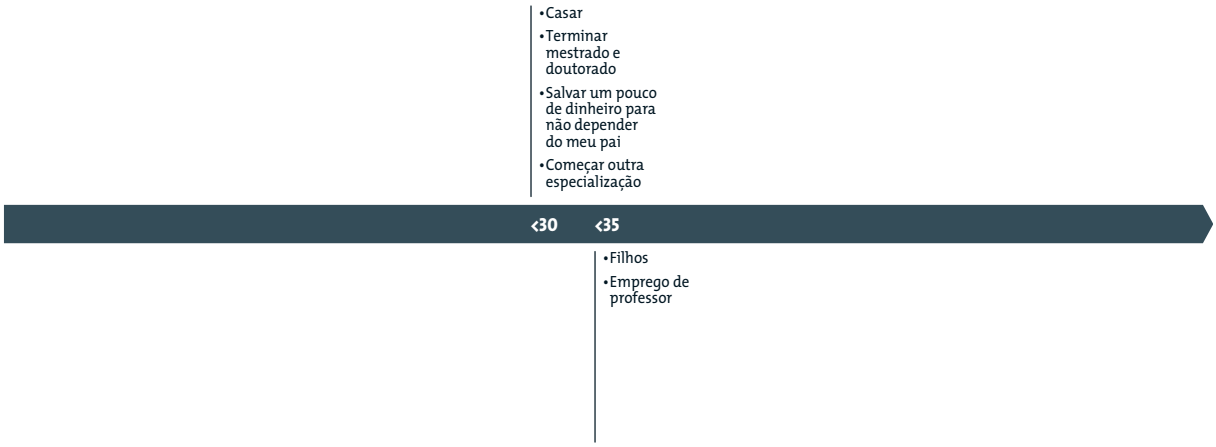
Representação gráfica das linhas do tempo: Carolina

Carolina 23 anos
0,2 anos fora da casa dos pais

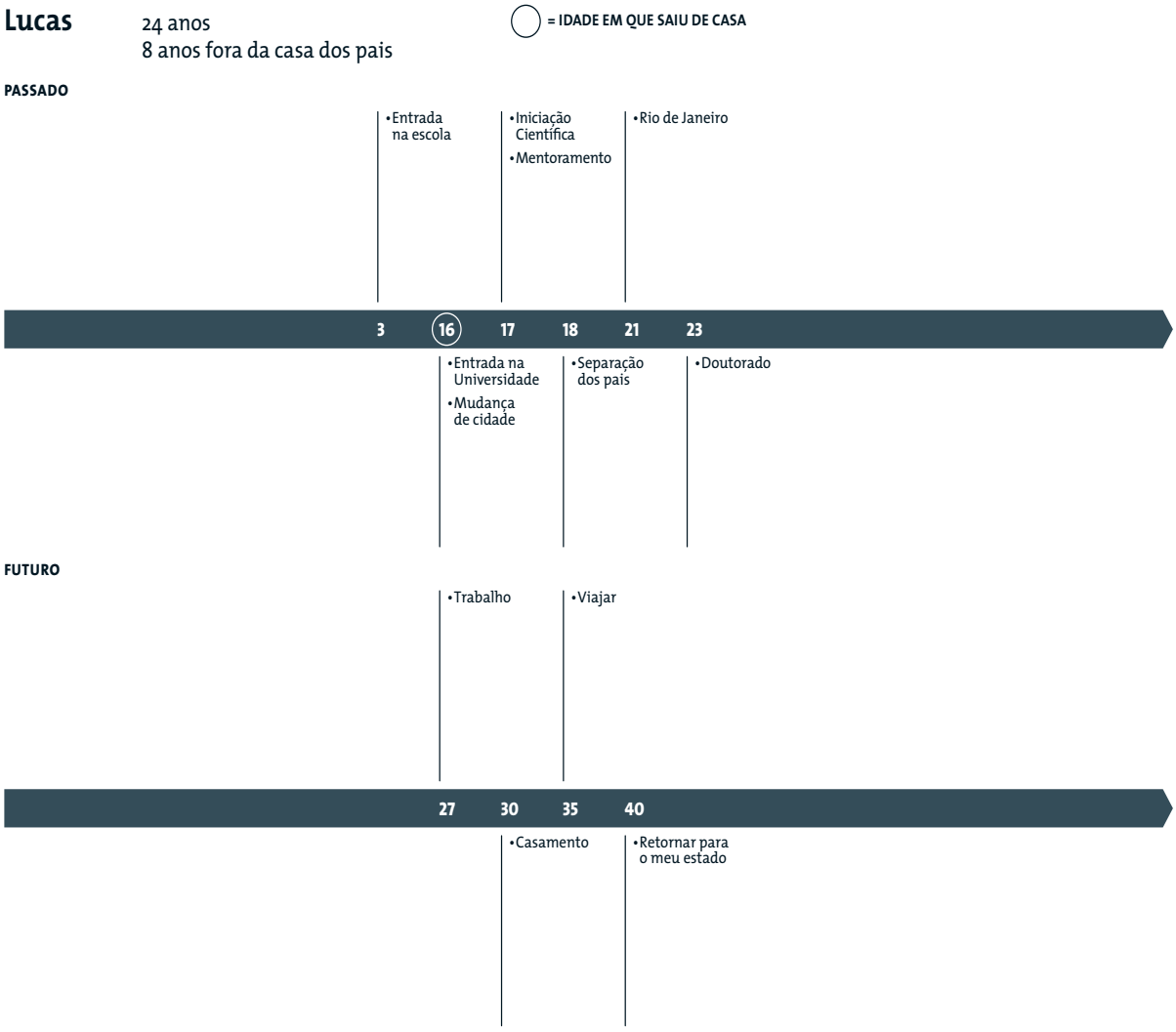
◯ = IDADE EM QUE SAIU DE CASA

PASSADO

FUTURO



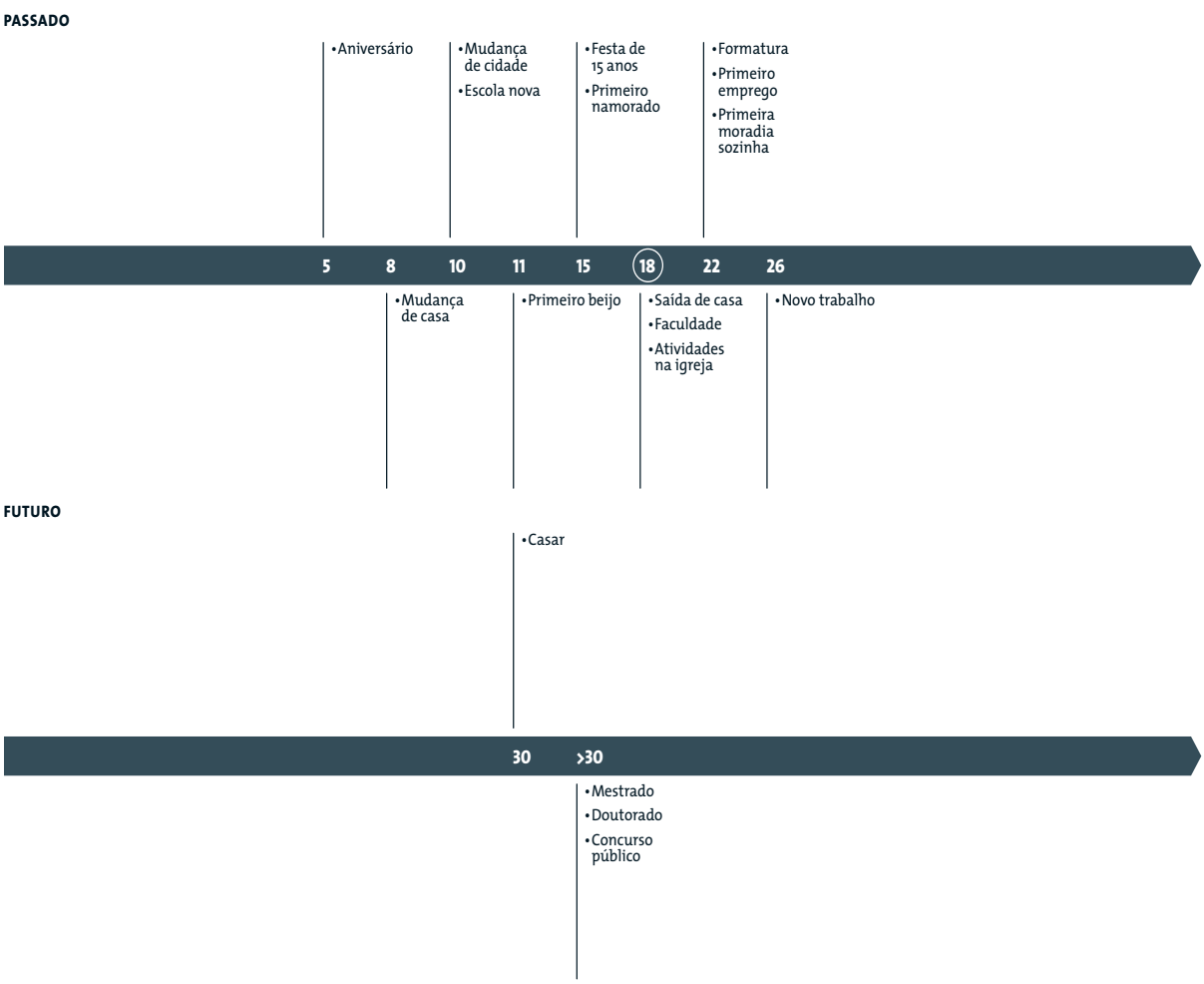
Representação gráfica das linhas do tempo: Lucas



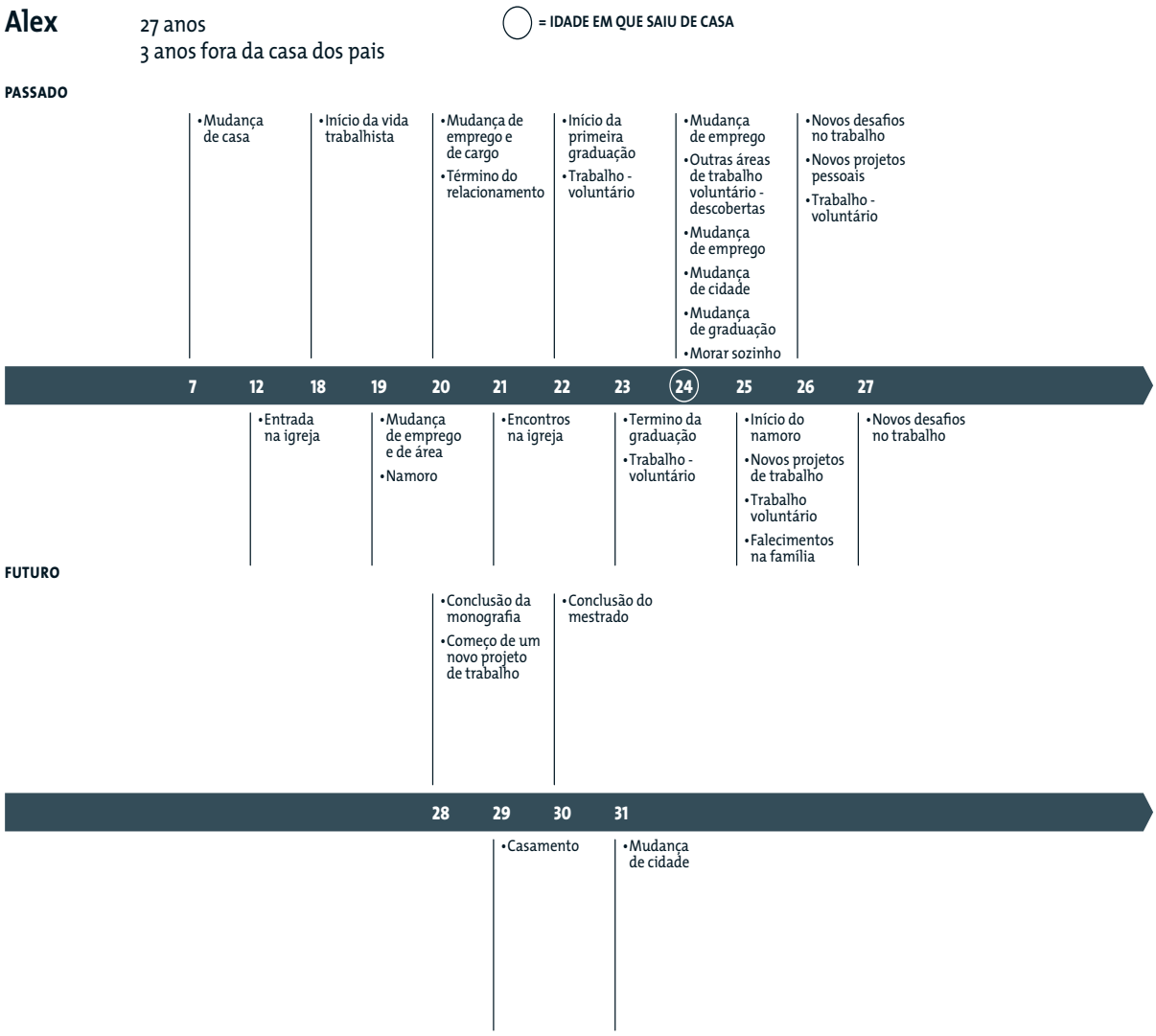
Representação gráfica das linhas do tempo: Maria

Maria 26 anos
8 anos fora da casa dos pais

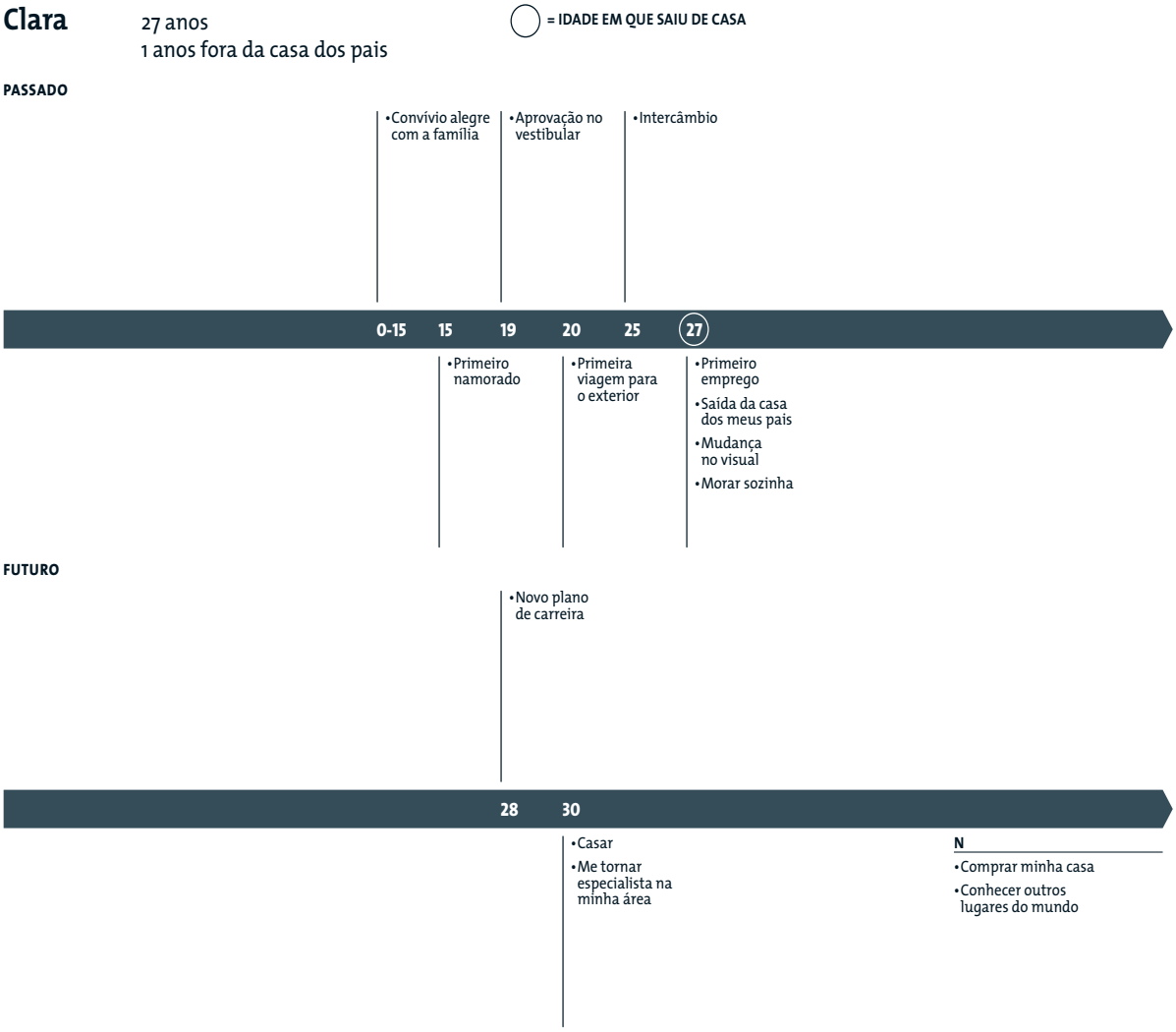
◯ = IDADE EM QUE SAIU DE CASA



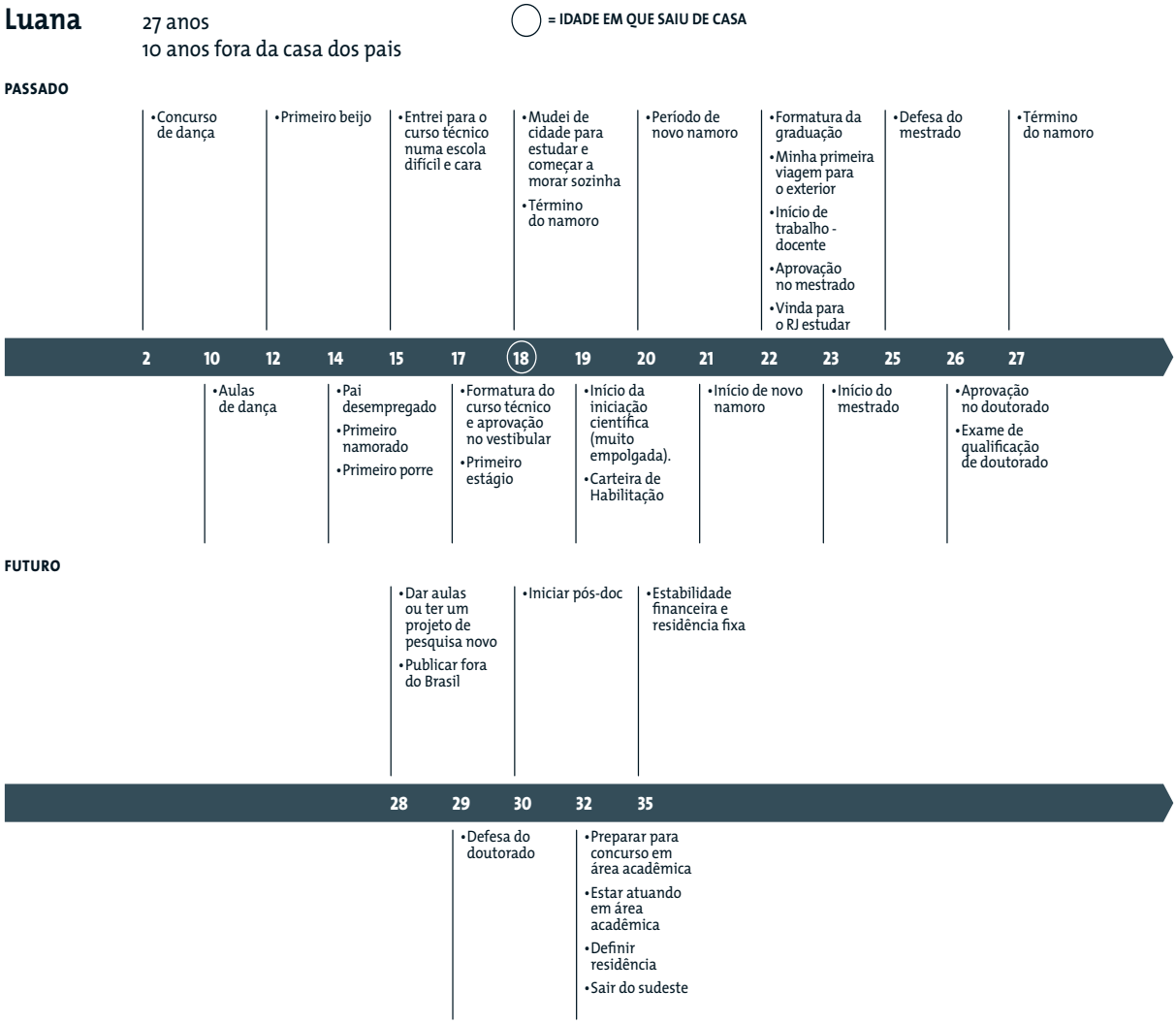
Representação gráfica das linhas do tempo: Alex



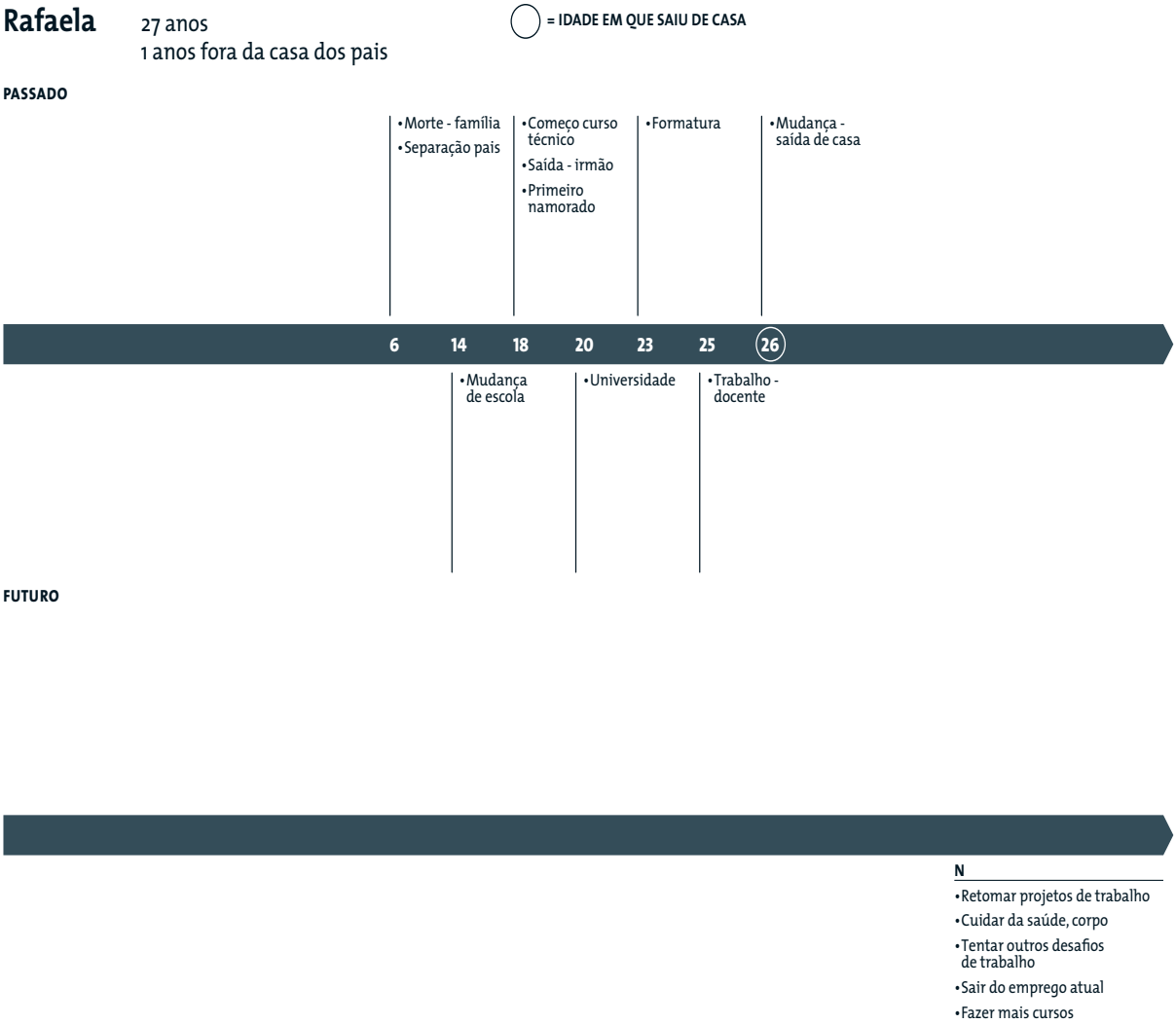
Representação gráfica das linhas do tempo: Clara



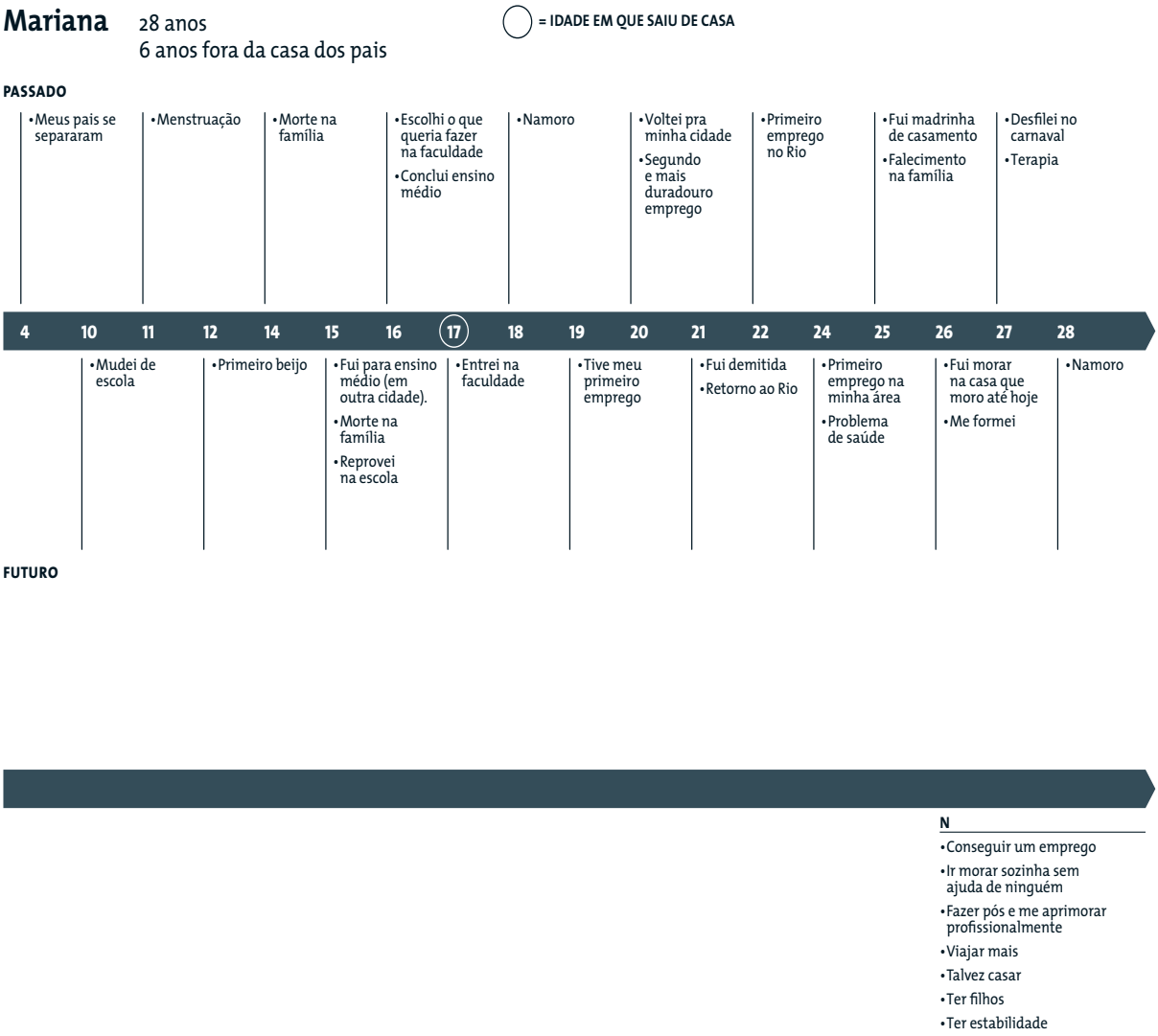
Representação gráfica das linhas do tempo: Luana



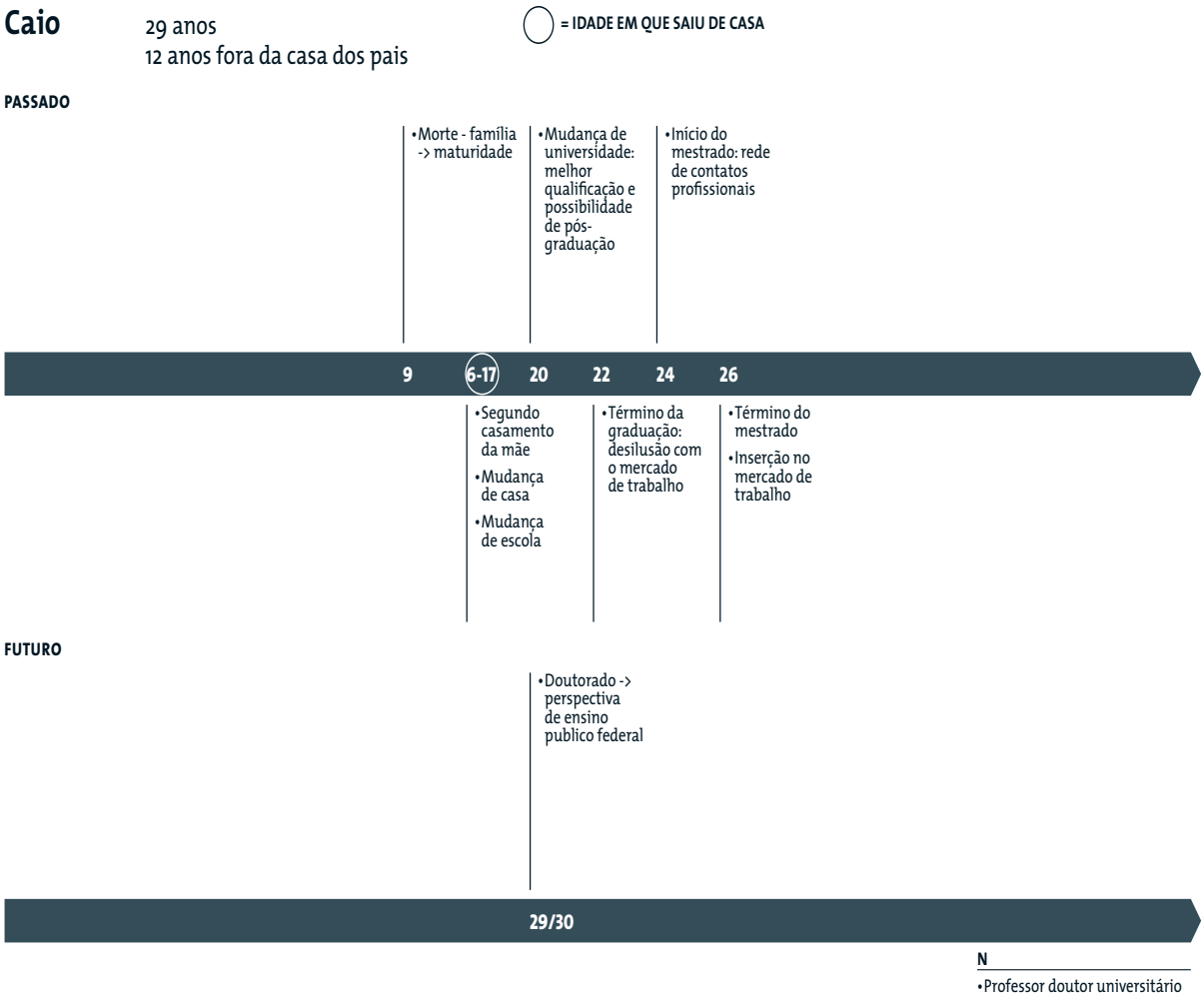
Representação gráfica das linhas do tempo: Rafaela



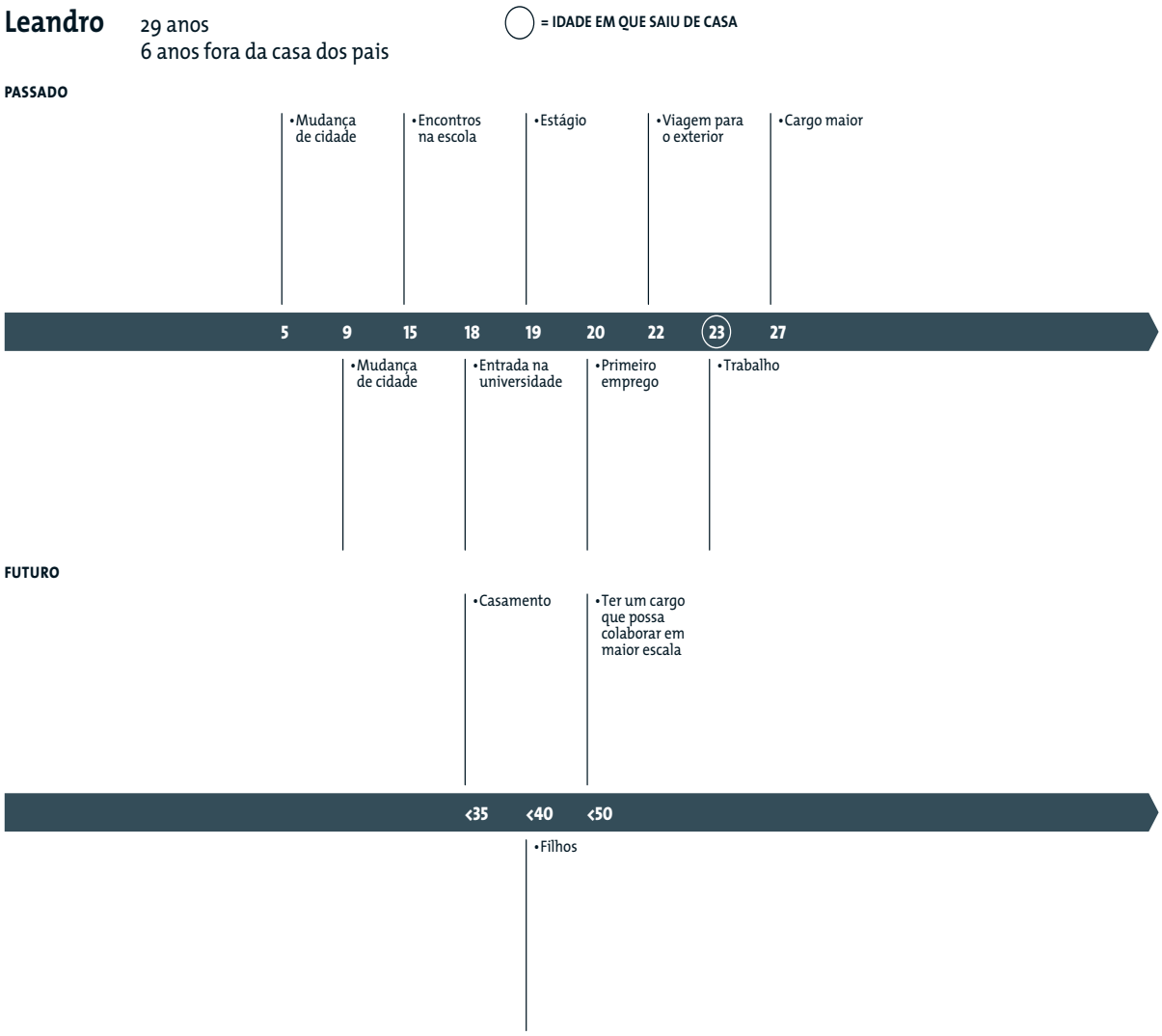
Representação gráfica das linhas do tempo: Mariana



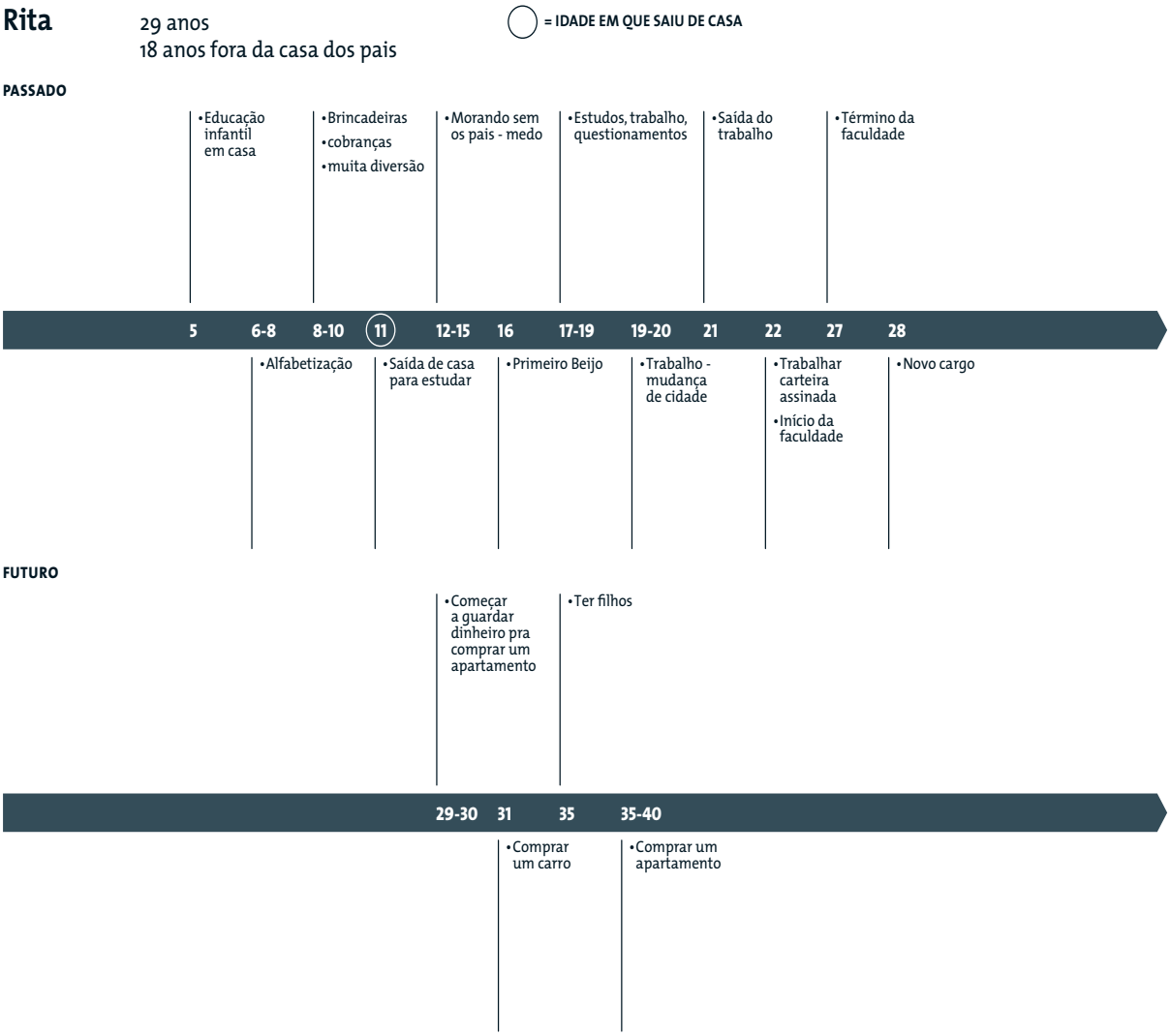
Representação gráfica das linhas do tempo: Caio



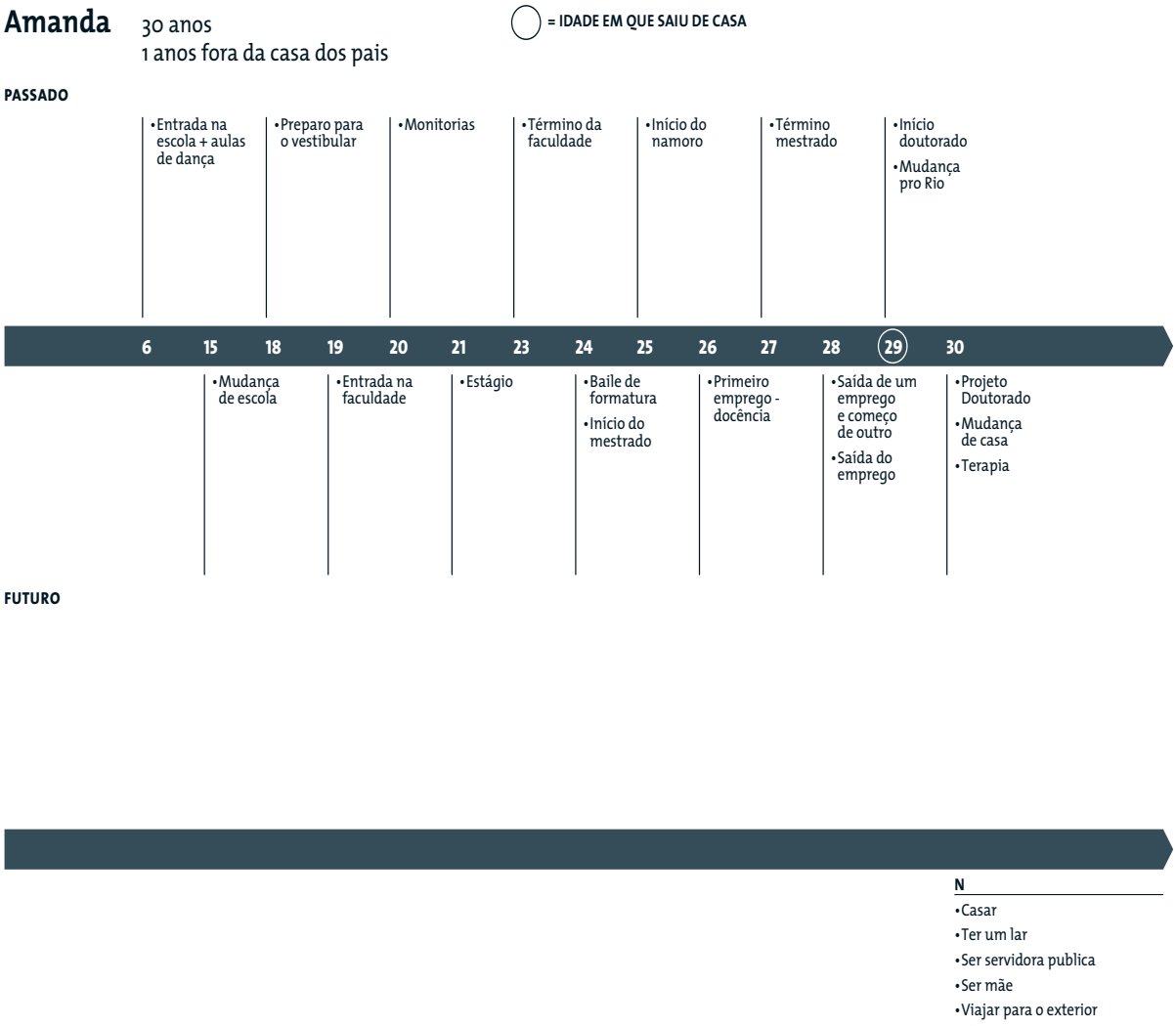
Representação gráfica das linhas do tempo: Leandro



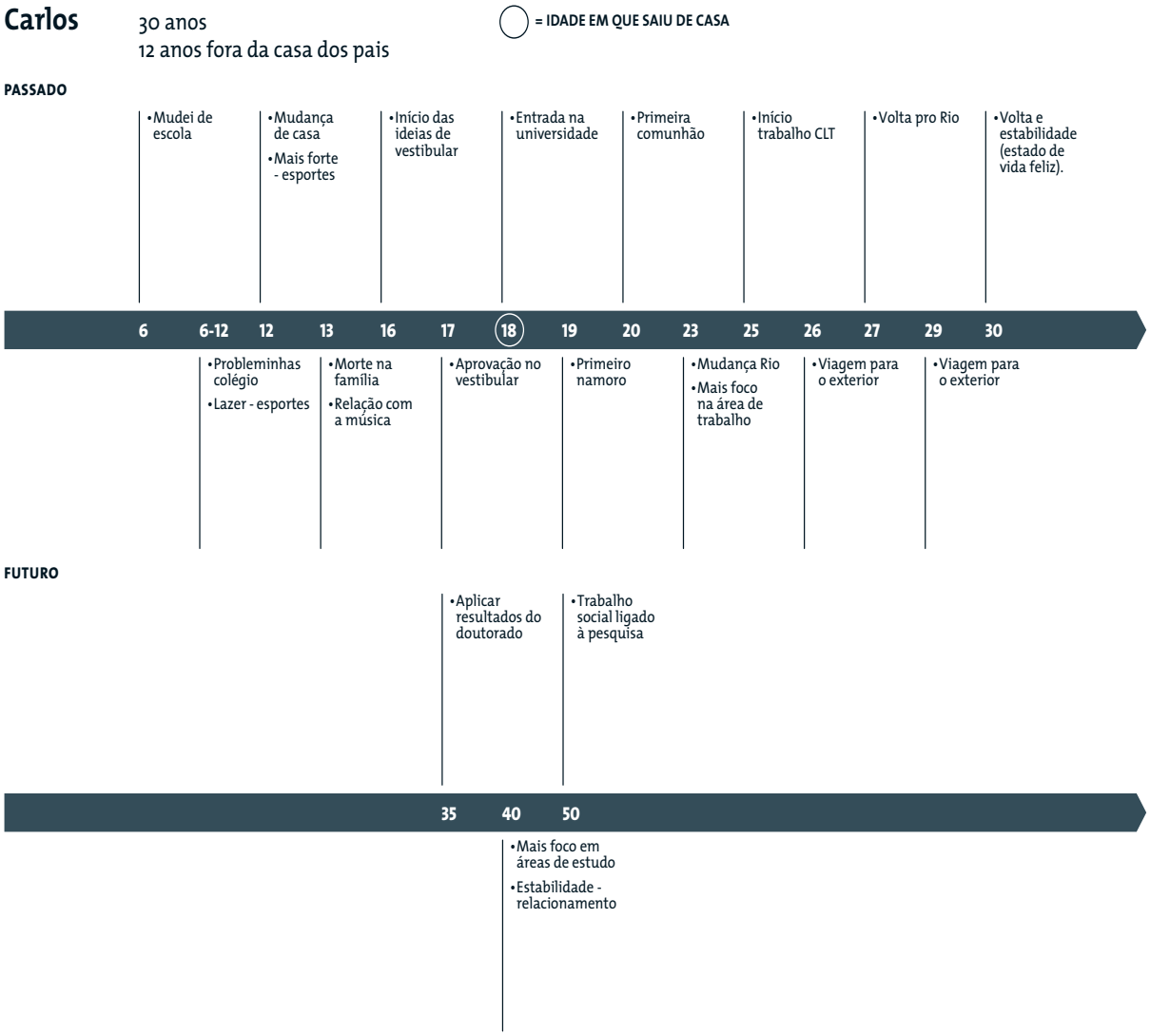
Representação gráfica das linhas do tempo: Rita



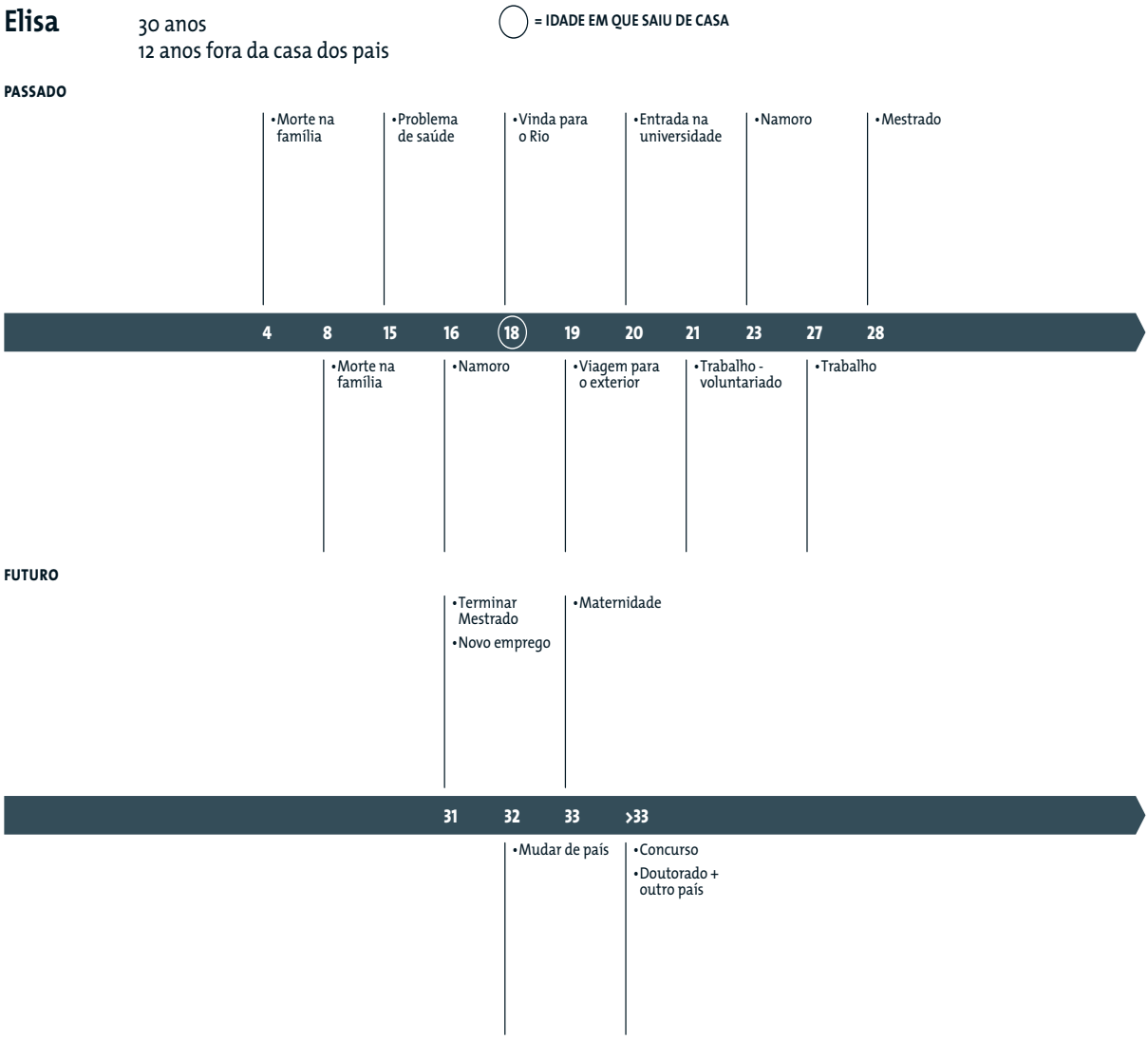
Representação gráfica das linhas do tempo: Amanda



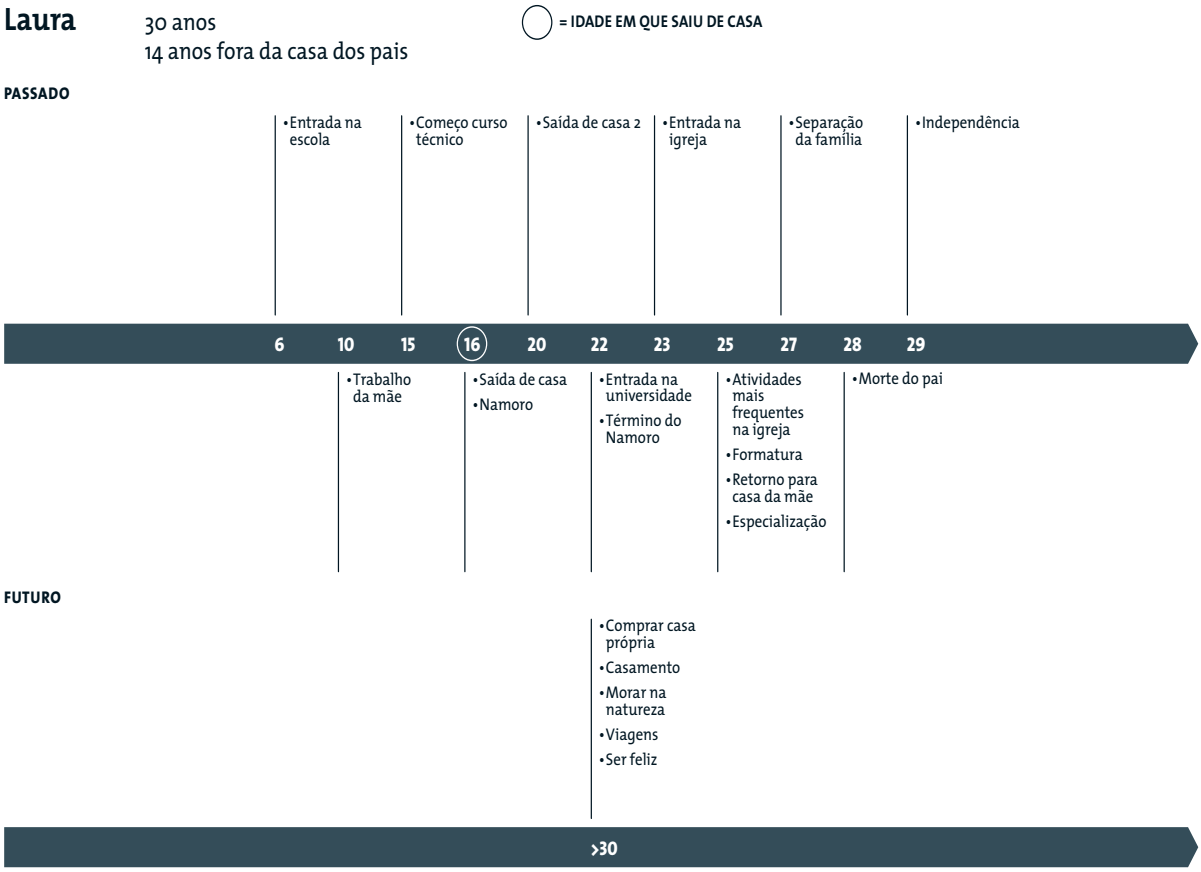
Representação gráfica das linhas do tempo: Carlos



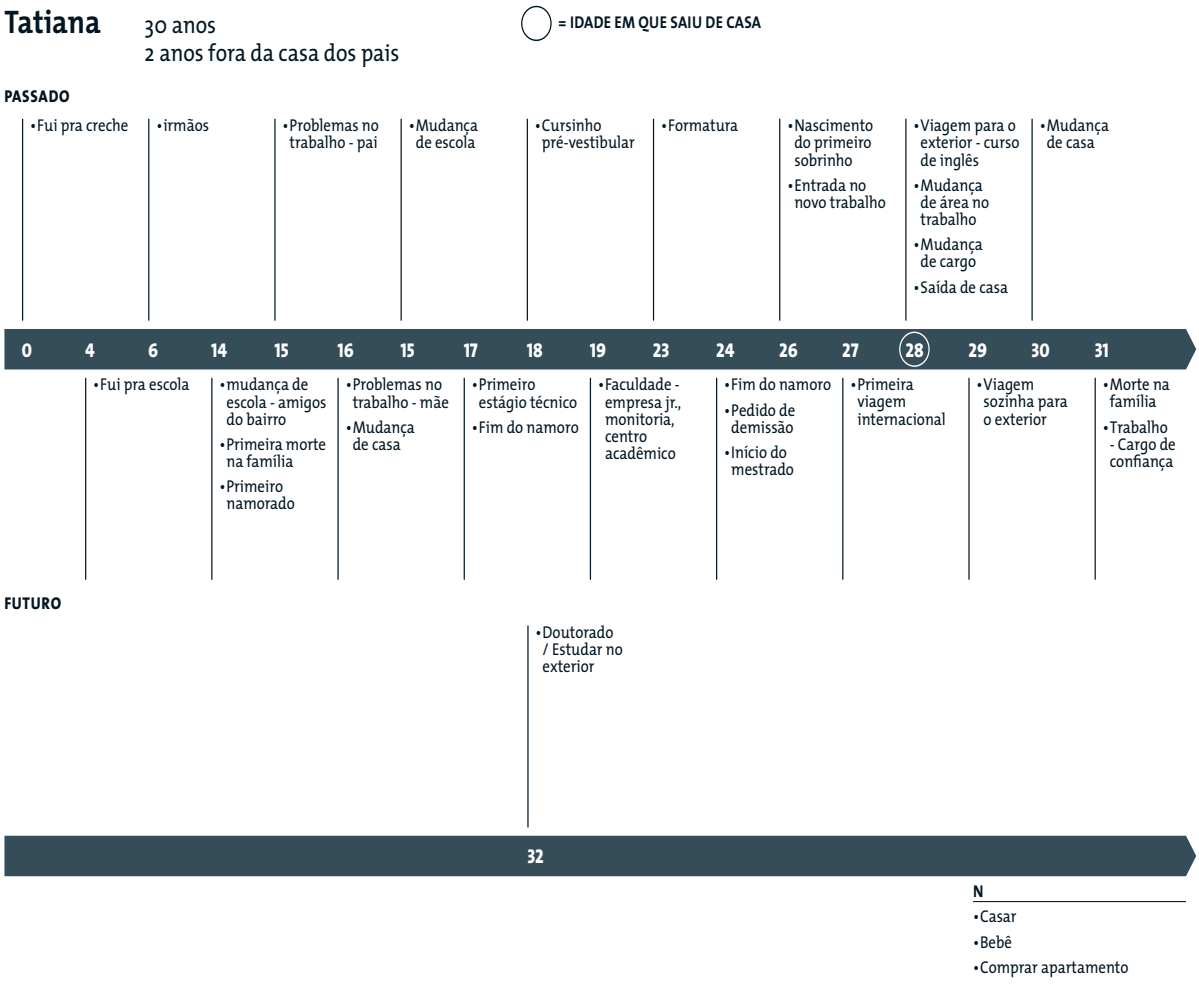
Representação gráfica das linhas do tempo: Elisa



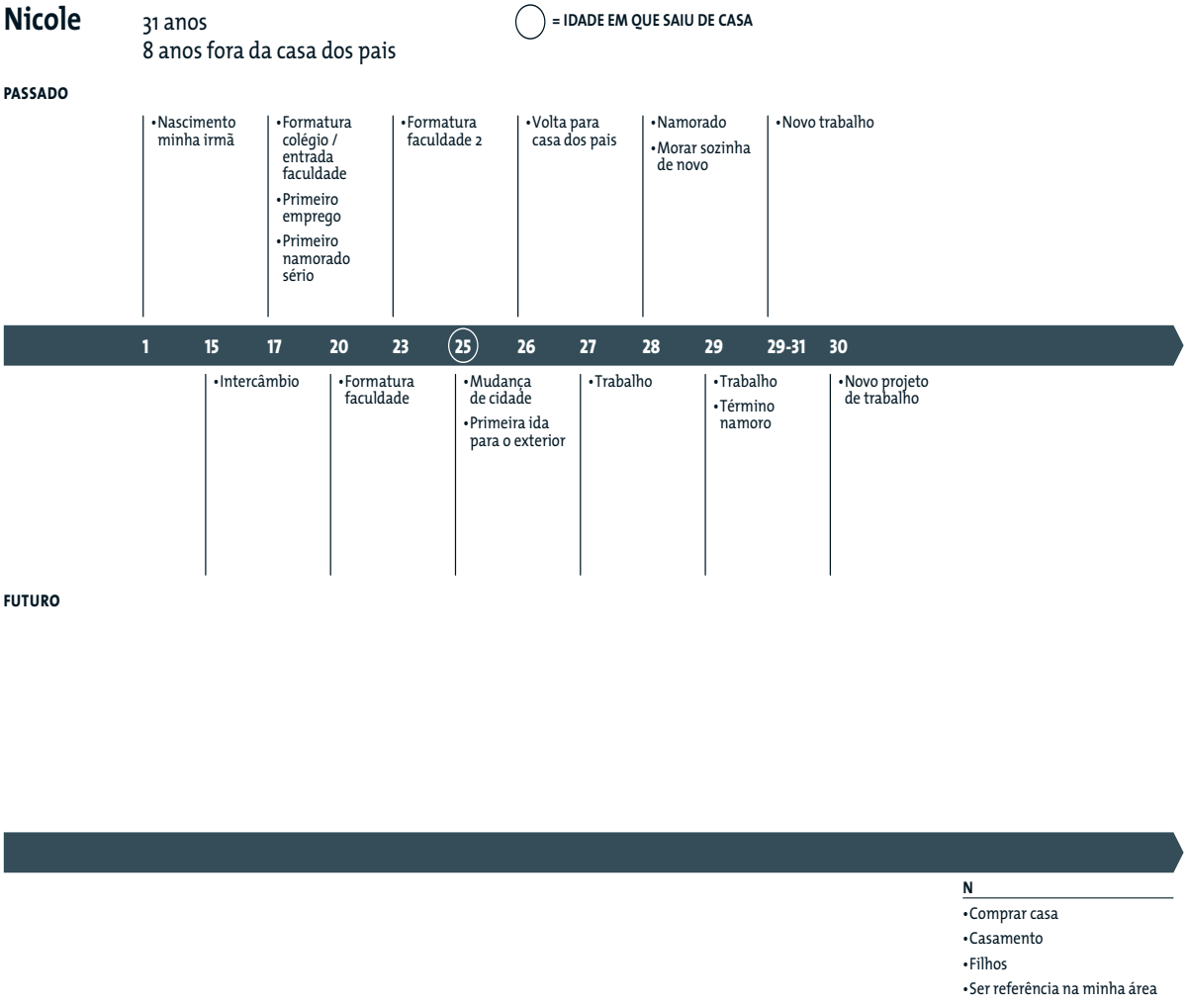
Representação gráfica das linhas do tempo: Laura



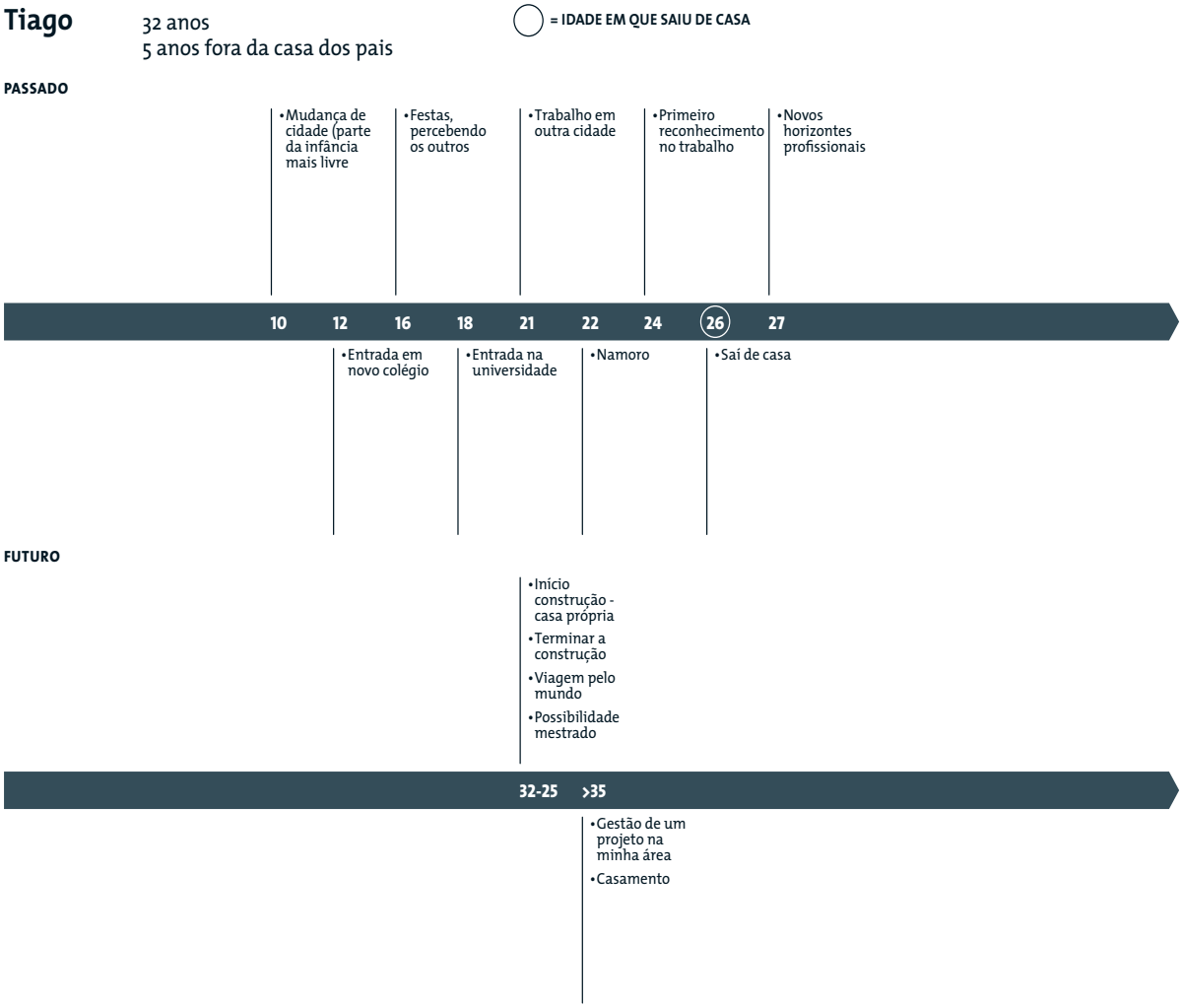
Representação gráfica das linhas do tempo: Tatiana



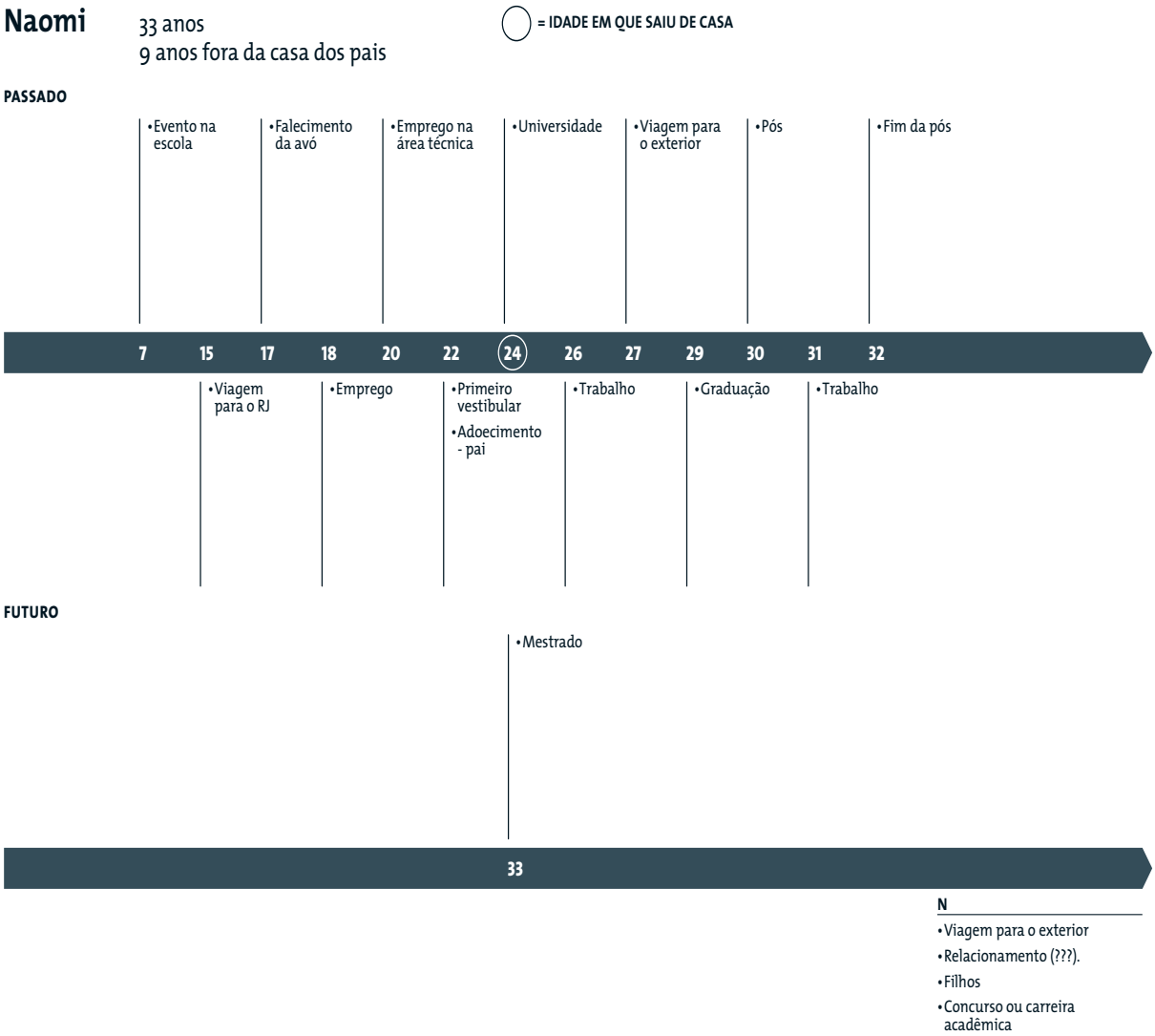
Representação gráfica das linhas do tempo: Nicole



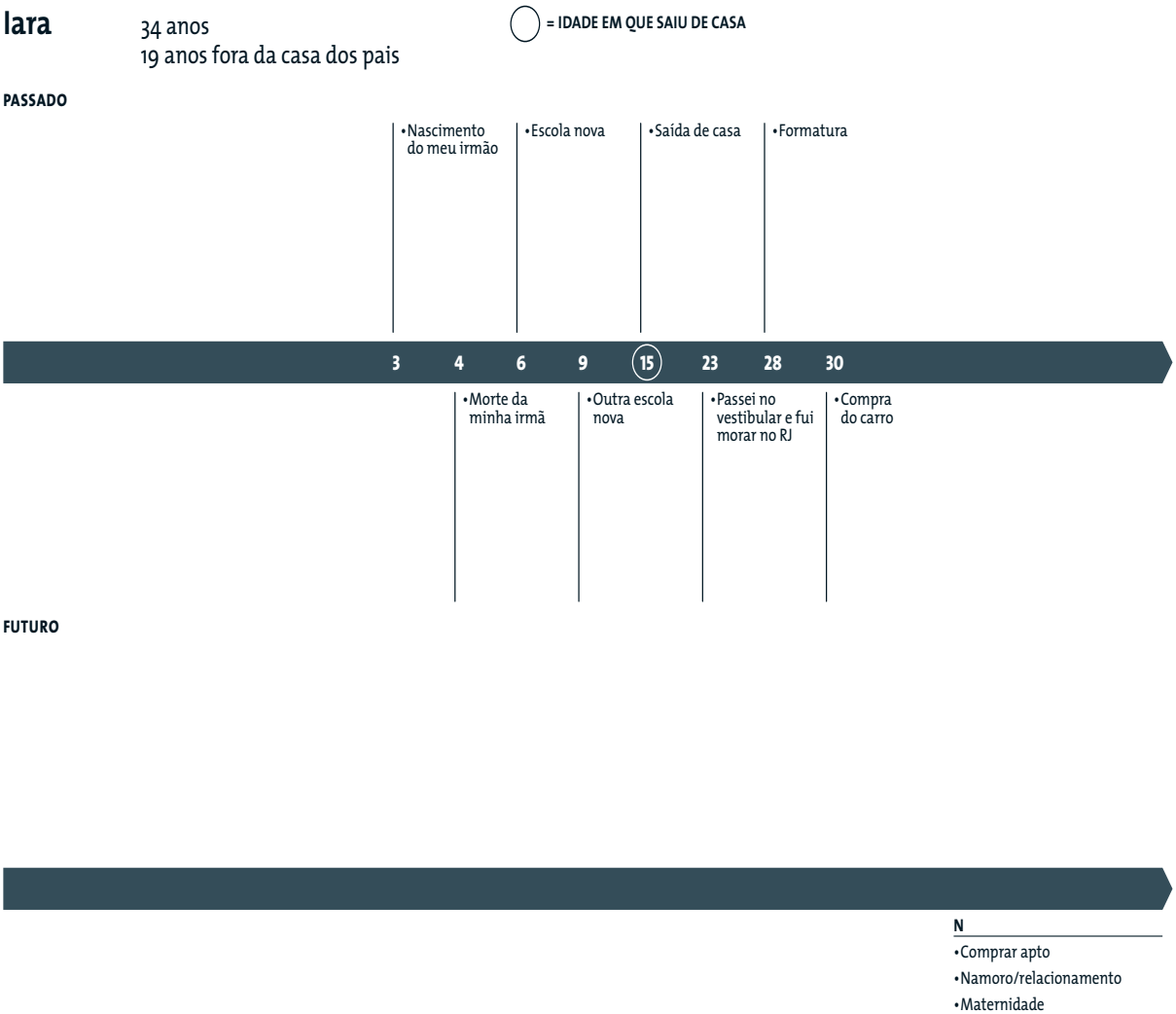
Representação gráfica das linhas do tempo: Tiago



Representação gráfica das linhas do tempo: Naomi



Representação gráfica das linhas do tempo: Iara



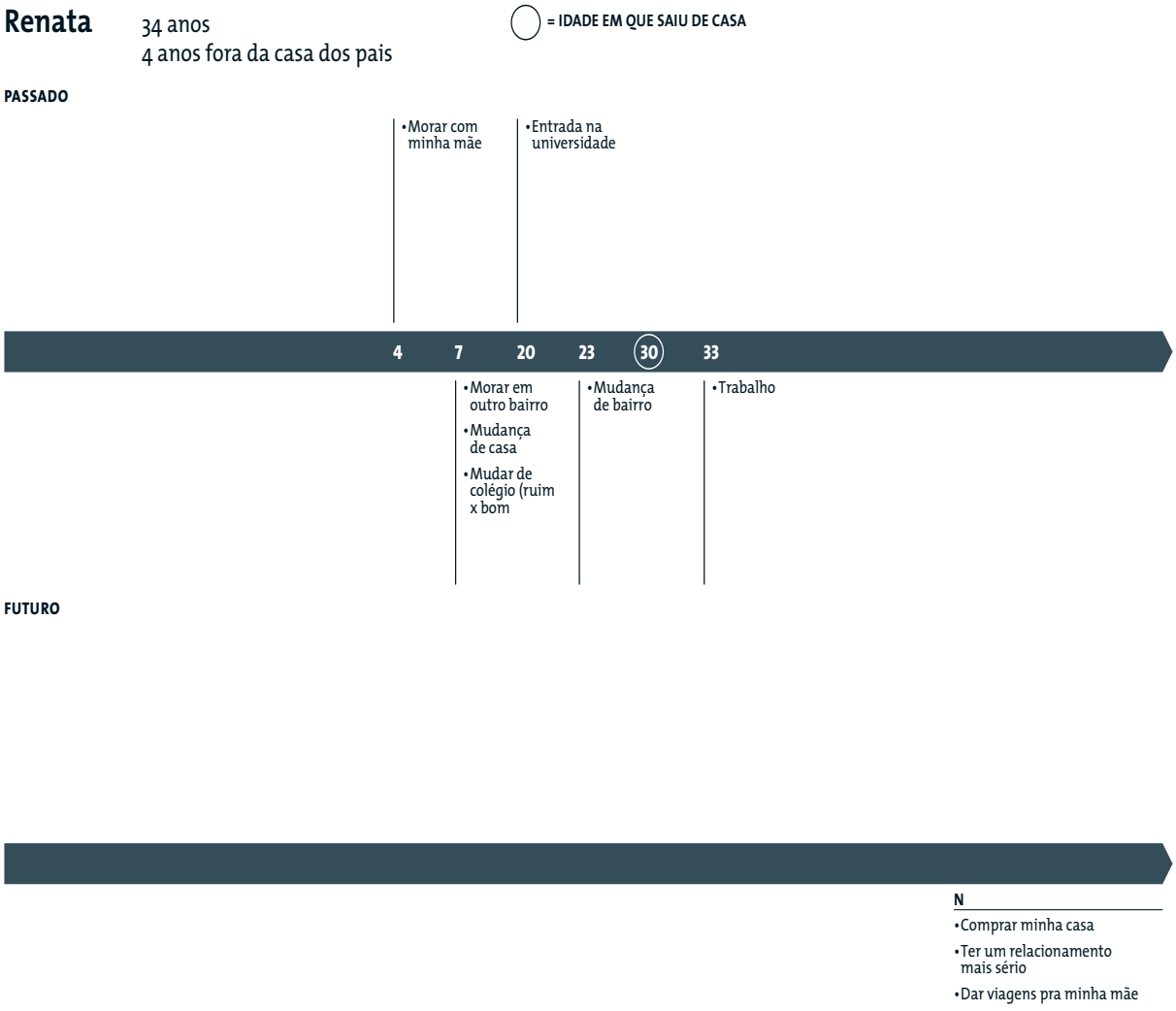
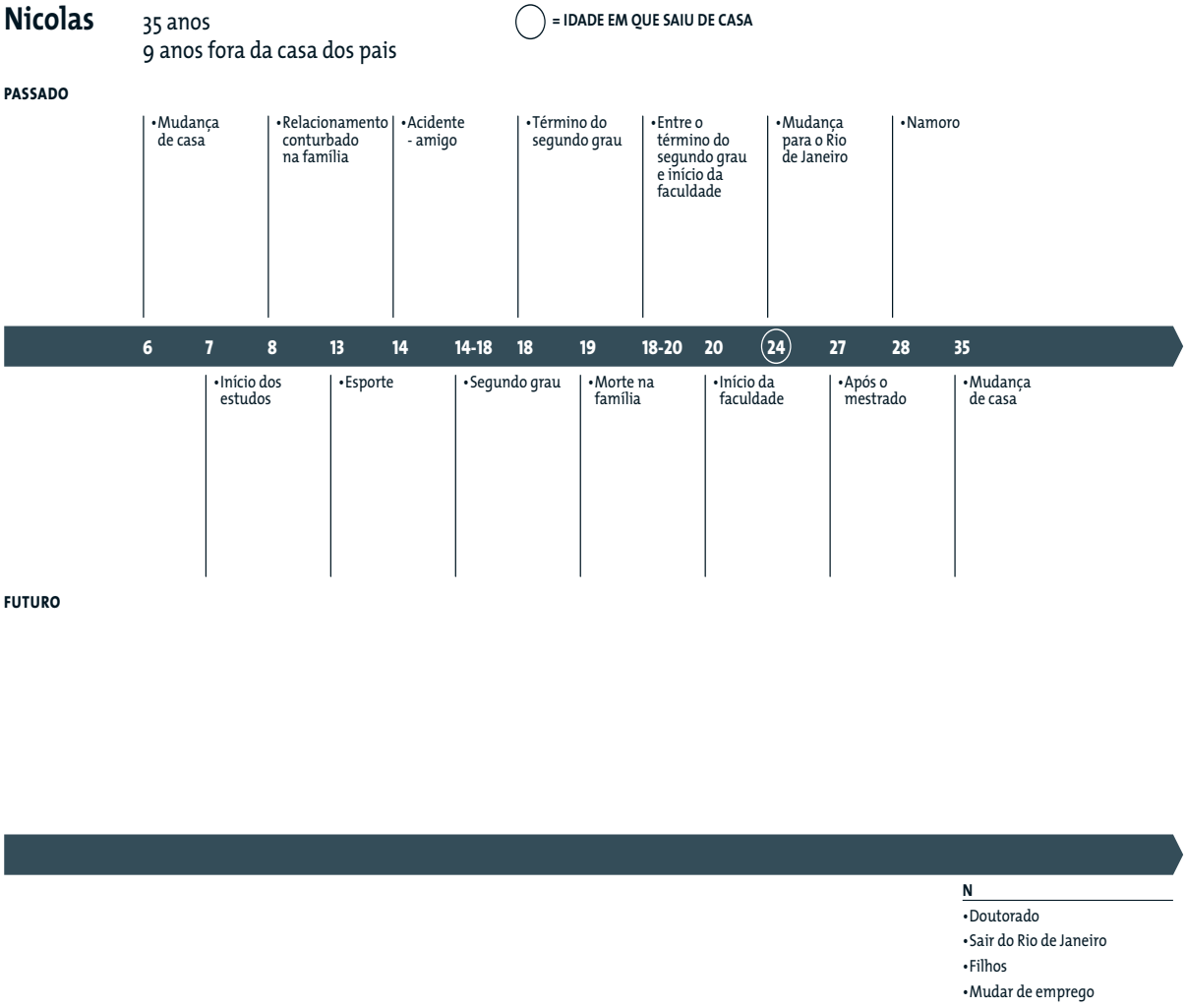
Representação gráfica das linhas do tempo: Isabela

Isabela 34 anos
9 anos fora da casa dos pais

◯ = IDADE EM QUE SAIU DE CASA

PASSADO

Representação gráfica das linhas do tempo: Renata



Representação gráfica das linhas do tempo: Nicolas